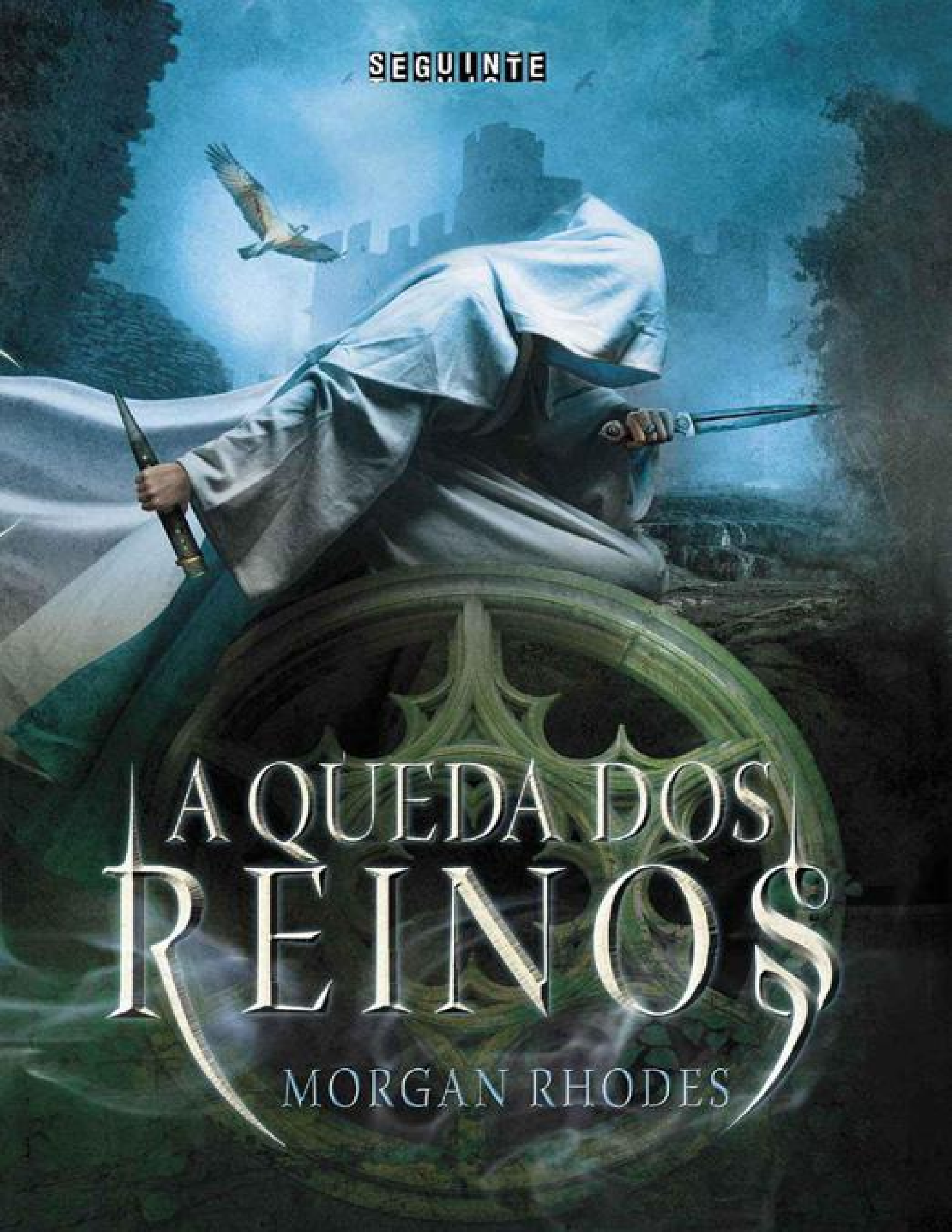


SEGUINTE



A QUEDA DOS REINOS

MORGAN RHODES



SEGUINTE

A QUEDA DOS REINOS

MORGAN RHODES

A Queda dos Reinos

MORGAN RHODES

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Os tempos de guerra chegaram. De que lado você vai ficar?

PERSONAGENS



Cleiona (Cleo)	Princesa auraniana mais nova
Bellos	
Emilia Bellos	Princesa auraniana mais velha
Theon Ranus	Guarda pessoal de Cleo
Simon Ranus	Pai de Theon
Aron Lagaris	Nobre da corte, pretendente de Cleo
Corvin Bellos	Rei de Auranos
Elena Bellos	Finada rainha de Auranos
Nicolo (Nic)	
Cassian	Escudeiro do rei
Mira Cassian	Irmã de Nic e dama de companhia de Emilia
Rogerus Cassian	Falecido pai de Nic e Mira
Darius Larides	Ex-noivo de Emilia
Sebastien Lagaris	Pai de Aron
Cleiona	Deusa do fogo e do ar



Reino médio

Jonas	Filho mais novo de um comerciante de vinhos
-------	---

Agallon	
Tomas	
Agallon	Irmão mais velho de Jonas
Silas	Comerciante de vinhos, pai de Jonas, Tomas e Felicia
Agallon	
Felicia	
Agallon	Irmã mais velha de Jonas
Paulo	Marido de Felicia
Brion	
Radenos	Melhor amigo de Jonas
Eirene	Aldeã
Sera	Neta de Eirene
Hugo	
Basilius	Líder paelsiano
Laelia	
Basilius	Filha de Hugo Basilius
Leo	Morador da vila de Jonas; soldado de onze anos de idade
Tarus	Um dos rebeldes de Jonas
Eva	Feiticeira original, vigilante



Reino do norte

Magnus Damora	Príncipe de Limeros
Lucia Damora	Princesa de Limeros
Gaius Damora	Rei de Limeros
Althea Damora	Rainha de Limeros
Sabina Mallius	Amante do rei; bruxa
Jana	Irmã de Sabina
Michol Trichas	Admirador de Lucia

Tobias Argynos	Filho bastardo de Gaius
Lady Sophia	Amiga do rei
Lorde Lenardo	Amigo do rei
Andreas Psellos	Pretendente de Lucia; rival de Magnus
Amia	Criada da cozinha
Valoria	Deusa da terra e da água

VIGILANTES

Ioannes	Vigilante jovem
Timotheus	Vigilante ancião
Phaedra	Vigilante jovem
Danaus	Vigilante ancião

PRÓLOGO

Ela nunca havia matado até aquela noite.

— Afaste-se — sua irmã sussurrou.

Jana encostou-se no muro do palacete. Ela olhou atentamente as sombras que a cercavam e depois voltou o olhar para as estrelas que brilhavam como diamantes em contraste com o céu negro.

Apertando os olhos, ela orou para a antiga feiticeira.

— Por favor, Eva, dê-me a magia necessária para encontrá-la.

Quando ela abriu os olhos, foi tomada pelo medo. No galho de uma árvore, a uns dez passos de distância, havia um falcão dourado.

— Eles estão nos observando — sussurrou. — Eles sabem o que fizemos.

Sabina olhou para a ave.

— Precisamos agir. Agora. Não temos tempo a perder.

Sem deixar o falcão ver seu rosto, Jana se afastou da segurança do muro para seguir a irmã até a pesada porta de carvalho e ferro do palacete. Sabina pressionou as mãos contra a porta, canalizando a magia fortalecida pelo sangue que elas haviam derramado antes. Jana notou que as unhas da irmã ainda estavam manchadas de vermelho e estremeceu com a lembrança. As mãos de Sabina começaram a emitir uma luz âmbar; um instante depois, a porta virou serragem. A madeira não fora capaz de barrar a magia da terra.

Sabina olhou para trás com um sorriso vitorioso. De seu nariz escorria sangue.

Ao ver a expressão assustada da irmã, o risinho de Sabina desapareceu. Ela limpou o sangue e entrou na grande casa.

— Não é nada.

Mas não era bem assim. Se usassem muito aquela magia temporariamente aperfeiçoada, poderiam ser prejudicadas. Poderiam morrer se não tomassem cuidado.

Sabina Mallius, no entanto, não costumava ser cautelosa. Naquela mesma noite, ela não titubeou em usar sua beleza para conduzir o homem inocente da taverna até seu destino. Jana, por sua vez, havia hesitado até demais antes de sua lâmina afiada atingir o coração dele.

Sabina era forte, impetuosa e destemida. Com o coração na garganta ao acompanhá-la, Jana desejou ser mais parecida com a irmã mais velha. Mas ela sempre fora a mais prudente. A que fazia planos. Aquela que via sinais nas estrelas porque havia estudado o céu noturno a vida toda.

A criança da profecia havia nascido e estava naquele grande e luxuoso palacete, construído com pedras resistentes e madeira, em oposição aos casebres de palha e barro da vila vizinha.

Jana tinha certeza de que era o lugar certo.

Ela era o conhecimento; Sabina era a ação. Juntas eram imbatíveis.

Sabina gritou ao virar em um corredor mais adiante. Jana apertou o passo, com o coração acelerado. No corredor escuro, iluminado apenas por tochas que tremeluziam com luz escassa, um guarda segurava Sabina pelo pescoço.

Jana não pensou. Ela agiu.

Com as mãos estendidas, evocou a magia do ar. O guarda perdeu a força e voou para longe de Sabina, batendo na parede que havia atrás dela com uma força capaz de esmagar seus ossos. Ele caiu no chão, formando um monte desconjuntado.

Uma dor aguda atravessou a cabeça de Jana, forte o bastante para fazê-la chorar. Ela limpou o sangue quente e grosso que escorria do nariz. Sua mão tremia.

Sabina tocou com cautela a garganta ferida:

— Obrigada, minha irmã.

Essa magia renovada ajudou-as a acelerar o passo e a clarear a visão no breu dos corredores estreitos e desconhecidos. Mas não duraria muito.

— Onde está ela? — Sabina perguntou.

— Perto.

— Estou confiando em você.

— A criança está aqui. Sei que está.

Elas deram mais alguns passos pelo corredor escuro.

— Aqui. — Jana parou diante de uma porta destrancada.

Ela abriu a porta e as duas seguiram na direção do berço de madeira com entalhes que havia no quarto. Elas olharam para o bebê, enrolado em um cobertor macio de pelo de coelho. Sua pele era bem branca, com um brilho rosado e saudável nas bochechas rechonchudas.

Jana a adorou de imediato. O primeiro sorriso que conseguiu dar em dias brotou em seu rosto.

— Bela menina — ela sussurrou, apoiando-se no berço para pegar a recém-nascida com cuidado.

— Tem certeza de que é ela?

— Tenho.

Mais do que qualquer outra coisa em seus dezessete anos de vida, Jana tinha certeza absoluta. A criança que ela levava nos braços, aquele bebê lindo e pequeno, com olhos da cor do céu e uma penugem de cabelo que um dia seria negro como a asa de um corvo, era a que a profecia dizia possuir a magia necessária para encontrar a Tétrade — quatro objetos que contêm a fonte de todos os *elementia*, a magia elementar. Terra e água, fogo e ar.

A magia da criança seria a de uma feiticeira, não de uma bruxa comum como Jana e sua irmã. A primeira em mil anos, desde a existência da própria Eva. Não haveria necessidade de sangue ou morte na magia dessa menina.

Jana havia visto seu nascimento nas estrelas. Encontrar aquela criança era seu destino.

— Largue a minha filha — uma voz resmungou nas sombras. — Não a machuque.

Jana se virou, agarrando a criança junto ao peito. Seus olhos pousaram sobre a adaga que a mulher apontava para elas. A lâmina afiada brilhava sob a luz de velas. O coração de Jana quase saiu do peito. Aquele era o momento que ela temia, que haviaorado para não acontecer.

Os olhos de Sabina brilharam:

— Machucá-la? Não é nada disso que pretendemos fazer. Você nem sabe o que ela é, sabe?

A mulher franziu a testa, confusa, mas a fúria endureceu seu olhar:

— Eu vou matar você antes de permitir que saia deste quarto com ela.

— Não — Sabina ergueu as mãos —, não vai.

Os olhos da mãe se arregalaram e ela ficou boquiaberta, sem ar. Ela não conseguia respirar — Sabina estava bloqueando o fluxo de ar em seus pulmões. Jana se virou, contorcendo o rosto de dor. Acabou num instante. A mulher caiu no chão ainda se debatendo, enquanto as irmãs desviavam do corpo e fugiam do quarto.

Jana enrolou seu manto solto ao redor da menina para escondê-la enquanto deixavam o palacete e corriam para a floresta. O nariz de Sabina sangrava profusamente por usar tanta magia destrutiva. O sangue pingava no chão coberto de neve.

— Isso foi demais — Jana sussurrou quando as duas começaram a andar mais devagar. — Foram mortes demais por hoje. Odeio isso.

— Ela não teria nos deixado levar a menina de outra forma. Deixe-me vê-la.

Um tanto relutante, Jana entregou a bebê.

Sabina pegou a criança e examinou seu rosto na escuridão. Ela olhou para Jana e lançou-lhe um sorriso perverso:

— Conseguimos.

Jana sentiu uma empolgação repentina, apesar das dificuldades que haviam enfrentado.

— Conseguimos.

— Você foi incrível. Gostaria de ter visões iguais às suas.

— Só consigo ter essas visões com grande esforço e sacrifício.

— Tudo demanda grande esforço e sacrifício. — A voz de Sabina distorceu-se com um desdém repentino. — Até demais. Mas, para essa criança, um dia a magia virá muito fácil. Tenho inveja dela.

— Vamos criá-la juntas. Nós a educaremos e apoiaremos, e quando chegar a hora de seguir seu destino, caminharemos ao lado dela o tempo todo.

Sabina negou com a cabeça.

— Você, não. Eu fico com ela daqui por diante.

Jana franziu a testa.

— O quê? Sabina, pensei que tínhamos concordado em tomar todas as decisões juntas.

— Mas não desta vez. Tenho outros planos para a criança. — Sua expressão endureceu. — E sinto muito, minha irmã, mas eles não incluem você.

Olhando nos olhos repentinamente frios de Sabina, Jana não sentiu logo no início a ponta afiada da adaga que afundava em seu peito. Ela ficou ofegante quando a dor começou a penetrar.

Elas haviam compartilhado todos os dias, todos os sonhos... todos os segredos.

No entanto, pelo visto, nem *todos* os segredos. Aquilo era algo que Jana nunca poderia prever.

— Por que você me trairia desse jeito? — Conseguiu dizer. — Você é minha irmã...

Sabina limpou o sangue que ainda escorria de seu nariz.

— Por amor.

Quando ela puxou a lâmina, Jana caiu de joelhos no chão congelado.

Sem olhar para trás, Sabina logo se afastou com a criança e foi engolida pela floresta escura.

A visão de Jana foi ficando turva e seu coração desacelerou. Ela observou o momento em que o falcão que havia visto voou para longe... deixando-a lá, para morrer sozinha.

PAELSIA



dezesseis anos depois

— Uma vida sem vinho e beleza não merece ser vivida. Não concorda, princesa?

Aron passou o braço pelos ombros de Cleo enquanto o grupo de quatro pessoas andava pelo caminho seco e rochoso.

Eles estavam em terra há menos de duas horas e ele já estava bêbado, fato nada surpreendente quando se tratava de Aron.

Os olhos de Cleo se fixaram no guarda do palácio que os acompanhava. O olhar dele parecia reprovar a proximidade entre Aron e a princesa de Auranos. Mas o guarda não precisava se preocupar. Apesar da sofisticada adaga cravada de joias que Aron sempre levava pendurada no cinto, ele era menos perigoso do que uma borboleta. Uma borboleta bêbada.

— Concordo plenamente — disse ela, mentindo um pouco.

— Já estamos chegando? — Mira perguntou. A bela menina com cabelos longos e avermelhados e uma pele perfeita era amiga de Cleo e dama de companhia da irmã mais velha da princesa. Quando Emilia decidiu ficar em casa por conta de uma dor de cabeça repentina, ela insistiu que Mira acompanhasse Cleo no passeio. Quando o navio chegara ao porto, alguns amigos decidiram

permanecer no conforto da embarcação enquanto Cleo e Mira se juntaram a Aron naquela excursão a uma vila próxima para encontrar a garrafa de vinho “perfeita”. As adegas do palácio armazenavam milhares de garrafas de vinho de Auranos e Paelsia, mas Aron havia ouvido falar de uma vinícola específica que, supostamente, tinha um produto sem igual. A seu pedido, Cleo emprestou um dos navios do pai e convidou vários amigos para uma viagem a Paelsia apenas para procurar a tal garrafa ideal.

— Você devia perguntar a Aron. É ele que está conduzindo este passeio. — Cleo puxou o manto de veludo com bordas de pele para bloquear o frio. Embora o chão estivesse limpo, alguns leves flocos de neve flutuavam pelo caminho cheio de pedras. Paelsia ficava mais ao norte do que Auranos, mas a temperatura do lugar ainda assim a surpreendeu. Auranos tinha clima quente e temperado, mesmo nos meses mais gélidos de inverno. Tinha colinas verdes, oliveiras robustas e vários hectares de terras cultiváveis. Paelsia, por sua vez, parecia poeirenta e cinza até onde a vista alcançava.

— Já estamos chegando? — Aron repetiu. — Se estamos chegando? Mira, meu doce, coisas boas vêm àqueles que esperam. Lembre-se disso.

— Meu senhor, sou a pessoa mais paciente que conheço. Mas meus pés estão doendo. — Ela atenuou a reclamação com um sorriso.

— O dia está lindo e eu tenho a sorte de estar acompanhado de duas meninas lindas. Devemos agradecer à deusa por esse esplendor.

Olhando para o guarda, Cleo percebeu que ele revirou os olhos por um instante. Quando notou que ela o havia visto, ele não desviou o olhar de imediato, como faria qualquer outro guarda. Ele continuou olhando com uma obstinação que a intrigou. Ela se deu conta de que não havia visto — ou pelo menos notado — aquele guarda antes.

— Qual é o seu nome? — Ela se dirigiu a ele.

— Theon Ranus, vossa alteza.

— Bem, Theon, você tem algo a acrescentar à nossa discussão sobre o quanto caminhamos esta tarde?

Aron gargalhou e bebeu de seu cantil.

— Não, princesa.

— Estou surpresa, já que é o único que precisará carregar as caixas de vinho até o navio.

— É meu dever e honra servi-la.

Cleo o observou por um instante. Os cabelos dele eram cor de bronze escuro, a pele, morena e lisa. Ele parecia mais um de seus amigos ricos que esperavam no navio do que um guarda que o rei insistira que os acompanhasse na viagem.

Aron devia estar pensando a mesma coisa.

— Você parece jovem para um guarda de palácio. — Suas palavras se aglomeravam ebriamente enquanto ele encarava Theon com os olhos semicerrados. — Você não deve ser muito mais velho do que eu.

— Tenho dezoito anos, meu senhor.

Aron bufou:

— Admito meu erro. Você é bem mais velho do que eu. Muito.

— Um ano — lembrou Cleo.

— Um ano pode ser uma bela eternidade. — Aron forçou um riso.

— Pretendo me apegar à minha juventude e falta de responsabilidade pelo último ano que me resta.

Cleo ignorou Aron, pois o nome do guarda lhe fez lembrar uma coisa. Ela havia escutado, por acaso, seu pai falar algo sobre a família Ranus ao sair de uma reunião do conselho. O pai de Theon havia morrido há apenas uma semana, ao cair de um cavalo. Ele quebrou o pescoço na hora.

— Minhas condolências pela morte de seu pai — ela disse com sinceridade. — Simon Ranus era muito respeitado como guarda pessoal do rei.

Theon fez um gesto rígido de reconhecimento com a cabeça.

— Era um trabalho que ele exercia com muito orgulho. E um posto para o qual espero ter a honra de ser considerado quando o rei Corvin escolher um substituto. — Theon franziu a testa como se não esperasse que ela soubesse da morte de seu pai. Havia uma ponta de pesar em seus olhos escuros. — Obrigado pelas gentis palavras, vossa alteza.

Aron bufou alto e Cleo lhe lançou um olhar de reprovação.

— Ele era um bom pai? — ela perguntou.

— O melhor de todos. Ele me ensinou tudo o que sei desde o momento em que consegui empunhar uma espada.

Ela assentiu, esboçando compreensão.

— Então o conhecimento dele continuará vivo por meio de você.

Agora que a beleza morena do jovem guarda havia chamado sua atenção, era difícil voltar a olhar para Aron, cuja figura delgada e pele pálida denunciavam uma vida passada em ambiente fechado. Os ombros de Theon eram largos, seus braços e peito eram musculosos e ele preenchia o uniforme azul-escuro da guarda do palácio melhor do que ela jamais imaginou ser possível.

Sentindo-se culpada, Cleo se forçou a voltar a atenção a seus amigos.

— Aron, você tem mais meia hora até voltarmos para o navio. Estamos fazendo os outros esperar.

Auranianos adoravam uma boa festa, mas não eram conhecidos por sua paciência. E já que tinham sido levados às docas paelsianas pelo navio do rei, teriam que ficar esperando até que Cleo voltasse.

— O mercado é mais para a frente — Aron respondeu, apontando. Cleo e Mira viram um aglomerado de bancas de madeira e velhas barracas coloridas, talvez a uns dez minutos de caminhada. Era o primeiro sinal de gente desde que haviam passado por um bando de crianças esfarrapadas reunidas ao redor de uma fogueira, havia uma hora. — Você logo verá que a viagem valeu a pena.

Diziam que o vinho paelsiano era uma bebida digna da deusa. Além de ser delicioso, suave, impossível de encontrar em qualquer outra terra, seus efeitos não provocavam mal-estar ou dores de cabeça no dia seguinte, independente da quantidade consumida. Alguns diziam que havia uma magia da terra muito forte no solo de Paelsia, e nas próprias uvas, para que fossem tão perfeitas em uma região com tantas imperfeições.

Cleo não pretendia provar. Ela não bebia mais vinho — não bebia há muitos meses. Antes disso, havia consumido muito vinho auraniano, cujo sabor não era muito melhor que o do vinagre. Mas as pessoas — pelo menos Cleo — não bebiam pelo sabor, e sim

pelos resultados inebriantes, a sensação de não ter preocupação alguma. Aquela sensação, sem uma âncora para manter a pessoa próxima da margem, poderia deixá-la à deriva em território perigoso. E Cleo não pretendia bebericar nada mais forte do que água ou suco de pêssago.

Cleo observava Aron esvaziar seu cantil. Ele sempre bebia a parte dele e a dela e não se desculpava por nada que fazia sob a influência do álcool. Apesar dos defeitos, muitos na corte o consideravam o rapaz que o rei escolheria como o futuro marido de Cleo. A ideia a fazia estremecer, apesar de ela ainda mantê-lo próximo. Aron conhecia um segredo seu. Mesmo não o tendo mencionado há vários meses, Cleo tinha certeza de que ele não o havia esquecido. E nunca esqueceria.

A revelação desse segredo a destruiria.

Por isso Cleo o tolerava socialmente com um sorriso nos lábios. Ninguém imaginaria que ela o odiava.

— Chegamos — Aron anunciou ao adentrarem os portões do mercado da vila. Depois das bancas, à direita, Cleo viu umas pequenas casas e chalés. Embora de aparência bem menos próspera que as fazendas do interior auraniano, Cleo notou com surpresa que as pequenas estruturas de barro com telhado de palha e janelas diminutas pareciam alinhadas e bem cuidadas, destoando da impressão que ela tinha de Paelsia. Aquele era um território de camponeses governado não por um rei, mas por um líder, que, segundo boatos, era um feiticeiro poderoso. Apesar da proximidade entre Paelsia e Auranos, Cleo quase nunca parava para pensar em seus vizinhos do norte, exceto por um vago interesse em histórias divertidas sobre os paelsianos “selvagens”.

Aron parou diante de uma banca coberta de tecido roxo escuro que ia até o chão poeirento.

Mira suspirou aliviada:

— Finalmente.

Cleo se virou para a esquerda e foi cumprimentada por um par de brilhantes olhos negros e um rosto moreno e enrugado. Por instinto, deu um passo para trás e sentiu Theon firme e confortavelmente próximo, atrás dela. O homem parecia bruto, até mesmo perigoso,

assim como outros que haviam cruzado o caminho deles desde que chegaram a Paelsia. O dente da frente do vendedor de vinho estava lascado, mas era branco à luz do sol forte. Ele usava roupas simples, feitas de linho e pele de carneiro gasta, e uma grossa túnica de lã para se aquecer. Constrangida, Cleo puxou o manto adornado com pele de zibelina para mais perto de seu vestido de seda azul-clara, bordado com ouro.

Aron olhou para o homem com interesse.

— Você é Silas Agallon?

— Sou.

— Ótimo. Hoje é seu dia de sorte, Silas. Ouvei dizer que seu vinho é o melhor de Paelsia.

— Ouviu bem.

Uma adorável moça de cabelos escuros surgiu dos fundos da banca.

— Meu pai é um vinicultor talentoso.

— Esta é Felicia, minha filha. — Silas apontou para a moça. — Uma filha que neste exato momento devia estar se arrumando para se casar.

Ela riu:

— E deixar o senhor carregando caixas de vinho o dia inteiro? Vim tentar convencê-lo a fechar a banca mais cedo.

— Talvez. — O brilho de satisfação nos olhos escuros do vendedor de vinho transformou-se em desdém quando olhou para as roupas finas de Aron. — E você deve ser...?

— Você e sua adorável filha têm o grande privilégio de serem apresentados à sua alteza real, princesa Cleiona Bellos de Auranos. — Aron apontou para ela e depois para Mira. — Esta é Lady Mira Cassian. E eu sou Aron Lagaris. Meu pai é senhor da Encosta dos Anciãos, no sul de Auranos.

A filha do vendedor de vinho olhou para Cleo, surpresa, e baixou a cabeça com respeito.

— É uma honra, vossa alteza.

— Sim, é uma honra — concordou Silas, e Cleo não detectou sarcasmo em sua voz. — A realeza de Auranos ou Limeros quase nunca visita nossa humilde vila. Não me lembro qual foi a última

vez. Ficarei honrado em lhe dar uma amostra antes de discutirmos a compra, vossa alteza.

Cleo negou e sorriu.

— É Aron que está interessado em sua mercadoria. Eu só vim acompanhá-lo até aqui.

O vendedor de vinho pareceu decepcionado, até mesmo um pouco magoado.

— Ainda assim, seria uma grande honra se provasse meu vinho. Quem sabe para brindar ao casamento de minha filha?

Como poderia recusar um pedido como aquele? Ela concordou, tentando esconder sua relutância.

— É claro. Será um prazer.

Quanto antes ela bebesse, mais rápido poderiam ir embora do mercado. Ainda que fosse colorido e movimentado, o cheiro não era nada bom — como se o odor de uma fossa próxima estivesse no ar e não houvesse fragrâncias ou flores para encobrir o fedor. Apesar da empolgação de Felicia por seu casamento iminente, a pobreza daquela terra e daquelas pessoas era perturbadora. Talvez Cleo devesse ter ficado no navio enquanto Aron buscava vinho para seus amigos.

Tudo o que ela sabia sobre a pequena e pobre Paelsia é que tinha uma riqueza que nenhum dos reinos vizinhos poderia tomar. Em solo paelsiano, tão próximo do mar, cultivavam-se vinhedos sem igual. Muitos atribuíam o feito à magia da terra. Cleo havia ouvido histórias de videiras roubadas dali que secaram e morreram assim que cruzaram a fronteira.

— Vocês serão meus últimos fregueses — Silas afirmou. — Depois atenderei o pedido de minha filha e fecharei a banca para me preparar para o casamento, ao anoitecer.

— Minhas felicitações a ambos — Aron disse, sem interesse, enquanto passava os olhos pelas garrafas em exposição, com os lábios apertados. — Tem taças apropriadas para nossa degustação?

— É claro que sim. — Silas foi até a carroça e vasculhou uma frágil caixa de madeira. Ele pegou três taças que refletiam a luz do sol e depois tirou a rolha de uma garrafa de vinho. Um líquido claro, cor de âmbar, escorreu nas taças, e a primeira foi oferecida a Cleo.

Theon chegou de repente ao lado de Cleo, arrancando a taça das mãos do vendedor de vinho antes que a garota a tocasse. O olhar obscuro no rosto do guarda fez Silas dar um passo trêmulo para trás e trocar olhares com sua filha.

Cleo perdeu o fôlego, surpresa.

— O que você está fazendo?

— Você provaria algo oferecido por um estranho sem pensar duas vezes? — perguntou Theon, bruscamente.

— Não está envenenado.

Ele olhou dentro da taça.

— E você tem certeza disso?

Ela olhou para ele, impaciente. Ele achava mesmo que alguém podia envenená-la? Por quê? A paz entre as terras já durava mais de um século. Não havia ameaça ali. Ter um guarda do palácio acompanhando-a naquela excursão era mais para agradar seu pai superprotetor do que por uma real necessidade.

— Está bem — ela acenou. — Fique à vontade para ser meu degustador. Prometo não beber nada se você cair morto.

— Ah, que ridículo — resmungou Aron. Ele inclinou sua taça e a esvaziou sem pensar duas vezes.

Cleo olhou para ele por um instante.

— E então? Está morrendo?

Ele estava com os olhos fechados, saboreando.

— Só se for de sede.

Ela voltou a atenção a Theon e sorriu, ridicularizando-o um pouco.

— Posso pegar minha taça de volta agora? Ou acha que o vendedor envenenou cada uma delas?

— É claro que não. Por favor, desfrute. — Ele estendeu a taça para que ela a pegasse. Os olhos escuros de Silas demonstravam mais constrangimento do que irritação pela cena que o guarda havia provocado.

Cleo tentou disfarçar quando percebeu que a limpeza da taça era questionável.

— Tenho certeza de que está delicioso.

O vendedor de vinho parecia agradecido. Theon se afastou e ficou do lado direito da carroça, relaxado, porém atento. E Cleo achava

que seu pai era superprotetor.

De canto de olho, ela viu Aron virar o copo e esvaziar a segunda amostra que a filha do vendedor lhe havia servido.

— Incrível. Extraordinário. Exatamente como me disseram.

Mira deu um gole mais contido e logo ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— É maravilhoso.

Certo. Sua vez. Hesitante, Cleo provou o líquido. Assim que tocou sua língua, ela ficou consternada. Não por estar estragado, mas por ser delicioso — doce, suave, incomparável a qualquer coisa que tivesse provado antes. Ela logo sentiu vontade de tomar mais. O coração começou a bater mais rápido. Mais alguns goles foram suficientes para esvaziar a taça, e ela olhou para os amigos. O mundo de repente parecia brilhar com halos dourados e seus companheiros pareciam mais belos do que já eram. Aron ficou um pouco menos odiável a seus olhos.

E Theon — apesar do comportamento autoritário — também estava incrivelmente bonito.

O vinho era perigoso, não restavam dúvidas. Valia qualquer dinheiro que o vendedor pedisse. E Cleo precisava ficar o mais longe possível dele, naquele momento e no futuro.

— Seu vinho é muito bom — ela disse em voz alta, tentando não parecer muito entusiasmada. Ela queria pedir mais uma taça, mas engoliu as palavras.

Silas ficou radiante.

— Fico feliz em ouvir isso.

Felicia assentiu.

— Como eu disse, meu pai é um gênio.

— Sim, acho que vale a pena comprar seu vinho — Aron resmungou. Ele havia bebido o caminho todo do cantil dourado que sempre carregava. Àquele ponto, era surpreendente que continuasse em pé sem ajuda. — Quero levar quatro caixas hoje e mandar entregar mais uma dúzia em minha vila.

Os olhos de Silas se acenderam.

— Podemos providenciar isso, com certeza.

— Eu lhe pagarei quinze cêntimos auranianos por caixa.

A pele morena do vendedor empalideceu.

— Mas cada caixa vale pelo menos quarenta. Já cheguei a receber até cinquenta.

Os lábios de Aron se afinaram.

— Quando? Há cinco anos? Não há compradores o suficiente nos dias de hoje para que você ganhe tanto dinheiro. Limeros não tem sido um bom freguês nos últimos anos, não é? Importar vinho caro está no fim da lista de prioridades, com todos os problemas econômicos. Então sobra Auranos, porque todos sabem que seus compatriotas abandonados pela deusa não têm nem um tostão furado. Quinze por caixa é minha última oferta. Considerando que quero dezesseis caixas — e talvez mais no futuro —, eu diria que foi um bom negócio. Esse dinheiro não seria um belo presente para dar à sua filha no dia do casamento? Hein, Felicia? Não seria melhor do que fechar a banca mais cedo e não ganhar nada?

Felicia mordeu o lábio inferior, juntando as sobrancelhas.

— É melhor do que nada. Sei que o casamento está custando muito, mas... eu não sei. Pai?

Silas estava prestes a dizer algo, mas hesitou. Cleo estava prestando pouca atenção, mais concentrada em tentar resistir ao ímpeto de beber da taça que Silas havia completado para ela. Aron adorava negociar. Era um passatempo dele conseguir o melhor preço possível, independente do que estivesse comprando.

— Não quero desrespeitá-lo, de modo algum — Silas disse, apertando as mãos. — Estaria disposto a aumentar para vinte e cinco cêntimos por caixa?

— Não. Não estaria. — Aron verificava as unhas das mãos. — Por melhor que seja o seu vinho, sei que existem muitos outros vendedores nesse movimentado mercado, assim como no caminho de volta para o navio, que ficariam mais do que felizes em aceitar minha oferta. Posso fazer negócio com eles se preferir perder essa venda. É isso que você quer?

— Não, eu... — Silas engoliu, com a testa enrugada. — Eu quero vender meu vinho. É por isso que estou aqui. Mas por quinze cêntimos...

— Tenho uma ideia melhor. Por que não mudamos para *catorze* cêntimos por caixa? — Uma ponta de malícia apareceu nos olhos verdes de Aron. — E você tem dez segundos para aceitar, ou minha oferta cai mais um cêntimo.

Mira desviou os olhos do debate, constrangida. Cleo abriu a boca — então, lembrando-se do que Aron poderia fazer com seu segredo se falasse algo, fechou-a. Ele estava determinado a comprar o vinho pelo menor preço que pudesse. E não por não poder pagar mais, já que Cleo sabia que ele carregava dinheiro mais do que suficiente para comprar muitas caixas, até mesmo pelo preço mais alto.

— Está bem — Silas disse entredentes, embora aquilo parecesse feri-lo. Ele olhou rapidamente para Felicia antes de voltar sua atenção a Aron. — Dezesseis caixas a catorze cada. Darei à minha filha o casamento que ela merece.

— Excelente. Como nós auranianos sempre afirmamos... — Com um sorrisinho de vitória, Aron enfiou a mão no bolso e tirou um bolo de notas, contando-as na mão estendida do homem. Ficou mais do que óbvio que a soma total era apenas uma pequena porcentagem do que Aron levava consigo. Pelo olhar de ultraje nos olhos de Silas, o insulto não passou despercebido. — ... Uvas — continuou Aron — nunca faltarão para alimentar sua nação.

Dois indivíduos se aproximaram da banca pela esquerda de Cleo.

— Felicia? — perguntou uma voz grave. — O que você está fazendo aqui? Não devia estar se arrumando com suas amigas?

— Já vou, Tomas — ela sussurrou. — Já estamos terminando aqui.

Cleo olhou para a esquerda. Os dois rapazes que haviam se aproximado da banca tinham cabelos escuros, quase pretos. Sobrancelhas inclinadas sobre olhos cor de cobre. Eram altos, tinham ombros largos e eram muito bronzeados. Tomas, o mais velho dos dois, com vinte e poucos anos, observava o pai e a irmã.

— Aconteceu alguma coisa errada?

— Errada? — perguntou Silas por entre os dentes cerrados. — É claro que não. Estou fazendo uma transação. Só isso.

— O senhor está mentindo. Está aflito, dá pra ver.

— Não estou.

O outro rapaz lançou um olhar obscuro sobre Aron e depois sobre Cleo e Mira.

— Essas pessoas estão tentando enganar o senhor, pai?

— Jonas — Silas disse, cansado —, isso não é da sua conta.

— É da minha conta, pai. Quanto esse homem... — Jonas passou os olhos por Aron com uma antipatia nada disfarçada — concordou em lhe pagar?

— Catorze a caixa — Aron respondeu com indiferença. — Um preço justo que seu pai estava mais do que feliz em aceitar.

— Catorze? — esbravejou Jonas. — Como ousa insultá-lo dessa forma?

Tomas agarrou a camisa de Jonas e o puxou para trás.

— Acalme-se.

Os olhos escuros de Jonas queimaram.

— Quando um bastardo vestindo roupas ridículas de seda está tirando vantagem de nosso pai, eu me ofendo.

— Bastardo? — A voz de Aron virou gelo. — Quem está me chamando de bastardo, *camponês*?

Tomas se virou lentamente, com os olhos cheios de raiva.

— Meu irmão estava chamando *você* de bastardo. *Bastardo*.

E aquilo, Cleo pensou, apreensiva, era a pior coisa que alguém poderia dizer a Aron. Não era de conhecimento geral, mas ele *era* bastardo. Nascido de uma linda criada loira com quem o pai dele havia se engraçado. Como a esposa de Sebastien Lagaris era estéril, ela pegou o bebê como se fosse seu desde o nascimento. A criada, mãe verdadeira de Aron, morrera logo depois, sob circunstâncias misteriosas que ninguém ousou questionar nem naquela época, nem agora. Mas ainda se falava. E foram esses rumores que chegaram aos ouvidos de Aron quando teve idade suficiente para entender o que aquilo tudo significava.

— Princesa? — perguntou Theon, como se esperasse seu comando para interferir. Ela pôs a mão sobre o braço dele para impedi-lo. Aquilo não precisava se transformar em uma cena maior do que já era.

— Vamos, Aron. — Ela trocou um olhar preocupado com Mira, que, nervosa, largou sua segunda taça de vinho.

Os olhos de Aron não saíram de Tomas.

— Como ousa me insultar?

— Você deveria obedecer sua namoradinha e ir embora — aconselhou Tomas. — Quanto antes, melhor.

— Assim que seu pai pegar as caixas de vinho para mim, ficarei feliz em fazer isso mesmo.

— Esqueça o vinho. Vá embora e se considere sortudo por eu não arrumar confusão pelo insulto que fez ao meu pai. Ele é um homem crédulo e disposto a se vender por pouco. Eu não.

Aron ficou furioso. Sua calma anterior era jogada de lado pela ofensa e pela embriaguez, tornando-o muito mais corajoso do que deveria diante de dois paelianos altos e musculosos.

— Tem ideia de quem eu sou?

— E nós nos importamos? — Jonas e o irmão trocaram olhares.

— Sou Aron Lagaris, filho de Sebastien Lagaris, senhor da Encosta dos Anciãos. Estou aqui em seu mercado acompanhado de ninguém menos que a princesa Cleiona Bellos de Auranos. Demonstrem algum respeito por nós.

— Isso é ridículo, Aron — Cleo soltou um pequeno assobio por entre os dentes. Ela não queria que ele tivesse falado daquele jeito. Mira entrelaçou o braço no de Cleo e apertou sua mão. “Vamos”, ela parecia estar sinalizando.

— Ah, vossa alteza. — O sarcasmo escorria das palavras de Jonas enquanto ele fazia uma reverência jocosa. — Ambas as altezas. É uma verdadeira honra estar diante de presenças tão iluminadas.

— Eu poderia mandar decapitá-los por tamanho desrespeito — vociferou Aron. — Vocês e seu pai. E sua irmã também.

— Deixe minha irmã fora disso — rosnou Tomas.

— Deixe-me adivinhar. Se é o dia do casamento, imagino que ela já esteja esperando uma criança, não é? Ouvi dizer que as garotas paelianas não esperam se casar para abrir as pernas para qualquer um que tenha dinheiro para pagar. — Aron olhou para Felicia, que parecia humilhada e indignada. — Eu tenho dinheiro. Talvez você possa me dar meia hora de sua atenção antes do anoitecer.

— Aron! — Cleo o repreendeu, horrorizada.

A princesa foi totalmente ignorada por Aron. Jonas direcionou seu olhar furioso a ela — tão quente que Cleo se sentiu queimada por ele.

Tomas, que parecia um pouco menos esquentado do que o irmão, lançou sobre Aron o olhar mais sombrio, mais venenoso que ela já havia visto na vida.

— Eu poderia matar você por falar isso da minha irmã.

Aron deu um sorrisinho para ele.

— Tente.

Cleo olhou para trás, para um Theon de expressão frustrada, a quem ela tinha dado ordens para não interferir. Para ela, já havia ficado claro que não tinha controle sobre a situação. Ela só queria voltar para o navio e deixar todo aquele aborrecimento para trás. Mas era tarde demais.

Impulsionado pelo insulto à irmã, Tomas voou sobre Aron com punhos cerrados. Mira ficou sem ar e cobriu os olhos com as mãos. Não havia dúvida de que Tomas ganharia facilmente uma briga entre os dois e transformaria o magrelo Aron em um mingau de sangue. Mas Aron tinha uma arma — a elegante adaga cravada de joias que levava na cintura.

E agora ela estava em sua mão.

Tomas não viu a adaga. Quando chegou mais perto e agarrou a camisa de Aron, o lorde enfiou a lâmina na garganta dele. As mãos de Tomas foram direto a seu pescoço enquanto o sangue começava a jorrar. Seus olhos estavam arregalados pela surpresa e pela dor. Um instante depois, o rapaz caiu de joelhos e sucumbiu no chão. As mãos agarradas na garganta, a adaga ainda entranhada ali. O sangue logo formou uma poça escarlate em volta da cabeça de Tomas.

Tudo acontecera tão rápido.

Cleo segurou a mão sobre a boca para não gritar. Outra pessoa gritou — Felicia soltou um lamento penetrante de horror que gelou o sangue de Cleo. E de repente todo o mercado percebeu o que havia acontecido.

Berros cortaram o mercado. Houve uma movimentação repentina de corpos em volta de Cleo, empurrando e apertando. Ela gritou. Theon passou o braço em volta da cintura dela e a puxou para trás. Jonas estava indo na direção dela e de Aron, com dor e fúria gravadas no rosto. Theon empurrou Mira na frente dele e puxou Cleo para baixo de seu braço. Aron estava atrás. Eles fugiram do mercado com as palavras coléricas de Jonas os perseguindo.

— Vocês estão mortos! Vou matar vocês por isso! Os dois!

— Ele mereceu — resmungou Aron. — Ele ia tentar me matar. Eu estava me defendendo.

— Continue andando, vossa senhoria — resmungou Theon, parecendo enojado. Eles abriram caminho na multidão, cambaleando até a estrada que levava ao navio.

Tomas não viveria para ver sua irmã se casar. Felicia nunca mais veria o irmão — e pior, ela havia testemunhado seu assassinato no dia do casamento. O vinho que Cleo havia tomado balançava e lhe causava acidez no estômago. Ela se livrou do braço de Theon e vomitou no caminho.

Ela poderia ter feito com que Theon impedisse aquilo antes que tudo saísse do controle. Mas não fez.

Não parecia haver ninguém os perseguindo, e depois de um tempo ficou claro que os paelianos haviam ficado para trás. Diminuíram o passo para uma caminhada rápida. Cleo manteve a cabeça baixa, apoiando-se em Mira. Os quatro andaram pela paisagem empoeirada em silêncio absoluto.

Cleo pensou que nunca mais tiraria da mente a imagem dos olhos de Tomas, repletos de dor.

PAELSIA



Jonas caiu de joelhos e olhou horrorizado para a adaga ornada que saía da garganta de Tomas. Tomas mexia a mão, como se tentasse tirá-la, mas não conseguia. Tremendo, Jonas segurou na empunhadura. Foi necessário força para tirá-la. Depois ele pôs a outra mão sobre o ferimento. O sangue quente e vermelho jorrava por entre seus dedos.

Felicia gritou atrás dele.

— Tomas, não! Por favor!

A vida desaparecia dos olhos de Tomas junto com cada batimento desacelerado de seu coração.

Os pensamentos de Jonas eram confusos e indistintos. Parecia que o tempo havia paralisado, enquanto a vida de seu irmão se esvaía.

Um casamento. Haveria um casamento naquele dia. O casamento de Felicia. Ela havia concordado em se casar com um amigo dos irmãos, Paulo. De brincadeira, eles haviam dificultado as coisas para ele quando o noivado fora anunciado, um mês antes. Mas logo o receberam na família de braços abertos.

Uma grande festa estava planejada, algo que o pobre vilarejo não veria de novo por um bom tempo. Comida, bebida... e várias amigas bonitas de Felicia para ajudar os irmãos Agallon a esquecer os

problemas que enfrentavam diariamente para sustentar a família em uma região moribunda como Paelsia. Os irmãos eram melhores amigos — e imbatíveis em tudo o que faziam juntos.

Até aquele momento.

O pânico encheu o peito de Jonas e ele olhou desesperado para o enxame de pessoas em busca de alguém que pudesse ajudar.

— Não há nada que possa ser feito? Tem algum curandeiro aqui?

Suas mãos estavam escorregadias com o sangue de Tomas. O corpo de seu irmão convulsionou e ele fez um som repugnante enquanto mais sangue jorrava de sua boca.

— Não entendo... — A voz de Jonas falhou. Felicia agarrou seu braço. Os lamentos de pânico da moça eram ensurdecedores. — Aconteceu tão rápido. Por quê? Por que isso aconteceu?

O pai estava parado ao lado, impotente. Seu rosto estava triste, porém severo.

— É o destino, filho.

— Destino? — Jonas esbravejou, cheio de cólera. — Isso não é destino! Isso não deveria acontecer. Isso... isso foi feito pelas mãos de um nobre auraniano que acha que somos a poeira em que pisa.

Paelsia esteve em declínio constante durante gerações, com a terra enfraquecendo lentamente enquanto os vizinhos continuavam a viver com luxo e excessos, negando-lhes ajuda, recusando-lhes até o direito de caçar em suas terras abundantes, sendo que fora deles a culpa por Paelsia não ter recursos suficientes para alimentar seu povo. Fora o inverno mais rigoroso de que se teve registro. Os dias eram toleráveis, mas as noites eram geladas entre as finas paredes dos casebres. Dezenas de pessoas, pelo menos, morreram de fome ou congeladas em suas casinhas.

Ninguém morria de fome ou por exposição às intempéries em Auranos. A desigualdade sempre havia enojado Jonas e Tomas. Eles odiavam auranianos — em especial a realeza. Mas se tratava de um ódio sem nome e sem forma. Uma aversão aleatória e generalizada por um povo com que Jonas nunca tivera contato antes.

Agora seu ódio tinha substância. Agora tinha nome.

Ele olhou fixamente para o rosto de seu irmão mais velho. A pele morena e os lábios de Tomas estavam cobertos de sangue. Os olhos de Jonas ardiam, mas ele se forçou a não chorar. Tomas precisava vê-lo forte naquele momento. Ele sempre insistira para que o irmão mais novo fosse forte. Mesmo sendo apenas quatro anos mais velho, era assim que ele havia criado Jonas desde a morte da mãe, dez anos antes.

Tomas havia ensinado tudo o que ele sabia — caçar, xingar, como se comportar diante das garotas. Juntos sustentavam a família. Já tinham roubado, invadido propriedades... feito o que fora preciso para sobreviver enquanto outros moradores da vila iam à ruína.

— Se quiser algo — Tomas sempre dizia —, precisa ir atrás. Porque não vai cair do céu em suas mãos. Lembre-se disso, irmão.

Jonas se lembrava. Ele *sempre* se lembraria.

Tomas havia parado de se contorcer e o sangue — tanto sangue — não escorria mais tão rapidamente pelas mãos de Jonas.

Havia algo nos olhos de Tomas, além da dor. Era revolta.

Não só pela injustiça de sua morte nas mãos de um lorde auraniano. Não... também pela injustiça de uma vida de lutas diárias — para comer, respirar, sobreviver. E como tudo tinha acabado daquele jeito?

Um século antes o chefe paelsiano da época havia ido aos soberanos de Limeros e Auranos, terras fronteiriças ao norte e ao sul, para pedir ajuda. Limeros negou auxílio, dizendo que já tinham muito o que enfrentar para restabelecer o próprio povo depois de uma guerra recém-terminada com Auranos. A próspera Auranos, no entanto, chegara a um acordo com Paelsia. Eles subsidiariam a plantação de vinhedos em toda a terra fértil de Paelsia — área que poderia ter sido usada para plantação de alimentos para o povo e os animais. Em vez disso, prometeram importar o vinho paelsiano a preços favoráveis, o que, por sua vez, permitiria a Paelsia importar safras de alimentos auranianos a preços também favoráveis. Aquilo ajudaria a economia dos dois países, afirmou o então rei de Auranos. E o ingênuo chefe paelsiano aceitou o acordo.

Mas o negócio tinha prazo para acabar. Depois de cinquenta anos os preços estabelecidos sobre as importações e exportações

expirariam. E expiraram. Agora os paelsianos não tinham mais condições de importar alimentos auranianos — ainda mais com a queda do preço dos vinhos, já que Auranos era seu único comprador e podia estabelecer o valor sem piedade, o que fizeram, diminuindo sempre mais. Paelsia não tinha navios para exportar a outros reinos além do Mar Prateado, e a austera Limeros, ao norte, adorava uma deusa que condenava a embriaguez. O resto da terra continuou a morrer lentamente, durante décadas. E tudo o que os paelsianos podiam fazer era assistir à própria decadência.

O som do choro da irmã naquele que deveria ser o dia mais feliz de sua vida partiu o coração de Jonas.

— Lute — Jonas sussurrou no ouvido do irmão. — Lute por mim. Lute por sua vida.

“Não”, parecia dizer Tomas quando o resto de luz desapareceu de seus olhos. Ele não podia falar. Sua laringe havia sido cortada pela lâmina auraniana. “Lute por Paelsia. Por todos nós. Não deixe que isso seja o fim. Não os deixe ganhar.”

Jonas se esforçou para não deixar escapar o choro que habitava o fundo de seu peito, mas não conseguiu. Ele chorou, produzindo um som estranho a seus próprios ouvidos. E uma fúria obscura e inesgotável tomou conta dele, ocupando o espaço onde o sofrimento havia aberto um profundo buraco negro.

Lorde Aron Lagaris pagaria por aquilo.

E a garota de cabelos claros — a princesa Cleiona. Ela ficou parada com um sorriso frio e satisfeito no belo rosto enquanto via seu amigo assassinar Tomas.

— Juro que vingarei sua morte, Tomas — Jonas conseguiu dizer por entre os dentes cerrados. — Isso é apenas o começo.

Seu pai tocou seu ombro e Jonas se contraiu.

— Ele se foi, meu filho.

Jonas afastou a mão trêmula e cheia de sangue da garganta retalhada do irmão. Estava fazendo promessas a alguém cujo espírito já havia partido. Apenas o corpo de Tomas estava ali.

O rapaz olhou para o céu azul sobre o mercado e deixou um pungente grito de sofrimento escapar de sua garganta. Um falcão

dourado, que estava empoleirado na banca de vinhos de seu pai, voou sobre eles.

LIMEROS



Alguém fez uma pergunta a Magnus, mas ele não estava prestando muita atenção. Depois de um tempo, todos em um banquete como aquele começavam a parecer um enxame de abelhas barulhentas. Irritantes, mas impossíveis de esmagar de forma rápida e fácil.

Ele fixou no rosto o que esperava ser uma expressão agradável e se virou para a esquerda para enfrentar o mais ruidoso dos insetos. Mordeu mais um pedaço de *kaana* e engoliu-o sem mastigar, na tentativa de disfarçar o sabor. Mal olhou para a carne salgada que estava em seu prato. Estava perdendo o apetite.

— Perdão, Milady — ele disse. — Eu não escutei muito bem.

— Sua irmã, Lucia — repetiu Lady Sophia, batendo de leve no canto da boca com um guardanapo de jacquard bordado. — Ela se tornou uma jovem adorável, não é?

Magnus piscou. Aquelas conversas fiadas eram tão exaustivas.

— Sim, de fato.

— Diga-me novamente: quantos anos ela faz hoje?

— Dezesseis.

— Garota adorável. E tão educada.

— Ela foi bem criada.

— É claro. Ela já está prometida a alguém?

— Ainda não.

— Hum. Meu filho Bernardo tem muitas qualidades, é muito bonito, e o que lhe falta em altura é mais do que compensado em inteligência. Acho que eles formariam um belo casal.

— Sugiro, Milady, que converse sobre isso com meu pai.

Por que o puseram para sentar bem ao lado daquela mulher? Ela era velha e cheirava a pó, e, por algum motivo bizarro, a algas marinhas. Talvez tivesse surgido do Mar Prateado e viajado pelos penhascos rochosos para chegar ao gelado castelo de Limeros pelo alto, em vez de cruzar as terras cobertas de gelo, como todos os outros.

Seu marido, lorde Lenardo, inclinou-se para a frente na cadeira de encosto alto.

— Chega de bancar a casamenteira, mulher. Estou curioso para saber o que o príncipe pensa sobre os problemas em Paelsia.

— Problemas? — Magnus perguntou.

— A agitação causada pela morte do filho de um pobre vendedor de vinho no mercado, na semana passada, diante de todos.

Magnus passou o indicador na borda de seu cálice.

— A morte do filho de um pobre vendedor de vinho. Desculpe minha visível falta de interesse, mas não me parece nada fora do comum. Os paelsianos são uma raça selvagem, que logo apela para a violência. Ouvi dizer que comem carne crua de bom grado se suas fogueiras demoram muito para acender.

Lorde Lenardo lançou a ele um sorriso torto.

— De fato. Mas esse caso é diferente por ter acontecido pelas mãos de um membro da nobreza de Auranos.

Aquilo era mais interessante, pelo menos um pouco.

— É mesmo? Quem?

— Não sei, mas há rumores de que a própria princesa Cleiona esteve envolvida na discussão.

— Ah. Aprendi que rumores se parecem bastante com penas. Dificilmente sustentam muito peso.

A menos, é claro, que aqueles rumores se provassem verdadeiros.

Magnus sabia bem quem era a jovem princesa de Auranos. Era dona de grande beleza e tinha a mesma idade de sua irmã. Ele a

encontrara uma vez, quando ambos eram crianças; depois, nunca mais tivera interesse em voltar a Auranos. Além disso, seu pai tinha muita antipatia pelo rei auraniano e, até onde ele sabia, o sentimento era recíproco.

Ele passou os olhos pelo grande salão e trocou olhares com o pai, que o encarava com fria reprovação. Seu pai desprezava o jeito de Magnus quando este ficava entediado em uma função pública como aquela. Considerava insolente de sua parte. Mas era difícil para Magnus esconder o modo como se sentia, embora tivesse de admitir que não se esforçava muito para isso.

Magnus ergueu o cálice de água e brindou ao pai, o rei Gaius Damora de Limeros.

Os lábios de seu pai afinaram.

Irrelevante. Não era função de Magnus garantir que o banquete corresse bem. Era tudo fingimento mesmo. O rei era um homem intimidador que obrigava o povo a seguir suas ordens — suas armas favoritas eram o medo e a violência, e ele tinha uma horda de cavaleiros e soldados para impor sua vontade e manter os súditos na linha. Ele se esforçava muito para manter as aparências e se mostrar forte, capaz e imensamente próspero.

Mas Limeros vinha passando por dificuldades desde que o implacável Gaius, o Rei Sanguinário, assumira o trono de seu pai, o amado rei Davidus. Os problemas econômicos ainda não haviam afetado diretamente aqueles que viviam no palácio, dado que a religião limeriana não incentivava o luxo, mas era impossível ignorar o aperto pelo qual passava o reino como um todo. Magnus se divertia com o fato de o rei nunca ter falado disso em público.

Ainda assim, foi servida à realeza uma porção de *kaana* — purê de feijão amarelo com gosto de cola — com a refeição, e esperava-se que eles a comessem. Era o que muitos limerianos estavam empurrando para dentro enquanto o inverno se arrastava cada vez mais.

Algumas das tapeçarias e pinturas mais elaboradas haviam sido guardadas em um depósito, deixando as paredes do castelo nuas e frias. A música foi proibida, assim como o canto e a dança. Só era permitida a leitura de livros educativos dentro do palácio de Limeros,

nada que contasse uma história apenas para fins de entretenimento. O rei Gaius importava-se apenas com os ideais limerianos de força, fé e sabedoria — e não com a arte, a beleza ou o prazer.

Circulavam rumores de que o declínio de Limeros havia começado — como acontecera com Paelsia algumas gerações antes — devido à morte dos *elementia*, a magia elementar. A magia essencial que dera origem ao mundo estava secando por completo, como um corpo d'água no meio do deserto.

Sobraram apenas vestígios de *elementia* quando as deusas rivais, Cleiona e Valoria, destruíram uma a outra, há séculos. Mas até mesmo esses vestígios, segredavam aqueles que acreditavam na magia, estavam começando a desaparecer. Limeros congelava a cada ano, e a primavera e o verão já não passavam de alguns curtos meses. Paelsia estava definhando, o solo estava esgotado e seco. Apenas Auranos, ao sul, não mostrava sinais de decadência.

Limeros era uma terra extremamente religiosa, cujo povo se apegava à crença na deusa Valoria, em especial nas épocas de dificuldade. Mas Magnus julgava, em seu íntimo, que aqueles que acreditavam no sobrenatural, em quaisquer de suas formas, demonstravam fraqueza interior.

Pelo menos a maioria dos que acreditavam. Ele abria exceção para poucos. Direccionou o olhar para a direita de seu pai, onde sua irmã se sentava obediente, como convidada de honra daquele banquete de celebração do seu aniversário.

O vestido que ela usava aquela noite era de um tom laranja rosado que fazia Magnus se lembrar do pôr do sol. Era um vestido novo, com costura perfeita, refletindo a imagem de eterna riqueza e perfeição que seu pai exigia que a família Damora sustentasse — embora ele mesmo tivesse de admitir a surpresa com aquele colorido no mar de cinza e preto que o rei costumava preferir.

A princesa tinha pele clara e impecável e cabelos longos e sedosos que, quando não estavam trançados, caíam até a cintura em ondas suaves. Seus olhos eram da cor do céu. Os lábios eram volumosos e naturalmente rosados. Lucia Eva Damora era a garota mais bonita de toda Limeros. Sem exceção.

De repente, o cálice de vidro que Magnus segurava com firmeza estilhaçou e cortou sua mão. Ele xingou e pegou um guardanapo para cobrir o ferimento. Lady Sophia e lorde Lenardo olharam para ele alarmados, como se temessem que as conversas de noivado e assassinato tivessem perturbado o rapaz.

Não era nada daquilo.

“Idiota, tão idiota.”

O pensamento foi refletido pelo olhar no rosto de seu pai — ele não havia perdido nada. Sua mãe, a rainha Althea, sentada à esquerda do rei, também tinha notado. Ela desviou os olhos frios e continuou a conversar com a mulher sentada ao lado.

O pai continuou encarando. Ele olhava feio, como se estivesse constrangido por estar na mesma sala que Magnus. O insolente e canhestro príncipe Magnus, herdeiro do rei. “Pelo menos por enquanto”, ele pensava de mau humor, voltando sua atenção para Tobias... “o braço direito de seu pai”. Magnus se perguntava se chegaria o dia em que seu pai o aprovaria. Achou que deveria ficar grato porque o rei se dera ao trabalho de convidá-lo para o evento. Mais uma vez, Gaius queria passar a imagem de que a família real de Limeros era integrada e unida — hoje e sempre.

Que piada.

Magnus já teria deixado a fria e sem graça Limeros para explorar sem pressa os reinos que ficavam do outro lado do Mar Prateado, mas havia uma coisa que o mantinha bem ali onde estava, mesmo prestes a completar dezoito anos.

— Magnus! — Lucia correu para perto dele e se ajoelhou ao seu lado. Sua atenção se voltava para a mão dele. — Você se machucou.

— Não é nada — ele disse com firmeza. — Apenas um arranhão.

O sangue já havia ensopado a atadura improvisada. Ela estava preocupada.

— Só um arranhão? Acho que não. Venha comigo que eu o ajudarei a fazer um curativo de verdade.

Ela puxou o irmão pelo pulso.

— Vá com ela — Lady Sophia aconselhou. — Não vai querer que isso infeccione.

— Não, eu não gostaria que isso acontecesse. — O maxilar de Magnus ficou tenso. A dor não era suficiente para incomodá-lo, mas o constrangimento o aguilhoava. — Tudo bem, minha irmã, a curandeira. Deixarei que faça um curativo.

Ela lançou-lhe um sorriso reconfortante que fez algo dentro dele se contorcer. Algo que ele tentava ignorar a qualquer custo.

Magnus não olhou para o pai nem para a mãe ao sair do banquete. Lucia o levou para um salão adjacente, mais fresco sem o calor corporal dos convidados. Penduradas, tapeçarias macias aqueciam um pouco as frias paredes de pedra. Um busto de bronze do rei Gaius o encarava do alto de um pedestal entre pilares de granito, julgando-o com severidade mesmo agora que não estava na presença do pai. Lucia pediu que uma criada do palácio fosse buscar uma bacia com água e bandagens, depois sentou Magnus a seu lado e tirou o guardanapo que cobria o ferimento.

Ele permitiu.

— O vidro era frágil demais — ele explicou.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— O cálice se estilhaçou sem nenhum motivo?

— Isso mesmo.

Ela suspirou, depois mergulhou um tecido na água e começou a limpar o ferimento com cuidado. Magnus não voltou a sentir dor.

— Sei exatamente como aconteceu.

Ele ficou tenso.

— Sabe?

— É o nosso pai. — Seus olhos azuis se voltaram para cima e olharam nos dele. — Você está bravo com ele.

— E você acha que eu imaginei o pescoço dele no lugar da haste da taça, como muitos dos súditos devem ter achado?

— E foi isso? — Ela pressionou a mão com firmeza para ajudar a estancar o fluxo de sangue.

— Eu não estou bravo com ele. Acho que é o contrário. Ele me odeia.

— Ele não te odeia. Ele te ama.

— Então ele deve ser o único.

Um sorriso iluminou o rosto dela.

— Ah, Magnus. Não seja bobo. Eu amo você. Mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Você deve saber disso, não é?

Parecia que alguém havia feito um buraco no peito de Magnus, agarrado seu coração e apertado com força. Ele limpou a garganta e olhou para a mão.

— É claro. E eu também amo você.

As palavras pareciam pesadas em sua língua. As mentiras sempre foram macias como seda para ele, mas dizer a verdade nunca havia sido fácil.

O que ele sentia por Lucia era apenas o amor de um irmão por sua irmã.

Essa mentira parecia suave. Mesmo quando disse a si mesmo.

— Pronto — ela disse, dando um tapinha no curativo enrolado na mão dele. — Bem melhor.

— Você deveria ser uma curandeira de verdade.

— Acho que nossos pais não considerariam essa função adequada a uma princesa.

— Você tem razão. Eles não aprovariam.

As mãos dela ainda estavam sobre as dele.

— Graças à deusa o ferimento foi leve.

— É, graças à deusa — ele disse, seco, antes de entortar os lábios. — Sua devoção a Valoria me deixa envergonhado da minha. Sempre deixou.

Lucia olhou para o irmão com severidade, mas mantendo o sorriso.

— Sei que você acha que crer demais no oculto é bobagem.

— Não sei se usaria a palavra *bobagem*.

— Às vezes é necessário acreditar em algo maior do que si mesmo, Magnus. Algo que não se pode ver ou tocar. Permitir que seu coração tenha fé, custe o que custar. É o que lhe dará força nos momentos difíceis.

Ele olhou para ela com paciência.

— Se está dizendo.

O sorriso de Lucia se alargou. O pessimismo do irmão sempre a divertiu. Já haviam tido aquela discussão diversas vezes.

— Um dia você vai acreditar. Sei que vai.

— Acredito em você. Isso não basta?

— Então acho que devo dar um bom exemplo ao meu querido irmão. — Ela se aproximou e encostou os lábios no rosto dele. Ele ficou sem respirar por um instante. — Preciso voltar ao banquete. Afinal, ele é supostamente em minha homenagem. Nossa mãe ficará brava se eu desaparecer e não voltar mais.

Ele concordou e tocou o curativo.

— Obrigado por salvar minha vida.

— Não chega a tanto. Mas tente controlar seu temperamento perto de coisas que quebram.

— Eu vou me lembrar disso.

Lucia lançou a ele um último sorriso e voltou às pressas para o grande salão.

Magnus continuou onde estava por vários minutos, ouvindo o zum-zum-zum da conversa dos nobres no banquete. Parecia que ele não conseguia reunir energia ou interesse para voltar ao salão. Se alguém perguntasse no dia seguinte, diria apenas que a perda de sangue o deixara indisposto.

Ele estava mesmo indisposto. O que sentia por Lucia era errado. Anormal. E ficava mais forte a cada dia, mesmo que ele fizesse de tudo para ignorar. Durante um ano, ele mal conseguiu olhar para outra garota da nobreza — bem na época em que seu pai o pressionava para escolher a futura esposa.

Logo o rei acharia que seu filho não se interessava por garotas. Para ser sincero, Magnus não se importava muito com o que o pai podia achar. Mesmo que ele preferisse garotos, o rei ainda o forçaria a se casar com alguém de sua escolha assim que perdesse a paciência.

Não seria Lucia nem em seus sonhos mais absurdos. Aquelas uniões incestuosas — mesmo entre membros da família real — eram proibidas tanto por lei quanto pela religião. E se Lucia soubesse do tamanho de seus sentimentos por ela, ficaria enojada. Ele não queria que a luz que havia em seus olhos quando ela olhava para ele diminuísse nem um pouco. Aquela luz era a única coisa que lhe dava alegria.

Todo o resto relacionado ao assunto o deixava profundamente triste.

Uma criada bastante jovem passou por ele no corredor frio e escuro e deu uma olhada, parando. Ela tinha olhos acinzentados e cabelos castanhos, presos em um coque. O vestido de lã estava desbotado, mas limpo e sem vincos.

— Príncipe Magnus, posso fazer alguma coisa pelo senhor?

Ainda que a presença de sua bela irmã o torturasse, ele se permitia algumas distrações insignificantes. Amia era bastante útil, em inúmeros sentidos.

— Hoje não, minha flor.

Ela se aproximou de maneira conspirativa.

— O rei deixou o banquete e está se encontrando com Lady Mallius nesse exato momento, no terraço, conversando em voz baixa. Interessante, não é?

— Talvez.

Nos últimos meses, Amia havia se provado uma ferramenta útil para descobrir algumas informações. Ela era os olhos e os ouvidos de Magnus dentro do castelo, e não tinha escrúpulos para escutar conversas para o príncipe sempre que houvesse oportunidade. Uma ou outra palavra gentil ou a ponta de um sorriso eram suficientes para mantê-la leal. Amia acreditava que Magnus a manteria para sempre como amante. Nesse quesito, estava destinada a se desapontar. Quando estava fora do campo de visão de Magnus, ele se esquecia completamente dela.

O príncipe deu um tapinha em sua cintura, dispensando-a, e caminhou em silêncio na direção do terraço de pedra que dava para o mar negro e para os penhascos sobre os quais o castelo e a capital de Limeros se assentavam. Era o local preferido de seu pai para refletir, apesar do frio cortante do inverno em noites como aquela.

— Não seja ridícula — sussurrou, do terraço, o rei. — Não tem nada a ver com esses rumores. Você está sendo supersticiosa.

— Que outra explicação pode haver? — disse outra voz conhecida. Lady Sabina Mallius, viúva do ex-conselheiro do rei. Pelo menos esse era seu título oficial. O extraoficial era de amante do rei,

posto que ocupava há quase duas décadas. O rei não guardava segredo de ninguém, nem da rainha ou dos filhos.

A rainha Althea tolerava a infidelidade em silêncio. Magnus não tinha muita certeza se a mulher fria que chamava de mãe se importava com o que o marido fazia, ou com quem fazia.

— Que outra explicação para as dificuldades de Limeros? — perguntou o rei. — Muitas. E nenhuma delas tem a ver com magia.

“Ah”, pensou Magnus. “Parece que a conversa dos camponeses também se tornou uma discussão para os nobres.”

— Você não sabe.

Houve uma longa pausa.

— Sei o suficiente para duvidar.

— Se qualquer parte dessa disputa é baseada em *elementia*, significa que não estávamos errados. Que *eu* não estava errada. Que todos esses anos não foram perdidos enquanto esperávamos por um sinal.

— Você viu o sinal há anos. As estrelas lhe disseram o que precisava saber.

— Minha irmã viu os sinais, não eu. Mas sei que ela estava certa.

— Já se passaram dezesseis anos e nada aconteceu. Apenas uma espera infinita. Minha decepção aumenta a cada dia que passa.

Ela suspirou.

— Gostaria de ter certeza. Tudo o que tenho é minha fé de que você só terá que esperar mais um pouco.

O rei riu, mas não havia humor em sua risada.

— Quanto tempo devo esperar até bani-la para as Montanhas Proibidas por tamanha decepção? Ou talvez eu possa pensar em uma punição mais adequada a alguém como você.

A voz de Sabina esfriou.

— Eu o aconselho a nem ao menos considerar uma coisa dessas.

— É uma ameaça?

— É um alerta, meu amor. A profecia é tão verdadeira hoje quanto naqueles anos. Eu ainda acredito nela. E você?

Houve uma longa pausa.

— Eu acredito. Mas estou ficando sem paciência. Não vai demorar muito até que estejamos arruinados, assim como aconteceu com Paelsia, e também precisemos viver como camponeses pobres.

— Lucia está com dezesseis anos. Está chegando o momento de seu despertar, sei que está.

— Reze para estar certa. Não aceitarei bem a desilusão se você estiver errada, mesmo vindo de você, Sabina. E você sabe muito bem como lido com a decepção.

Não havia nem uma ponta de cordialidade no tom glacial do rei.

Nem no de Sabina.

— Eu estou certa, meu amor. E você não vai se decepcionar.

Magnus encostou na parede fria de pedra para não ser visto quando o pai saiu do terraço. Estava muito confuso com o que havia ouvido. Sua respiração quente criava nuvens congeladas no ar da noite fria. Sabina saiu logo atrás e começou a seguir o rei de volta para o salão de banquete. Ela passou, inclinou a cabeça, depois se virou e encarou Magnus.

Um arrepio desceu pela espinha do príncipe, mas ele manteve a expressão neutra.

A beleza de Sabina ainda não havia se esvaído — longos cabelos escuros e lisos, olhos cor de âmbar. Ela sempre se vestia em tons de vermelho, com tecidos luxuosos que envolviam as curvas de seu corpo e se destacavam entre as cores sóbrias que a maioria dos limerianos usava. Magnus não fazia ideia da idade dela, nem parava para pensar muito no assunto. Ela estava no palácio desde que ele era apenas um bebê e sempre teve a mesma aparência para ele — fria, bela, eterna. Como uma estátua de mármore que vivia, respirava e participava de conversas enfadonhas.

— Magnus, meu doce garoto. — Um sorriso se abriu em seu rosto. Os olhos contornados com *kajal* permaneceram receosos, como se ela adivinhasse que ele havia escutado a conversa.

— Sabina.

— Não está se divertindo no banquete?

— Ah, você me conhece — ele respondeu com secura. — Eu sempre me divirto.

Ela entortou os lábios enquanto passava os olhos pelo rosto dele. Ele sentiu um formigamento desagradável na cicatriz que cortava a maçã de seu rosto.

— É claro que sim.

— Se me der licença, vou me recolher aos meus aposentos. — Ele apertou os olhos. — Pode ir agora. Não vai querer deixar o meu pai esperando.

— Não, eu não vou querer isso. Ele odeia ser desapontado.

Ele lançou a ela um sorriso frio.

— De fato, odeia.

Como Sabina não mostrou sinais de que se moveria, Magnus virou para o outro lado e começou a andar com calma pelo corredor. Ele sentiu o olhar quente dela em suas costas.

A conversa que havia escutado ecoava em seus ouvidos. Não havia sentido algum nas palavras de seu pai e de Sabina. Ele havia escutado eles falarem sobre magia e profecias. E tudo aquilo parecia perigoso. Que segredo o rei e ela sabiam a respeito de Lucia? De que despertar estavam falando? Seria apenas uma brincadeira boba que inventaram para se divertir no aniversário de sua irmã? Se parecessem um pouco entretidos, ele até poderia acreditar nisso. Mas não estavam. Estavam tensos, preocupados e nervosos.

As mesmas emoções cresciam no peito de Magnus. Ele não se preocupava com nada no mundo além de Lucia. Embora seus verdadeiros sentimentos nunca pudessem ser revelados, ele faria de tudo para protegê-la daqueles que tentassem lhe fazer mal. E agora seu pai, o rei — o homem mais frio, mortífero e perigoso que conhecia —, entrava certamente nessa categoria.

O SANTUÁRIO

Ioannes abriu os olhos e respirou fundo o ar doce e quente. A grama verde aquecida pelo sol havia funcionado bem como cama, e ele então se sentou. Levou uns instantes para de fato voltar ao seu corpo, já que estava viajando sem ele havia um bom tempo.

Ele olhou para as mãos — a pele havia substituído as penas. Unhas haviam substituído as garras. Era sempre necessário se acostumar.

— O que você viu?

Talvez ele não tivesse tanto tempo quanto gostaria. Ioannes esticou o pescoço para olhar para aquele que esperava seu regresso. Timotheus estava sentado sobre um banco de pedra esculpida, de pernas cruzadas e com o esvoaçante manto branco, como sempre.

— Nada mais do que o normal — disse Ioannes, embora não fosse totalmente verdade. Ele e os outros que partiam do reino viajando dessa maneira haviam concordado em discutir suas descobertas entre si antes de levar qualquer informação importante aos anciãos, que não podiam mais se transformar em falcões.

— Nenhum indício?

— Da Tétrade? Nada. Os objetos estão tão ocultos hoje quanto estavam há um milênio.

Timotheus cerrou os dentes.

— Nosso tempo está se esgotando.

— Eu sei.

Se eles não encontrassem a Tétrade, a ruína que assolava o reino mortal logo chegaria também ao Santuário.

Os anciãos não sabiam ao certo como proceder. Tantos séculos e nada. Nenhum indício. Nenhum sinal. Até mesmo o paraíso poderia se tornar uma prisão se alguém tivesse tempo o bastante para notar as paredes.

— Há uma menina, no entanto — Ioannes disse um pouco relutante.

Aquilo chamou a atenção de Timotheus.

— Uma menina?

— Ela pode ser aquela que esperamos. Acabou de completar dezesseis anos mortais. Senti algo vindo dela; algo que vai além de qualquer coisa que já senti.

— Magia?

— Acho que sim.

— Quem é ela? Onde ela está?

Ioannes hesitou. Apesar do acordo com os outros, ele tinha o dever de contar aos anciãos o que eles desejavam saber; além do mais, ele confiava em Timotheus. Mas aquele assunto ainda parecia frágil, como uma pequena muda que ainda não criou raízes. Se estivesse errado, ele pareceria tolo ao alardear. Se estivesse certo, porém, a menina era incrivelmente preciosa e precisava ser tratada com cuidado.

— Deixe-me descobrir mais — Ioannes desviou, em vez de responder. — Ficarei atento a ela e relatarei tudo o que vir. Isso significa que devo abandonar minha busca pela Tétrade.

— Os outros se concentrarão nisso. — Timotheus ergueu as sobancelhas. — Sim, fique atento a essa menina cuja identidade prefere ocultar de mim.

Ioannes olhou para ele com rispidez.

— Sei que não pretende fazer nenhum mal a ela. Por que eu desejaria protegê-la de você?

— É uma boa pergunta. — Um pequeno sorriso tocou os lábios do ancião. — Deseja sair do Santuário e ir para o lado dela ou prefere

continuar a observá-la de longe?

Ioannes conhecia muitos que haviam se apaixonado profundamente pelo mundo dos mortais e por aqueles que vigiavam, mas deixar o Santuário significava não poder voltar mais.

— Ficarei exatamente onde estou — ele disse. — Por que eu desejaria algo além de estar aqui?

— Foi o que sua irmã disse certa vez.

Seu coração se contorceu um pouco.

— Ela cometeu um erro.

— Talvez. Você a visita?

— Não. Ela fez sua escolha. Eu não preciso testemunhar o resultado. Prefiro lembrar dela como era — jovem para sempre. Agora deve ser uma mulher velha, esvaindo-se como a terra que ela amou mais do que esta, apenas com suas preciosas sementes para lhe fazer companhia.

Então Ioannes voltou a deitar a cabeça na grama macia e quente, fechou os olhos e se transformou, voando para o frio e implacável mundo dos mortais.

AURANOS



— Os pássaros estão me observando — Cleo disse enquanto andava de um lado para o outro no pátio do palácio.

— É mesmo? — Emilia conteve um sorriso enquanto acrescentava outra pincelada de tinta em sua tela. Era uma imagem do palácio de Auranos, conhecido por sua fachada de ouro assentado na pedra polida, que o fazia parecer uma joia brilhante sobre o verde viçoso ao redor. — Minha irmãzinha está paranoica ou está começando a acreditar em lendas antigas?

— Talvez as duas coisas. — As saias de Cleo farfalharam quando ela mudou de direção e apontou para o canto da área gramada. — Mas juro que aquela pomba branca no pessegueiro analisou todos os movimentos que fiz desde que cheguei aqui.

Emilia riu e trocou um olhar divertido com Mira, que estava sentada ao lado, trabalhando em seu bordado.

— Dizem que os vigilantes veem pelos olhos de falcões, não de qualquer pássaro aleatório.

Um esquilo de orelha comprida subiu correndo pelo tronco. A ave finalmente voou.

— Se está dizendo... Você é a especialista em religião e mitos em nossa família.

— Só porque você se recusa a estudar — Mira observou.

Cleo mostrou a língua para a amiga.

— Tenho coisas melhores para fazer com o meu tempo do que ler.

Na última semana, as “coisas melhores” se resumiram a muito aborrecimento e preocupação quando estava acordada e pesadelos enquanto dormia. Mesmo se quisesse ler, seus olhos estavam vermelhos e doloridos.

Emilia largou o pincel para dar total atenção a Cleo.

— Devíamos entrar. Lá dentro você ficará a salvo dos olhinhos das aves espiãs.

— Pode zombar de mim o quanto quiser, minha irmã, mas não posso controlar o que sinto.

— De fato. Talvez a culpa em relação ao que aconteceu em Paelsia esteja causando isso.

A náusea tomou conta dela. Cleo virou o rosto para o sol, tão diferente da frieza de Paelsia que permeara seus ossos. Ela havia tremido durante toda a viagem para casa, sem conseguir se aquecer. O frio a havia acompanhado por vários dias, mesmo depois de voltar ao calor de sua terra.

— Isso é ridículo — ela mentiu. — Eu até já esqueci.

— Você tem ideia sobre o que o nosso pai falará na reunião do conselho hoje?

— Sobre o quê?

— Bem... sobre você. E Aron. E tudo o que aconteceu naquele dia.

Cleo sentiu o sangue se esvair do rosto.

— O que vão dizer?

— Nada que interesse.

— Se não interessasse, você não teria mencionado. Teria?

Emilia balançou as pernas e levantou-se da cadeira. Ela se apoiou por um instante e Mira ergueu os olhos, preocupada, e largou a costura para ficar a seu lado. Emilia andava tendo problemas com dores de cabeça e tontura.

— Então me diga o que sabe — Cleo insistiu, observando Emilia com preocupação.

— Aparentemente, a morte do filho do vendedor de vinho causou alguns problemas políticos para nosso pai. Tornou-se um escândalo,

na verdade. Todos estão falando sobre isso e jogando a culpa em várias pessoas. Ele está fazendo o possível para amenizar qualquer mal-estar que isso possa ter causado. Mesmo que Auranos importe o vinho paelsiano em grande quantidade, a exportação foi quase totalmente interrompida até o fim da crise. Muitos paelsianos recusam-se a negociar conosco. Eles estão com raiva de nós — e de nosso pai, por ter deixado isso acontecer. E, é claro, estão exagerando tudo.

— Foi tão terrível — Mira exclamou. — Queria poder esquecer o que aconteceu.

As duas queriam. Cleo apertou as mãos, vendo seu pavor refletido no rosto de Mira.

— E quanto tempo vai demorar até as coisas voltarem ao normal?

Cleo desprezava política, em especial por não entender nada a respeito. Mas ela não precisava entender; afinal, Emilia era a herdeira do trono do pai. Ela seria a próxima rainha, e não Cleo.

Graças à deusa. Cleo não suportaria de jeito nenhum as infinitas reuniões do conselho, nem ser cordial e educada com aqueles que não merecessem. Emilia havia sido criada desde o nascimento para ser a princesa perfeita, capaz de lidar com qualquer questão que surgisse. Cleo... bem, ela gostava de tomar banho de sol, de sair com seu cavalo para longas cavalgadas no campo e de passar tempo com os amigos.

Ela nunca havia sido associada a um escândalo como aquele. Além do segredo mantido por Aron, não havia nada escandaloso que pudesse ser falado sobre a princesa Cleiona. Até agora — ela se deu conta, ansiosa.

— Preciso falar com nosso pai — afirmou Cleo — para descobrir o que está acontecendo.

Sem dizer mais uma palavra, ela deixou Emilia e Mira no pátio e entrou no castelo, apressando-se pelos corredores iluminados até chegar à sala do conselho. Passando pela porta arqueada, a luz do sol brilhava através das várias janelas que tinham as venezianas de madeira abertas. Uma grande lareira no centro também iluminava a grande sala. Ela teria que esperar até que a reunião acabasse e seu

pai estivesse sozinho. Ficou andando de um lado para o outro, cheia de ansiedade. Paciência era um dom que Cleo nunca tivera.

Assim que todos saíram, ela entrou correndo e encontrou o pai sentado à cabeceira de uma longa mesa de madeira polida, grande o suficiente para acomodar uma centena de homens. O bisavô de Cleo havia mandado fazê-la com a madeira das oliveiras que cresciam em frente aos muros do palácio. Havia uma grande e colorida tapeçaria pendurada na parede oposta, detalhando a história de Auranos. Quando criança, Cleo passava muitas horas olhando para ela com admiração, impressionada com o belo trabalho artístico. Na outra parede estava o brasão da família Bellos e um dos muitos mosaicos brilhantes que retratavam a deusa Cleiona, a quem Cleo devia seu nome.

— O que está acontecendo? — Cleo perguntou.

Seu pai levantou os olhos de uma pilha de pergaminhos e documentos. Ele estava vestido casualmente, com roupas de couro e uma túnica muito bem-feita. Sua barba castanha e bem tratada tinha fios grisalhos. Algumas pessoas diziam que os olhos de Cleo e de seu pai eram do mesmo verde-azulado intenso, enquanto sua irmã, Emilia, havia herdado os olhos castanhos da mãe. Tanto Emilia quanto Cleo, contudo, nasceram com os cabelos claros da mãe, incomuns em Auranos, onde as pessoas costumavam ter a pele mais escura devido ao sol. A rainha Elena era filha de um rico proprietário de terras nas colinas a leste de Auranos, até o rei Corvin conhecê-la e se apaixonar por ela em sua viagem de coroação, há mais de duas décadas. As tradições familiares diziam que os ancestrais de Elena haviam emigrado de terras além do Mar Prateado.

— Suas orelhas estavam queimando, filha? — ele perguntou. — Ou Emilia falou sobre os últimos acontecimentos?

— Que diferença isso faz? Diz respeito a mim, então eu já deveria estar sabendo de tudo. Conte-me!

Ele ficou olhando nos olhos dela, impassível diante de suas exigências. A natureza exaltada de sua filha mais nova não era novidade, e ele a aturava como sempre fizera. E por que não? Cleo nunca havia causado mais estardalhaço do que algumas palavras

fora de hora. Ela resmungava e vociferava, mas logo se esquecia daquilo que a incomodava e voltava sua atenção a outra coisa. O rei a havia comparado a um beija-flor voando de flor em flor, o que ela não tomou como um elogio.

— Sua viagem a Paelsia na semana passada virou questão de conflito, Cleo. Um conflito que receio estar aumentando.

Medo e culpa recaíram imediatamente sobre ela. Até o momento, ela nem havia se dado conta de que ele sabia. Exceto por desabafar com Emilia, ela não havia dito uma palavra sobre o assunto desde que pisara no navio no porto de Paelsia. Ela esperava tirar o assassinato do filho do vendedor de vinho da cabeça, mas não estava dando muito certo. Cleo revivia aquele momento toda noite quando fechava os olhos e pegava no sono. Além disso, o olhar sanguinário do irmão do rapaz — Jonas — ao ameaçar sua vida a assombrava.

— Peço desculpas. — As palavras ficaram presas em sua garganta. — Eu não queria que nada disso tivesse acontecido.

— Acredito em você. Mas parece que os problemas a seguem aonde quer que vá.

— O senhor vai me castigar?

— Não exatamente. No entanto, essas dificuldades recentes me fizeram decidir que você ficará aqui no palácio de hoje em diante. Não permitirei que pegue meu navio para suas explorações até segunda ordem.

Apesar do constrangimento em relação ao que acontecera em Paelsia, a simples ideia de ficar de castigo a deixou irritada.

— Não pode esperar que eu nunca saia, como se fosse uma prisioneira.

— O que aconteceu não é aceitável, Cleo.

Sua garganta ficou apertada.

— Não acha que me sinto péssima pelo que houve?

— Certamente sim. Mas isso não muda nada.

— Aquilo não devia ter acontecido.

— Mas aconteceu. Você nem deveria estar lá. Paelsia não é lugar para uma princesa. É muito perigoso.

— Mas Aron...

— Aron. — Os olhos de seu pai piscaram. — Foi ele quem matou o camponês, não foi?

Até mesmo Cleo havia se surpreendido com o comportamento violento de Aron no mercado. Mesmo não confiando no rapaz, ela ficou consternada por ele não ter demonstrado um pinga de culpa pelo que fizera.

— Foi ele — ela confirmou.

O rei ficou em silêncio por um longo instante enquanto Cleo prendia a respiração, temerosa do que ele diria em seguida.

— Graças à deusa ele estava lá para protegê-la — ele disse. — Nunca confiei nos paelianos e estimei a dissolução dos negócios entre nossas nações. Eles são um povo selvagem e imprevisível, partem rápido para a violência. Sempre admirei lorde Aron e sua família, e os acontecimentos recentes apenas confirmaram essa impressão. Estou muito orgulhoso dele, e com certeza o pai dele também está.

Cleo precisou morder a língua para não dizer nada que pudesse contrariar a opinião de seu pai.

— Ainda assim — o rei continuou —, não me agrada que essa lastimável contenda tenha acontecido no meio de uma multidão. Quando você sair deste palácio, quando sair deste reino, sempre deve se lembrar de que é uma representante de Auranos. Fui informado de que está efervescendo um dissabor em Paelsia. Eles não estão contentes conosco no momento, ainda menos do que de costume. Já têm inveja de nossos recursos, pois deixaram os seus se esvaír até quase acabarem. E, é claro, viram a morte de um dos seus — não importa como aconteceu — como uma afirmação da superioridade auraniana.

Cleo engoliu em seco.

— Uma... uma afirmação?

Ele acenou com desdém.

— Vai passar. Auranianos devem tomar muito cuidado ao viajar por Paelsia. Tanta pobreza e tanto desespero levam inevitavelmente a roubos, assaltos, ataques... — Ele contraiu o rosto. — É um lugar perigoso. E você nunca mais voltará lá, haja o que houver.

— Não que eu queira, acredite, mas... nunca?

— Nunca.

Superprotetor, como sempre. Cleo conteve-se para não discutir. Por mais que odiasse a ideia de Aron ganhar fama de herói por ter matado Tomas Agallon, ela sabia quando parar de falar e evitar se meter em mais problemas.

— Entendo — acabou dizendo.

Ele fez um sinal positivo com a cabeça e mexeu em uns papéis que estavam na sua frente. As palavras que se seguiram deixaram Cleo pasma.

— Decidi anunciar seu noivado oficial com lorde Aron logo mais. Ficará claro que ele matou o rapaz para proteger você, sua futura noiva.

Ela o encarou aterrorizada.

— O quê?

— Algum problema? — Havia algo no olhar do rei que contradizia seu comportamento casual daquela tarde. Algo contido nas entrelinhas. As palavras de protesto de Cleo morreram em seus lábios. Não era possível que seu pai tivesse descoberto seu segredo... ou era?

Ela forçou um sorriso.

— É claro, pai. Como quiser. — Ela encontraria um modo de mudar a cabeça dele quando as coisas se acalmassem, e quando tivesse certeza de que ele não sabia nada sobre aquela noite. Se algum dia ele descobrisse o que Cleo havia feito, ela sabia que não suportaria.

Ele acenou.

— Boa menina.

Ela se virou para a passagem em arco, esperando sair de uma vez.

— Mais uma coisa, Cleo.

Ela estacou e se virou lentamente.

— Pois não?

— Designarei um guarda pessoal em tempo integral para você. Um cuja função principal seja manter minha filha mais nova longe de futuros problemas.

Ela ficou ainda mais horrorizada.

— Mas não há problemas aqui em Auranos. Se eu prometer não voltar a Paelsia, que mal há?

— Tranquilidade para o seu pai, minha querida. E, não, isso não é negociável. Vou indicar Theon Ranus para a função. Estou esperando que ele venha até aqui para que eu possa informá-lo do novo cargo.

Theon. O guarda que a acompanhara a Paelsia. Por mais bonito que o tivesse achado, isso perdia importância frente à ideia de que ele ficaria a seu lado todas as horas do dia, aonde quer que ela fosse. Aquilo lhe tiraria a privacidade e o tempo para si mesma.

Ela olhou para o pai e viu uma pequena ponta de satisfação em seus olhos. Aquilo, ela percebera, era parte de sua punição por ter arrastado o nome de Auranos na lama e gerado tensão na relação entre as terras. Ela se obrigou a permanecer calma e curvou um pouco a cabeça.

— Como quiser, pai.

— Muito bem. Sabia que podia ser um pouco mais cordata, como sua irmã, se realmente tentasse.

Cleo tinha certeza de que Emilia havia aprendido, no decorrer dos anos, como morder a língua quando tinha que lidar com o pai a fim de se tornar a princesa perfeita. Cleo não era tão perfeita. Nem pretendia ser.

Estava claro para ela o que tinha que fazer. Assim que Theon se apresentasse para a nova função, ela o liberaria do trabalho. Ele poderia fazer o que quisesse e ela faria o mesmo. O rei, que normalmente só a via durante as refeições, nunca saberia.

Simples.

Seu futuro casamento com Aron era um problema maior. Depois do que havia acontecido em Paelsia, e do comportamento fútil e egoísta durante a viagem de volta, quando ele parecia apenas se preocupar com o fato de ter perdido sua valiosa adaga na garganta do filho do vendedor de vinho — e ainda ter ficado sem a bebida —, Cleo havia decidido que de jeito algum gostaria de se unir a ele outra vez, muito menos se *casar* com ele.

Não era negociável, de fato. Seu pai não podia obrigá-la a fazer aquilo.

Em que estava pensando? É claro que ele podia obrigá-la a se casar com alguém que não quisesse. Ele era o rei! Ninguém dizia não ao rei, nem mesmo uma princesa.

Ela saiu correndo da sala do conselho, atravessou o pátio, subiu um lance de escadas e percorreu o corredor até uma área aberta antes de soltar um pungente grito de frustração.

— Ai! Você não tem nenhuma consideração por meus tímpanos, tem, princesa?

Cleo se virou em choque, com o coração acelerado — ela pensou que estivesse sozinha. Soltou um suspiro de alívio ao ver quem era. E logo se desfez em lágrimas.

Nicolo Cassian encostou-se na parede de mármore liso, com os braços cruzados. A expressão de curiosidade em seu rosto fino desapareceu e suas sobranceiras se uniram.

— Ah, não. Não chore. Não sei lidar com lágrimas.

— Meu... meu pai é cruel e injusto — Ela soluçou, depois caiu nos braços do rapaz. Ele deu tapinhas leves em suas costas.

— O mais cruel de todos. Nunca existiu um pai mais cruel do que o rei Corvin. Se ele não fosse rei, e se eu não fosse seu escudeiro e tivesse que seguir todas as suas ordens, eu o derrubaria, só para você.

Nic era o irmão mais velho de Mira. Eles só tinham um ano de diferença — Nic tinha dezessete. Enquanto os cabelos de Mira eram escuros com mechas ruivas queimadas de sol e sua figura era calorosamente voluptuosa, os cabelos de Nic eram incomuns para Auranos: ruivo puro, da cor de uma cenoura, arrepiados em todas as direções. Ele tinha uma cara de bobo, angulosa, com o nariz levemente torto para a esquerda. E sua pele era coberta de sardas, cada vez mais intensas pelo tempo que passava no sol. Cleo podia envolver a cintura dele facilmente com os braços enquanto enterrava a cabeça em seu peito e molhava sua túnica de lã com lágrimas.

Nic e Mira eram filhos de Sir Rogerus Cassian, amigo íntimo do rei, falecido havia sete anos, junto com a esposa, em um acidente de barco. O rei havia dado posições oficiais aos órfãos, permitindo que vivessem no castelo e fizessem as refeições ao lado dele, de

Cleo e de Emilia, e que fossem educados pelos tutores do palácio. Mira era dama de companhia de Emilia e Nic havia se provado um escudeiro muito útil ao rei — posto invejado por muitos.

Se Mira era a melhor amiga de Cleo, Nic era seu melhor amigo. Ela se sentia mais confortável na companhia dele do que de qualquer outra pessoa, exceto de sua irmã. E essa não era a primeira vez, e ela nem achava que seria a última, que chorava nos ombros dele.

— Meu reino por um lenço — ele murmurou. — Está tudo bem, Cleo. O que aconteceu?

— Meu pai pretende anunciar meu noivado com Aron em breve.
— Ela ficou esbaforida. — Oficialmente!

Ele fez cara feia.

— Agora entendi por que está tão chateada. Um noivado com um belo lorde. Como isso deve ser terrível para você.

Ela bateu no ombro do amigo e tentou não rir em meio às lágrimas.

— Pare com isso. Você sabe que eu não quero me casar com ele.

— Eu sei. Mas noivado não é a mesma coisa que casamento.

— Por enquanto.

Nic deu de ombros.

— Acho que tenho uma solução simples para você, já que está tão chateada com isso.

Cleo olhou para ele, ansiosa.

— O que é?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Diga a seu pai que está perdidamente apaixonada por mim e que se recusa a casar com outro. E se ele causar problema, ameace fugir comigo.

O plano arrancou um sorriso dela, que o abraçou outra vez.

— Ah, Nic. Eu devia saber que você conseguiria me animar.

— Isso é um sim?

Cleo olhou para o rosto familiar de Nic com um sorriso.

— Deixe de ser bobo. Como se você fosse me querer. Somos muito amigos para considerar algo mais.

Ele levantou os ombros ossudos.

— Não pode me culpar por tentar.

Cleo soltou um suspiro trêmulo.

— Além disso, meu pai ficaria furioso com a mera insinuação disso. Você não é bem um membro da realeza.

— Estou longe de ser, na verdade. — Ele deu um sorriso torto. — E com muito orgulho. Vocês da realeza são pessoas muito enfadonhas. Mira, no entanto, sempre quis ter nascido nobre.

— Sua irmã dá trabalho.

— É melhor garantirmos que ela se case com um homem que goste muito de trabalhar, para saber lidar com ela.

— E essa pessoa existe?

— Sinceramente, eu duvido.

Cleo ouviu passos pesados sobre o piso de mármore vindo na direção deles.

— Aí está, vossa alteza. — Era Theon, vestindo seu uniforme azul-escuro e com a expressão austera. — O rei me mandou procurá-la.

Ela soltou um longo e trêmulo suspiro. “Lá vamos nós”, pensou.

Nic alternou o olhar entre os dois.

— Algum problema?

— Este é Theon Ranus — ela apresentou. Havia uma tensão no rosto de Theon, mas nada que se comparasse à arrogância que Cleo havia visto naquele dia em Paelsia. — Theon, você não parece muito feliz. Meu pai lhe pediu que fizesse algo com que você não está de acordo?

Os olhos escuros do guarda continuaram fixos à frente.

— Eu obedeco a qualquer ordem do rei.

— Entendo. E o que ele quis de você desta vez? — ela indagou intencionalmente.

Theon retesou o maxilar.

— Ele me designou como seu guarda pessoal.

— Hum. E o que você acha disso?

— Eu fiquei... honrado. — Ele cerrou os dentes.

— Guarda pessoal? — Nic ergueu as sobrancelhas. — Por que você precisaria de um guarda pessoal?

— Meu pai acha que eu ficarei longe de problemas se tiver um guarda em tempo integral para me proteger. Ele quer impedir que eu me divirta.

— O irmão do camponês fez uma ameaça de morte — apontou Theon.

O estômago de Cleo se contraiu com a lembrança, mas ela abanou a mão.

— Não estou com medo dele agora que voltei para cá. Ele nunca passaria pelos muros do palácio.

— Bem, isso é cômico — Nic disse. — Um guarda pessoal. Mesmo dentro do palácio.

— É ridículo e desnecessário — Cleo exclamou. — Além disso, Theon me disse que seu objetivo de carreira é se tornar guarda pessoal de meu pai. E em vez disso foi designado para cuidar de mim. Deve ser muito decepcionante para alguém com tal ambição, não acha?

— Profundamente decepcionante — Nic confirmou, olhando para Theon.

Theon ficou tenso, mas não disse nada.

Cleo continuou.

— Ele terá que tomar conta de mim quando eu estiver relaxando no sol, quando estiver ajustando um vestido, quando estiver na aula de artes, quando uma criada estiver trançando meus cabelos... Tenho certeza de que achará tudo isso fascinante.

— Se ele prestar atenção, talvez possa ajudar a trançar — Nic acrescentou, divertido.

Parecia que cada palavra perfurava Theon como uma facada nas costas. Cleo havia imaginado que ele não ficaria feliz com aquele trabalho; ela estava certa.

— Parece divertido para você, Theon? — ela provocou. — Ter que me acompanhar em meus passeios e minhas pequenas aventuras... pelo resto da vida?

Theon olhou nos olhos da garota e ela parou imediatamente. Cleo esperava aversão, mas havia algo mais ali. Algo mais obscuro, e ainda assim um tanto intrigante.

— Se é o desejo do rei, eu obedeço — ele disse, sem se abalar.

— Você vai *me* obedecer?

— Dentro de limites razoáveis.

— O que isso significa? — Nic perguntou.

Seus olhos escuros se voltaram para o garoto ruivo.

— Significa que se a princesa se meter em uma situação perigosa, eu vou interferir sem pensar duas vezes. Não presenciarei outro incidente como o da semana passada. Aquele assassinato podia ter sido evitado se tivesse me dado a chance de impedir.

A culpa havia ocupado um lugar permanente dentro de Cleo, escondendo-se no fundo de seu coração. Ela parou com as provocações.

— Aron nunca deveria ter matado aquele garoto.

Theon olhou severamente para ela.

— Bom saber que concordamos em alguma coisa.

Cleo não desviou os olhos daquele olhar intenso, desejando que não tivesse achado aquele guarda, apesar de inconveniente, tão fascinante. Mas os olhos dele, aquele olhar instigante...

Ela gostava muito daquilo.

Nenhum guarda jamais havia olhado para ela com tanta ousadia. Na verdade, ninguém nunca havia olhado para ela daquele jeito. Irado, brutal e extremamente hostil... mas havia algo mais ali. Como se Cleo fosse a única garota do mundo inteiro e agora ele possuísse uma parte dela. Ele a fazia perder o fôlego e ficar com o peito apertado. Theon tinha um poder avassalador sobre todos os seus sentidos.

— Ai, ai. — A voz de Nic atravessou os pensamentos dela. — Querem que eu deixe os dois sozinhos para continuarem a se encarar o dia todo?

O calor subiu às faces de Cleo e ela desviou os olhos de Theon.

— Não seja ridículo.

Nic riu, mas não foi um riso divertido como o de antes. Foi muito mais seco e menos agradável. Ele se aproximou e sussurrou de forma que Theon não pudesse ouvir:

— Só tenha uma coisa em mente quando embarcar nesse esquema com seu novo guarda...

Cleo olhou para o amigo.

— O que é?

Nic não desviou o olhar.

— Ele também não faz parte da realeza.

PAELSIA



Jonas havia limpado a lâmina da adaga duas vezes, mas era como se ainda pudesse ver o sangue do irmão nela. Enfiou-a na bainha de couro em sua cintura e inspecionou a fronteira entre Paelsia e Auranos. Estava sendo monitorada, é claro. Guardas foram designados para vigiá-la do Mar Prateado, a oeste, e do outro lado das Montanhas Proibidas, a leste. Guardas escondidos, já que não podiam ser vistos com facilidade — a menos que se procurasse bem.

Jonas sabia. Ele havia aprendido com o melhor de todos: Tomas. Ele havia se aproximado daquela área perigosa pela primeira vez quando tinha apenas dez anos; seu irmão tinha catorze. Tomas tinha um segredo que nunca havia compartilhado com ninguém até decidir contar a seu irmão mais novo. Ele caçava nas terras dos vizinhos. Era um crime com sentença de morte imediata se fossem pegos, mas ele achava que valia a pena para manter sua família saudável e viva. Jonas concordava.

Paelsia já havia sido uma terra de jardins, florestas viçosas e centenas de rios repletos de peixes. Uma terra abundante em animais para a caça. A situação começara a mudar havia três gerações. Lentamente, das montanhas cobertas de neve a leste até chegar ao oceano, a oeste, Paelsia se tornou menos fértil, menos

capaz de nutrir vida, resultando em grama seca, rochas cinzentas e morte. Uma desolação. Mais perto do mar a situação era melhor, mas no momento apenas um quarto da terra era capaz de nutrir vida como antes.

Contudo, graças a Auranos, o que restara de solo fértil agora era utilizado para plantar vinhas, de modo que os paelianos pudessem vender vinho barato a seus vizinhos do sul e beber até se entorpecer em vez de plantar verduras e legumes para alimentar aqueles que viviam ali. Para Jonas, o vinho se tornou um símbolo da opressão dos paelianos. Um símbolo da estupidez dos paelianos. E em vez de recusar tudo aquilo e procurar uma solução, eles viviam dia após dia com um sentimento desgastado de aceitação.

Muitos acreditavam que seu líder, o chefe Basilius, mais cedo ou mais tarde recorreria à magia para salvá-los. Seus súditos mais devotos acreditavam que ele era um feiticeiro e o adoravam como a um deus, ligado ao mundo físico por carne e sangue. Ele cobrava três quartos dos lucros com o vinho como imposto. Seu povo entregava de bom grado, apegado à crença de que ele logo evocaria sua magia para salvar a todos.

“Ingênuos”, pensava Jonas, furioso. “Imperdoavelmente ingênuos.”

Tomas, por sua vez, não acreditava nessas bobagens de magia. Embora respeitasse a posição do chefe como líder, ele acreditava apenas nos fatos sólidos da vida. Não tinha problema algum em caçar de vez em quando no território de Auranos. Ele poderia caçar em Limeros também, mas os terrenos rochosos e inférteis e as temperaturas geladas que seus vizinhos do norte tinham a oferecer não eram tão propícios para a vida selvagem quanto o clima temperado e os vales viçosos de Auranos.

Jonas ficara surpreso da primeira vez que Tomas atravessara com ele a fronteira para Auranos. Um cariacu apareceu na frente deles e apresentou a garganta à lâmina dos garotos, como se lhes desse as boas-vindas àquele reino próspero. Quando eles desapareciam por uma semana e voltavam carregados de comida, o pai, que nunca fazia perguntas, deduzia que tivessem encontrado um lugar secreto para caçar em Paelsia, e eles nunca o contradisseram. Embora para

o velho fosse melhor que eles trabalhassem muitas horas nos vinhedos, ele concordava com aquelas viagens frequentes sem questionar.

Se ele tivesse descoberto a verdade, ficaria furioso por seus filhos estarem arriscando a vida. Os irmãos quase foram pegos várias vezes, escapando apenas pela ligeireza de seus pés. Tudo por tentar alimentar sua família. Para isso, eram obrigados a arriscar o próprio pescoço em uma terra que poderia muito bem compartilhar tudo o que possuía e nunca notar a diferença.

— Um dia — Tomas havia dito ao irmão quando estavam exatamente naquele lugar, pouco antes de cruzar a fronteira —, eu e você vamos começar uma revolução. Vamos permitir que qualquer um cruze essa fronteira sem acabar com uma flecha enfiada nas costas. E todos em Paelsia vivenciarão a beleza e a abundância de que os auranianos desfrutam todos os dias. Vamos pegar tudo para nós.

Os olhos de Jonas ardiam só de lembrar. A dor se agarrou em sua garganta; uma dor que não o havia abandonado desde o assassinato.

“Queria que você estivesse aqui agora, Tomas. Queria tanto. Começaríamos essa sua revolução hoje”, pensou Jonas.

Sua mão encostou no punho da faca usada por lorde Aron para perfurar a garganta de seu irmão. Tudo enquanto uma bela princesa se divertia assistindo à cena.

Aquela princesa havia se tornado a obsessão de Jonas — o símbolo perfeito da própria Auranos. Friamente linda, gananciosa e má até o último fio de cabelo. O ódio que nutria por ela aumentava a cada dia que passava. Ela já devia ter esquecido o que acontecera agora que estava de volta a seu palácio dourado, sem preocupações em seu mundo perfeito. *Desgraçada*. Depois de acabar com lorde Aron, Jonas pretendia usar a mesma lâmina para matá-la com calma.

— Foi o destino — seu pai disse quando as chamas do funeral de Tomas iluminaram o céu escuro.

— Não foi — Jonas disse entredentes.

— Não há outro modo de ver isso. De suportar. Era o destino dele.

— Um crime foi cometido, pai. Um assassinato pelas mãos dos mesmos nobres para quem o senhor venderia o seu vinho em um piscar de olhos. E ninguém vai pagar por isso. Tomas morreu em vão e o senhor só consegue falar em destino?

Com a triste imagem do corpo abatido de seu irmão marcada para sempre na memória, Jonas se afastou da multidão que havia se reunido para o funeral. Ele olhou nos olhos brilhantes de sua irmã ao passar por ela.

— Você sabe o que precisa fazer — Felicia sussurrou de maneira impetuosa. — Vingue a morte dele.

Então ali estava ele, pronto para entrar em Auranos. Um predador prestes a caçar um novo tipo de presa. E ele tinha uma tranquila certeza de que não regressaria de sua missão pessoal. Morreria no processo — satisfeito, dando a vida para vingar o assassinato do irmão.

— Você parece muito sério — disse uma voz que falou com ele das sombras.

Cada músculo de seu corpo ficou tenso. Ele se virou para a direita, mas antes de ter tempo de pegar a arma, tomou um soco no estômago. Cambaleou para trás, sem ar. Um corpo se chocou contra o dele e o derrubou no chão.

Uma lâmina afiada encostou em sua garganta antes que Jonas pudesse reunir energia para se levantar. Seu fôlego ficou curto e ele olhou para cima, para um par de olhos escuros.

Uma boca estava torcida, divertindo-se.

— Morto. Simples assim. Está vendo como seria fácil?

— Saia de cima de mim — Jonas disse entredentes.

A lâmina se afastou de sua garganta. Ele empurrou a figura que estava sobre ele, e seu opositor se deslocou para trás rindo muito.

— Idiota. Achou que poderia desaparecer e ninguém notaria sua ausência?

Jonas olhou feio para seu melhor amigo. Brion Radenos.

— Eu não convidei você para vir junto.

Brion passou a mão pelos cabelos pretos e desgrenhados. Ele mostrou os dentes brancos.

— Tomei a liberdade de segui-lo. Você deixa muitos rastros. Foi fácil.

— Estou surpreso por não ter notado. — Jonas limpou a camisa, agora rasgada e mais suja do que antes. — Você fede como um porco.

— Você nunca foi bom em insultar as pessoas, então vou tomar isso como um elogio. — Brion cheirou o ar. — Seu perfume também não é o da flor mais fresca do vale. Qualquer guarda de fronteira conseguiria sentir o seu cheiro quando chegasse a quinze metros de você.

Jonas olhou para ele com raiva.

— Você não tem nada a ver com isso, Brion.

— Meu amigo fugindo para ser massacrado é problema meu.

— Não, não é.

— Pode ficar discutindo comigo o dia e a noite inteiros, se isso o impedir de entrar nesse reino.

— Não seria a primeira vez que entro nesse reino.

— Mas seria a última. Acha que não sei o que você pretende fazer? — Ele sacudiu a cabeça em negativa. — Vou falar de novo: idiota.

— Eu não sou idiota.

— Quer entrar no palácio auraniano e matar dois nobres. Para mim, é o plano de um idiota.

— Os dois merecem morrer — ele esbravejou.

— Não desse jeito.

— Você não estava lá. Não viu o que aconteceu com Tomas.

— Não, mas ouvi muitas histórias. Vi o seu sofrimento. — Brion respirou lentamente, analisando o amigo. — Eu sei no que está pensando, Jonas. Sei como se sente. Perdi meu irmão também, lembra?

— Seu irmão escorregou de um penhasco quando estava bêbado e morreu. Não chega nem perto de ser a mesma coisa.

Brion hesitou ao se lembrar do que acontecera com seu irmão, e Jonas teve a decência de perceber que fora rude o bastante para trazer à tona um assunto tão sensível.

— A perda de um irmão é algo doloroso, não importa como ele encontrou seu fim — disse Brion depois de um tempo. — Assim como a perda de um amigo.

— Não posso deixar por isso mesmo, Brion. Nada disso. Não consigo ficar em paz. — Jonas olhou para o campo aberto depois da linha estreita de floresta que separava as duas terras. A pé, o palácio ainda estava a um dia inteiro de viagem dali. Ele era um excelente alpinista. Pretendia escalar as muralhas do palácio. Jonas nunca tinha visto o palácio, mas havia escutado muitas histórias sobre ele. Durante a última guerra entre as terras, há quase um século, o rei auraniano da época construíra uma muralha de mármore cintilante ao redor de todo o terreno real, que continha o castelo e as quintas de cidadãos importantes de Auranos. Alguns diziam que mais de dois quilômetros quadrados eram cercados por aqueles muros — uma cidade dentro de si mesma. Parte de uma muralha tão grande estaria desprotegida, pois há tempos não havia ameaça real com a qual os auranianos devessem se preocupar.

— Acha que vai conseguir matar o lorde? — perguntou Brion.

— Com facilidade.

— E a princesa também? Acha que cortar a garganta de uma menina vai ser assim tão fácil para você?

Jonas olhou nos olhos do amigo.

— Ela é um exemplo da escória abastada que ri de nós e esfrega nosso nariz em nossa pobreza e terras arruinadas. O assassinato dela seria uma mensagem ao rei Corvin dizendo que isso é inaceitável. Tomas sempre quis uma revolução entre os reinos. Talvez isso sirva.

Brion fez um gesto negativo.

— Você pode ser um caçador, mas não é um assassino, Jonas.

Ele se virou de costas para Brion quando seus olhos começaram a arder. Não se permitiria chorar na frente do amigo. Nunca mais demonstraria uma fraqueza como aquela a ninguém. Aquilo já seria uma derrota.

— Algo precisa ser feito.

— Concordo. Mas tem outro jeito. Você precisa pensar com a cabeça, não apenas com o coração.

Jonas deixou escapar uma bufada de desdém.

— Acha que estou usando o coração neste momento?

Brion revirou os olhos.

— Sim. E caso haja alguma dúvida, seu coração é um idiota assim como todo o resto. Tomas gostaria que você corresse para Auranos e enfiasse adagas em membros da realeza mesmo se ele fosse um projeto de revolucionário?

— Talvez.

Brion inclinou a cabeça.

— Sêrio?

Jonas franziu a testa e a imagem de seu irmão piscou em sua mente.

— Não — admitiu —, ele não gostaria. Diria que eu estaria agindo como um suicida imbecil.

— Não é muito melhor do que se embriagar para esquecer as desgraças e cair de um penhasco, não é?

Jonas soltou um longo e trêmulo suspiro.

— Ele foi tão arrogante. *Lorde Aron Lagaris*. Disse seu nome como se devêssemos nos ajoelhar diante dele, como camponeses insignificantes que somos, e beijar seu anel.

— Não estou dizendo que o cretino não deva pagar com sangue. Apenas que não seja com o *seu* sangue. — Um músculo do rosto de Brion tremeu quando ele disse aquilo.

Embora estivesse sendo muito sensato, exceto pelo ataque de um minuto antes, Brion não era exatamente o amigo mais sábio de Jonas, nem aquele de quem se esperava ouvir conselhos. Era o primeiro a entrar em uma briga que deixava pelo menos um osso quebrado — seu ou de seu oponente. Uma cicatriz dividia ao meio sua sobrancelha direita, leve lembrança de uma dessas batalhas. Diferente da maioria de seus compatriotas, Brion não era de abaixar a cabeça e aceitar um “destino” de opressão e fome.

— Você se lembra do plano de Tomas? — perguntou Jonas depois que o silêncio caiu entre eles.

— Qual? Ele tinha muitos planos.

Aquilo fez Jonas sorrir por um instante.

— Tinha mesmo. Mas um deles era marcar uma audiência com o chefe Basilius.

Brion ergueu as sobrancelhas.

— Está falando sério? Ninguém vai falar com o chefe. É o chefe que vai falar com a pessoa.

— Eu sei.

O chefe Basilius estava recluso havia vários anos, e era visto apenas por sua família e seu círculo mais íntimo de conselheiros e guardas pessoais. Alguns diziam que ele passava seus dias em uma jornada espiritual para encontrar a Tétrade — os quatro objetos lendários detentores de uma magia infinita, perdidos havia milhares de anos. Diziam que possuir os quatro resultaria no poder supremo.

Jonas, no entanto, como Tomas, reservava sua crença a respostas mais práticas. Pensando em Tomas naquele momento, ele tomou uma decisão e mudou de planos.

— Preciso falar com ele — Jonas murmurou. — Preciso fazer o que Tomas queria fazer. As coisas precisam mudar.

Brion olhou para o amigo, surpreso.

— Quer dizer que em dois minutos você passou da vingança obstinada à ideia de marcar uma possível audiência com o chefe.

— Pode-se dizer que sim. — Matar os nobres, Jonas reconheceu, seria um momento glorioso de vingança, um arroubo de glória. Mas não ajudaria o seu povo a traçar um novo curso para um futuro melhor. E *isso* era o que Tomas desejava acima de tudo.

Jonas não acreditava que Basilius fosse um feiticeiro, mas não tinha dúvidas de que o chefe era poderoso e influente o bastante para ajudar o povo de Paelsia a seguir em uma nova direção, afastando-se da pobreza e do desespero cada vez maiores que os assolavam nos últimos anos. Se ele estivesse disposto a isso.

Como vivia longe da comunidade, talvez o chefe não estivesse ciente do quão terrível a situação de Paelsia havia se tornado. Ele precisava saber a verdade por alguém que não tivesse medo de dizê-la.

— De repente, você parece muito determinado — Brion disse, incomodado. — Devo ficar nervoso com isso?

Jonas agarrou o braço do amigo e conseguiu dar o primeiro sorriso verdadeiro desde a morte de Tomas.

— Estou determinado. As coisas vão mudar, meu amigo.

— Agora?

— Sim, agora mesmo. Tem momento melhor?

— Então não vai mais invadir o palácio e enfiar adagas nos nobres?

— Hoje não. — Jonas praticamente podia ver Tomas no canto de sua mente, rindo para o irmão mais novo e suas prioridades sempre oscilantes. Mas aquilo parecia certo. Parecia mais certo do que qualquer outra coisa em toda a sua vida. — Você vem comigo encontrar o chefe Basilius?

— E perder a chance de testemunhar a ordem dele para que sua cabeça seja espetada em uma lança por tentar incitar uma revolução em nome de seu irmão? — Brion riu. — Nem por todo o ouro de Auranos.

AURANOS



Tomas estendeu a mão a Cleo como se implorasse a ajuda dela. Tentou falar, mas não conseguiu — a lâmina estava alojada em sua garganta. Ele nunca mais diria uma palavra. O sangue que jorrava da boca acumulava-se à sua volta e formava um lago escarlate sem fundo.

Cleo estava se afogando em sangue. Ele a inundava, cobrindo sua pele, fazendo-a engasgar.

— Por favor, socorro! Socorro! — Ela lutava para chegar ao ar frio da superfície, acima do sangue espesso e quente.

Uma mão agarrou a dela com força e a puxou para cima.

— Obrigada!

— Não me agradeça, princesa. Implore para que eu não a mate.

Os olhos dela se arregalaram ao olhar para o rosto do irmão do rapaz assassinado. Os traços de Jonas Agallon estavam marcados pelo sofrimento e pelo ódio. As sobrancelhas escuras se juntaram sobre os olhos cor de mogno.

— Implore — ele repetiu, afundando os dedos dolorosamente em sua carne, com força suficiente para machucá-la.

— Por favor, não me mate! Eu... eu sinto muito. Eu não queria que seu irmão morresse. Por favor, não me machuque!

— Mas eu quero machucar você. Quero que sofra por tudo o que fez.

Ele a empurrou de volta para baixo. Cleo estremeceu quando o próprio rapaz assassinado agarrou seu tornozelo e começou a puxá-la cada vez mais para o fundo daquele oceano de morte.

Cleo se sentou na cama gritando. Estava enrolada nos lençóis de seda, com o corpo molhado de suor e o coração pulsando nos ouvidos. Olhava desesperada para o quarto.

Estava sozinha. Estava apenas sonhando.

O mesmo pesadelo a atormentava todas as noites havia um mês. Desde o assassinato de Tomas Agallon. Tão intenso e tão real, embora não passasse de um sonho alimentado por uma culpa infinita. Ela soltou um longo e trêmulo suspiro e caiu novamente sobre os travesseiros de seda.

— Isso é loucura — sussurrou. — Está feito. Acabou. Não há como mudar nada.

Se houvesse alguma possibilidade de mudar o acontecido, ela teria dito para Theon intervir e impedir a negociação de Aron. Sua dissimulação. Sua arrogância. Teria dado um fim naquilo antes que acabasse daquele modo terrível, fatal.

Ela estava evitando Aron desde que haviam voltado a Auranos. Se ele aparecia em alguma reunião social, ela saía. Se ele se aproximasse para conversar, ela direcionava sua atenção a outro grupo de amigos. Ele ainda não havia reclamado, mas ela sabia que era apenas uma questão de tempo.

Aron gostava de ser incluído no círculo de amizades da princesa sempre que possível. E se ele ameaçasse expor seu segredo devido a qualquer mínima desfeita...

Ela apertou os olhos e tentou não entrar em pânico com a possibilidade.

Depois de um mês inteiro evitando, Cleo sabia que precisava falar com Aron. Ela desejava descobrir se ele também tinha pesadelos com o que havia acontecido. Se sentia a mesma culpa. Se ela ia ficar noiva daquele garoto por insistência de seu pai, precisava saber se ele não era um monstro capaz de matar alguém a sangue-frio sem se importar com a dor que havia causado.

Se Aron estivesse atormentado pela culpa, aquilo poderia mudar as coisas para ela. Talvez ele, como ela, estivesse aflito por suas ações, e tentasse esconder seus verdadeiros sentimentos do mundo. Eles teriam alguma coisa em comum — o que seria um começo, pelo menos. Ela decidiu falar com ele em particular o quanto antes.

Ainda assim, passou o resto da noite se revirando na cama.

De manhã, Cleo se levantou, se vestiu e tomou café da manhã com frutas, queijo e pão levados ao quarto por uma criada do palácio. Depois respirou fundo e abriu a porta.

— Bom dia, princesa — disse Theon. Pela manhã ele costumava esperar no fim do corredor, pronto para seus deveres de guarda pessoal — que incluíam vigiar a princesa durante o dia todo a uma distância que pudesse ser notada por sua visão periférica.

— Bom dia — ela respondeu da forma mais casual possível.

Ela precisava despistar sua sombra se quisesse falar com Aron em particular. Felizmente, sabia que não era impossível. Desde que Theon assumira seu novo cargo, ela o havia testado algumas vezes para ver se conseguiria se esconder dele. Havia se tornado um pequeno jogo que ela ganhava com frequência. Theon, no entanto, não achava graça naquilo.

— Preciso falar com minha irmã — ela disse, com firmeza.

Theon assentiu.

— Pois não. Não sou eu que vou impedir.

Ela seguiu pelo corredor, surpresa quando virou e viu Mira andando em sua direção. Sua amiga parecia chateada e distraída. O sorriso imediato que sempre se desenhava no rosto redondo e belo de Mira ao ver a princesa não apareceu.

— O que aconteceu? — perguntou Cleo, pegando no braço da amiga.

— Não deve ser nada, mas vou chamar um curandeiro para ver Emilia.

Cleo franziu a testa.

— Ela ainda está doente?

— Suas dores de cabeça e tonturas parecem piorar a cada dia. Ela insiste que só precisa dormir um pouco mais, mas eu acho que

é melhor alguém dar uma olhada nela.

A preocupação tomou conta de Cleo.

— É claro. Obrigada, Mira.

Mira fez um gesto com a cabeça e, olhando para Theon parado perto delas, continuou andando.

— Minha irmã — Cleo disse baixinho — nunca aceita ajuda, a menos que seja obrigada. O dever acima de tudo. Exatamente como uma princesa deve ser. Meu pai ficaria tão orgulhoso.

— Ela parece muito corajosa — respondeu Theon.

— Talvez. Mas dizem que eu sou a teimosa. Se eu sentisse tonturas o tempo todo, pediria dezenas de curandeiros ao redor de minha cama para me fazer sarar. — Ela fez uma pausa na porta dos aposentos de Emilia. — Por favor, deixe-me falar em particular com minha irmã.

— É claro. Vou esperar bem aqui.

Ela entrou no quarto de Emilia e fechou a porta. Sua irmã estava no terraço, observando o jardim. O sol batia nas protuberantes maçãs do rosto da garota e captava brilhos dourados em seu cabelo, alguns tons mais escuro do que o de Cleo, já que Emilia não era muito dada a passar tanto tempo ao ar livre. Ela olhou para trás.

— Bom dia, Cleo.

— Ouvi dizer que você não está bem.

Emilia suspirou, mas um sorriso se esboçou em seus lábios.

— Garanto que estou bem.

— Mira está preocupada.

— Mira sempre está preocupada.

— Pode ser que você tenha razão. — Mira tendia a exagerar as coisas, lembrou Cleo, como da vez em que insistira que havia uma víbora em seu quarto e, no fim das contas, não passava de uma inofensiva cobra de jardim. Cleo relaxou um pouco. Além disso, Emilia *parecia* estar perfeitamente saudável.

Emilia analisou o rosto da irmã.

— Você está com uma expressão conspirativa hoje. Pretende fazer alguma coisa que não deve?

Cleo não conteve o riso.

— Talvez um pouco.

— O quê?

— Fugir — ela olhou pela janela. — Usando sua grade, como costumávamos fazer.

— Ah, é? Posso perguntar o motivo? — Emilia não pareceu nem um pouco surpresa com a confissão. Ela mesma havia ensinado Cleo a descer para o jardim quando eram bem pequenas, antes de Emilia começar a se transformar numa princesa equilibrada e perfeita. Quando não se importava em se sujar, nem em esfolar os joelhos com a irmã mais nova. Agora Cleo era a única que consideraria tal façanha. Uma futura rainha como Emilia nunca faria coisas perigosas assim, arriscando se ferir.

— Preciso me encontrar com Aron. A sós.

Emilia levantou uma sobrancelha, expressando reprovação.

— Nosso pai ainda nem anunciou o noivado e você já está escapulindo para algum tipo de romance ilícito antes do compromisso se tornar oficial?

O estômago de Cleo revirou.

— Não é por isso que quero me encontrar com ele.

— Ele será um bom marido, você sabe.

— É claro que sim — Cleo disse, transbordando sarcasmo. — Assim como Darius seria um bom marido para você.

O olhar de Emilia ficou hostil.

— Que língua afiada, Cleo. Você precisa prestar atenção para onde a aponta ou pode acabar machucando alguém.

Cleo corou, envergonhada. Ela havia pisado em um território extremamente desagradável. Lorde Darius Larides era o homem de quem Emilia havia se tornado noiva no ano anterior, aos dezoito anos de idade. No entanto, quanto mais perto chegavam da data do casamento, mais Emilia afundava em depressão só de pensar em se casar com ele — mesmo todos concordando que se tratava de um bom partido: alto, bonito, carismático. Ninguém sabia o porquê, mas Cleo achava que sua irmã tinha se apaixonado por outra pessoa. Contudo, se era verdade, ela nunca descobriu por quem. Emilia nunca havia flertado com os homens do palácio, e parecia um tanto triste nas últimas semanas. Constrangida, Cleo mudou de assunto.

— Preciso ir enquanto posso — Cleo sussurrou, olhando para o terraço. A grade do lado de fora era tão boa e forte quanto uma escada.

— Está tão decidida a fugir de seu novo guarda? E deixá-lo, suponho, espreitando do lado de fora de meus aposentos?

Cleo sorriu de maneira suplicante.

— Volto o mais rápido que puder. Ele nunca vai saber que eu saí.

— E o que sugere que eu diga se ele quiser conferir se está tudo bem?

— Que eu descobri de repente que tenho a magia do ar, ou algo do tipo, e me fiz desaparecer. — Ela apertou as mãos da irmã ao passar por ela na janela, decidida a prosseguir com seu plano. Ficaria fora por menos de quinze minutos, depois voltaria.

— Você sempre teve uma queda por aventuras — Emilia disse, compassiva. — Bem, seja por romance ou não... boa sorte.

— Obrigada. Posso precisar.

Cleo passou as pernas pela lateral do terraço e desceu com facilidade pela grade, caindo suavemente sobre a grama. Sem olhar para cima, ela logo seguiu pelos jardins do palácio, passando pelo castelo principal e pela região de quintas luxuosas, ainda dentro da muralha do castelo. Apenas os nobres mais importantes podiam viver ali, protegidos de qualquer ameaça externa.

As dependências do palácio eram quase uma cidade, com cafés a céu aberto e tavernas, estabelecimentos comerciais, ruas de pedras e jardins floridos muito bem cuidados, um deles com um amplo labirinto de cercas vivas onde Cleo e Emilia já haviam dado uma festa. Mais de duas mil pessoas viviam ali com felicidade e prosperidade, e pouquíssimas se davam ao trabalho de sair do complexo.

A quinta dos Lagaris era uma das residências mais impressionantes, a apenas cinco minutos de caminhada do castelo, construída com os mesmos materiais dourados do próprio palácio. Aron estava do lado de fora, fumando uma cigarrilha. Ele observou a aproximação de Cleo com um sorriso preguiçoso no belo rosto.

— Princesa Cleiona — disse lentamente, exalando uma longa linha de fumaça. — Que surpresa agradável.

Ela olhou para a cigarrilha com nojo. Nunca entendeu o interesse que algumas pessoas tinham em sugar fumaça ardente de folhas de pessegueiro e outras ervas amassadas e depois soltar. Diferente do vinho, cigarrilhas eram asquerosas; o cheiro não tinha semelhança alguma com o perfume dos pêssegos.

— Quero falar com você — ela afirmou.

— Só estava aqui sentado vendo a manhã passar, pensando que estava muito entediado a ponto de ter que fazer algo a respeito. — Havia uma moleza conhecida em suas palavras, mas não muito pronunciada. Muitos não notariam, mas Cleo sabia muito bem que era um sinal de que Aron já tinha começado a beber. Não era nem meio-dia.

— E o que você pretendia fazer? — ela perguntou.

— Ainda não tinha decidido. — Seu sorriso se ampliou. — Mas agora não é mais necessário. Você está aqui.

— E isso é bom?

— É claro. É sempre um prazer vê-la. — Ele olhou para a saia de seda azul-clara de Cleo, amassada e suja por ter descido do quarto de Emilia. — Ficou dando cambalhotas em canteiros de flores no caminho para cá?

Ela limpou a mancha rapidamente.

— Mais ou menos isso.

— Estou honrado por ter feito esse esforço. Poderia ter mandado um recado para eu encontrá-la.

— Queria falar com você em particular.

Aron olhou para ela com curiosidade.

— Você quer falar sobre o que aconteceu em Paelsia, não é?

Cleo se sentiu empalidecer.

— Vamos entrar, Aron. Não quero que ninguém nos ouça.

— Como quiser.

Aron empurrou a porta pesada e deixou a princesa entrar no vestíbulo, um espaço com teto alto e convexo e piso de mármore instalado na forma de raios de sol. Na parede havia um grande retrato de Aron quando era um garoto novo de pele branca, junto de seus belos pais. Ele ficou perto da porta, mantendo-a um pouco aberta para dissipar o cheiro da fumaça. Seus pais não aprovavam

que ele fumasse dentro de casa. Aron podia ser arrogante e cheio de si, mas ainda tinha dezessete anos e devia obedecer as regras dos pais até seu próximo aniversário — a menos que quisesse sair de casa antes da hora. E Cleo não tinha dúvidas de que ele não queria aquele tipo de responsabilidade, financeira ou qualquer outra.

— E então, Cleo? — ele perguntou depois de um longo minuto de silêncio.

Ela juntou coragem e se virou na direção de Aron. Esperava que falar com ele apaziguasse a culpa que sentia pelo assassinato e ajudaria a pôr um ponto final em seus pesadelos. Ela queria que ele justificasse suas ações, que tudo fizesse sentido para ela.

— Não consigo parar de pensar no que aconteceu com o filho do vendedor de vinho. — Ela piscou, chocada ao descobrir que seus olhos estavam se enchendo de lágrimas. — Você consegue?

O olhar dele endureceu.

— É claro que não.

— Como você... se sente? — Ela prendeu a respiração.

O rosto dele ficou tenso. Jogou fora a cigarrilha pela metade, abanando a fumaça que ficara para trás.

— Eu estou confuso.

Ela já sentia um grande alívio. Se teria que ficar noiva de Aron, precisava saber se concordavam em relação à maioria das questões.

— Tive pesadelos. Todas as noites.

— Com a ameaça do irmão? — ele perguntou.

Ela confirmou. Parecia que Jonas Agallon ainda estava olhando nos olhos dela. Ninguém havia olhado para ela com tanto ódio antes.

— Você não devia ter matado aquele garoto.

— Ele estava vindo pra cima de mim. Você viu.

— Ele estava desarmado!

— Mas tinha seus punhos. Tinha ódio. Podia ter me estrangulado ali mesmo.

— Theon não deixaria isso acontecer.

— Theon? — Ele franziu a testa. — Ah, o guarda? Ouça, Cleo. Sei que está chateada, mas aconteceu, e não tem volta. Tente entender

isso.

— Gostaria muito, mas não consigo. — Ela suspirou, trêmula. — Não gosto de morte.

Ele riu e ela ficou séria. Logo Aron se conteve.

— Sinto muito, mas é claro que você não gosta de morte. Quem gosta? É confuso e desagradável, mas acontece. Mais do que você imagina.

— Gostaria que aquilo não tivesse acontecido?

— O quê? A morte do filho do camponês?

— O nome dele era Tomas Agallon — ela disse em voz baixa. — Ele tinha um nome. Ele tinha uma vida e uma família. Estava feliz e sorridente quando chegou à banca. Estava indo para o casamento da irmã — você viu a cara dela? Ela ficou arrasada. Aquela discussão nem devia ter começado. Se gostou tanto do vinho, devia ter pago a Silas Agallon um valor justo por ele.

Aron encostou-se na parede ao lado da porta.

— Ah, Cleo, não me diga que está mesmo preocupada com isso.

Ela franziu a testa.

— É claro que estou.

Ele revirou os olhos.

— Por favor. Um vendedor de vinho em Paelsia? Desde quando se preocupa com assuntos tão sem importância? Você é a princesa de Auranos. Pode ter tudo o que desejar, quando desejar. Só precisa pedir, e é seu.

Cleo não sabia ao certo o que aquilo tinha a ver com o preço pedido pelo vendedor de vinho.

— É assim mesmo que você me vê?

— Vejo você exatamente como é. Uma bela princesa. E sinto muito por não conseguir ficar tão aflito em relação a tudo isso quanto você gostaria que eu ficasse. Eu o matei. Aconteceu. Fiz o que precisava fazer naquela hora e não me arrependo. — O olhar dele endureceu. — Agi apenas por instinto. Já cacei muitas vezes antes, mas foi diferente. Tirar a vida de outra pessoa... nunca me senti tão poderoso em toda a minha vida.

Um calafrio de repulsa percorreu o corpo dela.

— Como pode ficar tão calmo em relação a isso?

Ele a encarou.

— Preferia que eu mentisse e dissesse que também tenho pesadelos? Isso atenuaria sua própria culpa?

Cleo murchou. Era exatamente o que queria.

— Quero a verdade.

— E foi o que eu lhe dei. Devia ficar grata, Cleo. Poucos falam a verdade por aqui, mesmo quando ela é solicitada.

Aron era lindo. Ele vinha de uma família nobre. Era irônico e sagaz. E Cleo nunca detestara tanto uma pessoa desse jeito.

Não podia se casar com ele. Era impossível.

Uma firme determinação tomou conta de Cleo. Antes de visitar Paelsia, estava disposta a ceder — até certo ponto — e permitir que seu pai tomasse por ela decisões importantes como aquela. Afinal, ele era o rei.

— Ficou sabendo dos planos de meu pai? — ela perguntou a ele.

Aron inclinou a cabeça, olhando nos olhos dela.

— Já está mudando de assunto?

— Talvez.

— Sinto muito por estar chateada com o que aconteceu em Paelsia.

Ele disse aquilo sem emoção, nem mesmo uma ponta. Devia estar vagamente triste pela chateação de Cleo, mas não demonstrava remorso pelo acontecido, nem parecia assombrado pelos ecos da ameaça de morte do irmão enlutado.

— Obrigada — ela agradeceu.

— Agora, se fiquei sabendo dos planos de seu pai? — Ele cruzou os braços diante do peito e andou devagar em volta dela. De repente Cleo se sentiu como um cervo novo sendo observado por um lobo faminto. — Seu pai é o rei. Ele tem muitos planos.

— O plano que envolve nós dois — ela afirmou, virando-se quando ele se virou, de modo que pudessem manter contato visual.

— Nosso noivado.

Ela ficou tensa.

— Isso mesmo.

— Quando acha que ele vai anunciá-lo?

Um fio gelado de suor desceu pelas costas de Cleo.

— Eu não sei.

Ele assentiu.

— Foi um choque para você.

Ela soltou outro suspiro trêmulo.

— Eu só tenho dezesseis anos.

— É jovem para um anúncio como esse, eu concordo.

— Meu pai gosta de você.

— O sentimento é mútuo. — Ele inclinou a cabeça para o outro lado. — Eu gosto de você também, Cleo, caso tenha esquecido. Não duvide, se é esse o motivo de ter vindo.

— Não foi.

— Não deveria ter sido uma surpresa tão grande para você. Segundo os rumores, mais cedo ou mais tarde o nosso noivado aconteceria.

— Então acha que está tudo bem?

Aron deu de ombros, passando os olhos por Cleo de maneira predatória.

— Sim, para mim está tudo bem.

“Diga, Cleo. Não deixe passar nem mais um minuto”, ela pensou.

A princesa limpou a garganta.

— Não sei se é uma boa ideia.

Ele parou de andar em círculos.

— Perdão?

— Esse... esse casamento. Não parece certo. Não agora, pelo menos. Quero dizer... nós somos amigos. É claro que somos. Mas não estamos... — Sua boca secou. Por um instante, desejou um pouco de vinho — qualquer vinho — para tornar o mundo dourado e maravilhoso novamente.

— Apaixonados? — Aron terminou a frase por ela.

Ela piscou e fez que sim com a cabeça, voltando os olhos para o sofisticado piso de mármore.

— Não sei o que dizer.

Ela esperou Aron dizer alguma coisa, diminuir a pressão e atenuar sua ansiedade, mas ele ficou em silêncio. Por fim, Cleo o encarou.

Ele a analisou, franzindo a testa.

— Quer pedir ao seu pai que não faça o anúncio, não é?

Ela engoliu em seco.

— Se nós dois concordarmos, será mais fácil convencê-lo de que não é a hora certa.

— Isso tem a ver com o que aconteceu em Paelsia, não tem?

Ela piscou os olhos.

— Eu não sei.

— É claro que sabe. Está chateada com um acontecimento que não tem consequência nenhuma para sua vida. Também chora sobre os cervos que são abatidos? Soluça sobre seu prato todas as noites quando lhe servem carne de caça para o jantar?

Ela sentiu o rosto esquentar.

— Não é a mesma coisa, Aron.

— Ah, eu não sei. Matar um cervo, matar aquele garoto, o significado foi o mesmo para mim. Acho que você só não consegue enxergar direito. É jovem demais.

Ela se enfureceu.

— Você é só um ano mais velho que eu.

— É o suficiente para eu conseguir ver o mundo com um pouco mais de clareza. — Aron diminuiu a distância entre eles e pegou no queixo dela. Sua pele cheirava a fumaça. — Não posso dizer ao rei que não quero isso. Porque eu quero.

— Você quer se casar comigo?

— É claro que quero.

— Está apaixonado por mim?

Os lábios de Aron se curvaram.

— Ah, Cleo. Você tem sorte de ser bonita. Isso a absolve de muitos defeitos.

Ela olhou feio para ele e tentou se afastar, mas o rapaz apertou o queixo dela, quase o bastante para machucá-la. Suas intenções eram claras — ele não queria que ela se movesse.

— Eu me lembro daquela noite, Cleo. Está bem claro em minha mente.

Ela ficou ofegante.

— Não fale disso.

— Estamos sozinhos. Não há ninguém aqui para escutar. — Aron olhou para os lábios dela. — Você quis que aquilo acontecesse

entre nós. Não tente negar.

O rosto dela pegava fogo.

— Eu tinha bebido muito vinho. Não estava pensando direito. Eu me arrependo.

— É o que você diz. Mas aconteceu. Eu e você, Cleo. Fomos feitos para ficar juntos. Aquilo foi apenas uma prova. — Ele levantou uma sobrancelha. — Se seu pai tivesse escolhido outro pretendente, talvez eu fosse obrigado a dizer algo. Sei que você não gostaria disso. Não gostaria que o rei soubesse que sua princesa perfeita maculou a honra na cama de alguém que não se tornaria seu marido.

Ela mal se lembrava daquela noite seis meses antes, apenas que havia vinho — vinho demais. E lábios com gosto de fumaça. Um remexer de mãos, de roupas, de mentiras sussurradas no escuro.

Uma garota decente — uma princesa — devia permanecer pura e intocada até a noite do casamento. Sua virgindade era um presente ao marido. Ter cometido um erro desses com alguém como Aron, que mal podia tolerar quando estava sóbria, envergonhava Cleo mais do que qualquer outra coisa. Ninguém nunca poderia saber daquilo.

Ela empurrou as mãos dele, com o rosto queimando.

— Preciso ir.

— Ainda não. — Aron diminuiu a distância entre eles e a apertou contra o peito, afundando a mão nos longos cabelos de Cleo para soltá-los e deixá-los cair até a cintura. — Senti saudades, Cleo. E fico feliz por ter vindo falar comigo em particular esta manhã. Sempre penso em você.

— Deixe-me ir — ela sussurrou. — E não fale nada sobre isso.

Aron acariciou a lateral do pescoço dela, escurecendo o olhar.

— Quando estivermos noivos, garantirei que momentos de privacidade como esses sejam bem mais frequentes. Espero ansiosamente por isso.

Cleo tentou empurrar o peito dele, mas Aron era forte. Mais forte do que parecia. Tudo que ela havia conseguido era lembrá-lo da noite em que havia envergonhado a si mesma e à família real. Ele

parecia apreciar o segredo que compartilhavam, enquanto ela preferia arrancá-lo da mente para sempre.

E, nossa, seu hálito dava a impressão de que ele estava bebendo e fumando desde o nascer do sol.

Houve uma forte batida na porta semiaberta. Os dedos de Aron afundaram na lateral do corpo de Cleo e ele lançou um olhar severo para trás quando a porta se abriu.

— Aí está você, princesa — Theon disse casualmente.

Aron a soltou de maneira tão abrupta que ela teve que se esforçar para manter o equilíbrio e não se esparramar no chão.

Theon observou os dois e apertou os olhos.

— Está tudo bem aqui?

— Sim. Está tudo bem — Cleo respondeu com a garganta seca.
— Muito bem. Obrigada.

A expressão furiosa de Theon mostrava que não tinha achado graça nenhuma na ideia de Cleo ter fugido por suas costas. Na verdade, seu olhar queimava.

Ainda assim, ela estava mais do que feliz em ir embora com seu guarda irritado e não passar nem mais um instante com Aron.

— Quero voltar ao palácio — ela disse com firmeza.

— Quando quiser.

— Agora mesmo. — Cleo endireitou os ombros e olhou para Aron.

Ele parecia entediado. Pelo menos por fora. No fundo de seus olhos havia uma vibração desagradável — uma promessa silenciosa de que a noite ébria que ela queria esquecer seria apenas a primeira de muitas entre eles. Ela estremeceu.

Precisava convencer seu pai a pôr um fim naquele absurdo. O rei não havia obrigado Emilia a se casar com o noivo. Não seria diferente.

Se Aron contasse seu segredo depois daquilo, ela... negaria. Podia fazer isso. Era a princesa. Seu pai acreditaria mais nela do que em Aron, mesmo sendo uma mentira por necessidade. Aquela noite não acabaria com sua vida. Não podia. Cleo se recusava a deixar Aron ter aquele tipo de poder sobre ela por mais um dia além do que já tivera.

— Vejo você em breve, Cleo — despediu-se Aron, saindo da casa junto com eles. Ele acendeu mais uma cigarrilha e os observou partir.

Cleo não abriu a boca, querendo sair da quinta o mais rápido possível.

O calor do olhar de Theon queimava sua nuca. Finalmente, quando estavam quase chegando ao castelo, ela se virou para ele.

— Precisa dizer alguma coisa? — ela indagou, tentando ao máximo esconder que estava prestes a chorar. A náusea chegava à boca de seu estômago.

Se Theon não tivesse interferido...

Ela estava feliz por ele ter chegado, mas ainda estava chateada. E descontar sua frustração na pessoa mais próxima era o único jeito que conhecia de lidar com aquilo.

A expressão furiosa de Theon não era de respeito por um membro da realeza, mas a irritação de alguém obrigado a lidar com uma criança teimosa.

— Você precisa parar de fugir de mim.

— Eu não fugi. Precisava falar com Aron a sós.

— Sim, eu vi. — Ele olhou para trás na direção da quinta dourada, ao fim da via ladeada por árvores verdes e canteiros bem cuidados.

— Sinto muito por interromper seu encontrinho romântico. Parecia que vocês dois...

— Não estávamos fazendo nada — ela o interrompeu, enfatizando as palavras. Apesar de achar que não devia se preocupar com a opinião de seu novo guarda, era melhor que ele não desconfiasse de sua castidade. Theon nunca mais olharia para ela do mesmo jeito se soubesse a verdade. — Não foi nada do que você está imaginando.

— Verdade?

— Sim, verdade. Foi uma conversa.

— Parecia uma conversa bem interessante.

Furiosa, ela secou os olhos com as mangas longas do vestido.

— Não foi.

Em uma fração de segundos, a expressão de Theon passou de furiosa a preocupada.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Por que se importa? Para você, sou apenas uma tarefa designada pelo rei.

Um músculo do rosto de Theon se agitou como se ela o tivesse estapeado.

— Desculpe-me por ter perguntado. — A clareza tomou conta de seu rosto um instante depois. — Espere. Você foi até lá para confrontar lorde Aron sobre o que aconteceu em Paelsia. Está se sentindo mal com isso.

O peito dela doía. As palavras de Theon se aplicavam a muitas coisas com as quais se sentia mal.

— Vamos voltar para o castelo.

— Princesa, você não teve culpa. Precisa saber disso.

Não teve culpa? Ela queria muito que ele estivesse certo. Ela vira Tomas ser morto sem fazer nada. E meses antes havia permitido que Aron fizesse o que queria com ela, culpando o vinho, e não suas próprias decisões, pelo que acontecera. Ele não a havia forçado a nada. Em sua embriaguez, havia aceitado os carinhos de um belo lorde — carinhos desejados por muitas de suas amigas.

Cleo sacudiu a cabeça, tinha a garganta apertada. Doía demais.

— A morte daquele rapaz me assombra.

Theon agarrou os ombros dela e a puxou para perto.

— Está feito. Acabou. Tire isso da cabeça. Se está com medo do irmão do garoto vir atrás de você para se vingar, eu a protegerei. Juro que sim. Não precisa se preocupar. É para isso que estou de guarda. — A expressão dele voltou a ficar séria. — Isto é, se parar de fugir de mim.

— Não estou fugindo de você. Bem, não especificamente — ela explicou, voltando a ter dificuldade com as palavras. Com a proximidade de Theon, era difícil pensar com clareza. — Eu... Eu estou fugindo de... — ela suspirou. — Ah, eu não sei mais. Só estou tentando entender tudo e descobrindo que nada faz sentido algum.

— Ouvi seu pai falando com alguém. — Theon passou a mão nos cabelos curtos, cor de bronze. — Sobre o iminente noivado com lorde Aron.

Ela ficou sem fôlego.

— E como ele estava?

— Satisfeito.

— Pelo menos um de nós está — ela resmungou bem baixinho, com os olhos em uma carroça que passava na estrada próxima.

— Não está feliz com o noivado? — O tom de voz de Theon endureceu.

— Está perguntando se estou feliz em ser obrigada a fazer algo sobre o qual não posso dar nenhuma opinião? Não, não posso dizer que esteja.

— Sinto muito.

— Sente?

Theon deu de ombros.

— Acho que ninguém deveria ter que fazer o que não quer.

— Como receber um trabalho no qual não tem interesse?

Ele apertou os lábios.

— É diferente.

Cleo parou para pensar.

— Você e eu ... é como um casamento estranho. Você é obrigado a ficar perto de mim. Eu não posso fugir. E ficaremos juntos por muito tempo agora e no futuro.

Theon ergueu uma sobrancelha.

— Então está finalmente aceitando esse acordo?

Ela mordeu o lábio inferior ao lembrar as decisões que tomara naquele dia.

— Sei que não devia ter saído do palácio sem avisar. Peço desculpas se isso lhe causou algum problema.

— Sua irmã ficou bem feliz em me contar para onde você tinha fugido.

Cleo ficou boquiaberta.

— Aquela traidora.

Ele riu.

— Não faria muita diferença se ela não tivesse contado. Mesmo isso sendo um arranjo que nenhum de nós dois escolheu, é algo que levo muito a sério. Você não é uma garota qualquer. É a princesa. E agora é meu dever protegê-la. Então para onde quer que fuja, pode ter certeza de uma coisa muito importante.

Ela esperou, recobrando o fôlego devido à forma intensa que o jovem guarda a observava.

— O que é?

Quando Theon sorriu, sua expressão era ao mesmo tempo ameaçadora e sedutora.

— Eu vou encontrar você.

LIMEROS



— Me disseram que nosso pai está tramando alguma coisa lá embaixo.

A voz de Magnus cortou a concentração de Lucia, assustando-a. Ela apagou a vela à sua frente, fechou o livro e se virou para olhar para o irmão com uma expressão culpada.

— O quê? — ela perguntou com toda a calma possível.

Seu irmão lançou um olhar curioso pelas sombras de seus aposentos, com a área de dormir de um lado — uma cama com dossel, lençóis de linho engomado e um cobertor forrado de pele — e a área de estar do outro.

— Estou interrompendo alguma coisa?

Ela pousou a mão casualmente sobre o quadril.

— Não, é claro que não.

Ele se aproximou do divã perto da janela, que dava para o grande jardim do palácio. Estava coberto de gelo, como sempre ficava, exceto por alguns meses mais quentes.

— O que está lendo?

— Nada importante.

— Hum. — Magnus levantou uma sobrancelha e estendeu a mão para ela.

Às vezes Lucia não gostava do fato de seu irmão mais velho conhecê-la tão bem.

Aceitando a derrota, entregou o pequeno livro revestido de couro a ele. Ele olhou a capa, depois folheou rapidamente.

— Poesia sobre a deusa Cleiona?

Ela deu de ombros.

— Estudos comparativos, só isso.

— Menina desobediente.

Lucia ignorou o calor que subira ao seu rosto. Não estava sendo desobediente; estava sendo questionadora. Havia uma diferença. Mesmo assim, ela conhecia muitas pessoas — entre elas sua mãe —, que não ficariam contentes com aquele material de leitura. Por sorte, Magnus não era uma delas.

Cleiona era a rival da deusa Valoria. Uma era considerada boa; a outra má. Mas essa diferença dependia do reino em que se vivia. Em Limeros, Cleiona era considerada má e Valoria era tida como pura e bondosa, representante da força, da fé e da sabedoria. Eram os três atributos que os limerianos valorizavam acima de todo o resto. Cada brasão que adornava as paredes do grande salão, ou de qualquer outro lugar, cada pergaminho que seu pai assinava, cada retrato do rei tinham essas três palavras.

Força. Fé. Sabedoria.

Limeros devotava dois dias inteiros por semana a oração e silêncio. Qualquer uma das muitas vilas e cidades acima das Montanhas Proibidas que desrespeitasse essa lei era multada. Se não pudessem pagar a multa, eram repreendidas de maneira severa. O rei Gaius mandava patrulhar as áreas comuns para garantir que todos se mantivessem na linha, pagassem os impostos e seguissem à risca a ordem de seu rei.

A maioria não protestava nem causava problemas. E Valoria, Lucia tinha certeza, aprovaria as medidas austeras de seu pai — por mais duras que às vezes parecessem.

Limeros era uma terra de penhascos, charnecas e solo rochoso; uma região congelada durante a maior parte do ano, coberta por uma camada brilhante de gelo e neve antes de dar lugar à grama verde e às flores no precioso vislumbre de verão. Tão lindo — às

vezes a beleza desse reino fazia lágrimas brotarem dos olhos de Lucia. Da janela de seus aposentos dava para ver, depois dos jardins, o infinito Mar Prateado, que levava a terras distantes, e o declive íngreme das paredes de granito preto do castelo às águas escuras que batiam na margem rochosa.

Lindo de tirar o fôlego, mesmo quando o inverno se aproximava e era quase impossível sair sem se enrolar em peles e couros para afastar o frio cortante.

Lucia não se importava. Ela amava aquele reino, mesmo com as expectativas e dificuldades que não podia evitar por ser uma Damora. E ela amava seus livros e suas aulas, absorvia conhecimento como uma esponja. Ela lia tudo o que chegava às suas mãos. Felizmente, a biblioteca do castelo era incomparável a qualquer outra. Informação era uma dádiva valiosa para ela — mais preciosa do que ouro e joias, como aquelas que ganhava de alguns dos pretendentes mais apaixonados.

Isto é, se tais pretendentes passassem pelo crivo do irmão superprotetor para dar a ela algum presente. Para Magnus, nenhum dos garotos que já haviam demonstrado interesse por Lucia era digno da atenção da princesa. O irmão sempre fora, ao mesmo tempo, alguém frustrante e maravilhoso para ela. Nos últimos tempos, contudo, ela não sabia muito bem como lidar com seu humor sempre oscilante.

Lucia olhou para o rosto do irmão quando ele deixou o livro de lado sem se importar. A sede por conhecimento não havia se dividido por igual entre os irmãos. O tempo de Magnus era tomado por suas aulas, principalmente de equitação, esgrima e tiro com arco e flecha — que ele dizia desprezar. O rei insistia em tudo aquilo, independente do interesse de Magnus.

— Cleiona também é o nome da princesa auraniana mais nova — Magnus ponderou. — Nunca tinha parado para pensar nisso. Ela tem a mesma idade que você, não tem? Nasceram quase no mesmo dia?

Lucia confirmou, pegando o livro do divã onde estava jogado e enfiando-o sob uma pilha de livros menos controversos.

— Eu gostaria de conhecê-la.

— É improvável. Nosso pai odeia Auranos e deseja o seu fim. Desde... bem, você sabe.

Ah, ela sabia. Seu pai desprezava o rei Corvin Bellos e não tinha medo de expressar sua opinião durante as refeições em explosões apavorantes de raiva sempre que estava de mau humor. Lucia acreditava que a animosidade tinha a ver com um banquete que acontecera no palácio auraniano havia mais de dez anos. Os dois reis quase se esbofetearam devido a um ferimento misterioso que Magnus teve durante a visita. Depois disso, o rei Gaius nunca mais voltou. Nem foi convidado.

A lembrança da viagem fez Magnus, inconscientemente, tocar em sua cicatriz — que ia do topo da orelha direita até o canto da boca.

— Depois de todo esse tempo, você ainda não se lembra de como conseguiu essa cicatriz? — Lucia sempre tivera muita curiosidade a respeito disso.

Os dedos de Magnus ficaram imóveis, como se ele também tivesse sido pego fazendo algo que não devia.

— Dez anos é muito tempo. Eu era apenas um menino.

— Nosso pai exigiu que o responsável por isso pagasse com a própria vida.

— Ele queria a cabeça do culpado em uma bandeja de prata, na verdade. Ver uma criança ensanguentada chorando perturbou nosso pai. Mesmo a criança sendo eu. — Suas sobrancelhas escuras se uniram. — Para ser sincero, não me lembro de nada. Só me lembro de estar vagando e depois sentir o filete de sangue quente no rosto e a ardência do ferimento. Não fiquei chateado até nossa mãe ficar. Talvez eu tenha caído de uma escadaria ou batido com força na quina de uma porta. Você sabe como sou desastrado.

— Até parece. — Seu irmão se movimentava com a graça de uma pantera: fluido, silencioso. — Eu sou a desajeitada da família.

— Discordo. — Os lábios de Magnus se curvaram de lado. — Cheia de graça e beleza, minha irmã, com uma multidão de pretendentes à disposição. Obrigada a ser irmã de um monstro marcado como eu.

— Como se essa cicatriz o transformasse em monstro. — A ideia era risível. — Não é possível que não veja como as garotas olham

para você. Já vi até criadas aqui do castelo olhando você com desejo, mesmo que nunca as note. Elas acham você muito bonito. E a cicatriz só o deixa mais... — ela parou para pensar na palavra certa — fascinante.

— Você acha mesmo? — Seus olhos cor de chocolate reluziam de satisfação.

— Acho. — Lucia tirou os cabelos escuros, que há muito tempo precisavam ser aparados, da frente do rosto do irmão para inspecionar a cicatriz mais de perto. Passou o dedo indicador sobre ela. — Além disso, quase não dá mais para notá-la. Eu, pelo menos, não a vejo.

— Se está dizendo... — A voz dele agora parecia abafada e o rosto estava aflito. Ele empurrou a mão da irmã com brutalidade.

Ela franziu a testa.

— Algum problema?

Magnus se afastou.

— Nada. Eu... eu vim aqui para... — Ele passou a mão pelos cabelos. — Não importa. Você provavelmente não estaria interessada. Nosso pai convocou uma reunião política de última hora lá embaixo. Vou deixá-la com seus estudos.

Lucia ficou surpresa quando ele saiu do quarto sem dizer mais nada.

Algo estava perturbando seu irmão. Ela havia notado havia pouco tempo, a cada dia mais evidente. Ele parecia distraído e muito angustiado com alguma coisa — ela gostaria de saber o quê. Detestava vê-lo tão chateado e não saber o que fazer para aliviar sua dor.

Ela também queria muito poder compartilhar seu próprio segredo, que escondia há quase um mês — e que ninguém sabia. Ninguém mesmo.

Deixando de lado seus medos e incertezas, rezou à deusa pedindo força, fé e sabedoria o bastante para enfrentar a tempestade negra que temia estar se aproximando.

Magnus seguiu os ruídos do andar de baixo até o grande salão do castelo. Passou por vários rostos conhecidos — garotos da sua

idade que o consideravam amigo. Ele lhes ofereceu sorrisos formais e recebeu o mesmo em troca.

Não eram verdadeiros amigos. Nenhum deles. Eram filhos dos membros do conselho real de seu pai, obrigados a se aproximar do príncipe limeriano, gostando ou não. E alguns, como Magnus havia escutado de passagem, não gostavam nada dele.

Irrelevante.

Magnus imaginava que todos aqueles garotos — e suas irmãs, que ficariam mais do que felizes se ele escolhesse uma delas como futura esposa — estavam prontos para usá-lo assim que fosse preciso. Ele não hesitaria em fazer o mesmo quando servissem a seus propósitos.

Não confiava em ninguém ali. Apenas em Lucia. Ela era diferente. Era a única com quem podia ser ele mesmo, sem fingimento. Era sua confidente e aliada mais íntima. Compartilharam muitos segredos no decorrer dos anos, confiando que o outro nunca diria nada.

Ele havia acabado de fugir dos aposentos dela como se estivesse em chamas.

Ninguém poderia saber do seu desejo cada vez maior por Lucia. Muito menos ela. Nunca. Ele o manteria enterrado no peito até a dor deixar apenas cinzas no lugar de seu coração. Já estava na metade do caminho. Talvez quando seu coração estivesse destruído, tudo ficasse mais fácil.

Já havia se passado mais de um mês do banquete, e ele não havia descoberto nada que elucidasse o diálogo enigmático que ouvira entre seu pai e Sabina. Ele havia pedido a Amia que prestasse atenção nas conversas pelo castelo. Se ouvisse o nome de Lucia, deveria relatar imediatamente a ele. A jovem criada havia concordado em fazer aquilo, assim como concordava com tudo o que Magnus pedisse.

No salão, seu pai levantava a voz para se dirigir à multidão de trezentos homens. Os presentes pareciam concordar com todas as suas palavras. Atrás do rei havia poucas peças de arte nas paredes lisas e frias — uma grande tapeçaria com o rei montado em seu

garanhão preferido, espada em punho, parecendo forte, severo e nobre.

Magnus levantou os olhos. Seu pai adorava ser o centro das atenções.

— Um assassinato. — A voz do rei retumbou pelo salão. — Bem no meio do mercado de Paelsia, há um mês e meio. Era um dia frio, porém bonito, quando os paelsianos estavam na rua aproveitando o sol, vendendo suas mercadorias, tentando ganhar a vida decentemente e sustentar a si e à família. Mas tudo isso foi tumultuado por alguns auranianos perversos que lá estavam.

O burburinho cercou Magnus. A notícia sobre o assassinato do filho do vendedor de vinho já havia chegado aos ouvidos de alguns, mas para outros era novidade. Magnus ficou surpreso por alguém de fato se importar.

Ficou surpreso por *seu pai* parecer se importar. Quando ele próprio ficara sabendo, no banquete de aniversário de Lucia, não havia parado para pensar muito no assunto. Depois, quando o rei soube, ignorou a notícia.

Parecia que ele havia mudado de ideia. Talvez fosse por influência do jovem de cabelos escuros que estava a seu lado. O homem que havia voltado há pouco de uma viagem pelo mar.

O rosto de Magnus começou a se contrair.

Seu nome era Tobias Argynos. Chegara ao castelo um ano antes para ser valete do rei, e logo depois ganhou sua total confiança. Se o rei precisasse de alguma coisa, Tobias conseguia. O rei o considerava um trunfo e o tratava como o filho favorito.

Se os rumores fossem verdadeiros, Tobias realmente *era* o filho favorito — o bastardo do rei com uma bela cortesã auraniana, nascido havia vinte anos.

Magnus não acreditava em intrigas fúteis, mas nunca as ignorava de todo. Boatos sussurrados podiam se transformar em verdades ditas em voz alta tão rápido quanto o dia virava noite. Ainda assim, aquilo não comprometeria a posição de Magnus no reino. Ele era o herdeiro de direito hoje, amanhã e sempre. De todo modo, a forma como Tobias havia sido acolhido pelo rei, que fora frio com Magnus durante a vida toda, perturbava-o mais do que gostaria de admitir. O

príncipe de direito recebia uma cicatriz no rosto enquanto o bastardo ficava ao lado do rei quando ele discursava a um público extasiado.

Mas justiça e gentileza nunca foram o forte do rei Gaius. Força, fé e sabedoria acima de tudo.

— Os paelsianos têm sofrido — o rei continuou. — Vi isso, e meu coração sangrou por nossos pobres vizinhos. Os auranianos, por sua vez, ostentam sua riqueza para todos. Eles são vergonhosamente vaidosos. Começaram até a negar a religião e as orações e ergueram suas próprias imagens como ídolos, prova de seu hedonismo extremo. Um jovem lorde egoísta — lorde Aron Lagaris — matou o pobre filho do vendedor de vinho. O garoto assassinado era um belo e gentil rapaz, que poderia, no futuro, ajudar a liderar seu povo contra a pobreza que enfrenta há gerações. Mas ele foi esfaqueado enquanto um lorde favorecido tentava se mostrar diante de uma princesa — a princesa Cleiona. Sim, ela tem o nome da própria deusa má, aquela que matou nossa adorada Valoria, deusa da terra e da água. Os dois viram a jovem vida de Tomas Agallon se esvaír diante de sua própria família. Não se arrependeram da dor que causaram a eles e a todos os paelsianos.

Houve mais burburinho enquanto a multidão ouvia a história do rei.

— Não é apenas um assassinato. É um insulto. E eu estou muito indignado em nome de todos os paelsianos, nossos vizinhos que dividem fronteira conosco ao leste, até as Montanhas Proibidas. Está chegando a hora do ajuste de contas; um ajuste de contas que cresce há mil anos.

O burburinho cresceu e, Magnus notou, todos concordavam com o que o rei estava dizendo.

Havia histórias sobre a opulência em Auranos. Ruas pavimentadas com ouro. Pedras preciosas que enfeitavam os cabelos das nobres e eram descartadas no fim do dia. Os ricos gastavam em festas luxuosas que duravam semanas. E, o pior de tudo, diminuía o interesse pelo trabalho duro e pela religião — bases da sociedade limeriana.

— O que está fazendo, pai? — Magnus disse baixinho, perplexo.

Uma mão forte apertou o ombro de Magnus. Ele se virou alarmado e viu um homem de cujo nome não se lembrava: um grande e parrudo membro do conselho do rei, cuja barba grisalha cobria a maior parte do rosto. Olhos pequenos brilhavam de empolgação.

— Seu pai é o melhor rei que Limeros já conheceu — o homem exclamou. — Você deve ter muito orgulho de ser filho dele.

Magnus apertou os lábios. *Orgulho* era uma palavra que nunca usaria para descrever o que sentia pelo pai, naquele ou em qualquer outro momento. Ele deu um sorriso falso.

— É claro. E nunca tive tanto orgulho quanto agora.

Foi uma semana depois do discurso do rei. Os músculos de Magnus queimavam — ele acabara de sair da aula de esgrima. Depois de se limpar e trocar de roupa, andava pelo castelo como se fosse uma sombra. Ele gostava de fazer aquilo para desafiar a si mesmo, para ver até onde podia chegar antes que alguém o notasse. Vestido de preto, normalmente conseguia chegar bem longe.

Naquele dia ele havia evitado Lucia depois de vê-la no café da manhã. Ela passou a tarde toda estudando no quarto.

“Bom. Longe dos olhos, longe do coração”, pensou.

A mentira deslizou com suavidade.

Andando em silêncio, ele se deparou com um garoto esperando no enorme átrio de pé-direito alto, que tinha uma escadaria sinuosa esculpida nas paredes de pedra. O filho de algum nobre local, ele sabia. Magnus era péssimo com nomes. Não era problema de memória, era questão de não se importar com aquilo. Ele se lembrava do nome das pessoas que tinham algum propósito em sua vida. Aquele garoto não lhe interessava nem um pouco. Mas o interesse do garoto por Lucia, sim.

Em reuniões anteriores, Magnus havia observado nos olhos atentos do rapaz que ele era um dos muitos que tinham uma queda por Lucia e aguardavam a oportunidade de passar um tempo com ela e solidificar sua... amizade.

Assim como fez com muitos pretendentes, ele cercou o garoto como um monstro marinho, olhando para ele com uma reprovação

aguda até gotas de suor se formarem na testa pálida do rapaz.

Lucia havia dito que Magnus era belo, mas ele sabia que muita gente considerava sua aparência — cabelos escuros, olhos escuros, roupas escuras e, é claro, a cicatriz — intimidadora e ameaçadora. O fato de ser filho do rei Gaius e herdeiro do trono de Limeros apenas aumentava a impressão. Alguns reis ganhavam o respeito de seu povo por meio do amor, como havia feito seu avô. Seu pai, contudo, preferia ganhar respeito com medo e derramamento de sangue. Processo diferente, mesmo resultado.

Magnus poderia usar a percepção geral de que era exatamente como o pai. Já tinha feito isso antes; faria de novo. As pessoas devem utilizar as armas disponíveis quando há necessidade. Naquele momento, havia necessidade.

— Você não deveria estar aqui — Magnus disse ao rapaz com clareza.

O garoto afundava a ponta do sapato de couro no piso de mármore cinza.

— Eu... eu estou apenas... Não vou demorar. Meus pais acharam que seria bom levar a princesa Lucia para um passeio pelos jardins do palácio. Hoje não está tão frio.

— Sim, que gentileza. — As palavras eram ácidas em sua língua à medida que o ciúme tomava conta dele como um raio. — Mas ela não está interessada em caminhar pelos jardins do palácio. Não com... bem... não com *você*.

O garoto arregalou os olhos.

— O que quer dizer com isso?

Magnus forçou uma expressão tensa, como se tivesse falado demais e se sentisse culpado.

— Bem, não é da minha conta.

— Não, por favor. Se tiver algum conselho para me dar, eu agradeceria muito. Sei que você e Lucia são bem próximos.

Magnus pegou no ombro do garoto.

— É que ela comentou algo sobre você. — Seria um momento excelente para saber o nome do rapaz: Mark, Markus, Mikah, algo assim. — E deixou claro que, se aparecesse por aqui, não deveria

ser encorajado a prosseguir. Ela não quis ofender, é claro. Mas... ela tem interesse em outro pretendente.

— Outro?

— Isso mesmo. Então sugiro que vá embora.

— Ah. — A voz do garoto estava fraca e esganiçada. Já se sentia derrotado.

Magnus não tinha paciência para pessoas tão fáceis de manipular. Se o garoto estivesse mesmo interessado em Lucia, deveria ser capaz de enfrentar qualquer adversidade, até mesmo um irmão mais velho superprotetor.

Coisas fracas são tão fáceis de quebrar.

Se o rapaz tivesse um rabo, ele estaria enfiado entre as pernas quando correu do palácio e voltou para a quinta dos pais. E esse foi o fim de Mickey. Ou qualquer que fosse seu nome.

Com um sorriso vitorioso nos lábios, Magnus voltou a vagar pelos corredores do castelo. Não demorou muito para encontrar algo um pouco mais agradável do que os admiradores de sua irmã.

Amia sorriu para ele ao passarem um pelo outro no corredor e fez um sinal para que ele a seguisse, desaparecendo mais adiante. Ela o levou para um pequeno cômodo usado como capela dos criados e fechou a porta. Estavam sozinhos. A garota mordeu o lábio inferior, mas suas bochechas estavam coradas de entusiasmo.

— Parece que não vejo você há séculos, meu príncipe.

— Foram apenas um ou dois dias.

— Uma eternidade. — Ela pôs as mãos no abdômen dele e as escorregou lentamente até os ombros.

Magnus permitiu. Desejava o toque de alguém naquele momento, para ajudar a atenuar a dor em seu peito. Se fechasse os olhos, ele poderia imaginar que Amia era outra pessoa. Ela estremeceu quando ele a pressionou contra a parede de pedra e levou a boca à dela em um beijo profundo. Ele passava os dedos pelos cabelos castanhos da garota e os imaginava descendo até a cintura, e da cor do mais rico ébano. E que seus olhos eram da cor do céu no verão, não pálidos e cinzentos como o inverno.

— Ficou sabendo de alguma coisa? — ele perguntou, afastando a fantasia. Amia cheirava ao peixe que estava ajudando a preparar

para o jantar, não a rosas e jasmins. Ele não podia se enganar tanto.

— Sobre sua irmã?

A garganta dele ficou apertada.

— Sim.

— Ainda não. — Ela olhava para ele como se estivesse em transe. — Mas tem uma outra coisa interessante acontecendo neste exato momento. O rei e Tobias estão em uma reunião secreta com visitantes.

“Tobias”, ele pensou com desgosto. “Sempre espreitando.”

— Que visitantes? — Magnus perguntou.

— O chefe Basilius chegou com um séquito há uma hora.

Ele a encarou, momentaneamente sem palavras.

— Não pode estar falando sério.

Amia riu.

— Estava procurando você para contar. Se o chefe paeliano, que nunca faz aparições públicas, veio a Limeros para falar com o rei, algo muito interessante deve estar acontecendo, não acha?

— De fato.

Diziam que o chefe Basilius era um poderoso feiticeiro temido e respeitado por seu povo. Ele se isolava dos outros paelianos em um recinto particular, dedicando seus dias à meditação e, supostamente, à magia.

Magnus não aceitava ideias tão ridículas. No entanto, seu pai acreditava naquilo, e muito. O rei Gaius acreditava no poder dos *elementia*, magia que havia sumido do mundo desde a época das deusas.

— Ouviu mais alguma coisa? — ele perguntou. — Sabe por que o chefe está aqui?

— Tentei ouvir o máximo que pude, mas tive medo de ser pega.

— Amia, é melhor você não ser descoberta. Meu pai não lida bem com bisbilhoteiros.

— Mesmo se estiver bisbilhotando em nome do filho dele?

— Eu não hesitaria em desmenti-la. — Ele pegou o braço da criada e o apertou até ela se contrair. Um lampejo de medo passou

pelos olhos pálidos da garota. — Em quem você acha que o rei acreditaria? Em seu filho e herdeiro? Ou em uma criada da cozinha?

Amia engoliu em seco.

— Peço desculpas, meu príncipe. Nunca devia ter dito uma coisa dessas.

— Garota esperta.

Ela se recompôs, livrando-se do desprazer momentâneo que houvera entre os dois.

— Pelo que ouvi, parece que tem a ver com o assassinato que houve na vila paeliana e com a reunião que o rei Gaius convocou semana passada.

Magnus soltou a menina.

— Acho que vou me juntar a eles. Tenho tanto direito de participar dessa reunião política quanto Tobias.

— Concordo plenamente.

A criada não fazia nada além de concordar. Magnus olhou para ela.

— Obrigado pela informação, Amia. Foi muito útil.

O rosto dela se iluminou.

— Vai precisar de mais alguma coisa de mim?

Ele refletiu por um instante antes de se afastar dela.

— Sim. Vá me visitar em meus aposentos depois que eu me recolher esta noite.

Seu rosto corou e ela sorriu com discrição.

— É claro, meu príncipe.

Magnus deixou a capela e se dirigiu à sala onde ocorria a reunião privada de seu pai, ao lado do grande salão. Ele não se preocupou em ouvir nada escondido, apenas entrou direto. Havia uma dúzia de homens na sala e todos os olhares se voltaram para ele.

— Ah, sinto muito — ele disse. — Estou interrompendo alguma coisa?

Embora gostasse de se passar por sombra na maior parte do tempo, havia outras ocasiões que pediam uma abordagem mais inspirada. A presença permanente de Tobias no castelo o enfurecia mais do que havia percebido até o momento. Sentia uma

necessidade repentina e violenta de afirmar sua posição de príncipe e herdeiro de direito do trono de seu pai.

— Este — anunciou o rei Gaius de seu assento sobre a plataforma, sempre um degrau acima de todos — é meu filho, o príncipe Magnus Lukas Damora.

Em vez de uma expressão indignada por conta da interrupção, havia um pequeno sorriso nos lábios do rei com a entrada repentina de Magnus. Tobias olhava feio, como se estivesse furioso em nome do rei pela grosseria de Magnus.

— É uma grande honra conhecer o príncipe — proferiu a voz de um homem, e Magnus moveu os olhos para sua esquerda. — Eu sou o chefe Hugo Basilius de Paelsia.

— A honra é nossa, chefe Basilius — Magnus disse de maneira controlada. — Bem-vindo a Limeros.

— Junte-se a nós, meu filho — pediu o rei.

Magnus se conteve para não fazer uma observação sarcástica sobre não ter sido convidado para a reunião e se sentou de frente para o chefe e quatro de seus homens.

O chefe parecia mais pomposo do que Magnus esperava do líder de um povo camponês. Em Paelsia não havia classe alta ou média, apenas graus variados da baixa — especialmente nas últimas gerações, quando a terra começara a se degradar.

Mesmo sentado, ficava claro que Basilius não era camponês. Ele era alto, de ombros largos. Os cabelos longos e escuros tinham fios grisalhos. No rosto bronzeado havia linhas de expressão, e seus olhos escuros expressavam sagacidade. As roupas eram muito bem-feitas, de couro macio e pele de raposa. Ele parecia mais nobre do que Magnus imaginava. Era provável que Basilius não compartilhasse do estilo de vida dos homens comuns de Paelsia.

— Devemos deixar seu filho a par do que discutimos até agora? — Basilius perguntou.

— É claro. — A atenção do rei Gaius não desviara de seu filho desde que ele adentrara a sala. Mesmo sem vê-lo, Magnus sentia o olhar de seu pai como uma ardência em sua cicatriz. Um rastro frio de suor percorreu sua espinha, ainda que tentasse aparentar calma.

O rei Gaius tinha temperamento impulsivo, e Magnus sabia por experiência própria como poderia ser punido se o pressionasse demais. Afinal, tinha a cicatriz como prova.

Uma cicatriz que ele lembrava muito bem como havia adquirido.

Dez anos antes, o rei levara Magnus e a rainha Althea em uma visita real a Auranos. Estavam havia pouco tempo no palácio opulento e ricamente decorado — em contraste com o castelo sóbrio e utilitário de Limeros — quando Magnus cedeu à curiosidade de criança. Ficou vagando durante um banquete para explorar o castelo sozinho. Deparou-se com um expositor de adagas ornadas com joias e sentiu o ímpeto de roubar uma de ouro, incrustada com safiras e esmeraldas. Em Limeros, as armas não eram tão belas e decoradas. Eram práticas e úteis, forjadas em aço ou ferro. Ele desejava aquilo mais do que havia desejado qualquer outra coisa em seus sete anos de vida.

O pai o surpreendeu tirando a adaga do estojo. O rei ficou tão furioso com a ideia de que seu filho pudesse roubar algo, prejudicando o nome da família, que o atacou. A punição de Magnus veio pela própria lâmina.

O pai arrancou a adaga das mãos do filho e retalhou o rosto de Magnus com o lado afiado.

Gaius se arrependeu imediatamente do surto violento. Mas em vez de ajudar Magnus e enfaixar o ferimento, ele se ajoelhou diante do filho e falou em um tom de voz baixo e intimidante, enquanto o sangue escorria da bochecha do garoto até o chão de mármore. Ele ameaçou a vida de Magnus, a de sua mãe e de sua irmãzinha. O menino não deveria contar a ninguém como fora ferido.

Até o momento, não havia contado. Lembrava-se da ameaça e da reação insensível de seu pai sempre que se olhava no espelho.

Mas ele não era mais um garotinho de sete anos. Tinha dezessete, quase dezoito. Era tão alto quanto o pai. E também forte. Não queria mais ter medo.

— Mandei avisar o chefe Basilius — o rei explicou — que gostaria de me encontrar com ele para falar dos problemas de sua terra, acentuados pelo assassinato de Tomas Agallon nas mãos de um

lorde auraniano. Ele concordou em vir aqui e discutir uma possível aliança.

— Uma aliança? — Magnus repetiu com surpresa.

— A união de duas terras por um único propósito — afirmou Tobias.

Magnus lançou um olhar contundente para o bastardo.

— Eu sei o que é uma aliança.

— Acredito que possa ser o prenúncio pelo qual eu esperava — disse o chefe Basilius. — Há tempos procuro uma solução para minha terra moribunda.

— E que solução traria uma aliança com Limeros? — perguntou Magnus.

Seu pai e o chefe trocaram um olhar de cumplicidade, e o rei Gaius disse, encarando o filho:

— Eu propus nos juntarmos para tomar Auranos daquele rei ganancioso e egoísta que deixa seu povo acreditar que pode fazer o que quiser, com quem quiser, sem nenhuma consequência.

— Tomar Auranos — repetiu Magnus sem acreditar no que estava ouvindo. — Querem dizer conquistá-la. Juntos.

O sorriso do rei se abriu.

— O que você acha disso, meu filho?

Aquela era uma pergunta capciosa. Estava claro para Magnus que aquela discussão já estava acontecendo havia um bom tempo antes de sua chegada. Ninguém parecia chocado pela sugestão de guerra depois de várias gerações de paz.

E depois que Magnus pôde recobrar o fôlego, também não estava tão surpreso. Seu pai odiava Corvin Bellos publicamente havia uma década, e a reprovação limeriana a um reino dedicado ao hedonismo e aos excessos já havia sido discutida em reuniões do conselho real e em banquetes. Magnus só estava surpreso por seu pai ter demorado tanto para resolver entrar em ação.

A terra do chefe Basilius ficava entre Limeros e Auranos. Duzentos e quarenta quilômetros que qualquer exército teria que cruzar para chegar à fronteira auraniana. Uma aliança amigável deixaria a viagem muito mais tranquila.

— Posso dizer o que eu acho — disse Tobias. — Acho que é um plano brilhante, vossa graça.

Magnus olhou para o valete do rei com desgosto. Os mesmos cabelos negros, olhos escuros, a mesma altura e o porte físico dele próprio. As feições de Tobias eram um pouco mais suaves que as de Magnus. De resto, restavam poucas dúvidas de que tinham o mesmo pai. Era perturbador pensar que Tobias poderia ser o irmão mais velho legítimo de Magnus. Se o rei algum dia admitisse a paternidade do rapaz e o reivindicasse como filho verdadeiro, Tobias entraria na frente de Magnus na linha de sucessão ao trono. Não havia lei limeriana que exigisse sangue real puro para assumir o posto. Mesmo o filho de uma prostituta poderia se tornar rei.

— Acho que independente de minha opinião sobre o assunto, meu pai fará o que lhe aprouver — Magnus disse. — Como sempre fez.

O chefe riu alto daquilo.

— Acho que seu filho o conhece muito bem.

— Bastante — afirmou o rei Gaius, divertindo-se. — Então, chefe Basilius, o que me diz? Concorde com o meu plano? Auranos ficou gorda e preguiçosa durante vários anos de paz e não será capaz de aguentar um ataque inesperado. Eles vão cair, e juntos recolheremos os pedaços que sobrarem.

— E esses pedaços que pegaremos — ponderou Basilius — serão divididos entre nós igualmente?

— Sim.

O chefe recostou na cadeira e analisou todos os que estavam na sala. Os quatro homens atrás dele tinham adagas curvas no cinto e estavam vestidos com couro dos pés à cabeça. Pareciam prontos para a batalha, se recebessem tal ordem.

— Está ciente dos rumores a meu respeito? — perguntou o chefe. Magnus demorou um instante para se dar conta de que Basilius estava falando diretamente com ele.

— Rumores? — Magnus repetiu.

— O motivo de eu ser o escolhido para liderar meu povo.

— Ouvi histórias de que o senhor é o último de uma linhagem de feiticeiros tocados com *elementia*. Que seus ancestrais estavam entre os próprios vigilantes, guardiões da Tétrade.

— Ouviu bem. É por isso que sou o chefe de meu povo e eles confiam em mim mais do que em qualquer outro. Não temos deus, nem deusa, para adorar como vocês. Meu povo tem a mim. Quando reza, reza por mim.

— E o senhor ouve essas preces?

— Em espírito, ouço todas elas. Mas quando eles querem muito alguma coisa, fazem um sacrifício de sangue para mostrar reverência a mim.

Sacrifício de sangue? Que selvageria. Não era de estranhar que fossem um povo moribundo, dependente de alguns vinhedos para impedir que sua economia se estagnasse completamente.

— Que interessante — disse Magnus.

— O maior sacrifício deve ser algo que a pessoa valorize. Sacrificar algo sem valor não faz sentido.

— Concordo.

— É isso que está me pedindo agora? — perguntou o rei Gaius.

— Um sacrifício de sangue para mostrar reverência a você?

Basilius abriu as mãos e se virou para o rei.

— Assim como há lendas sobre mim, também há muitas histórias sobre você. É difícil separar a verdade da ficção.

— O que você ouviu?

— Que você é um rei que não aceita menos que a perfeição. Que cobra impostos de seu povo até as pessoas mal poderem se alimentar. Seu exército policia as vilas de Limeros, e qualquer um que saia das regras que você estabeleceu paga caro pelo erro, até mesmo com a vida. Que tortura e executa qualquer um acusado de bruxaria em suas terras. Que governa seu reino com violência e intimidação, e que seu povo o teme mesmo curvando-se aos seus pés. Que o chamam de Rei Sanguinário.

Se pedissem para Magnus falar depois daquele pequeno discurso, tinha certeza de que nada sairia de sua boca. Aqueles eram os rumores sobre o rei Gaius?

Como eram... precisos.

Ele observou o pai para ver sua reação, esperando que ele atacasse Basilius com ameaças, expulsando o chefe e seu séquito de seu reino imediatamente.

Em vez disso, o rei Gaius começou a rir. Era um riso obscuro e fez um arrepio subir pelas costas de Magnus enquanto ecoava pelo salão cavernoso.

— Essas histórias — ele disse. — Exageradas para entreter o povo, claro. Ficou intimidado por essas possibilidades?

— Pelo contrário — respondeu o chefe Basilius. — Um homem assim é alguém que não deixaria outras pessoas lutarem suas batalhas. Ele mesmo lutaria por seus interesses. Mataria e tomaria o que precisasse, quando precisasse. Você é esse homem?

O rei Gaius se inclinou para a frente, deixando de lado a expressão descontraída.

— Eu sou esse *rei*.

— Você quer Auranos, mas não acredito que seja apenas por indignação a respeito de um assassinato cometido em minha terra. Diga-me: por que está tão compelido a se aliar a Paelsia e tomar aquele reino?

O rei Gaius ficou em silêncio por um instante, como se analisasse o homem que estava diante dele.

— Quero ver o governante daquela terra sofrer ao ver seu reino escapar de suas mãos e ir para as de alguém que ele odeia. Esta é a minha chance de fazer isso.

O chefe Basilius pareceu satisfeito com a resposta.

— Ótimo. Então só falta me dar uma prova mais tangível do que palavras. Faça isso e prometo refletir a esse respeito e lhe responder em breve.

— Preciso provar com um sacrifício de sangue.

O chefe confirmou.

— Quero que sacrifique algo com que se importe muito, algo cuja perda lhe trará sofrimento.

O rei olhou de relance para Magnus. O rapaz segurou firme na borda da mesa. Suas mãos estavam úmidas. Seu pai não poderia concordar com algo tão selvagem por um simples capricho de um rei camponês.

— Tobias — chamou o rei Gaius. — Me dê sua adaga.

— Pois não. — Tobias tirou a adaga de aço da bainha e entregou-a ao rei. — Se aceita uma sugestão, vossa majestade, há vários

ladrões no calabouço aguardando julgamento.

— Você aceitaria, chefe Basilius? — O rei se levantou do trono sobre a plataforma. — Roubo não é crime com pena de morte aqui. No máximo teriam as mãos cortadas. A perda desnecessária da vida de qualquer limeriano também seria uma perda para o meu reino, para minha economia — e, conseqüentemente, para mim.

Basilius também se levantou. Magnus ficou onde estava, observando tudo com um misto de interesse e consternação.

— Estou decepcionado com essa escolha — afirmou o chefe. — No meu povo, há quem sacrificaria os próprios filhos por mim.

— E você aceita um crime como esse? — o rei perguntou, tenso. — A família, para mim, é a coisa mais valiosa do mundo. E os filhos são nosso legado, são mais preciosos que ouro.

— Encerremos por aqui. Pensarei no que me propôs hoje. — O chefe seguiu na direção da porta. Seu tom não tinha o mesmo entusiasmo que demonstrara antes com a perspectiva de aliança.

— Tobias — chamou o rei, calmo.

— Pois não, vossa majestade?

— Lamento muito que isso seja necessário.

O rei moveu-se rapidamente por trás do garoto, puxou a cabeça dele para trás e enfiou a lâmina em sua garganta.

Os olhos de Tobias se arregalaram e ele levou as mãos ao pescoço. O sangue jorrou por entre seus dedos. Ele caiu no chão.

O rei Gaius ficou sério ao olhar para o corpo imóvel do garoto.

Magnus reuniu todas as suas forças para não deixar a tempestade de emoções que havia dentro dele transparecer em seu rosto. Ele se controlou para usar apenas a máscara da indiferença que havia se esforçado para construir no decorrer dos anos.

Basilius fez uma pausa na porta, voltando a olhar para o rei e para o valete morto. Suas sobrancelhas se uniram. Os guardas estavam com a mão nas armas, preparados para defender o chefe, mas Basilius fez sinal de que não era necessário.

— Ele era seu valete, não era? — indagou o chefe.

O rosto do rei estava tenso.

— Era.

— Mais do que isso, se os boatos forem verdadeiros.

O rei Gaius não respondeu.

Finalmente, o chefe paelsiano assentiu.

— Obrigado por me fazer tamanha reverência. Seu sacrifício não será esquecido. Entrarei em contato com você em breve informando minha decisão final.

O chefe e seu séquito se retiraram.

— Tirem o corpo daqui — o rei vociferou para alguns guardas que estavam ali. Juntos, eles removeram o corpo de Tobias. Apenas uma poça de sangue permaneceu como prova do que havia acontecido. Magnus se obrigou a não olhar para ela.

Ele não deu nenhum indício de que sairia, nem disse nada. Esperou.

Passaram-se vários minutos até que o rei parou atrás da cadeira do príncipe. Todos os músculos do corpo de Magnus estavam tensos. Enquanto Tobias não esperava que sua morte viesse pelas mãos do próprio pai, Magnus nunca havia subestimado o rei quanto a isso.

Ele quase abandonou o próprio corpo quando o rei agarrou seu ombro.

— Tempos difíceis exigem decisões difíceis — o rei declarou.

— O senhor fez a única coisa que podia — respondeu Magnus, o mais calmamente possível.

— Que seja, então. Eu não me arrependo de nada. Nunca me arrependi e nunca me arrependerei. Levante-se, meu filho.

Magnus se afastou da mesa e ficou em pé, de frente para o rei.

Seu pai passou os olhos por ele, dos pés à cabeça, assentindo.

— Sempre soube que havia algo especial em você, Magnus. A forma como agiu hoje apenas confirma isso. Você se comportou muito bem.

— Obrigado.

— Eu o tenho observado com atenção. Depois de uma infância difícil, creio que tenha se transformado em um rapaz excelente: pronto para responsabilidades de verdade, e não apenas o lazer cotidiano de um jovem príncipe. A cada dia que passa sinto mais orgulho de chamá-lo de filho.

O fato de seu pai ter orgulho dele foi uma revelação chocante.

— Fico satisfeito em ouvir isso — Magnus conseguiu dizer de maneira equilibrada.

— Quero que faça parte disso. Que aprenda tudo o que puder para um dia assumir meu lugar no trono fortalecido pelas lições aprendidas. Eu não estava mentindo sobre o que disse antes. Família é a coisa mais importante para mim, acima de todo o resto. Quero você ao meu lado. Concorda com isso?

Aquela havia sido uma decisão sobre a qual seu pai já havia refletido ou a morte de Tobias fora suficiente para desencadear o repentino apego paterno?

E aquilo tudo importava?

— É claro que concordo — respondeu Magnus. — Tudo o que precisar.

Ele percebeu que dizia aquelas palavras de coração.

O rei assentiu com a cabeça.

— Ótimo.

— Deseja algo de mim no momento? Ou devemos esperar que o chefe mande notícias de sua decisão?

O rei olhou para os dois guardas que permaneciam na sala. Um aceno de queixo na direção deles indicou que saíssem para que pudesse falar com Magnus em particular.

— Tem uma coisa, embora não esteja diretamente relacionada a meus planos para Auranos.

— O que é?

— É sobre sua irmã.

Magnus ficou paralisado.

— O que tem ela?

— Sei que ela é próxima de você. Mais próxima do que é de mim ou de sua mãe. Quero que fique de olho nela. Se notar algo que considere incomum, deve me dizer no ato. Se não fizer isso, ela pode estar em grande perigo. Entendeu?

Magnus ficou sem ar.

— Que tipo de perigo?

— Não posso dizer mais do que isso por enquanto. — Sua expressão ficou sombria. — Vai fazer o que estou pedindo sem

questionar? É importante, Magnus. Você vai observar Lucia e me contar se perceber alguma coisa?

O mundo parecia balançar debaixo dos pés de Magnus. Ele não se importava com Tobias, mas a morte do bastardo o abalara profundamente.

Com Lucia, no entanto, ele se importava. O que seu pai estava pedindo tinha relação direta com a conversa que Magnus havia escutado entre o rei e Sabina na noite do aniversário de sua irmã. Sobre magia e mistério. E se aquilo comprometia o bem-estar de Lucia, ele sabia que não havia outra resposta para dar a seu pai.

Ele concordou.

— É claro que sim, pai.

AURANOS



— Estou muito feliz em anunciar a todos — o rei Corvin falou à frente do grande salão, para uma multidão de amigos e nobres reunidos no banquete de comemoração — que minha filha mais nova, princesa Cleiona Aurora Bellos, deve se unir em matrimônio ao lorde Aron Lagaris, filho de Sebastien Lagaris, da Encosta dos Anciãos. Espero que possam se juntar a mim na celebração dessa feliz e alegre união. Um brinde à princesa Cleo e ao lorde Aron!

A multidão vibrou. Cleo tentou conter as lágrimas enquanto estava ao lado de seu pai. Não conseguia mais ver o rosto das pessoas, apenas borrões. Mas ela não choraria.

— Sorria, Cleo. — Aron bateu sua taça de vinho na dela ao voltar à mesa, que transbordava com o banquete real. O tim-tim fez a coluna dela enrijecer. — Todos vão pensar que não está animada com esse anúncio.

— Não estou, e você sabe — ela disse entredentes.

— Você vai se acostumar — ele assegurou, mas não parecia se importar muito com o que aconteceria. — Antes que se dê conta, chegará o dia do casamento.

Parecia mais uma ameaça do que uma promessa.

Era oficial. Ela estava oficialmente comprometida.

Depois da conversa desagradável que tivera com Aron em sua quinta algumas semanas antes, levantou o assunto com seu pai, esperando que ele desfizesse o noivado antes do anúncio oficial. Em vez disso, ele disse que era para o bem de Cleo, e que ela precisava acreditar que o pai era capaz de escolher um marido adequado para a filha querida.

O rei, Cleo pensava com um desalento cada vez maior, estava mais empolgado pela ideia de ter Aron como genro — um lorde que supostamente entrara em uma briga para defender a frágil princesa de um camponês paelsiano selvagem — do que ela jamais ficaria.

Desde aquela “conversa”, o rei estivera ocupado demais para falar com Cleo em particular. No entanto, por sorte, também andava ocupado demais para fazer o anúncio. Cada dia que se passava sem a oficialização era um presente. Uma chance de pensar em uma saída.

Mas Cleo não pensou em nada. Não a tempo.

“E cá estamos”, ela pensou com tristeza.

Não conseguia comer nada. Seu estômago não podia segurar um bocado que fosse de vitela, cervo, frango recheado, frutas ou massas doces — para citar apenas uma fração do luxuoso banquete. E recusou-se a tomar um único gole de vinho.

Assim que pôde, escapou do banquete lotado, evitando os olhos de Theon e passando rapidamente pelas hordas de simpatizantes que pareciam empolgados com a perspectiva de um casamento real.

— Que coisa maravilhosa — ela ouviu uma mulher dizer ao passar — ter notícias tão alegres. Espero que o casamento seja na primavera. Mas é uma pena não termos visto a princesa Emilia. É tão triste que ela não esteja se sentindo bem para comparecer.

O coração de Cleo se contraiu com aquelas palavras. Sempre que estivesse sendo egoísta e se preocupasse demais com seus problemas, precisava lembrar: estava acontecendo algo muito mais importante do que seu conflito com Aron.

As tonturas e dores de cabeça de Emilia pioravam cada vez mais. Ela estava de cama, fraca demais para comparecer às refeições. Nenhum curandeiro chamado ao palácio descobrira o que havia de

errado com ela. Aconselharam-na a descansar bastante e esperar. Com esperança, seus problemas de saúde desapareceriam mais cedo ou mais tarde.

Com esperança.

Cleo não gostava dessa expressão. Gostava de certezas. Gostava de saber que o dia de amanhã seria agradável, ensolarado e divertido. Gostava de saber que sua família e seus amigos estariam saudáveis e felizes. Qualquer outra coisa era inaceitável.

Emilia ficaria boa porque tinha que ficar boa. Se Cleo desejasse muito uma coisa, ela aconteceria. Por que não? Sempre havia sido assim. Decidida, tirou o noivado da cabeça.

Do grande salão, Cleo se dirigiu aos aposentos da irmã. Emilia estava atrás das cortinas transparentes de sua cama com dossel, encostada sobre um monte de travesseiros coloridos, lendo à luz de velas. No canto, sobre um cavalete, estava a pintura mais recente de Emilia: um estudo do céu noturno. Ela se virou com os olhos um pouco vidrados, o rosto pálido e abatido, quando Cleo entrou no quarto.

— Cleo... — ela começou a dizer.

Cleo desatou a chorar, odiando cada lágrima derramada — por si mesma, por Emilia. Lágrimas eram inúteis. Só serviam para fazê-la se sentir fraca e impotente contra aquela correnteza que arrastava todos por onde passava.

Emilia largou o livro, puxou de lado as cortinas da cama e estendeu a mão para a irmã. Cleo cambaleou para a frente, desabando na cama ao lado dela.

— Odeio ver você tão mal — Cleo soluçou.

— Sei que odeia. Mas esse não é o único motivo de suas lágrimas, é? Nosso pai fez o anúncio?

Cleo apenas concordou com a cabeça, pois tinha a garganta apertada demais para falar.

Emilia apertou sua mão e olhou para a irmã com muita seriedade.

— Ele não está fazendo isso para que você sofra. Ele realmente pensa que Aron seria um bom marido para você.

Não, não seria. Ele seria um péssimo marido. Por que ninguém enxergava aquilo?

— Por que agora? Por que ele não pode esperar dois anos?

— Muitas pessoas, inclusive as que vivem aqui, viram o que aconteceu em Paelsia como um insulto direto a nossos vizinhos. Com o noivado de vocês, o rei está afirmando que aceita Aron e acredita que ele seja nobre e digno de se casar com sua preciosa filha. Os rumores de que Aron agiu para proteger a garota que ama se confirmam. A crise é evitada.

— É tão injusto. — O fato de tudo não passar de uma decisão política parecia tão frio, tão analítico. Para Cleo, um casamento ideal deveria ser fruto de amor, não de interesses políticos.

— Nosso pai é o rei. Tudo o que faz, diz, optou por fazer, é a serviço do reino. Para fortalecer os pontos em que pode se tornar fraco.

Cleo inspirou profundamente.

— Mas eu não quero me casar com Aron.

— Eu sei.

— Então o que devo fazer?

Emilia sorriu.

— Talvez devesse fugir com Nic, como me contou que ele sugeriu.

Cleo quase riu da ideia.

— Não seja ridícula.

— Você sabe que aquele garoto é apaixonado por você, não sabe?

Cleo franziu a testa e encarou a irmã com olhar inquisidor.

— Não é, não. Eu perceberia uma coisa dessas.

Emilia deu de ombros.

— Algumas verdades não são vistas tão facilmente.

Nic com certeza *não* estava apaixonado por ela. Eram bons amigos — nada além disso. De canto de olho, ela viu Theon passar pela porta aberta do quarto de Emilia, fazendo sua presença ser notada. Ele a havia seguido desde o banquete até a escadaria sinuosa que dava para os aposentos da irmã. Cleo sentiu uma onda estranha de prazer por ele se recusar a deixá-la fugir de sua vista.

Cleo tirou os olhos de Theon e voltou a atenção à irmã. Ela perdeu o ar. Havia sangue escorrendo do nariz de Emilia.

Ao ver a expressão de terror de Cleo, Emilia pegou um lenço de cor creme, já manchado de vermelho, e limpou o sangue, como se não fosse algo inesperado.

Ver aquilo gelou o sangue de Cleo.

— Emilia...

— Sei que está chateada com o noivado — Emilia interrompeu com delicadeza, mudando de assunto. — Então preciso contar uma coisa, Cleo, sobre o meu noivado rompido. Talvez ajude.

Cleo hesitou, surpresa. Ela nunca pensou que saberia a verdade sobre aquilo.

— Conte.

— Na época, fiquei feliz com o noivado. Eu sentia que era o meu dever. Lorde Darius não era terrível. Eu gostava dele. Gostava mesmo. Estava preparada para me casar com ele. Mas nosso pai tinha esperado eu completar dezoito anos para escolher alguém para mim. Não havia pressa como agora.

Os dezoito anos pareciam a uma eternidade de distância. Se Cleo tivesse tanto tempo para lidar com aquilo...

— O que aconteceu?

— Eu me apaixonei por outra pessoa.

— Eu sabia! — Cleo agarrou a mão da irmã. — Quem era?

Emilia umedeceu os lábios pálidos com a ponta da língua e falou, um pouco hesitante.

— Um guarda.

Os olhos de Cleo quase caíram do rosto. Era a última resposta que ela esperava ouvir.

— Não pode estar falando sério.

— Estou. Nunca havia amado alguém tanto quanto o amava. Ele era tão lindo e empolgante, e me fazia sentir mais viva do que nunca. Eu sabia que era errado, que um casamento naqueles moldes nunca seria permitido, mas quando nosso coração embarca numa viagem dessas, tudo o que podemos fazer é aguentar firme. Contei ao nosso pai que não poderia me casar com lorde Darius. Implorei para que ele não me obrigasse. Disse que, se insistisse, eu... eu me mataria.

Cleo sentiu um arrepio ao se lembrar da depressão profunda de sua irmã na época do noivado com o lorde Darius.

— Por favor, não diga uma coisa dessas.

— Era verdade na época. E o nosso pai acreditou que eu fosse capaz. Rompeu o noivado imediatamente, colocando a vida da futura rainha de Auranos acima de um casamento real arranjado. Agora me sinto mal por tê-lo assustado, mas na época não conseguia pensar direito.

— Onde ele está agora? — sussurrou Cleo. — Esse guarda?

Os olhos de Emilia se encheram de lágrimas, que se espalharam por seu rosto pálido.

— Ele se foi.

Aquelas palavras carregavam tanta dor que eram quase palpáveis. Sua irmã estava com seu livro favorito nas mãos, um livro religioso dedicado à deusa Cleiona.

— Tiro minhas forças da leitura sobre a força dela — sussurrou Emilia, olhando para a capa estampada em ouro. — Ela fez o que precisava ser feito para proteger Auranos, arriscando a própria vida para manter o reino a salvo dos perigos exteriores. Minha fé é tudo o que tenho para enfrentar esses tempos obscuros. Sei que sua fé tem um tom mais prático.

Apesar de ter recebido o nome da deusa, Cleo não sabia muito sobre religião, e não era a única. Muitos no reino haviam se afastado do que antes era considerado uma parte importante da vida auraniana. Anos atrás, o rei abrandara a regra de que houvesse um dia dedicado apenas a orações. Seus súditos podiam usar seu tempo como bem entendessem.

Cleo deu de ombros.

— Acho que tenho dificuldade para acreditar em coisas que não posso ver.

— Gostaria que você desse uma chance e aprendesse mais do que já sabe. Cleiona era tão corajosa e forte. Foi por isso que nossa mãe insistiu que você tivesse o nome dela. Ela havia perdido um bebê antes de você, e lhe disseram que não poderia ter outro. Você foi um milagre. Tudo o que ela fez foi rezar por sua pequena e preciosa vida. Ela queria tanto que você sobrevivesse. Insistiu que

tivesse o nome da deusa na esperança de que isso lhe desse força para sobreviver. Foi seu último desejo.

— Eu queria que nós duas tivéssemos sobrevivido. — Cleo ficou sem voz. Apesar de toda a riqueza do rei, sua amada rainha havia morrido no parto, e ele não pôde fazer nada para evitar.

— Eu também, mas fico muito feliz por você estar aqui.

— Sabe que eu faria qualquer coisa por você, não é? — A voz de Cleo enfatizou as palavras. — Amo você mais do que tudo no mundo.

— Eu sei. E amo você também. — Mais sangue escorreu do nariz de Emilia, e ela o limpou.

— O que posso fazer para ajudá-la?

— Nada. — Emilia piscou, com tristeza no rosto. — Estou morrendo, Cleo.

— Emilia! Não diga isso. — Um soluço de choro tomou conta do peito de Cleo. Era o seu maior medo dito em voz alta pela primeira vez.

Emilia apertou sua mão.

— É verdade. Você precisa se preparar para o que está por vir. Deve superar a tempestade e sair dela mais forte do que antes.

— Pare com isso. — A voz de Cleo tremeu. — Não diga essas coisas. Você *não* está morrendo.

— Estou. Sei que estou. Quando o homem que eu amava morreu dois meses atrás, rezei para Cleiona me levar também. Minhas preces estão sendo atendidas.

O rosto de Emilia se contraiu de sofrimento e as lágrimas escorreram pelo seu rosto. Lágrimas coloridas de vermelho. Mais sangue.

Cleo ficou boquiaberta. Sua irmã estava apaixonada por um guarda que havia morrido há dois meses.

— Era o pai de Theon, não era?

Emilia ficou sem ar e olhou para Cleo com surpresa antes de começar a chorar ainda mais.

Cleo tinha adivinhado. Sua irmã havia se apaixonado pelo guarda pessoal do rei, que foi jogado do cavalo e encontrou a morte. Uma

tragédia. Cleo já sentia muito pela perda de Theon, mas ela não imaginava que a morte do pai dele também atingira sua irmã.

— Sinto muito. — Ela abraçou Emilia enquanto as lágrimas tingidas de sangue da irmã ensopavam o ombro de seu vestido. Era raro que sua irmã ficasse tão emotiva. Ela costumava esconder as lágrimas, até de Cleo. Emilia sempre fora equilibrada e perfeita, esperta e sofisticada, enquanto Cleo lutava para se comportar da melhor forma possível. Emilia era sempre a rocha, confortando Cleo quando ela estava chateada com alguma intriga à toa ou brigas insignificantes com uma amiga. Ou com a perda de sua inocência para Aron.

— Você é a mesma que era ontem e anteontem — ela a havia tranquilizado. — Nada mudou. Não mesmo. Esqueça o que a está perturbando. Não se arrependa de nada, mas aprenda com os erros que cometeu. Amanhã será um dia melhor, eu juro.

— Sinto muito por ele ter partido — Cleo murmurou junto aos cabelos da irmã. — Queria que tudo fosse diferente. Mas, por favor, não diga que rezou para morrer. Não pode dizer nada assim.

— Pensei que fosse morrer com a dor quando soube da morte dele. Foi como se eu tivesse perdido meu marido, não apenas meu amante. — Emilia respirou fundo, trêmula. — Mesmo não podendo nem sonhar em nos casarmos de verdade, duas semanas antes de morrer ele cavalgou comigo para o Vale Lesturne, a poucas horas da cidade. Passamos o dia juntos, fazendo juras de amor e devoção com a natureza como testemunha. Eu me comprometi para sempre com ele, e ele comigo. Foi perfeito, Cleo. Apenas por algumas horas, tudo foi tão perfeito. Vimos o pôr do sol juntos e ficamos contando as estrelas conforme apareciam. Ele disse que nos tornaríamos estrelas quando morrêssemos, tomando conta daqueles que amamos. Agora olho para o céu todas as noites na esperança de encontrá-lo, na esperança de vê-lo de novo. Sinto tanta falta dele que sei que é essa a causa da minha doença. O sofrimento está corroendo a minha vida.

— Você não pode deixar isso acontecer. — A garganta de Cleo estava tão apertada, mas havia raiva em suas palavras. — Não pode. Você será rainha um dia. Se morrer, eu serei a sucessora.

Acredite em mim, Emilia, isso seria muito ruim. Eu seria uma péssima rainha. Por mais terrível que tudo isso esteja sendo para você, e por mais que eu também sofra com esse segredo que manteve guardado dentro de si, me recuso a aceitar que você esteja morrendo de sofrimento. Está doente, só isso. E pessoas doentes ficam boas de novo.

— Os curandeiros que me examinaram não entendem o que há de errado comigo. Não têm respostas ou remédios além daqueles que me fazem dormir o dia todo. — Emilia bufou de leve. — Contudo, um deles sugeriu que procurasse ajuda em Paelsia. Disse que era minha única esperança de sobreviver.

— Ajuda de quem em Paelsia? — Cleo perguntou imediatamente. Emilia sacudiu a mão.

— É uma lenda, só isso.

— Que lenda?

Emilia abriu um sorriso.

— De repente, minha irmã que só acredita em coisas palpáveis está interessada em histórias e lendas.

— Se não me disser, juro que vou gritar.

— Minha nossa, acho que eu não ia gostar. — O rosto pálido de Emilia parecia cansado e ela apoiou a cabeça no travesseiro. — O curandeiro me falou de uma mulher em Paelsia que guarda as sementes de uva originais que foram inoculadas com magia da terra. São as que ajudam os vinhedos a produzir aquele vinho tão incrível. Ela cuida desses vinhedos com a magia da terra, que protege do resto do mundo.

— Magia — exclamou Cleo, cética.

— Sei que não acredita, por isso não queria contar.

— Então quer dizer que essa mulher tem sementes mágicas e é responsável pelos vinhedos serem tão maravilhosos em Paelsia. Por que ela não usa essa magia para ajudar Paelsia a sair da pobreza?

— Talvez sua magia não tenha tanto alcance. Mas a lenda diz que as sementes que ela possui são capazes de curar até as doenças mais terríveis.

— E quem é essa mulher para ter tamanha magia à disposição?

Emilia parecia relutante em dizer mais alguma coisa.

— E? — Cleo persistiu.

— Uma vigilante exilada. Que deixou o santuário há muitos anos.

— Uma *vigilante* — Cleo disse com descrença.

— Isso mesmo. Então você está certa. Não passa de fantasia. Vigilantes não existem de verdade. Não tem ninguém lá fora nos observando por meio dos olhos de pássaros, buscando pistas de onde encontrar a Tétrade.

— Nunca acreditei nessas bobagens.

— E foi por isso que hesitei em lhe contar tudo isso. — Ela limpou mais um pouco de sangue do nariz. O coração de Cleo, que nem havia se recuperado, começou a doer outra vez.

— Emilia... — seus olhos se encheram de lágrimas. — Não sei o que fazer.

Emilia ficou agoniada.

— Eu nunca deveria ter contado nada disso. Minha história escapou de minhas mãos. Mas se você não quiser mesmo se casar com Aron, diga ao nosso pai. Faça-o entender que vai morrer se fizer isso. E se você se apaixonar por outro, passe todo o tempo possível com ele, pois nunca se sabe quando ele poderá ser tirado de você. Siga os caminhos que seu coração apontar. Aprecie a vida, Cleo. É uma dádiva que pode ser roubada a qualquer hora. Aconteça o que acontecer comigo, não me arrependo de nenhum segundo que passei com Simon.

Cleo cerrou os dentes.

— Você *não vai* morrer. Eu não vou deixar.

Emilia soltou o ar, trêmula.

— Minha cabeça está doendo muito. Preciso dormir. Mal consigo abrir os olhos por causa dos elixires ridículos que os curandeiros me fizeram tomar. Boa noite, querida irmã. Amanhã será melhor.

Cleo segurou a mão de Emilia até ter certeza de que ela estava dormindo. Beijou a testa da irmã, saiu do quarto e foi para o corredor com as pernas bambas. Theon esperava ao lado da porta, com um sorriso amargo gravado no belo rosto.

Com a porta aberta, Theon poderia ter ouvido tudo o que ela e Emilia conversaram, mesmo que não estivesse tentando escutar.

— Achei que você fosse fugir pelo terraço da sua irmã de novo — ele disse calmamente.

— Hoje não. — Ela olhou para o rosto tenso do guarda. — Você sabia?

Ele negou.

— Eu sabia que meu pai gostava de alguém, mas ele não dizia quem era. Achei que estivesse envolvido com uma mulher casada. Agora eu sei.

Cleo abraçou seu próprio corpo ao andar. Os lampiões na parede lançavam um brilho cintilante de luz e sombras pelo corredor.

— Você acredita nessas coisas que ela falou sobre vigilantes exiladas e sementes mágicas que podem curar doenças?

— Eu não sei.

Cleo parou de andar e se virou para ele.

— Não sabe? Então acha que pode ser verdade?

— Meu pai acreditava em magia, em lendas perdidas dos vigilantes da Tétrade. Ele me disse que aqueles que se exilam no mundo mortal têm crianças que também podem ser tocadas pela magia. Bruxas.

— Nunca acreditei que existissem bruxas de verdade. Ou vigilantes.

A expressão de Theon ficou obscura.

— Eu também não, e não sei bem se você deve começar agora.

— Eu me pergunto se os próprios moradores das vilas paelsianas saberiam como encontrar essa mulher — disse ela em voz baixa. — Se eu descobrisse um nome, uma localização, poderia encontrá-la e falar com ela.

Theon ficou em silêncio por um momento.

— Não está pensando em ir atrás disso, está? É apenas uma história que sua irmã lhe contou.

— Se existe alguém que pode ajudar Emilia, eu preciso encontrar.

Theon ficou preocupado com a determinação repentina no rosto de Cleo.

— Depois do que aconteceu com lorde Aron, não é uma boa ideia um auraniano botar os pés em Paelsia até o assunto ser esquecido.

Cleo olhou para o guarda, assustada.

— Você acha que isso vai acontecer?

Ele fez que sim.

— É um dos motivos de seu pai ter anunciado seu noivado agora. É uma distração.

Os ombros dela desabaram.

— Meu futuro sofrimento está sendo usado como distração. Que maravilha!

— Como sua irmã disse, você não precisa se casar com ele. A menos que queira.

— Você fala como se eu tivesse escolha.

— A princesa Emilia conseguiu desfazer seu noivado porque amava outra pessoa.

— Então você acha que eu deveria me apaixonar por outra pessoa?

Theon não respondeu de imediato. Cleo percebeu que ele a estava observando atentamente.

— Talvez devesse — ele por fim respondeu.

O coração dela quase parou.

— E ser tão corajosa quanto a minha irmã ao me apaixonar por alguém que não seja adequado para uma princesa?

— A decisão é toda sua.

O olhar dela voltou-se para os lábios dele, como se não pudesse se conter.

— Quero ajudar Emilia — ela sussurrou. — Não posso perder minha irmã. Ela acha que está morrendo; vi em seus olhos. Não posso deixar isso acontecer.

— Eu sei.

— Preciso ir a Paelsia e descobrir mais informações sobre essa vigilante exilada.

A expressão de Theon endureceu. O que havia de confuso em seus olhos desaparecera.

— Esqueça isso, princesa. Além do mais, você não acredita em magia.

— Nunca acreditei em magia porque não acredito em nada que não tenha visto com meus próprios olhos. Portanto, devo ir a Paelsia assim que puder e descobrir a verdade.

Ele a analisou pacientemente, e um lampejo de respeito passou por seus olhos.

— Está determinada a salvar sua irmã.

— Ela está morrendo. Eu sinto, Theon. Vou perdê-la se não fizer alguma coisa logo. — Ela engoliu em seco e olhou para ele. — Você iria comigo?

Theon ficou pensativo por um momento.

— Se conseguir a permissão de seu pai para essa viagem, é claro que irei com você.

Aquela era a resposta de que ela precisava — Emilia precisava restabelecer sua saúde. E se houvesse uma crise em Paelsia, Cleo faria de tudo para evitá-la. Com Theon a seu lado, nada a impediria. Uma onda de motivação e otimismo tomou conta dela.

— Então vou conseguir a permissão do meu pai.

LIMEROS



— Ela é só uma menina. Nada mais. Mas você acredita?

Ioannes conseguia se comunicar com os outros mentalmente quando estava no mundo mortal, mesmo na forma de falcão. Ele virou os olhos aguçados para a princesa de olhos escuros que havia saído do alto e sinistro castelo de pedra e viu sua amiga Phaedra empoleirada no galho ao lado.

— Eu acredito.

— E se ela realmente for? O que isso significa? — Phaedra perguntou.

— Tudo.

Significava que o Santuário poderia ser salvo, que eles poderiam afinal recuperar a Tétrade antes que caísse nas mãos de outra pessoa.

O Santuário continuaria intacto bem depois que o mundo mortal desaparecesse de todo, mas não duraria para sempre. O que havia se tornado sua prisão logo se tornaria seu túmulo.

Sem *elementia* tudo desapareceria, mais cedo ou mais tarde. Inclusive aquilo criado pela própria magia.

— E se ela não for? — a amiga insistiu.

— Então está tudo perdido.

Dezesseis anos atrás Ioannes tinha visto os sinais. Até as estrelas se alinharam para celebrar o nascimento daquela linda garota. Ele a vira ser roubada de seu berço, as bruxas — descendentes de uma exilada do próprio Santuário — arrancando-a da proteção da mãe biológica.

Era verdade que a mãe não tinha ideia do que havia concebido, mas as bruxas comuns não tinham o direito de pegar a criança e escondê-la, derramando tanto sangue no processo. Uma bruxa, a mais bondosa, havia morrido pelas mãos da irmã mais sinistra.

Esta última ainda vivia, e tomava conta da menina enquanto Ioannes observava as duas.

A paciência era um dom prezado acima de tudo pelos vigilantes. Mas até Ioannes sentia uma palpitação de nervosismo no peito. Ele acreditava, observava e esperava por um sinal de que estivesse certo. De que ela fosse a tal. Odiava admitir que sua crença estava começando a minguar e que a paciência estava diminuindo.

Ele agora sentia uma ponta de raiva pela possibilidade daquela simples garota não ser mais do que uma mortal qualquer — no máximo outra bruxa comum. Ficar tanto tempo naquele mundo era perigoso para um vigilante. A raiva crescente era um sinal de que ele precisava voltar logo ao Santuário para se purificar da carga de emoção negativa.

Talvez ele estivesse errado. Talvez tivesse perdido o seu tempo analisando a garota sempre que ela saía. Sempre que ficava no terraço olhando para os jardins congelados abaixo de seus aposentos. Observando seus lábios quando ela lia para si mesma em voz alta, quando rezava a uma deusa falsa que não merecia tamanha devoção.

Ioannes queria ir embora, passar suas preciosas horas no mundo mortal ocupando-se de outras coisas, mas não podia deixá-la.

Em breve, talvez. Mas não agora.

Ele saiu do galho e bateu as asas, voando alto no céu. Do solo, a bela princesa de cabelos escuros olhava para ele. Por um breve momento, seus olhos se encontraram.

Tudo o que ela viu ao olhar para ele foi um falcão dourado.

Por algum motivo, tal percepção o entristeceu.

LIMEROS



Lucia estava do lado de fora, soltando nuvens de ar frio pela boca a cada respiração e observando o falcão voar bem alto no claro céu azul. A menina poderia jurar que ele estava olhando diretamente para ela.

Deixou o pensamento de lado e passou os olhos pelos jardins, procurando algum sinal do retorno de seu irmão. Depois de semanas guardando aquele horrível segredo, estava pronta para desabafar, independente da consequência.

E é claro, justo quando mais precisava encontrar Magnus, não conseguia achá-lo em lugar nenhum. Ela havia procurado nos corredores do castelo durante uma hora e depois ficou sabendo que ele estava acompanhando o pai em uma caçada, mas logo voltaria.

Era estranho. Magnus nunca tinha demonstrado muito interesse em caçar com o pai. Ele nunca havia se interessado por caçadas, de um modo geral. Ela ficou imaginando, incomodada, se a morte recente de Tobias — que, diziam, tratava-se de seu meio-irmão — teria alguma coisa a ver com aquela mudança. Ele havia sido enterrado de modo rápido e discreto, sem explicação para seu fim repentino.

Para limpar a mente daqueles pensamentos sinuosos, Lucia decidiu dar uma caminhada revigorante pelos jardins do palácio antes das aulas do período da tarde — artes, geografia e, infelizmente, bordado. Era difícil sair das aulas de costura sem se furar. Magnus não a achava desajeitada, embora seus dedos doloridos dissessem o contrário.

À sua esquerda, viu ao longe um garoto que conhecia, Michol Trichas. Ela ergueu a mão para acenar, mas ele pareceu não notar e virou as costas.

Ela acelerou o passo para alcançá-lo, puxando o manto forrado de pele para mais perto do corpo a fim de bloquear o vento gelado.

— Michol! — ela o cumprimentou com um sorriso. O solo congelado estalava sob a sola de couro de seus sapatos. Eles haviam assistido a uma aula de artes no palácio, alguns meses antes. O pai dela queria abolir a matéria, mas Lucia implorara que ele reconsiderasse, jurando que o estudo de artes não era apenas uma busca frívola pela beleza estética, mas tinha a ver com história e tradição.

Michol era filho de nobres locais que também eram amigos do rei. Lucia havia gostado muito dele, de conversar com o garoto sobre escultura. Passaram uma hora discutindo o esboço de uma misteriosa roda de pedra gravada, localizada nos domínios ao norte de Limeros, região que nunca degelava. Diziam que ela originalmente fazia parte do Santuário — um lendário local de magia escondido nas Montanhas Proibidas, de onde seres místicos zelavam pelo mundo mortal. Alguns textos obscuros que Lucia havia lido diziam que encontrar aquela roda significava descobrir uma pista deixada pelos vigilantes para localizar a Tétrade perdida — que poderia ser uma bênção ou uma maldição, dependendo dos mitos em que cada um acreditava.

O garoto havia comparecido a seu banquete de aniversário e prometido voltar para que juntos explorassem as dependências do palácio. Michol nunca tinha voltado, e ela não entendeu o motivo. Agora ele olhava para ela encabulado. Passou a mão pelos cabelos desgrehados.

— Princesa Lucia, é um prazer revê-la.

Ela deixou o nervosismo de lado e decidiu ser o mais direta possível com o garoto.

— Não vejo você há séculos!

— Não.

— Está tentando se esconder de mim? — Ela tentou sorrir, mas pensar que podia estar certa era perturbador. Ainda assim, queria saber a verdade. — Fiz alguma coisa para ofendê-lo?

Ele fez um som estranho que parecia um riso nervoso.

— Absolutamente.

— Fiquei esperando para fazermos aquela caminhada.

Michol a encarou como se estivesse perplexo.

— Eu... eu não entendo.

Lucia enfiou as mãos debaixo do manto para mantê-las aquecidas.

— Pois então somos dois.

— Seu irmão me disse que você não queria nada comigo.

Ela piscou.

— O quê?

— Estive aqui antes para chamá-la e ele fez questão de que eu soubesse que não era bem-vindo. Que eu não deveria ser encorajado a vê-la. Que você, bem... que estava interessada em passear com *outros* garotos, mas não comigo.

A confusão deu lugar ao esclarecimento e a uma onda calorosa de raiva.

— Ele disse isso?

— Disse.

Lucia se esforçou para controlar a respiração e as emoções. Coisas estranhas costumavam ocorrer quando sua emoção a dominava... Coisas que precisava manter em segredo.

Ela soltou um longo suspiro e olhou para Michol.

— Ele não devia ter feito isso.

— Sério? — O garoto ficou esperançoso.

— E você não devia ter acreditado nele sem falar comigo. Meu irmão não tem nada a ver com quem saio ou deixo de sair. *Eu* decido.

Ele empalideceu.

— Eu não sabia.

— Esta não é a primeira vez que isso acontece.

Magnus tinha desenvolvido o hábito de decidir quem merecia a atenção de sua irmã mais nova. Mas ela não precisava da opinião nem da ajuda dele para identificar os que não a mereciam. Era capaz de fazer aquilo sozinha.

— Sinceramente — ela resmungou. — Como ele ousa interferir na minha vida desse jeito?

— Isso quer dizer que podemos fazer aquela caminhada, afinal?

Lucia se virou para o garoto, analisando-o com calma pela primeira vez. Ele era bem bonito, alguns centímetros mais alto do que ela, e tinha a pele pálida e perfeita.

Era uma pena que não fosse determinado o bastante.

Ela forçou um sorriso que devolveu o otimismo aos olhos do garoto.

— Talvez outra hora. Tenha um bom dia, Michol.

Ela voltou ao castelo sem olhar para trás. A raiva do irmão crescia a cada batida de seu coração enquanto ela andava rápido pelos corredores escuros. Magnus era intrometido, superprotetor, inconveniente e incrivelmente irritante.

— Lucia — a rainha Althea chamou, sem calor algum no tom de voz. Lucia ficou paralisada ao ver a mãe.

— Pois não, mãe?

Os cabelos escuros da rainha tinham mechas grisalhas. O rosto era branco e abatido, e ela parecia olhar para a filha com os olhos baixos, mesmo tendo a mesma altura que ela.

— Que bobagem pretende fazer esta tarde? E por que seu rosto está tão vermelho?

— Bobagem nenhuma. Eu estava lá fora. Está... está frio.

— É claro que está frio. Estamos em pleno inverno. Por que estava lá fora?

Sempre parecia que Limeros estava em pleno inverno. Lucia limpou a garganta, demonstrando alerta sob a análise atenta da mãe.

— Estou procurando Magnus. Sabe quando ele volta da caçada com meu pai?

— Em breve, com certeza. — A rainha apertou os lábios e passou os olhos pela filha com desgosto. — Seu cabelo está um horror. Não devia sair de seus aposentos tão desalinhada. Alguém pode vê-la.

Lucia fez cara feia e tocou os cabelos embaraçados.

— Não achei que estivesse tão ruim.

— Bem, mas está. Vou mandar uma criada ao seu quarto para ajudá-la a ficar com uma aparência decente.

Seu rosto ficou tenso e as entranhas queimaram como lava.

— É tão... gentil de sua parte, mãe.

— Não foi nada.

Lucia nunca cogitou contar seu segredo à rainha. Embora a tivesse parido, nunca mais lhe ofereceu momento algum de ternura. A menina duvidava se aquela mulher era capaz de demonstrar amor por alguém. Nunca havia visto nenhum indício, exceto por alguns momentos de orgulho maternal na frente de visitas. Lucia havia aprendido desde cedo a buscar aprovação em outro lugar, já que nunca viria da rainha. Então havia se voltado aos livros e aos estudos. Todos os elogios que recebia vinham de seus tutores. De Magnus. E, vez ou outra, do pai. Ela não se esforçava em buscar a aprovação da mãe, nem nunca se esforçaria.

— Volte para o seu quarto, filha — ordenou a rainha em tom direto. — Não demore. Ninguém pode ver a princesa limeriana com essa aparência.

— Está bem. — Embora não se importasse com a opinião da mãe, Lucia nunca se sentira tão feia como naquele momento. Ela virou as costas para a rainha e seguiu para o quarto, temendo a visita da criada que a ajudaria a se arrumar. Se a mãe mandasse a mesma de sempre, ela seria rude e puxaria seus cabelos, deixando-a com dor de cabeça pelo resto do dia.

Com dor, mas apresentável. Como desejava a rainha. Depois das conversas frustradas com Michol e com a mãe, ela estava profundamente perturbada. E, acabou reconhecendo, um pouco desarrumada.

— Lucia. — Uma voz a saudou antes que chegasse a seu destino.
— Querida, algum problema?

Sabina Mallius estava no caminho, bloqueando a passagem para seu quarto. “E agora mais essa”, pensou Lucia.

— Problema nenhum — Lucia disse, calma. — Mas obrigada pela preocupação. — Embora não morresse de amores pela mãe, nunca falaria mal da rainha à amante de seu pai.

— Deixe-me adivinhar. — Sabina tinha os olhos apertados, porém compassivos. — Acabou de falar com Althea.

— Meu cabelo está despenteado — Lucia explicou. Sabina era linda, de manhã até de noite, como se não precisasse fazer esforço algum para ter aquela aparência.

— Em minha opinião, seu cabelo está lindo: selvagem e livre, e não preso e austero — elogiou Sabina acenando com a mão. — Não deixe ninguém lhe dizer o contrário. Nem mesmo sua mãe.

Embora suas palavras fossem descontraídas, havia tensão nelas.

— Está brava comigo? — Lucia perguntou intuitivamente.

Sabina ergueu as sobrancelhas.

— Com você? Por quê?

— Esqueça. Desculpe-me. Devo estar imaginando coisas.

Apesar de a rainha ser uma pessoa desagradável e não demonstrar nenhuma emoção visível pela filha, tinha muita influência sobre Lucia. Havia martelado em sua cabeça que ser obediente, educada e manter a boa aparência eram as principais qualidades que uma princesa deveria cultivar.

E também que Sabina Mallius era o mal encarnado.

A rainha Althea sentia-se ameaçada com a amante do rei vivendo ao lado da família por tantos anos, mesmo preferindo cortar fora a própria língua a admitir isso.

— Tem certeza de que está tudo bem, minha querida? — Sabina perguntou. — Você parece muito chateada.

— Pareço? — Lucia precisava treinar mais sua máscara de indiferença. A de seu irmão era perfeita, mas as emoções dela ainda eram mais evidentes do que deveriam ser. As emoções podiam ser usadas contra ela.

Emoções podiam desencadear os estranhos acontecimentos que nos últimos tempos a rondavam como o princípio de uma tempestade de gelo.

— Estou procurando Magnus — explicou Lucia. — Quero falar com ele quando voltar da caçada.

Embora não tivesse mais certeza se lhe contaria o segredo. Primeiro ela queria discutir o fato de seu irmão enxotar qualquer garoto que demonstrasse interesse por ela.

— Eles chegaram — respondeu Sabina. — De minha janela, eu os vi se aproximando do castelo há alguns minutos. Sobre o que quer falar com Magnus?

Lucia ficou tensa.

— Nada que possa lhe interessar.

Sabina olhou atentamente para ela.

— Quero que saiba de uma coisa, querida. E digo isso do fundo do coração.

— O que é?

— Se sentir que não tem a quem confiar seus segredos, saiba que pode recorrer a mim. — Sabina analisou o rosto dela como se procurasse alguma resposta oculta. — Qualquer coisa, Lucia. Qualquer coisa mesmo. Você já é uma moça, e as mudanças pelas quais está passando devem ser muito difíceis. Eu posso ajudar. Mesmo que essas mudanças pareçam incomuns ou... assustadoras.

Lucia respirou fundo. Parecia que Sabina conhecia seu segredo sem ninguém tê-lo contado.

— Não sei do que está falando.

Os olhos de Sabina se estreitaram um pouco.

— A pior coisa que existe é ter um segredo que possa ser perigoso e não ter com quem compartilhá-lo. Ninguém em quem confiar. Está entendendo?

Lucia a encarou, a boca seca, sem fala.

Sabina a puxou para mais perto e baixou o tom de voz para um sussurro.

— Porque algumas pessoas compartilham do mesmo segredo perigoso, Lucia. E eu garanto que não há o que temer. Posso ajudá-la quando precisar de mim. E você vai precisar.

O mesmo segredo.

Era uma oportunidade de contar tudo àquela mulher. De aliviar o peso de sua alma quanto àquelas descobertas estranhas. Quanto àquelas novas habilidades estranhas.

Mas as palavras não se formaram em sua língua. Ela não era tão estúpida a ponto de revelar a verdade para qualquer pessoa, não importava o que fosse dito para persuadi-la.

— Se eu precisar falar sobre alguma coisa, prometo procurá-la.

Um músculo sob o olho direito de Sabina se contraiu de maneira quase imperceptível. Mas ela logo assentiu com a cabeça.

— Pois muito bem. Vejo você na hora do jantar, querida.

Lucia afastou-se de Sabina, obrigando-se a não acelerar o passo. Ela devia ter entendido mal o que Sabina dissera. Aquela mulher não teria como saber o que estava acontecendo com ela. E a ideia de que Sabina pudesse ter as mesmas habilidades que haviam surgido nela...

Impossível. Haveria outros indícios de que Sabina era diferente.

Não, Lucia havia segurado a língua e continuaria assim.

Sabina estava certa sobre uma coisa. Seu pai e Magnus tinham voltado da caçada. Estavam tirando as botas cheias de lama no vestíbulo, um cômodo cilíndrico com o pé-direito tão alto quanto o resto do castelo. A escadaria esculpida na parede descia em espiral dos andares superiores até o principal. Lucia desceu a escada em silêncio, sem perder o irmão de vista. Apesar das interrupções desde que entrara no castelo, a raiva de Magnus não havia diminuído nem um pouco.

Um mensageiro se aproximou de seu pai e entregou uma carta. O rei cortou o envelope e leu com pressa.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Excelente — Lucia ouviu-o dizer.

— O que é? — perguntou Magnus.

— O chefe Basilius concordou em juntar forças com Limeros. Ele gostou do meu plano. — Seu maxilar ficou tenso. — E ficou profundamente honrado por meu sacrifício.

— Devo parabenizá-lo agora ou esperar até conquistar Auranos?

— Magnus perguntou, com indiferença, um pouco depois.

Lucia estacou e prendeu a respiração. Conquistar Auranos?

— Antes, durante, depois. Tanto faz. — O rei soltou uma risada sem graça. — Essa notícia é muito boa, meu filho. Este dia ficará marcado para sempre na memória dos auranianos. E tudo isso um dia será seu. Cada pedaço. É meu legado para você.

Magnus olhou para o outro lado como se tivesse sentido a presença de Lucia. Seus olhos se encontraram. Na expressão dele havia a ponta de algo que Lucia não se lembrava de ter visto antes.

Cobiça.

Foi como olhar para um completo estranho. Ela sentiu um arrepio que a deixou paralisada. Mas foi apenas por uma fração de segundo, até os olhos castanhos de seu irmão retomarem o calor e o humor de sempre. Ela soltou o ar que, sem se dar conta, estava prendendo, e então chegou ao fim da escadaria.

— Lucia — ele disse sorrindo.

Ela preferiu fingir que não havia escutado nada do que eles discutiam. Seu pai odiava bisbilhoteiros.

— Preciso falar com você, meu irmão.

— Hã?

— Falei com Michol hoje cedo.

Suas sobrancelhas escuras se uniram.

— Michol?

— É um bom garoto — o rei afirmou. — Acho que ele está interessado em você, filha.

A clareza brilhou nos olhos de Magnus.

— Ele veio visitar você?

— Ele me contou de uma conversa que vocês tiveram. — As palavras dela eram diretas. — Quer que eu repita?

Um sorriso surgiu nos lábios do irmão.

— Não precisa.

Lucia olhou para ele com cara feia. Como ousava achar aquilo divertido?

O sorriso de Magnus cresceu.

— Eu trouxe uma coisa para você da caçada.

Ela fez cara de nojo.

— Algo que você matou?

— Venha ver.

Lucia se aproximou um pouco relutante, tomando cuidado com o que poderia ser. Apesar de sua habilidade com arco e flecha, Magnus nunca havia concordado em tirar a vida de um animal apenas por esporte. Outros garotos zombavam dele por isso, mas ele não se importava. Uma vez dissera a ela que não via problema em caçar para pôr comida na mesa, mas matar por simples prazer nunca o atraía. Lucia ficou consternada em pensar que isso tivesse mudado. Um turbilhão de emoções girava dentro dela.

De repente, as altas portas de ferro maciço que estavam atrás de seu pai e de seu irmão se fecharam.

O rei olhou para trás, confuso. Depois lançou um olhar inquisidor a Lucia.

Ela evitou os olhos dele, com o coração acelerado.

Magnus tirou algo de uma cesta. Era pequeno, peludo e tinha orelhas compridas e flexíveis.

O nariz dele se mexia.

— É um coelho — Lucia ficara surpresa. — Um filhote!

— Um bichinho. Para você. — Magnus entregou o animal a ela. Ele se aconchegou na curva de seu pescoço. Ela sentiu os batimentos cardíacos do coelho sob a ponta dos dedos e seu próprio coração se encheu. Ela sempre quis um animal de estimação, principalmente quando era pequena. Mas, exceto os cavalos e alguns cães de caça do rei, sua mãe nunca havia permitido.

— Você não o matou.

Magnus olhou para ela com curiosidade.

— É claro que não. Um coelho morto não seria um animal de estimação muito bom, seria?

O pelo era tão macio. Ela o afagou, tentando apaziguar o medo do animal. Olhou para Magnus com a garganta apertada.

— Então acha que isso serve como desculpa por ter espantado Michol e sabe-se lá mais quem?

— Ajuda um pouco? — o irmão perguntou, apreensivo.

Ela bufou, mas não conseguiu evitar que um sorriso aparecesse em seus lábios.

— Talvez um pouco.

Magnus era instigante, importuno, teimoso e se apoiava demais em máscaras para esconder seus verdadeiros sentimentos. Mas ainda assim Lucia o amava e estava disposta a fazer qualquer coisa por ele, mesmo quando sua paciência era testada.

E contaria a ele seu segredo na próxima oportunidade. Quem sabe ele também dissesse o que o andava incomodando? Mesmo naquele momento, quando olhava para a irmã segurando o coelho, havia uma tristeza infinita nos olhos de Magnus.

AURANOS



Cleo estava certa de que seu pai diria sim. Ela esperou até ele ficar sozinho e começou a desfiar uma explicação infinita sobre seu plano — embora não tivesse tocado no assunto de Emilia ter se envolvido com o pai de Theon.

O rei não interrompeu. Deixou Cleo falar o quanto quisesse.

Finalmente a princesa recapitulou tudo da maneira mais simples que conseguiu.

— Nenhum curandeiro parece apto a ajudá-la, e ela está piorando cada vez mais. Sei que posso encontrar essa mulher, essa vigilante exilada. Ela tem a magia para salvar Emilia. Mas preciso partir logo, antes que seja tarde demais. Theon pode ir comigo para me proteger. Acho que não ficaremos fora por muito tempo. — Ela apertou as mãos. — Sei que essa é a solução, pai. *Sei* que é. Posso salvar a vida de Emilia.

O rei observou, perplexo, a filha mais nova durante um minuto inteiro de silêncio.

— Uma vigilante exilada — ele disse. — Que possui sementes mágicas.

Ela confirmou.

— Alguém em uma das vilas deve saber como encontrá-la. Se eu tiver que procurar em todas as vilas de Paelsia, é isso que farei.

O rei pressionava as têmporas com os dedos e analisava a filha com olhos entreabertos.

— Os vigilantes não passam de uma lenda, Cleo.

Pela primeira vez desde que havia entrado na sala do rei, ela sentiu uma ponta de dúvida quanto ao resultado da conversa.

— Bem, era o que eu também achava, mas se existe uma possibilidade... E você não tem certeza absoluta.

— A existência de indivíduos que nos observam pelos olhos de falcões, procurando por sua preciosa Tétrade, é uma história que ajuda a manter as crianças na linha, com medo o suficiente para se comportar.

Ela olhou para o brasão real na parede, que ostentava dois falcões, um dourado e um preto, sob uma única coroa de ouro. Era tão familiar a Cleo quanto seu próprio nome e ela sabia que tinha que ter algum significado. Seria um sinal de que ela estava certa.

— Só porque nunca viu uma coisa, não quer dizer que não seja verdade. Eu estava errada em pensar desse modo até agora.

Ele não parecia bravo, apenas aborrecido. Seu rosto tinha mais rugas do que Cleo se lembrava.

— Cleo, eu sei o quanto ama sua irmã...

— Mais do que tudo!

— É claro. Eu também a amo. Mas ela não está morrendo. Está apenas doente. E essa doença, embora seja grave, vai passar se ela repousar bastante. Ela vai se recuperar.

A frustração torceu-se no peito de Cleo.

— Você não tem certeza. Tem que me deixar ir.

— Eu não tenho que fazer nada. — A expressão do rei ficou mais tensa. — É insensato até mesmo pensar em voltar àquele lugar, por qualquer razão. Os problemas aumentaram, e não diminuíram, no período que se passou desde a morte do garoto Agallon.

— Que tipo de problema?

Ele suspirou.

— Do tipo com que você não precisa se preocupar, Cleo. Eu vou cuidar disso.

Ela cerrou as mãos.

— Se os problemas estão aumentando, eu preciso partir logo ou posso nunca mais ter a oportunidade.

— Cleo... — Havia um tom de advertência nas palavras de seu pai. Ele a havia tolerado até o momento, mas Cleo sabia que ele estava cansado e sem disposição para qualquer perda de tempo.

Mas salvar a vida de Emilia não era perda de tempo.

Ela cruzou os braços e começou a andar de um lado para o outro na sala.

— Se eu estiver errada, tudo bem. Mas tenho que tentar. Por que não consegue enxergar isso?

Os lábios do rei afinaram.

— Tudo o que vejo é minha filha de dezesseis anos inventando histórias absurdas para fugir da companhia do noivo.

Ela olhou para ele horrorizada.

— Você acha que tem a ver com isso?

— Sei que você vai demorar um pouco para se acostumar. Quando o casamento estiver planejado, tudo parecerá melhor. Até lá, Emilia já terá se recuperado e poderá ajudar com os preparativos.

A conversa não tinha nada a ver com aquilo. Mas já que ele havia tocado no assunto...

— O senhor não obrigou Emilia a se casar com alguém que não amava.

Ele bufou.

— Foi diferente.

— Por que foi diferente? Porque ela ameaçou se matar? Talvez eu faça a mesma coisa!

O rei olhou para ela pacientemente, parecendo não se incomodar com a ameaça.

— Você nunca faria isso.

— Ah, não? Eu... eu poderia fazer isso hoje mesmo. Poderia me jogar das escadas. Parar de comer. Eu poderia... bem, existem muitas, muitas formas de acabar com a minha vida se eu quiser!

Ele sacudiu a cabeça.

— Você não faria, porque não quer morrer de verdade. Você não vive apenas, Cleo. A própria vida canta por sua existência. — Um

pequeno sorriso apareceu em seus lábios. — Sei que um dia, quando você largar essa mania de fazer drama para chamar a atenção, seu verdadeiro eu surgirá. E essa Cleo será uma mulher notável, digna de carregar o nome de uma deusa.

Cleo olhou feio para o pai.

— Você nem acredita na deusa!

Ele fechou a cara. Estava sendo paciente até então, mas ela tinha ido longe demais.

Desde a morte da mãe dela em decorrência do parto, o rei havia virado as costas a qualquer tipo de devoção e orações, e seus súditos logo fizeram o mesmo. Emilia foi a única religiosa que restou na família Bellos.

— Sinto muito — ela sussurrou.

— Você é jovem, não pensa antes de falar. Sempre foi assim com você, Cleo. Não esperava outra coisa.

Ela passou a mão sob o nariz.

— Eu não quis magoá-lo.

— Não se preocupe comigo. Pense em você. Eu me preocupo constantemente com você quando a comparo com sua irmã. Vai se meter em confusão algum dia, Cleo, e espero que fique bem. É uma das razões de eu achar que um casamento com Aron, mesmo em sua pouca idade, é uma boa ideia. As obrigações de esposa lhe darão a maturidade de que precisa. — Quando ela se contraiu, o olhar dele amoleceu. — Estou tentando ajudá-la.

— Como isso ajuda? Lembrando-me de que não tenho controle sobre meu destino?

Ele se abaixou para pegar na mão da filha.

— Você precisa confiar em mim, Cleo. Confiar que estou tomando as decisões certas por você, por nossa família.

— A família é a coisa mais importante para mim. É exatamente por isso que preciso ir a Paelsia — ela disse baixinho. — Por favor, diga sim.

O rei ficou tenso.

— Não, Cleo.

Os olhos dela ardiam.

— Então vai ficar parado e ver Emilia morrer? Como isso pode ser uma decisão correta para nossa família? O senhor nem se preocupa com ela. Não se preocupa comigo. Só pensa nesse reino odioso.

Ele deu um suspiro cansado, sentou-se e voltou a atenção aos papéis à sua frente.

— É hora de você sair, Cleo. Tenho trabalho a fazer. Esta conversa está encerrada.

O coração de Cleo pulava no peito.

— Pai! Por favor, não seja assim. Não pode ser tão cruel e indiferente a ponto de me negar isso!

Quando o rei lhe lançou um olhar raivoso, ela cambaleou para trás.

— Vá para o seu quarto. E fique lá até a hora do jantar. Theon! — Theon entrou na sala no momento seguinte. Ele estava esperando do lado de fora. — Acompanhe minha filha até seus aposentos e, por favor, garanta que ela não faça nenhuma tentativa tola de viajar a Paelsia nos próximos dias.

Theon se curvou.

— Sim, vossa majestade.

Não havia mais nada a dizer. Cleo queria dizer mais coisas, mas até ela sabia quando segurar a língua. Tudo o que ganharia com a discussão seria evocar ainda mais a raiva de seu pai. Ele poderia adiantar seu casamento com Aron para a semana seguinte como punição. Ou mesmo para o dia seguinte.

O rei não acreditava que Emilia estivesse morrendo. Mas Cleo acreditava cada vez mais. Sentia, do fundo do coração, que era verdade. Só algo mágico a salvaria.

— Sinto muito, princesa — disse Theon em voz baixa ao saírem de perto do rei.

As bochechas de Cleo queimavam e seus passos retumbavam no chão enquanto percorria o labirinto de corredores até seus aposentos. Ela achou que suas lágrimas haviam se esgotado, mas ainda havia baldes e baldes sobrando. Ela as chorou todas quando Theon a deixou, fechando a porta.

Mas quando as lágrimas secaram, por fim, deixaram uma determinação pesada e dura.

O mundo todo — até mesmo seu pai — podia lhe dizer não. No fim das contas, não fazia diferença para ela.

Cleo resolveria aquilo. Faria o que precisasse ser feito e iria para qualquer lugar, mas salvaria a vida de sua irmã antes que fosse tarde demais.

Depois do jantar, Cleo reuniu seus confidentes mais íntimos — Nic, Mira e Theon.

— Eu vou — ela afirmou depois de explicar tudo a eles.

Nic piscou.

— Para Paelsia?

— Sim.

— Encontrar a vigilante exilada e implorar que lhe entregue algumas de suas sementes de uva mágicas.

Ela sabia que aquilo parecia absurdo, mas não se importava.

— Sim, isso mesmo.

Um sorriso se abriu no rosto dele.

— Parece fantástico.

— Está brincando? — exclamou Mira. — Cleo, o que está pensando? Sabe como pode ser perigoso voltar para lá?

Ela deu de ombros.

— Preciso fazer isso. Não tenho outra escolha.

Seu pai ficaria furioso ao descobrir que ela havia ido contra a vontade dele. Cleo sabia. Mas ela não ficaria fora por muito tempo. Se conseguisse a localização certa, fizesse as perguntas certas às pessoas certas, na vila certa, não demoraria mais do que a viagem que fizera a Paelsia para ajudar Aron a comprar vinho.

Aquela foi uma lembrança desagradável. Talvez não fosse o melhor exemplo de uma viagem bem-sucedida.

— Só que vocês não podem contar para ninguém — ela pediu. — Só estou contando a vocês para não se preocuparem comigo enquanto eu estiver fora.

— Ah, não. — Mira revirou os olhos. — Por que nos preocuparíamos? Ah, Cleo, eu amo você e Emilia demais, mas meu cérebro chega a doer com tanta imbecilidade.

Nic cruzou os braços.

— Não entendo como funcionam as sementes. Elas geram vinhas que dão origem a vinhos maravilhosos... e também curam doenças?

— É magia da terra.

— Ah, entendi. Talvez você possa perguntar a essa vigilante onde a Tétrade está escondida há mil anos. Seria uma informação muito útil, não seria?

Ela lançou um olhar raivoso para Nic.

— Está me olhando como se eu tivesse enlouquecido completamente.

O sorriso do rapaz se alargou.

— Você enlouqueceu, mas da melhor forma possível. Mas vai sozinha? Isso, sim, seria loucura.

Ela negou.

— Não vou sozinha. Theon vai comigo.

— Não, eu não vou — Theon disse em voz baixa.

Ele estava um pouco mais afastado para não ficar na linha de visão dela enquanto conversava com Nic e Mira.

Cleo se virou para Theon e o encarou.

— É claro que você vai comigo.

Ele ficou sério.

— Sua irmã nunca devia ter lhe contado nada daquilo. Você ficou com ideias na cabeça.

— E agora que as ideias estão lá, preciso descobrir se são verdadeiras. Não entende? É a solução. É o que vai salvar Emilia. Se eu não for — se *nós* não formos — ela vai morrer. Eu sei.

O rosto dele ficou tenso.

— Seu pai não lhe deu permissão para essa viagem.

— Eu não me importo com o que meu pai disse! — O rosto de Cleo queimava de raiva. — Você mesmo ouviu o que ele falou. Ele não entende, ele não acredita, mas eu sim. Ele vai ficar bravo, mas quando perceber que funciona, ficará grato por eu ter ido contra a vontade dele.

— Ele só quer mantê-la em segurança.

— Estarei em segurança. Além disso, você estará lá para me proteger.

— Você pode ignorar os desejos de seu pai, mas eu não posso. Ele é o rei. Sua palavra é minha ordem. Para mim, para todos em seu reino. Sabe qual é a pena por descumprir uma ordem direta do rei? É a morte, vossa alteza.

O coração de Cleo ficou acelerado.

— Eu não deixaria nada acontecer com você. Eu juro. Não precisa ter medo.

Ele ficou furioso.

— Não estou com medo. Mas você está sendo teimosa. Sempre consegue o quer?

— Sim — Nic respondeu ao mesmo tempo em que Mira disse: — Na verdade, ela consegue.

Cleo se virou para Theon.

— Se eu tiver que ordenar que venha comigo, farei isso mesmo. Não me obrigue.

— Pode dar a ordem que quiser, mas a resposta sempre será *não* — ele esbravejou, lançando-lhe um olhar perigoso que a fez lembrar de seu pai. — Eu respondo ao rei, não a você. Ele disse não, então tenho que dizer o mesmo. Nós não vamos. Por favor, princesa, tente aceitar. Qualquer outra atitude só deixará as coisas ainda mais difíceis.

Os olhos dela arderam, mas dessa vez nenhuma lágrima escorreu. Ela não tinha mais lágrimas. Agora tinha apenas uma raiva fervente que a movia.

Cleo se virou para Nic.

— O que você acha?

— É uma boa pergunta — Nic respondeu. — Embora não seja a ideia mais sábia que já ouvi, sei que suas intenções são boas. Ama sua irmã mais do que tudo.

— Basta dessa conversa — Theon disse bruscamente. — Essa discussão está encerrada. Ninguém irá a Paelsia hoje.

— Eu não estava pensando em partir nos próximos dois dias. — Cleo soltou um suspiro lento e trêmulo. — Talvez até lá você tenha mudado de ideia.

— Dois dias... — Theon repetiu, com o olhar sério amolecendo um pouco. — Muita coisa pode acontecer em dois dias.

— Eu sei.

— O mesmo vale para você, princesa. Pense nisso por dois dias. Depois podemos voltar a discutir. Espero que esteja menos envolvida com esse plano imprudente. Acha que é possível? A ideia de vigilantes e sementes mágicas vai parecer um pouco menos interessante depois de um tempo?

— Talvez — ela admitiu com relutância.

O guarda assentiu, parecendo satisfeito com a resposta.

— Vou acompanhá-la de volta a seus aposentos.

Cleo disse boa-noite aos irmãos Cassian e o seguiu, sem abrir a boca até chegar à porta de seu quarto.

— Sinto muito — explicou Theon. — Sei o quanto se importa com sua irmã. Mas eu não posso ir contra a vontade de seu pai.

— Eu sei. E entendo.

Theon congelou quando Cleo pegou em sua mão e a levou aos lábios para beijá-la. A expressão dele foi indescritível. Ela o havia chocado completamente.

— Vossa alteza...

— Eu gosto de você, Theon. Muito. Apesar de algumas palavras duras que trocamos, sei que seu coração é bom.

Ele engoliu em seco.

— Sinto o mesmo em relação a você.

— Sei que acha que sou uma fedelha mimada que sempre quer fazer as coisas do seu jeito.

— Eu nunca disse isso. E não penso isso. Você é... bem, acho você extraordinária. Teimosia nem sempre é uma coisa ruim. E o amor que tem por sua irmã é algo admirável.

Cleo sorriu, mas seu sorriso logo se apagou.

— Não quero me casar com Aron. Nunca.

Ele olhou para os dedos dela, agora entrelaçados nos seus.

— Eu sei.

— O que eu quero não é permitido.

Theon olhou firme nos olhos dela.

— O sentimento é mútuo.

Ah, como ela queria que as coisas fossem mais simples. E, ah, como queria que estivesse falando sobre desejar Theon.

Ela o desejava, de verdade. Mas desejava ainda mais salvar a irmã.

Cleo ficou na ponta dos pés e deu um beijo no rosto de Theon.

— Eu sei que você só está tentando me proteger.

Ele tocou seu próprio rosto, com o olhar obscurecido de desejo.

— Não há nada que eu queira mais do que mantê-la em segurança.

Ela sorriu para ele.

— Nada mesmo?

Theon fechou os olhos por um instante.

— Está tornando as coisas muito difíceis para mim.

— Peço desculpas. Estou provocando você.

— Tudo bem.

— Meu pai disse que eu exagero no drama para chamar a atenção. — Ela mordeu o lábio inferior. Será que era assim mesmo que o rei sempre a vira? Era por isso que quando pedia alguma coisa importante ele negava com facilidade.

— Eu não a vejo assim — Theon discordou. — Você vê o mundo da sua própria maneira. Quer o que quer. E se aparecem obstáculos, tenta encontrar um jeito de desviar deles. Ou de passar por cima deles.

Cleo olhou para ele com gratidão. Considerando o pouco tempo que se conheciam, ele a via como ela gostaria de ser vista. Só esperava que fosse verdade.

— Obrigada por tentar me proteger, ainda que de vez em quando isso signifique não conseguir o que quero.

— É uma honra protegê-la. Durma bem. — Com um último olhar, Theon se virou e seguiu pelo corredor.

Cleo entrou no quarto, vestiu-se e foi dormir.

Uma hora antes do sol nascer, ela se levantou, arrumou-se e escapuliu do quarto, passando pela criada que dormia perto da porta.

Ela havia mentido para Theon quando disse que pretendia partir em dois dias. Emilia não tinha todo esse tempo. Cleo tomou a decisão de ir imediatamente, mesmo que tivesse que ir sozinha. Tinha algum dinheiro. Contrataria outra pessoa para ser seu guia.

Quando passasse pelas muralhas do palácio, planejaria o próximo passo.

— Bom dia, princesa.

Cleo congelou.

Por uma fração de segundo, estava certa de que Theon havia descoberto sua artimanha. Mas ele não a conhecia bem o bastante para saber quando estava mentindo.

No entanto, outra pessoa conhecia.

Nic estava encostado na parede do corredor, perto de um retrato do bisavô de Cleo e Emilia.

— Está indo para algum lugar? — ele perguntou, de braços cruzados. Seus cabelos ruivos arrepiavam-se em todas as direções como se tivesse acabado de sair da cama sem se importar com a aparência. E provavelmente era verdade.

— Eu... eu estou com fome. Vou até a cozinha.

— Ah, por favor. Você não consegue mentir para mim, Cleo.

Ela se endireitou, forçando-se a não se sentir culpada.

— Está bem, está bem. Estou indo embora. Vou para Paelsia e não me importa o que os outros digam. Você vai tentar me impedir?

Nic a observou por um instante. Sua expressão era neutra.

— Não. Mas vou lhe dizer o que pretendo fazer.

— O quê?

Ele deu um sorrisinho.

— Eu vou com você.

PAELSIA



Depois de mais de um mês de tentativas, finalmente foi concedida a Jonas uma audiência com o chefe Basilius.

— Estou impressionado — Brion disse baixinho quando andavam pelo caminho de terra que levava ao complexo fechado e protegido do chefe. — Você precisa me dar umas aulas na escola de carisma Jonas Agallon.

— É fácil.

— É o que você diz. — Brion olhou para a bela garota que abraçava Jonas. Aquela que havia prometido aos dois que poderiam falar com o chefe, também conhecido como seu pai.

Jonas havia percebido que o único jeito de se encontrar com o recluso líder paelsiano seria por meio de sua família. E Laelia Basilius estava mais do que disposta a ajudar Jonas quando ele se aproximara dela em uma taverna. Ela estava se apresentando lá. A filha do chefe era dançarina.

E que dançarina...

— Cobras! — Brion exclamou surpreso enquanto assistiam à apresentação dela na semana anterior. — Ela está dançando com *cobras*.

E estava mesmo.

— Nunca gostei de cobras — Jonas respondeu. — Mas dá para entender o apelo.

Laelia era uma garota deslumbrante — alguns anos mais velha do que ele. E dançava com duas cobras. Uma delas era uma píton branca e preta que se retorcia e deslizava por seu corpo atraente. Ele ficou hipnotizado ao vê-la, quadris balançando, cabelos pretos e longos — até os joelhos — que esvoaçavam com os movimentos de seu corpo bronzeado.

Mas ele não a estava vendo de verdade.

Só conseguia ver uma linda princesa com os olhos da cor do mar inclinada sobre o corpo morto de Tomas, junto ao corpo do assassino dele.

Mesmo tendo se desviado do plano original de entrar escondido no palácio auraniano e matar o lorde Aron e a princesa Cleo, Jonas continuou obcecado com a lembrança dela. Ele odiava a realeza e tudo o que representava, com todo o seu ser. Mas precisava de foco. Não tinha escolha. Tentou sorrir quando, junto com Brion, se aproximou da filha do chefe paelsiano.

Antes, quando Jonas e Tomas iam a tavernas e conversavam com meninas bonitas — dançarinas ou não — depois de um dia extenuante de trabalho nos vinhedos que lhes davam calos tanto nas mãos como no espírito, Tomas era o mais popular. Mais velho, talvez *um pouco* mais bonito. Era um paquerador nato. A Jonas não faltava companhia para abrilhantar as noites depois do trabalho, mas não tinha dúvida de que as garotas preferiam seu irmão.

Depois que Tomas se foi, isso mudou definitivamente.

Quando conseguiu chamar a atenção de Laelia, ela o olhou com interesse. Depois que a música parou, ela enrolou um tecido simples e transparente sobre suas curvas e esperou, tímida, que Jonas se aproximasse.

— Belas cobras — ele disse, dando um sorriso malicioso.

Aquele sorriso sempre funcionava.

Ela era dele.

Laelia Basilius não tinha calos nas mãos nem o rosto queimado de sol como as garotas com quem costumava interagir. Quando sorria, mostrava pura diversão, e não uma ponta de cansaço por um dia de

trabalho braçal. Ela gostava de Jonas. Muito. E uma semana depois quis apresentá-lo a seu pai.

— Aproximem-se — o chefe acenou assim que eles apareceram. Ele estava sentado diante de uma grande fogueira. Várias garotas com os seios descobertos dançavam para ele até que as dispensou com um aceno. Elas foram para o outro lado da fogueira.

As fagulhas dançavam no ar. Estrelas pontuavam o céu de veludo negro. Havia uma carcaça de cabra no espeto no alto da fogueira, assando para um jantar tardio. O cheiro de pele queimada pairava no ar frio da noite. Laelia puxou Jonas pela mão. Ele manteve a expressão neutra, mas se sentia intimidado. Nunca havia se encontrado com o chefe nem conhecera alguém que houvesse se encontrado com ele. Basilius estava em reclusão há anos, o que tornava aquela a maior honra que um paelsiano podia receber. Jonas se sentia profundamente honrado por estar ali, independente dos passos que tivesse precisado dar para tornar aquilo possível.

O que mais o havia surpreendido no complexo fora a opulência. Enquanto o resto de Paelsia trabalhava sem parar nos vinhedos e lutava para encontrar restos de comida, parecia que do outro lado dos muros não havia dificuldade alguma. Parte dele acreditava que o chefe deveria ter um padrão diferente do paelsiano comum — tinha o direito de usar parte dos pesados impostos sobre o vinho para construir uma residência particular, já que era o líder. A outra parte sentia uma pontada na boca do estômago com a revelação.

Ele se ajoelhou ao lado de Brion e ambos abaixaram a cabeça em deferência ao chefe.

— Levantem-se. — O chefe sorriu. A pele bronzeada do canto de seus olhos cinzentos dobrava-se em dezenas de rugas. Ele tinha cabelos compridos, parte das mechas perto do rosto com finas tranças chamadas *texos*, estilo típico dos homens de Paelsia. Jonas havia cortado os cabelos ao completar treze anos. Cabelos curtos eram mais fáceis de manter. Os de Brion eram mais longos, mas não o bastante para trançar. Desde que a terra começara a definhar, muitas tradições sumiram com ela.

— Papai — sussurrou Laelia, passando a mão pelo peito de Jonas —, ele não é lindo? Posso ficar com ele?

O chefe curvou os lábios.

— Laelia, minha preciosidade. Nos dê uma chance para conversar. Quero conhecer melhor esse rapaz por quem está tão interessada.

Os ombros de Laelia caíram e ela fez bico. O chefe fez um sinal dispensando-a, e logo ela se retirou e se juntou às garotas do outro lado da fogueira.

Jonas e Brion trocaram um olhar preocupado.

Estavam lá dentro. E agora?

— Chefe, é uma honra... — Jonas começou a falar.

— Está apaixonado pela minha filha? — o chefe perguntou. — Veio aqui pedir permissão para se comprometer com ela?

Alguém lhe trouxe um prato de comida: coxas de peru, carne de cervo e inhames assados, em uma pilha maior do que qualquer prato que Jonas já havia visto em toda a vida. Sua família passava fome com frequência e ele era obrigado a caçar ilegalmente em outra terra para manter seus parentes vivos, mas havia comida suficiente no complexo do chefe para alimentar sua vila durante meses.

Uma parte dele, bem lá no fundo, tornou-se fria e frágil ao perceber isso.

Brion cutucou Jonas com o cotovelo, pois ele não havia respondido de imediato.

— Se estou apaixonado por sua filha? — Jonas repetiu, sem saber direito como responder.

— Sim — Brion sussurrou baixinho. — Diga sim, seu idiota.

Mas seria mentira. Jonas não podia mentir sobre assuntos do coração. Já havia tentado e fracassado miseravelmente. Havia uma grande diferença entre desejo e amor.

— Laelia é uma bela garota — respondeu. — Tenho sorte de ela ter se interessado por mim.

O chefe o observou.

— Ela não traz muitos rapazes para me conhecer. Você é apenas o segundo.

— O que aconteceu com o primeiro? — Brion perguntou.

— Ele não sobreviveu — replicou o chefe.

Brion ficou de queixo caído.

O chefe riu alto.

— É brincadeira. Ele está bem. Minha filha se cansou dele, só isso. Com certeza ainda está vivo, em algum lugar.

“Ou talvez Laelia o tenha dado de comida para as cobras”, o pensamento mórbido passou pela cabeça de Jonas.

Mas não era por isso que eles estavam ali. Ele queria chegar ao ponto logo.

— Chefe Basilius, é uma grande honra encontrá-lo esta noite — Jonas começou. — Preciso falar com o senhor sobre uma coisa muito importante.

— Ah? — O chefe levantou uma das sobrancelhas grossas. — E escolheu o dia do meu banquete de comemoração para fazer isso?

— O que o senhor está comemorando?

— A união com um aliado. Uma parceria que ajudará a criar uma Paelsia muito mais próspera no futuro.

Aquilo foi totalmente inesperado, mas era algo excelente de se ouvir. O desconforto de Jonas ao testemunhar a opulência do chefe diminuiu um pouco.

— Fico feliz em saber. Porque é sobre isso que eu queria falar com o senhor.

Basilius assentiu, com os olhos brilhando de curiosidade.

— Por favor, diga o que veio dizer.

— Meu irmão foi morto há pouco tempo por um lorde auraniano. O nome dele era Tomas Agallon. — A garganta de Jonas ficou apertada. — Para mim, foi um sinal de que as coisas têm que mudar. De que as atuais dificuldades que Paelsia enfrenta não são aceitáveis. Acredito que Auranos seja uma terra maligna cheia de pessoas sorrteiras. Anos atrás, eles nos enganaram, levando-nos a plantar apenas uvas, de modo que hoje nos pagam uma ninharia pelo vinho enquanto cobram uma fortuna por seus vegetais. Além disso, eles têm tantos recursos e não nos permitem acesso a nenhum deles. Se dermos um passo do outro lado da fronteira, estaremos arriscando a vida. Não é aceitável. — Ele respirou fundo e soltou o ar devagar, reunindo coragem. — Estou aqui para propor

uma rebelião contra eles, tomar o que é deles para nós. É preciso parar de esperar que as coisas se resolvam sozinhas.

O chefe o analisou por um longo e silencioso momento.

— Concordo plenamente com você.

Jonas piscou.

— Concorda?

— E sinto muito pelo que aconteceu com seu irmão. Foi uma tragédia perder um dos nossos de maneira tão estúpida. Até agora, eu não sabia que você tinha parentesco com o garoto assassinado, e fico feliz que tenha vindo aqui esta noite. Está certo. Auranos deve pagar por sua ignorância e narcisismo; pelo que aconteceu com seu irmão e pela total falta de consideração de seus cidadãos por minha terra e meu povo.

Jonas não conseguia acreditar que havia sido tão fácil.

— O senhor concorda que devemos nos rebelar contra eles?

— Muito mais do que isso, Jonas. Haverá uma guerra.

Jonas gelou de repente.

— Guerra?

— Sim. — O chefe se inclinou para a frente, observando o rosto de Jonas, o rosto de Brion. — Vocês dois são valiosos para mim. Conseguem enxergar o que os outros não veem. Quero que me ajudem com o que está por vir.

— O senhor fala como se não estivéssemos sugerindo algo absurdo — Brion disse, confuso. — Espere. O banquete de comemoração... essa guerra é algo que o senhor já estava planejando, não é? Mesmo antes de dizermos qualquer coisa?

O chefe confirmou.

— Eu me juntei ao rei de Limeros com o objetivo comum de tomar Auranos para nós. Paelsia e Limeros vão prosperar muito quando Auranos cair.

Jonas olhava para o chefe em silêncio, aturdido. Aquilo ia muito além do que ele sonhava ser possível.

— O que aconteceu no mercado no dia em que seu irmão foi assassinado desencadeou tudo isso — o chefe continuou. — O sacrifício de sua família, a perda de seu irmão, foi uma tragédia. Mas isso trará mudanças reais.

— Então o senhor vai mesmo tentar conquistar Auranos? — questionou Jonas, em choque.

— Tentar não. Conseguir. E quero que vocês dois se juntem às minhas forças. Neste exato momento meus homens estão em Paelsia reunindo indivíduos qualificados para se juntar ao exército de Limeros. O rei Gaius é um homem muito esperto. *Muito* esperto. O rei Corvin, no entanto, não sabe de nada. Nenhuma guerra em cem anos. Com todo esse tempo de paz, ele ficou gordo e preguiçoso. A vitória, sem dúvida, será nossa. E o povo de Paelsia poderá esperar um futuro melhor.

Era bom demais para ser verdade. Só podia ser um sonho.

— Preciso que vocês lutem ao meu lado para garantir um futuro melhor para nossos semelhantes paelsianos. Vocês dois.

Jonas e Brion olharam um para o outro.

— É claro — Jonas assentiu, com firmeza. — Qualquer coisa que o senhor precisar, chefe Basilius. Qualquer coisa mesmo.

O chefe ficou olhando para os dois por um momento.

— Enquanto isso, quero que viajem pelas vilas. Fiquem de olho em qualquer coisa estranha. Se o rei Corvin ficar sabendo de nossos planos, pode enviar seus próprios espiões até aqui para descobrir mais.

Jonas concordou.

— Sim, chefe.

O chefe fez um gesto positivo e sorriu.

— Agora, por favor, sintam-se à vontade. Participem de meu banquete e comemorem comigo. E, Jonas, lembre-se de uma coisa mais importante do que qualquer outra... mais do que a guerra, mais do que a própria morte.

— O quê, senhor?

O chefe manteve o sorriso.

— Tenha cuidado com minha filha. Ela não lida muito bem com decepções.

LIMEROS



Mais de uma semana havia se passado desde a conversa com o rei e Magnus ainda não sabia o que incomodava Lucia. Pensar naquilo era uma distração constante para ele.

Mas distração não era algo bem-vindo em suas aulas de esgrima. Ele recuou quando uma espada de madeira golpeou dolorosamente seu peito durante o treino.

— Qual é o problema, príncipe Magnus? — seu oponente perguntou com ironia. — Você me deixaria ganhar com tanta facilidade?

Magnus lançou-lhe um olhar seco.

— Eu nunca o deixaria ganhar.

Andreas Psellos era seu oposto em aparência, exceto pela estatura similar e pela silhueta esbelta, porém bem definida. Onde Magnus era escuro, Andreas era claro, com cabelos loiros e olhos azuis. Magnus nunca seria descrito como alguém simpático, enquanto Andreas era sociável e tinha sempre um sorriso em seu belo rosto, que quase nunca aparentava hostilidade...

A menos que estivesse falando com Magnus.

Eles haviam se afastado do resto da turma, que consistia de quatro duplas e um tutor que costumava sair no meio das sessões, deixando-os treinar sem supervisão.

— Você não mudou nada com o tempo — Andreas disse. — Ainda me lembro daquele jogo de blocos de madeira pelo qual brigamos quando tínhamos apenas cinco anos. Acho que você os jogou pela janela para eu não poder brincar com eles.

— Nunca gostei de dividir meus brinquedos.

— Só com a sua irmã.

— Ela é uma exceção.

— De fato é. Uma linda exceção. — Andreas olhou com desejo na direção do castelo negro que se estendia até o céu azul. — Acha que a princesa Lucia vai sair para nos ver treinar como da última vez?

— Acho improvável.

O mau humor de Magnus se intensificou. Andreas não apenas havia demonstrado interesse por Lucia, mas também era o rapaz que havia sido mencionado várias vezes pela rainha Althea como um possível pretendente. A família Psellos era rica, o pai de Andreas era um dos membros do conselho real e sua grande quinta, que ficava a poucos quilômetros do palácio, era a melhor da costa oeste de Limeros.

A ideia de que Lucia pudesse se comprometer com aquele garoto dourado de sorriso fácil fez Magnus sentir uma onda de veneno fluir por suas veias.

Andreas bufou.

— Então vamos lá. Não vou recuar se você não fizer o mesmo.

— É justo.

Quando suas espadas de madeira se chocaram, Magnus começou a prestar mais atenção na disputa, esforçando-se para não deixar a mente viajar outra vez.

Andreas apertou os lábios.

— Ouvi dizer que você botou Michol Trichas para correr quando ele demonstrou interesse por sua irmã.

— Ah, é? — Magnus replicou com indiferença. — Tomou as dores dele?

— Pelo contrário. Ele não era a pessoa certa para ela. É insípido e covarde, esconde-se atrás da saia da mãe quando qualquer

adversidade se apresenta. Não é digno da companhia da princesa Lucia.

— Concordamos em alguma coisa, afinal. Que bom.

— Contudo, você vai ver que eu não desisto tão facilmente quanto ele. — As espadas se encontraram e pararam no ar, e o olhar de Andreas ficou gelado. Os músculos de Magnus queimavam no esforço de pontuar e não deixar o rival vencer. — Você não me intimida.

— E nem estou tentando.

— Você expulsa todos os pretendentes de Lucia como se ninguém em Limeros fosse digno da preciosa atenção da princesa.

Magnus encarou Andreas.

— E ninguém é.

— Tirando você, é claro. — Andreas apertou os olhos. — Acho que a atenção que dá à sua irmã comparada à que dá às outras garotas é... incomum.

Magnus gelou por dentro.

— Você está imaginando coisas.

— Talvez esteja. Mas saiba de uma coisa, príncipe Magnus, quando eu quero algo, eu consigo. Independente dos obstáculos que possam surgir.

Magnus olhou para o castelo.

— Parece que eu estava enganado. Lucia está vindo assistir ao treino, afinal.

Quando Andreas desviou a atenção de Magnus, ele o atingiu. Tirou a espada de madeira da mão de Andreas e jogou o garoto no chão, onde caiu de costas, aturdido.

Magnus encostou a ponta cega da espada na garganta do oponente com força o bastante para machucá-lo.

— Na verdade, Lucia está na aula de bordado neste exato momento e não poderá falar com você de novo até... bem, certamente por um bom tempo. Mas eu darei seus cumprimentos a ela.

Ele jogou a espada de lado e se virou de costas para o garoto, ainda esparramado no chão, a fim de regressar ao castelo.

Algumas vitórias não eram tão doces como deveriam.

A ideia de que alguém, em especial alguém como Andreas, pudesse imaginar que Magnus tinha sentimentos proibidos pela irmã deixou-o enojado. Ele decidiu passar mais tempo na companhia de outras garotas para ajudar a dissipar quaisquer rumores.

E não garotas como a que se aproximava dele no corredor com um sorriso no rosto rosado.

— Meu príncipe — Amia o cumprimentou com alegria.

Ele olhou em volta para ver se não havia ninguém observando. Falar em público com uma criada — especialmente uma de nível tão baixo — não era algo bem-visto por seu pai. Imaginar a reação do rei Gaius ao ver seu filho fazendo mais do que falar com Amia era quase tão engraçado quanto sinistro.

— O que foi? — ele perguntou sem delongas.

— Não pedi para eu ficar de olho em sua irmã?

Com isso, ele agarrou-a pelo braço e entrou em uma alcova escura.

— Fale.

Amia torceu uma mecha de cabelos castanhos no dedo. Suas sobrelanceiras se uniram.

— É uma coisa muito estranha. Me mandaram levar uma bandeja de comida no quarto dela agora há pouco. A porta estava entreaberta. Eu devia ter batido, mas minhas mãos estavam ocupadas, então não bati. E juro que vi...

— O quê? O que você viu?

— Sua irmã estava diante de três velas e eu vi quando cada uma delas foi acesa.

Magnus ficou olhando para a garota.

— É só isso? Você viu minha irmã acender umas velas e achou que valesse a pena me contar? Não há nada de estranho nisso.

— Não, meu príncipe. É que... eu juro, eu... — Ela sacudiu a cabeça, muito confusa. — Juro que a princesa Lucia não as acendeu. As velas se acenderam sozinhas quando ela olhou para elas, uma de cada vez. Fiquei surpresa, mas tossi de leve para que ela soubesse que eu estava ali. A princesa pareceu perturbada pela possibilidade de eu estar observando, mas não dei nenhuma pista disso. Ter a capacidade de evocar o fogo poderia significar que ela é

uma... — Suas palavras foram interrompidas pelo olhar severo de Magnus. Ela mordeu o lábio inferior.

Magnus apertou o queixo da garota e olhou nos olhos dela.

— Obrigado, Amia. Quero que continue me contando tudo, mesmo que pareça insignificante. Mas saiba de uma coisa: minha irmã não é bruxa. Isso foi apenas coisa da sua imaginação.

— Sim, meu príncipe — ela sussurrou assim que ele começou a andar na direção dos aposentos de Lucia, no terceiro andar do castelo, sem dizer mais nada.

Acender velas parecia uma prática comum, mas não tão comum se os pavios pegassem fogo sozinhos. Ao chegar à porta de Lucia, ele respirou fundo e girou a maçaneta. Não estava trancada. Ele abriu a porta devagar.

Lucia estava sentada no divã de veludo, com as pernas sob o corpo, segurando uma margarida na palma da mão. O presente havia sido mandado no dia anterior por mais um garoto limeriano interessado nela. Sua concentração na flor era tão completa que não ouviu o barulho da porta.

De repente, a flor cor-de-rosa elevou-se de sua mão e flutuou no ar como se estivesse suspensa por fios invisíveis.

Magnus arfou alto.

A flor caiu no chão e o olhar surpreso de Lucia foi parar na porta, onde ele estava.

— Magnus. — Ela se levantou, alisando a frente da saia. Sua expressão era tensa. Ela fez um sinal para ele. — Por favor, entre.

Hesitando mais um pouco, ele abriu totalmente a porta e entrou no quarto.

— Feche — ela o instruiu. Ele obedeceu.

Lucia respirou fundo e soltou o ar aos poucos.

— Viu o que acabei de fazer?

Ele fez que sim com a cabeça, com a garganta apertada.

Agitada, a princesa andou até a janela exatamente quando um falcão voou da ponta do terraço, batendo as asas douradas em contraste com o céu azul. Magnus continuou a esperar, com medo de dar voz aos pensamentos que passavam por sua mente.

Então era isso que ele ouvira seu pai e Sabina comentando na noite do banquete de aniversário — sobre profecias, *elementia* e sinais dados pelas próprias estrelas. Era isso que o pai pedira para ele observar na irmã.

— Lucia está com dezesseis anos — Sabina havia dito. — Está chegando o momento de seu despertar, sei que está.

O despertar de sua magia.

Não podia ser verdade.

Então Lucia virou-se para ele, com o olhar firme como quando o confrontou sobre o que havia dito a Michol. Bastante confuso, Magnus abriu a boca para pedir respostas, mas ela foi até ele e o abraçou.

— Não consegui contar esse segredo para ninguém por medo do que poderia significar. Há tempos queria contar para você, mas nunca havia oportunidade.

— Não sei bem o que vi. — Ele pressionou as mãos nas costas dela para segurá-la bem perto enquanto seu coração acelerava no peito. Uma necessidade forte e repentina de protegê-la a qualquer custo veio à tona, o que o ajudou a afastar suas próprias incertezas. — Pode me revelar seu segredo, Lucia. Prometo não contar a ninguém.

Ela soltou um suspiro longo e trêmulo e se afastou dos braços dele para olhar para o seu rosto.

— Começou pouco depois do meu aniversário. Descobri que podia fazer coisas. Coisas estranhas.

— Magia — ele completou. A palavra parecia esquisita em sua língua.

Ela olhou para o irmão, mudando a expressão de exaltada e cautelosa para triste. Depois fez que sim com a cabeça.

— *Elementia* — ele esclareceu.

— Creio que sim. — Lucia respirou fundo. — Não sei por quê. Nem como. Mas eu posso fazer essas coisas. E sinto que isso esteve dentro de mim a vida toda, esperando a hora certa para aparecer. Posso fazer o que fiz com a flor. Posso movimentar coisas sem tocá-las. Posso acender velas... sem fogo.

Magnus tentou organizar em sua mente tudo o que havia ouvido.

— Você é uma bruxa.

Ele se arrependeu do que disse assim que as palavras deixaram sua boca. Lucia parecia devastada com a possibilidade. Bruxas eram perseguidas em Limeros, mesmo se fossem apenas suspeitas de bruxaria. Era uma coisa perigosa até para se sugerir a respeito de alguém. Em Limeros a bruxaria era associada à deusa Cleiona — um ato perverso cometido em nome de uma deusa perversa.

— Magnus — ela sussurrou. — O que eu vou fazer?

O rei deveria saber sobre aquilo. Ele queria que Magnus ficasse de olho em Lucia e relatasse qualquer coisa fora do comum.

Aquilo com certeza era algo fora do comum.

Ele andou pelo quarto, pensando e repensando no que havia visto. Se Lucia fosse outra pessoa, ele não hesitaria em dizer a verdade a seu pai. O que aconteceria depois não seria de sua conta.

— Mostre-me de novo — ele pediu com calma.

Depois de hesitar um pouco, Lucia pegou a flor e pousou-a de novo na palma da mão. Ela olhou para o irmão, que fez um gesto positivo, tentando tranquilizar a mente dela.

— Está tudo bem — ele confortou-a. — Não tenha medo.

— Não estou com medo — ela disse com tanta firmeza que o fez sorrir. Apesar de seus lindos vestidos e dos bons modos de uma princesa, sua irmã tinha um coração de aço. O próprio coração de Magnus batia mais forte.

Lucia voltou a atenção para a flor. Com uma pequena ruga entre as sobrancelhas, ela se concentrou na planta. Lentamente, ela se elevou de sua mão enquanto Magnus observava em um silêncio perplexo. A flor girou no ar.

— Incrível — ele sussurrou.

— O que isso significa? — Lucia lançou-lhe um olhar perturbado e, pela primeira vez, ele notou o brilho de seus olhos. Ela podia dizer que não estava com medo, mas estava. E tinha razão de estar.

— Eu não sei. — Ele analisou o rosto da irmã, lutando contra o forte ímpeto de pegá-la novamente e abraçá-la com força. Passou os olhos por suas feições: o nariz pequeno e reto, as maçãs do rosto salientes, os lábios grossos e vermelhos. Os olhos de sua mãe

eram de um azul acinzentado; os do pai, castanho-escuros, como os dele. Mas os olhos de Lucia se destacavam como safiras, como pedras preciosas.

A incrível beleza de Lucia lhe tirava o fôlego.

— O que foi? — ela perguntou. — Está vendo algo em meu rosto que mostre que sou tocada por esse mal?

O rei levava Magnus ao extremo norte alguns anos antes para testemunhar a execução de uma pessoa acusada de bruxaria. A mulher havia matado vários animais e usado o sangue para evocar magia negra. O rei falou com ela em particular e logo fez um julgamento final sobre seu destino. Magnus teve que assistir à execução e aprender com ela. Ele ainda se lembrava dos gritos de dor e medo da bruxa penetrando no ar frio quando a incendiaram.

Seu pai pôs a mão nos ombros trêmulos do garoto.

— Lembre-se disso, Magnus. Um dia você também terá que decidir o futuro daqueles acusados desse tipo de ocultismo.

Uma onda de medo e repulsa passou por ele. Ele se afastou de Lucia e foi até a porta para ver se alguém espreitava do lado de fora. Depois ele a fechou e trancou.

— São *elementia* — ela explicou com a voz alterada. — Especificamente, magia do ar, eu acho, a capacidade de mover coisas. E fogo também. Cleiona era a deusa do fogo e do ar. E ela era má!

Magnus ficou um minuto inteiro em silêncio, olhando para o chão de mármore, e levantou os olhos para a irmã.

— Consegue levantar algo mais pesado do que uma flor?

— Eu não sei. Por favor, Magnus, me diga o que fazer. Não me odeie por manter segredo por tanto tempo. Não pode virar as costas para mim agora.

Ele franziu a testa.

— Acha que eu faria isso?

— Se essa magia for do mal...

— Não é — ele disse com firmeza.

Ela olhou feio para o irmão.

— Bruxas foram torturadas e executadas por fazerem o mesmo que eu.

— Se uma bruxa pudesse mesmo fazer o que você faz, ela nunca se deixaria executar. — Ao dizer aquilo, as palavras lhe pareciam cada vez mais verdadeiras. — Se as pessoas que foram incendiadas ou decapitadas possuíssem mesmo o dom da magia, conseguiriam usá-lo para se salvar.

— Você não acha que as bruxas são más? — Os olhos azuis de Lucia carregavam uma profunda incerteza — e esperança. Estava atormentada pelo segredo que guardava consigo há tanto tempo sem ninguém para ajudá-la.

Magnus se aproximou dela e acomodou seu rosto nas mãos.

— Só sei que você não é má. É maravilhosa em todos os sentidos. E nunca acredite em nada diferente disso, ou ficarei muito bravo com você.

Ela tocou na mão dele, chegando mais perto. Uma ponta de alívio passou por seus olhos azuis.

— Está falando sério?

— De todo o coração. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Eu daria um coelho felpudo para alguém que eu considerasse má?

Ela soltou uma risada suave, e o som tirou o peso do coração dele.

— É fêmea. Dei o nome de Hana.

— É um nome adorável. Para uma coelhinha felpuda.

— O que devo fazer, Magnus?

Ele se afastou dela e chegou perto da pilha de livros. Pegou alguns, depositando-os sobre a mesa, perto do vaso de flores.

— Levante esses livros.

Os olhos de Lucia se arregalaram quando olhou para a pilha.

— Nunca tentei mover nada mais pesado que uma flor.

Ele cerrou os dentes.

— Você precisa fortalecer suas habilidades. Quanto mais forte ficar, menos terei que me preocupar com você. Se dominar o que é capaz de fazer, estará segura independente do que acontecer. E eu vou ajudá-la a praticar.

Ele prendeu a respiração esperando pela resposta dela. Se Lucia era, de fato, uma bruxa, com os *elementia* recém-despertados, não havia alternativa. Ela tinha que praticar. Tinha que fortalecer suas

habilidades. Porque se alguém descobrisse o seu segredo, principalmente o rei, sua vida estaria em perigo.

Magnus nunca deixaria sua irmã ser executada por aquilo. Lucia não era má. Podia ser difícil acreditar na religião imposta aos limerianos, mas não era difícil acreditar em Lucia.

Ela uniu as sobrancelhas.

— Não sei se consigo.

— Então não faça por você. Faça por mim.

Ela olhou nos olhos dele.

— Se eu concordar com isso, você fará algo por mim?

— O quê?

— Diga-me por que nosso pai juntaria forças com o chefe Basilius para conquistar Auranos. Haverá uma guerra?

Ele havia visto Lucia na escadaria quando o rei recebeu a mensagem do líder paelsiano. Era uma informação perigosa para uma garota de dezesseis anos, mas logo mais ela ficaria sabendo de qualquer forma. Parecia que Amia não era a única garota do castelo com o dom de bisbilhotar.

— Se haverá guerra? — Magnus repetiu. — É o que nosso pai quer. Teremos que esperar para ver até onde vão levar todos os planos e tramoias dele com o chefe Basilius. Mas você não precisa se preocupar com isso. — Ele acariciou uma mecha do cabelo longo e sedoso que estava no rosto da princesa. — Mas agora vamos praticar a sua magia. Você deve dominá-la, e assim saberei que você estará segura.

— Obrigada, irmão. — Lucia ficou na ponta dos pés e encostou os lábios de leve nos dele antes de lhe dar outro abraço forte. — O que eu faria sem você?

Os lábios de Magnus queimaram com o beijo e o coração parecia em chamas — assim como havia acontecido com a bruxa.

— Espero que nunca tenhamos que descobrir.

AURANOS



Theon Ranus havia experimentado raiva, sofrimento, tristeza e desejo muitas vezes. Mas não medo.

Não até aquele momento.

— A princesa não está no quarto. Não está em lugar nenhum! — O grito da criada apressou os passos dele enquanto percorria o corredor. A criada que deveria estar de guarda no quarto de Cleo durante as horas de sono de Theon havia dormido e não conseguiu vigiá-la.

O pavor tomou conta dele.

Ele soube de imediato para onde ela havia ido. Fez exatamente o que ameaçara fazer. Fugira do palácio para sair em uma viagem a Paelsia. Mesmo depois de ele ter se recusado a acompanhá-la, ela havia ido mesmo assim.

Garota idiota. Garota idiota e determinada.

Parecia que o coração dele havia sido arrancado do peito. Logo depois, junto ao temor por sua segurança, veio uma raiva fervente por ela ter feito aquilo, ignorando todos os seus avisos.

O rei precisava saber. E Theon sabia que era ele quem deveria dar a notícia de que Cleo e Nic haviam desaparecido do palácio.

Foi quando ele começou a sentir outro tipo de medo. Dessa vez por si mesmo.

— Como pôde deixar isso acontecer? — o rei esbravejou, com o rosto vermelho de raiva.

Theon não tinha nenhuma boa resposta. Sabia que Cleo queria fazer aquilo. Sabia que ela era teimosa e obstinada no que se referia à saúde da irmã. Ele deveria ter imaginado.

— Eu mesmo vou a Paelsia procurar por ela.

— Ah, mas você vai mesmo. — Havia sombras escuras embaixo dos olhos do rei, como se não tivesse dormido bem. Naquele momento ele parecia ter muito mais do que seus quarenta e poucos anos. — Não bastassem todas as preocupações que já tenho, isso só serve para me perturbar ainda mais. Você deveria mantê-la em segurança. Você me decepcionou.

Theon não tinha como argumentar que não era possível ficar ao lado de Cleo todas as horas do dia a menos que dormisse na cama da princesa, junto com ela, mas segurou a língua e ficou olhando obedientemente para o chão. O rei Corvin não era cruel, mas aplicava pequenas punições quando necessário. Não conseguir manter a princesa em segurança era algo que não passaria impune.

Por que ela faria uma coisa tão imprudente como aquela?

Até mesmo ele não tinha muito o que pensar sobre o assunto. Ela estava convencida de que poderia salvar a vida da irmã indo atrás da lenda de uma vigilante exilada. Quebrar todas as regras para salvar a princesa Emilia era ao mesmo tempo uma coisa idiota e... corajosa. Generosa e destemida.

“Só Cleo poderia fazer uma coisa dessas”, Theon pensou.

— Partirei agora mesmo — ele afirmou, ainda com os olhos baixos. — Peço permissão para levar mais alguns homens.

— Não mais do que dois. Não queremos chamar atenção para essa situação constrangedora.

— Sim, vossa majestade.

O rei não disse mais nada, então Theon levantou a cabeça e viu que o rosto dele agora estava mais pálido e assombrado do que furioso.

— Às vezes tenho a sensação de que sou amaldiçoado — o rei lamentou em voz baixa. — Uma maldição lenta e ávida que me acompanhou a vida toda, tirando de mim tudo o que amo. — Ele fez

uma pausa, franzindo a fronte. — Conheci uma bruxa uma vez... em minha juventude. Ela era muito bela.

Theon ficou surpreso com a aparente falta de lógica.

— Uma bruxa? De verdade?

O rei confirmou com um vigoroso aceno de cabeça.

— Eu não acreditava em magia até conhecê-la. Ela pretendia se tornar minha rainha, mas eu... bem, eu conheci Elena, e soube que ficaria com ela. A bruxa não passou de um flerte de um jovem que apreciava a companhia de moças bonitas antes de se casar com a mulher que seria o amor de sua vida. — Ele soltou um suspiro. — Quando rompi com a bruxa, ela ficou furiosa. Acho que ela me enfeitiçou. Perdi minha amada Elena momentos depois de dar à luz minha filha mais nova. Agora Emilia está tão doente. Temo que Cleo estivesse certa quando disse que ela está morrendo. E a própria Cleo... — Sua voz falhou. — Ela tem suas próprias ideias, e isso vai deixá-la em apuros. Mais do que ela consegue imaginar. Você *precisa* encontrá-la.

— Farei isso, vossa majestade. Juro que sim.

— Estou vendo que sim. — O rei lançou um olhar sombrio para Theon e ele sentiu um arrepio na espinha. — Fracasse novamente e pagará com a vida. Eu mesmo o mato com minhas próprias mãos. Está entendendo?

Theon assentiu. Não esperava menos do que aquilo. Ele saiu da sala de reuniões dando passos rápidos, com o coração batendo forte.

Ele devia ter dito que iria com a princesa. Ela foi teimosa o suficiente para ir sozinha, apenas com Nicolo Cassian para protegê-la. Mas ele não passava do escudeiro do rei, sem treinamento, sem força, sem instintos de sobrevivência afiados. Não chegava perto de ser o suficiente. Era Theon quem deveria estar ao lado da princesa Cleo, independente do que acontecesse. Naquele momento e sempre.

O rei o mataria se ele fracassasse. E se algo acontecesse a Cleo... ele *desejaria* morrer. Só de pensar em seus olhos brilhantes apagados, o riso alegre silenciado... ele começou a suar frio e encostou a testa na parede de mármore do corredor.

“Estou me apaixonando por ela”, pensou.

A percepção o atingiu como uma espada enfiada no peito.

Não haveria futuro para eles. Ele não era nobre, nem mesmo cavaleiro. E ela já estava prometida a outro.

Mas ele havia visto algo nos olhos dela quando discutiram, uma vivacidade alegre. Uma respiração. Um rubor em seu rosto. Ele estava começando a gostar da companhia dela mais do que jamais teria acreditado ou estaria disposto a admitir, até para si próprio. Ele queria estar ao lado dela, não apenas como guarda pessoal.

Ele a queria.

Mas não podia ceder àqueles sentimentos. Até mesmo admitir para si mesmo era perigoso. Por ora, a única certeza de Theon era que a encontraria e a traria de volta em segurança para Auranos. O futuro era incerto, mas aquilo estava claro. Ele não fracassaria.

LIMEROS



O rei havia convocado Magnus à sala do trono.

Era inconcebível visitar os aposentos do filho. Não, em vez disso o príncipe tinha que ser convocado oficialmente como um criado.

Irrelevante.

Ele não se apressou para chegar. Obedeceria, é claro. Não tinha outra escolha, mas mesmo com a recém-descoberta apreciação do rei pelo filho, Magnus não faria nada correndo.

Ele havia passado dois dias treinando com Lucia, para ajudá-la a aprimorar o controle e a destreza. Muita coisa parecia depender das emoções oscilantes de sua irmã. Quando discutiam — em especial sobre os pretendentes que Magnus afugentava —, seu temperamento mais forte ajudava a evocar a magia. Quando sua confiança estremecia, ela falhava.

Dessa forma, Magnus fazia de tudo para eles discutirem com frequência. Não era preciso muito para que o rosto de Lucia ficasse vermelho.

Ainda levaria um bom tempo para que a princesa se abrisse completamente à sua magia. Mesmo não admitindo, ela tinha medo. E o que a pessoa teme não costuma ser recebido de braços abertos.

Magnus sentia algo parecido em relação ao pai.

— O senhor me chamou? — ele perguntou, seco, quando estava diante do rei na sala do trono.

O rei Gaius tirou os olhos dos papéis que analisava e se concentrou em Magnus como uma águia que avista uma presa interessante.

— Você demorou bastante para chegar aqui.

— Vim o mais rápido que pude.

A mentira escorria suavemente.

— O que anda fazendo, Magnus? Está passando muito tempo sozinho nos últimos dias. Perdeu uma oportunidade de sair para caçar comigo esta manhã.

— Estive lendo.

O rei abriu um sorriso, mas o calor dele não chegou a seus olhos.

— Acho difícil acreditar.

Magnus deu de ombros.

— O senhor só queria saber o que ando fazendo ou vamos discutir assuntos mais importantes?

O rei encostou-se no trono de ferro e couro preto e observou o filho.

— Você se parece tanto comigo quando tinha a sua idade. É impressionante.

Magnus não sabia se considerava aquilo um elogio ou um insulto.

— Como vão os planos com o chefe Basilius? — ele perguntou, querendo desviar o foco de si.

— Tudo está se ajeitando. Não se preocupe, meu filho, eu o manterei informado de cada passo importante. E pedirei sua assistência nas questões maiores muito em breve.

Já que o posto de valete do rei estava vago devido à morte inesperada de Tobias, Magnus tinha certeza de que o rei precisaria de um novo assistente pessoal para ocupar a vaga. Ao que tudo indicava, seria ele.

— O que o rei deseja, eu obedeço. — Era quase impossível dizer aquilo sem sarcasmo. Velhos hábitos são difíceis de abandonar.

— Eu o chamei aqui por um motivo específico. — O rei o analisou por um instante. — E Lucia? Você notou algo incomum nela?

Magnus sabia que ele perguntaria, então se preparou. Olhou para o brasão da família Damora, com as palavras Força, Fé e Sabedoria.

— Eu a estou observando, mas ela parece a mesma de sempre. Se o senhor acha que ela está um pouco distraída, talvez seja apenas uma queda por algum garoto sem graça.

— Não, não seria uma coisa tão sem importância.

— Bem, eu nem posso saber exatamente o que devo procurar, posso? O senhor se recusa a compartilhar os detalhes comigo.

E então ele não fazia mais parte dos importantes planos de seu pai para o reino. Talvez fossem apenas palavras. Pensar nisso era estranhamente decepcionante.

O rei se inclinou para a frente em seu simples, porém intimidador, trono — o outro, de ouro trabalhado e joias, do qual governara o avô de Magnus, havia sido retirado anos antes. Ele juntou as pontas dos dedos.

— Acho que você pode estar pronto para saber a verdade.

Magnus ergueu uma sobrancelha, surpreso.

— Então me diga.

— Eu sempre esqueço que você não é mais um garotinho. É quase um homem e, como tal, deve ser incluído em tudo o que faço. Na verdade — o rei se levantou e circulou Magnus lentamente, percorrendo o filho com os olhos, com uma mistura estranha de crítica e aprovação —, é como olhar para o meu passado. Sabina mencionou isso outro dia.

— Sabina mencionou o quê?

— Como somos parecidos. Você sabe, quando eu a conheci não era muito mais velho do que você.

O estômago de Magnus se revirou.

— Que ótimo. Ela já era casada na época ou o senhor esperou a noite de núpcias dela para levá-la para a cama?

O rei deu um pequeno sorriso.

— Sua língua é muito afiada. Mas tudo bem. Um futuro rei precisa de todas as armas que tiver à disposição. Acredite em mim, quando estiver no trono, poderá confiar em pouquíssimas pessoas.

— E o senhor confia em Sabina?

— Confio.

O único jeito de tirar alguma informação daquele homem insuportável era fazer perguntas diretas — e fingir não se importar muito com as respostas, claro. Se Magnus parecesse muito ávido, sabia que seu pai continuaria a esconder a verdade.

— Que profecia é essa relacionada a Lucia? O que o senhor está esperando encontrar nela?

O rei não disse nada por um bom tempo. Seus olhos se estreitaram.

— Você sabe o que eu penso de quem escuta minhas conversas privadas, Magnus.

Ele se contraiu por dentro. Às vezes até ele sabia que não devia falar tão diretamente, a menos que quisesse provocar um ataque de seu pai. Às vezes era difícil lembrar. Mas ele estava no limite e tinha dificuldade para se controlar. Sua máscara da indiferença costumava ser muito mais eficiente do que aquilo.

Saber que Lucia era uma bruxa, no entanto, havia desequilibrado seu mundo. Havia descoberto que a máscara na qual se apoiava mudara. Seria difícil usá-la de novo sem um grande esforço.

Magnus estava certo de que seu pai não responderia. Talvez o mandasse embora sem nenhuma informação. Seria ótimo, já que ele poderia voltar aos aposentos de Lucia e continuar com seus treinos.

O rei falou, por fim.

— Se eu admitir uma coisa dessas para você, Magnus, entraremos em um terreno muito perigoso.

— A verdade só é perigosa se puder ferir. — Ele fingiu estar mais interessado em uma bandeja de maçãs e queijos na mesa ao lado do que nas palavras proferidas pelo pai.

— Mentiras podem tornar verdades difíceis menos dolorosas. Mas eu acredito que a dor é essencial para o crescimento. — O rei tinha o olhar fixo. — Acha que está pronto para tamanha sinceridade?

Magnus olhou o rei bem nos olhos, que eram da mesma cor dos seus. Ao observar o rosto do pai, não conseguia deixar de ver frieza. Desde pequeno ele associara a imagem do rei à de uma serpente,

igual à naja que adornava a insígnia da família. Uma cobra escorregadia, peçonhenta e de dentes afiados.

— Quero saber sobre Lucia — Magnus disse com firmeza. — E quero saber agora.

O rei se levantou do trono e andou até o outro lado da sala para olhar pela janela, de onde se via o penhasco coberto de gelo até o extenso mar.

— Há muitos anos, Sabina e a irmã dela estudaram as estrelas procurando o sinal de um nascimento especial. Uma criança que se tornaria alguém ligado às lendas e à magia.

— Magia? — A própria palavra era perigosa.

O rei confirmou lentamente.

— Sabina é uma bruxa.

Magnus empalideceu. Ele nunca havia se importado com Sabina, mas nunca vira nenhuma indicação de que o que o seu pai dizia era verdade.

— O senhor me levou para ver uma bruxa arder em chamas quando eu tinha doze anos. Era uma lição sobre o que aconteceria com quem tentasse invocar magia aqui em Limeros. E ainda assim me diz que sua amante é uma delas? Eu nem sabia que o senhor acreditava nessas coisas exceto para usá-las como exemplo para quem difundisse mentiras.

O rei abriu as mãos.

— Um rei precisa tomar decisões difíceis. Por um bom tempo, não acreditei. Mas é verdade, Magnus. A magia é real.

— O senhor seria capaz de condenar uma mulher à morte por bruxaria e ainda assim considerar Sabina sua conselheira mais íntima? Uma mulher que, ainda por cima, leva para a cama?

— Não espero que entenda, apenas que aceite que o que eu fiz, tudo o que sempre fiz, foi em benefício de meu reino. Sabina é uma rara exceção para mim.

A mente de Magnus girava.

— O que isso tem a ver com Lucia?

— Havia uma profecia sobre uma criança que nasceria e um dia teria os poderes não apenas de uma bruxa, mas de uma feiticeira.

Magnus ficou imóvel.

— E o senhor acredita que seja sua própria filha?

O rei agarrou os ombros de Magnus e o puxou para mais perto.

— Esperei muito tempo para saber se era verdade. Mas não há sinais de que Lucia seja tão extraordinária assim. Faz dezesseis anos, Magnus, que só me frustro.

Seu estômago ficou apertado.

— Não sei o que dizer.

— Não viu nada? Nada? Mesmo?

Magnus escolheu as palavras com sabedoria.

— Não. Não tenho nada a dizer. Ela é como qualquer garota de dezesseis anos deve ser. Pensar que ela poderia ser uma feiticeira... — Sua garganta ficou seca. — É absurdo.

As mentiras amenizavam bastante a verdade dolorosa.

— Eu me recuso a acreditar — afirmou o rei entredentes. Havia um brilho de suor sobre a fronte dele. — Ela é a chave, Magnus. Ela é essencial para os meus planos. Preciso de toda a ajuda possível.

— O quê? Está falando de Auranos?

— É claro. Nada mais importa no momento.

— Certamente nosso exército, combinado com o de Basilius, de todo modo...

— O de Basilius? Rá. Jovens mal treinados e desnutridos que nunca seguraram uma espada. Auranos, com o seu estilo de vida indolente, tem um exército impressionante. Não, precisamos de uma garantia.

Um arrepio percorreu o corpo de Magnus.

— E quanto a Sabina? Se ela é uma bruxa, como o senhor diz, ela não pode usar magia para ajudar?

A expressão do rei azedou.

— O poder que ela pode ter tido quando jovem já desapareceu. Ela é inútil para mim nesse sentido. Não. Deve ser Lucia. Segundo a profecia, ela teria uma magia infinita, vinda de todos os quatro elementos.

Todos os quatro? Magnus só tinha visto indícios de dois até então: ar e fogo. Mas isso significava que os outros dois, terra e água, poderiam se manifestar depois.

— Com uma magia como essa eu poderia destruir o rei Corvin e todo o seu reino. — Os punhos do rei estavam cerrados. — Poderia exterminá-lo em um único dia e tomar Auranos.

Magnus engoliu em seco.

— Talvez Sabina esteja errada sobre Lucia.

O rei lhe lançou um olhar tão severo que a cicatriz de Magnus começou a arder.

— Eu me recuso a acreditar nisso.

— Então acho que terá que ser paciente.

A raiva desapareceu dos olhos de seu pai e ele voltou a observar o filho com cuidado.

— Você ama sua irmã, não ama?

Magnus cruzou os braços.

— É claro que sim.

— Ela é uma beleza. Um dia será uma excelente esposa para alguém.

Suas entranhas queimaram como lava com o ciúme.

— Com certeza.

A boca do rei se retorceu formando um sorriso sinistro.

— Acha mesmo que eu não percebo como olha para ela? Não sou cego, meu filho.

A bile subiu até a garganta de Magnus, amarga e inesperada.

— Não sei do que está falando.

— Banque o inocente se isso faz com que se sinta melhor, mas eu vejo. Sou um homem muito esperto, Magnus. Não basta ter coragem para ser rei, é necessário ter inteligência também. Eu observo para poder usar o que vejo a meu favor.

O maxilar de Magnus ficou tenso.

— Bom para o senhor.

— E vejo um irmão que se importa profundamente — *muito* profundamente — com sua bela irmãzinha.

Magnus olhou para a porta, querendo sair o mais rápido possível.

— O senhor me dá licença, pai? Ou deseja continuar fazendo joguinhos comigo?

— Não é jogo, Magnus. Eu reservo meus jogos para o campo de batalha ou o tabuleiro de xadrez. Acha que não sei por que você

nunca demonstrou interesse em nenhuma outra garota a fim de um dia se casar?

Magnus sentiu repulsa com o rumo que a conversa tomava.

— Pai, por favor.

— Eu *sei*, Magnus. Vejo nos seus olhos toda vez que ela entra em uma sala. Vejo como você a olha.

Magnus sentiu uma necessidade repentina de sair correndo para bem longe. Um ímpeto desesperado de esconder seu rosto do mundo. Não havia compartilhado aquela verdade com ninguém, ela estava enterrada bem fundo, tão fundo que ele mesmo mal olhava para a irmã. O mero indício de que Andreas pudesse suspeitar de seu segredo mais sombrio já o havia consternado.

Mas agora o rei o exibia como um animal morto em uma caçada, ensanguentado e esfolado. Como se não significasse nada.

— Eu preciso ir. — Magnus se voltou para a porta.

O pai apertou a mão sobre seu ombro.

— Fique sossegado. Não contarei a ninguém sobre isso. Seu segredo permanecerá seguro de hoje em diante. Mas se fizer tudo o que eu pedir, posso lhe prometer uma coisa. Nenhum homem a tocará. Pelo menos isso servirá de consolo para você.

Magnus não disse mais nada. Assim que seu pai o soltou, ele saiu da sala apressado. Correu pelos corredores na direção de seus aposentos e sentou-se bruscamente no chão, com as costas pressionadas contra a parede fria e cinzenta. Não suportaria encarar Lucia outra vez aquela noite.

PAELSIA



Encontrar uma vigilante exilada em Paelsia não estava sendo uma tarefa tão fácil quanto Cleo esperava. E viajar em um navio de transporte de vinhos não era tão glamoroso quanto estar a bordo da embarcação luxuosa de seu pai. Mas ela e Nic haviam conseguido chegar.

Cleo levava uma bolsa com artigos essenciais, entre eles uma muda de roupa e um pequeno saco com moedas de ouro e prata, genéricas, e não os reconhecíveis cêntimos auranianos com o rosto da deusa, o que poderia chamar atenção. Ela mantinha o capuz do manto sobre os cabelos queimados de sol a maior parte do tempo, mais para se proteger do vento frio do que para permanecer incógnita. Pouquíssimas pessoas naquela terra esquecida pela deusa deveriam saber quem ela era.

E eles andaram. E andaram.

E andaram um pouco mais.

A viagem para encontrar o vinho de Aron havia parecido uma andança sem fim. E não chegava aos pés desta.

Cada vila ficava, no mínimo, a meio dia de viagem da outra. Algumas vezes conseguiam pegar carona atrás de uma carroça, mas a maior parte do tempo viajavam a pé. Uma vila era igual à outra. Pequena, pobre, com um grupo de casinhas, uma taverna,

uma hospedaria e um mercado que vendia artigos modestos, como frutas e legumes pequenos e feios. Esse tipo de alimento não crescia tão bem no solo frio quanto as uvas, apenas mais uma evidência de que os vinhedos e as uvas eram beneficiados pela magia da terra. Essa percepção manteve o otimismo de Cleo conforme os dias se arrastavam.

Logo depois da chegada eles vagaram pelos vinhedos, grandes extensões de vinhas verdes plantadas em fileiras, o solo congelado, as uvas verdes frias ao toque, mas grandes, roliças e doces.

Antes que alguém pudesse vê-los, eles juntaram o máximo possível de cachos de uva e saíram correndo. Não era uma refeição deliciosa servida por criados diante de uma lareira, mas encheria a barriga — especialmente depois que Nic se provara inútil ao tentar pegar um coelho ligeiro para o jantar. Eles se depararam com uma tartaruga estranha e lenta, mas nenhum dos dois teve coragem de matá-la. No momento, não estavam com fome o bastante para carne de tartaruga. Em vez disso, continuaram a comer suas frutas secas.

Depois da costa oeste, onde o porto envolvia a margem rochosa e os vinhedos cresciam, eles continuaram viajando para o leste, ao longo de estradas de terra, parando em cada vila para perguntar se alguém conhecia as lendas — e se havia algum rumor de uma vigilante exilada vivendo entre os camponeses.

Para todos que perguntavam, Cleo e Nic se apresentavam como irmãos do norte de Limeros que viajavam para pesquisar aquelas lendas. A ideia era hilária para Cleo e ela mal conseguia conter o riso quando Nic contava sua história — e cada vez ela aumentava mais. Logo eles eram o filho e a filha de um famoso poeta limeriano que lhes havia pedido no leito de morte que completassem o trabalho de sua vida: um livro sobre os vigilantes da Tétrade.

Nic tinha uma imaginação incrível e um jeito amigável que acalmava todo mundo. Paelsianos não eram abertos a visitantes de outros reinos, mas mudavam de ideia quando Nic começava a falar. Era difícil ele não conseguir botar um sorriso naqueles rostos abatidos. As crianças, em especial, adoravam Nic, reunindo-se em volta dele diante de uma fogueira sob as estrelas para ouvir suas

histórias improvisadas. Quando partiam de algumas vilas, um grupo de crianças os seguia, implorando para Nic ficar mais um pouco e continuar a entretê-los.

Cleo esperava encontrar logo as respostas que buscava, mas já estavam lá havia quase uma semana e ela começava a se incomodar. Alguns dias eram melhores do que os outros. Eles tinham ouro que pagava por quartos em hospedarias, de modo que podiam ter uma noite de sono mais ou menos confortável em camas com forro de palha. As refeições servidas nas tavernas não chegavam aos pés daquelas do palácio auraniano, mas também não eram horríveis.

Mas certa noite, quando saíram de uma taverna e começaram a se dirigir a uma hospedaria para alugar um quarto, foram encurralados por alguns garotos grandes e rudes que levaram seus sacos de moedas. Eles ficaram apenas com algumas moedas que estavam no fundo dos bolsos de Nic.

Cleo chorou pela primeira vez desde que chegaram. Era um sinal claro de que a viagem deles a Paelsia só tendia a piorar. A qualquer momento ela teria que voltar a Auranos, admitindo seu fracasso e aceitando a punição por ter fugido de casa atrás de mitos e magia.

Sem querer gastar o pouco dinheiro que restava, eles dormiram no leito seco e empoeirado de um rio. Os braços de Nic envolviam Cleo para impedir que ela tremesse. Seu manto grande e largo cobria os dois para aquecê-los.

— Não chore — ele sussurrou. — Amanhã será melhor.

— Você não sabe.

— Está certa, não sei. Mas posso ter esperança.

— Não encontramos nada. Ninguém acredita que exista um vigilante vivendo aqui.

Talvez não houvesse.

Cleo soltou um longo e trêmulo suspiro e encostou o rosto no peito de Nic para ouvir as batidas de seu coração. As estrelas brilhavam no céu escuro e a lua era um pedaço de luz prateada. Ela nunca havia analisado o céu por tanto tempo. Olhava para cima apenas de vez em quando, meio distraída. Mas nunca havia visto

aquilo, não daquele jeito. Tão claro e vasto e lindo mesmo em um momento tão desesperador.

— Por que um vigilante se exilaria de seu lar? — ela perguntou.

— Ouvi dizer que alguns se apaixonam por mortais e partem por vontade própria. Quando saem, não podem voltar mais.

— Fazer uma coisa dessas por amor. Deixar o paraíso. — Ela engoliu em seco. — Parece um desperdício.

— Depende por quem a pessoa se apaixona.

Era verdade.

Quando Cleo olhava para as estrelas, pensava em Theon e imaginava se ele também estaria olhando para o céu naquele mesmo momento. Ele devia estar furioso por saber que ela partira e mentira para ele. Ao mesmo tempo ela não estava preocupada com aquilo, pensando que logo regressaria, vitoriosa, e tudo seria perdoado.

“Sinto muito, Theon”, ela pensou. “Queria que você estivesse aqui comigo.”

Por mais que ela adorasse Nic, pensar em ter os braços de Theon em volta de seu corpo para mantê-la aquecida fez seu coração acelerar. Ela tinha fugido dele, de suas palavras severas, mas naquele momento sentia falta dele desesperadamente. Não havia nada em Theon que ela quisesse mudar, nem o fato de ele não ser nobre. Ela esperava que ele entendesse que não havia outra escolha a não ser viajar a Paelsia. Que ele um dia a perdoasse.

— Como são os vigilantes? — Cleo sussurrou. — Nunca prestei atenção nas lendas.

— Quase mais ninguém acredita nelas. Os vigilantes são jovens e belos. Sua pele dourada emite luz. Eles passam os dias em campos de um verde interminável, cercados de esplendor.

— Mas estão presos naquele paraíso?

— É o que diz a lenda. Desde que a Tétrade foi perdida, eles não têm magia suficiente para sair. Foi a punição por perderem o que deveriam guardar.

— Mas eles ainda podem nos observar pelos olhos dos pássaros?

— Certamente nem todos. Devem achar algumas pessoas muito chatas de observar. Aron, por exemplo. Tudo o que veriam seria ele

tomando vinho o dia inteiro e se admirando no espelho. Que tédio.

Ela riu apesar de tudo.

— Talvez você tenha razão.

— Eu estava pensando...

— Hum. O que é? — Ela olhou para o rosto dele.

— Imagine o que Aron diria se nos visse assim. Dormindo abraçados. Ele ficaria com ciúmes?

Ela riu.

— Muito. Ainda mais do fato de estarmos sem dinheiro, morrendo de fome e quase morrendo congelados, sem nenhuma gota de vinho.

Nic fechou os olhos, curvando os lábios de lado.

— Pela chance de morrer nos braços da princesa Cleiona, pode valer a pena.

Ele estava sempre fazendo comentários bobos como aquele. Cleo via aquilo como uma piada, mas às vezes pensava se sua irmã não estaria certa — se Nic não estaria mesmo apaixonado por ela.

A preocupação se foi quando ela pegou no sono e sonhou com Theon.

— É isso — Nic disse no dia seguinte quando retomaram a busca.

— Se não encontrarmos nada hoje, voltamos para o porto e vamos para casa amanhã. Certo?

A decepção e o cansaço estavam em cada passo que Cleo dava.

— Certo.

Quase sem dinheiro ou pistas para lhes dar esperança, era hora da aventura terminar e de Cleo aceitar a derrota.

Ela fechou bem os olhos enquanto andavam e fez uma rara prece à deusa pedindo ajuda na busca.

Seu estômago resmungou, como se respondesse. Eles encontraram algumas frutas ressecadas em umas árvores também ressecadas, mas não foram o suficiente para satisfazê-la.

— Isso, excelente — brincou Nic. — Vamos seguir os roncos do seu estômago como se fossem uma bússola. Acho que vai ajudar.

Ela deu um tapa no braço dele e tentou não sorrir, já que era a última expressão que seu rosto tinha vontade de fazer.

— Não brinque. Sei que você também está faminto.

— Teremos que escolher entre uma taverna e uma hospedaria hoje à noite. O dinheiro não dará para os dois.

Era tão injusto. Logo quando Cleo estava começando a olhar para os paelianos como um povo gentil e trabalhador, eles foram roubados, reafirmando a suposição anterior de que não passavam de selvagens desesperados.

“Eles são desesperados porque não têm nada. Enquanto eu tenho tudo.”

Era um pensamento assustador. Talvez Cleo também se tornasse selvagem se tivesse que viver naquela terra moribunda por mais de uma semana.

Eles entraram na vila seguinte, com suas típicas ruas empoeiradas e pequenas casas de pedra com telhado de palha. No mercado, parte mais movimentada da vila, pararam algumas pessoas e perguntaram sobre a vigilante.

Receberam as mesmas respostas de sempre.

— Vigilantes? Não sei nada sobre isso — respondeu uma mulher com os lábios ressecados e dentes quebrados. — Não acredito nessas lendas idiotas, meus caros. Se tivéssemos uma vigilante entre nós com magia na ponta dos dedos dourados, acha que teríamos que dormir sob telhados quebrados e comer vegetais queimados pelo gelo?

— Ela é uma vigilante exilada, então talvez seja diferente.

A mulher fez um gesto de indiferença.

— Já é ruim o suficiente termos que aturar o chefe Basilius, que usa nossos impostos em sua residência luxuosa e em sua suposta magia enquanto o povo morre de fome. Agora ele quer roubar nossos homens para suas missões idiotas. É repugnante.

— Quieta — sussurrou grosseiramente sua amiga grisalha, pegando no braço da mulher. — Não fale mal do chefe. Ele vai ouvir.

— Ele não ouve nada além de seus arrotos satisfeitos — a mulher replicou.

A amiga arrastou-a dali antes que ela dissesse mais alguma coisa.

— Telhados quebrados — Nic disse observando a aérea. — Ela está certa. Metade dos telhados por aqui tem buracos. Como essas pessoas conseguem sobreviver nos dias mais gélidos do inverno?

— Alguns não sobrevivem. — A voz veio de uma pequena banca que vendia cestos trançados. Cleo se virou para uma mulher baixa, de cabelos grisalhos e rosto enrugado, que a encarava com olhos pretos e brilhantes. Por um instante, Cleo se lembrou de Silas Agallon, o vendedor de vinho, pouco antes de seus filhos chegarem. O que acontecera logo depois escorregava por sua memória como algo apodrecido.

— Perdão, mas o que a senhora disse? — Cleo perguntou.

— O inverno é rigoroso aqui — respondeu a mulher. — Alguns não têm sorte o bastante para ver a primavera. As coisas são assim. Vocês não são daqui, são?

— Nós somos de Limeros — Nic explicou. — Estamos viajando por esta terra fazendo pesquisas para um livro sobre a lenda dos vigilantes da Tétrade. A senhora sabe alguma coisa sobre eles?

— Conheço algumas histórias que minha família costumava contar. E conheço muitas lendas passadas adiante no decorrer dos séculos, algumas que, de outra forma, teriam se perdido.

O coração de Cleo acelerou.

— Já ouviu rumores de que uma mulher que mora aqui em Paelsia era uma vigilante? Ela foi exilada e agora mora em uma vila nesta terra.

— Uma vigilante exilada por aqui? — As sobrancelhas da mulher levantaram. — Que interessante. Mas não, nunca ouvi essa história. Sinto muito.

Os ombros de Cleo desabaram.

— Também sinto.

A mulher recolheu suas mercadorias e as enrolou em um pedaço grande de tecido, embalando como uma bolsa, que jogou sobre os ombros.

— Vocês deveriam procurar um abrigo. A tempestade está chegando.

— Tempestade? — Nic repetiu quando um raio cortou o céu que escurecia, seguido do estrondo de um trovão.

A mulher olhou para cima.

— As tempestades são raras em Paelsia, mas quando vêm, são repentinas e fortes. Nossa terra ainda é tocada pela magia, mesmo

que esteja se esvaindo diante de nossos olhos.

Cleo ficou ofegante.

— A senhora acredita em magia?

— Às vezes, sim. Mas nos últimos tempos não tem sido suficiente.

— Ela inclinou a cabeça. — Têm certeza de que são de Limeros? Vocês têm um leve sotaque que me faz lembrar de nossos vizinhos do sul.

— É claro que temos certeza — Nic disse sem hesitar. — Cleo e eu já viajamos muito pelo Reino Ocidental, assim como para o exterior, então ganhamos muitas coisas pelo caminho. Sotaques, hábitos, amigos. Esperamos poder contar a senhora entre os amigos. Meu nome é Nicolo, mas pode me chamar de Nic.

— Eirene. — Um sorriso desdobrou as rugas em volta dos olhos.

— Prazer em conhecê-lo, meu jovem. E você — ela se virou para Cleo — tem um nome incomum. É apelido para Cleiona?

Ela olhou nos olhos de Nic. Sem pensar, ele havia usado o nome dela na conversa.

Cleo obrigou-se a manter a calma.

— Culpo meu pai por meu nome. Ele tinha um interesse especial por mitologia. Não fazia distinção entre as deusas, como muitos limerianos. Ele considerava as duas iguais.

— Sábio homem. Agora reforço a sugestão de que encontrem um quarto para passar a noite.

Eles trocaram um olhar justo quando a chuva fria começou a cair. Cleo cobriu os cabelos com o capuz do manto, mas ele logo ficou ensopado.

— Precisamos encontrar abrigo, mas não podemos pagar uma hospedaria — explicou Nic. — Também precisamos de comida, e não temos moedas para as duas coisas.

Eirene os observou e fez um sinal positivo com a cabeça.

— Então venham comigo. Posso alimentá-los e oferecer um lugar seco para dormirem esta noite.

Cleo olhou para ela, chocada.

— Por que faria uma coisa dessas por dois desconhecidos?

— Porque esperaria que um desconhecido fizesse o mesmo por mim. Venham.

Eirene os levou para a casa dela, a cinco minutos do mercado. Quando chegaram estavam totalmente ensopados — e tudo o que havia na bolsa de Cleo estava molhado. Enquanto Nic ajudava Eirene a fazer uma fogueira no centro, onde uma chaminé de pedra ia até o telhado de palha, Cleo olhava em volta. O piso era de barro socado, quase tão duro como o mármore. O resto era bem limpo, mas escasso. Mesa e cadeiras de madeira, colchões de palha do outro lado do cômodo. Embora não fosse nada comparado até mesmo à vila mais modesta de Auranos, era habitável.

Receberam cobertores de lã surrados e uma muda limpa de roupa enquanto as suas secavam perto da fogueira. Nic trocou seus trajes feitos sob medida no palácio por uma camisa e uma calça simples, e Cleo usava um vestido liso de tecido sem nenhum bordado.

Ela se aproximou de Nic enquanto Eirene trabalhava na cozinha.

— Isso pinica.

— O meu também.

— Suponho que seja melhor do que ficarmos nus até nossas roupas secarem.

— Ah, claro que sim. — Ele deu um sorrisinho malicioso. — Como seria terrível.

Enquanto Eirene preparava o jantar, ela fazia perguntas sobre a viagem deles por Paelsia. Cleo ficou sentada e deixou Nic fazer sua mágica especial, tecendo a história sobre a pesquisa dos dois como se fosse um narrador profissional.

— Então estão procurando essa vigilante exilada para entrevistá-la? — ela perguntou.

— Em parte — respondeu Cleo, trocando olhares com Nic. — Mas eu — *nós* — também temos outra irmã. Uma irmã mais velha que está muito doente. Ouvimos dizer que essa vigilante pode ter meios de curá-la.

— Sementes de uva — Eirene confirmou. — Inoculadas com magia da terra. Certo?

Os olhos de Cleo se arregalaram.

— Então a senhora conhece essa lenda?

— Conheço. Mas sinto dizer que não passa disso. Precisava haver uma explicação para o sucesso dos vinhedos, então alguns

acreditam que essa seja a razão. Contudo, muitos creem que o próprio chefe Basilius seja responsável pela magia que torna possível produzir nosso vinho, assim o povo pode usar a bebida em rituais em sua homenagem.

— E qual é a verdade?

Ela deu de ombros.

— Não cabe a mim dizer.

Cleo recostou na cadeira, franzindo a testa.

— Mas a senhora disse que acreditava em magia.

Eirene concordou.

— E acredito, mas nunca diria isso em Limeros. Embora eu não seja bruxa, não gostaria que uma luz tão perigosa brilhasse em minha direção por causa daquilo em que acredito.

— A senhora conhece alguma bruxa que more por aqui? — Embora aflita pela ideia de que a vigilante fosse apenas uma lenda, Cleo pensava que talvez pudesse encontrar uma bruxa. Qualquer conexão com magia era um caminho importante a seguir.

— Para uma limeriana perguntar sobre bruxas com interesse, você deve estar muito determinada a salvar sua irmã. É ela o verdadeiro motivo de vocês terem vindo a Paelsia, e não apenas o livro. Não é?

Os olhos de Cleo de repente se encheram de lágrimas.

— Minha irmã é a pessoa mais importante e preciosa para mim. Se ela morrer dessa terrível doença, não sei o que farei. Preciso ajudá-la.

A porta se abriu e uma bela menina de cabelos escuros entrou correndo, toda molhada da chuva fria que desabava do lado de fora. Seus olhos caíram imediatamente sobre Cleo e Nic.

— Quem são vocês? — ela perguntou.

Eirene fez cara feia.

— Sera, por favor. Seja educada. Eles são meus convidados. Ficarão conosco para jantar e passarão a noite aqui.

A expressão da menina não ficou mais amigável com a explicação.

— Por quê?

— Porque estou dizendo. Esta é minha neta, Sera. Sera, estes são Cleo e Nicolo. São visitantes de Limeros.

— Cleo — repetiu a menina, revirando o nome na língua.

O coração de Cleo acelerou com medo de que a menina pudesse saber quem ela era de verdade. Ela se esforçou para ficar calma.

— É um prazer conhecê-la, Sera.

Sera ficou olhando mais um pouco para ela, depois se virou para a avó.

— Devo arrumar a mesa?

— Por favor.

Eles se sentaram à mesa de madeira pequena e bamba para o jantar. Cleo estava com tanta fome que não deixou de apreciar cada bocado do forte cozido de cevada servido em uma tigela de madeira — ela teria torcido o nariz se estivesse no palácio, mas naquele momento estava muito grata pelo alimento. E, é claro, havia vinho. Se havia uma coisa na qual os paelsonianos não economizavam, apesar da vida difícil e estafante que levavam, era o vinho.

Cleo estava prestes a recusar um copo do garrafão de Eirene, mas segurou a língua. O vinho já a havia levado a arrependimentos e lembranças desagradáveis, mas um copo não faria mal. Ela ainda estava no primeiro quando Nic já estava no terceiro. Aquilo o ajudava a soltar ainda mais sua já solta língua.

— A senhora parece conhecer muito sobre bruxas e vigilantes — ele disse a Eirene. — Há algo que esteja disposta a compartilhar e que possa ajudar em nossa pesquisa?

Ela se inclinou para trás até a cadeira ranger.

— Tenho histórias. Mas histórias não são fatos.

— Eu gosto de histórias. Amo, na verdade. Muitas vezes são melhores do que fatos.

— Que tal histórias sobre as deusas?

Sera resmungou.

— Ah, de novo não. Minha avó adora ser controversa e contar essa história. Mas ninguém acredita que as deusas eram vigilantes.

Cleo quase engasgou com um gole de vinho.

— Está falando de Cleiona e Valoria?

Eirene sorriu com malícia.

— Estão dispostos a ouvir sobre uma possibilidade assim tão escandalosa? Ou são muito devotos como a maioria dos limerianos?

Os limerianos acreditavam que Valoria era um ser etéreo que incorporava a magia da terra e da água. Cleiona incorporava o fogo e o ar. Eram iguais em força, mas sua violenta rivalidade fez com que destruíssem uma à outra, momento em que quase todos os *elementia* foram eliminados do mundo mortal. Eles acreditavam que Cleiona havia sido a instigadora da batalha final — que ela tentara roubar o poder de Valoria, levando ao fim de sua adorada deusa. Consideravam Cleiona má por isso, uma sombra à luz de Valoria.

Os auranianos, quando eram mais religiosos, acreditavam exatamente no contrário.

— Quero ouvir — Cleo disse, ansiosa para aprender algo sobre os vigilantes que pudesse ajudá-la. — Conte-nos suas histórias. Ficaremos gratos por tudo o que estiver disposta a compartilhar.

Sera tirou os pratos vazios da mesa.

— Conte a eles sobre Eva.

— Contarei. Tenha paciência, querida.

— Ela foi a última feiticeira — explicou Sera. — Podia controlar todos os quatro elementos sozinha. Ninguém e nada era tão poderoso, exceto a própria Tétrade.

Para alguém que parecia relutante em escutar as histórias da avó outra vez, ela mesma parecia ávida por contar. Cleo conteve um sorriso.

— Então uma feiticeira é uma bruxa muito poderosa?

— Mais do que isso — contestou Eirene. — Eva era uma vigilante, seres que vivem além deste mundo em um enclave protegido chamado Santuário. Os vigilantes, como devem ter ouvido nas lendas antigas, eram os protetores da Tétrade, quatro cristais que continham a essência mais verdadeira e mais pura dos *elementia*. Obsidiana para a terra, âmbar para o fogo, água-marinha para a água e selenita para o ar. A magia podia ser vista dentro dos cristais, rodopiando, se alguém olhasse bem de perto.

“As feiticeiras usavam um anel que lhes permitia tocar nos cristais sem serem corrompidas pela magia. Por mais belos que fossem,

também eram muito perigosos. Os vigilantes os guardavam para manter a Tétrade protegida. Mas também para manter o mundo mortal protegido da Tétrade.

“Há um milênio, o Reino Ocidental, hoje dividido em três regiões, era um só, e todos viviam com prosperidade e harmonia. Naquela época, a existência da magia era aceita como a própria vida. A harmonia no Santuário se traduzia em harmonia aqui.”

Cleo se lembrou de ter lido em seus livros de história, quando seu tutor insistia para que prestasse atenção, que Limeros, Paelsia e Auranos costumavam ser uma grande região sem fronteiras. Era muito difícil para ela acreditar que os povos dos três reinos, tão diferentes entre si, já haviam sido um só.

— E o que aconteceu? — Nic perguntou. — Sei que dizem que a Tétrade foi perdida há mil anos.

— “Perdida” não é bem a palavra — explicou Eirene. — Foi roubada. Embora o Santuário parecesse harmonioso e os vigilantes, dedicados a guardar a Tétrade — que os presenteava com juventude eterna, beleza e magia —, alguns deles queriam mais.

— Mais do que juventude eterna, beleza e magia? — duvidou Cleo. — O que falta?

— Poder. Ele sempre foi um forte motivador para alguns. A busca pelo poder, pelo poder supremo, é a razão por trás da maioria dos males que o mundo testemunhou. Mas estou me adiantando na história.

— Eu gosto da parte sobre Eva e o caçador — disse Sera. — É a minha favorita.

— Minha neta é romântica. — Eirene riu e se levantou para servir mais vinho a eles. — Eva era uma feiticeira poderosa que os outros vigilantes respeitavam como líder, mas ela também era bem jovem comparada aos anciãos. Alguns diziam que ela era ingênua. Costumava se aventurar além do véu do Santuário, no mundo mortal. Antes não era bloqueado como agora. No Santuário não há vida selvagem, então o que ela mais gostava de fazer era observar os pássaros. Um dia, ela encontrou um caçador que havia sido mortalmente ferido por um leão da montanha. Ele tinha avançado

demais nas Montanhas Proibidas e se perdido. Quando estava deitado para morrer, ela apareceu para ele.

“Alguns dizem que foi amor à primeira vista. Ela então fez uma coisa proibida — usou sua poderosa magia da terra para curar os ferimentos do caçador e salvar sua vida. Nas semanas seguintes, ela deixou o Santuário para se encontrar com ele várias vezes. O amor dos dois se fortaleceu ainda mais. O caçador implorou a ela que saísse do Santuário e ficasse com ele no mundo dos mortais, mas ela sabia que não podia deixar suas responsabilidades para trás. No entanto, um dia ela descobriu que estava grávida e começou a se perguntar se poderia fazer diferente. Se poderia viver duas vidas ou se teria que sacrificar uma delas — ou o mortal que amava ou os outros imortais com quem compartilhava sua magia.

“Eva tinha duas irmãs mais velhas, que sabiam de seu segredo, e aquilo lhes dava mais motivos para terem inveja dela. Embora as duas, como vigilantes, também fossem poderosas, era pouco em comparação à magia da irmã mais nova.

“Quando ela deu à luz a filha do caçador, suas irmãs saíram do Santuário e raptaram a criança. Ameaçaram a vida do bebê se Eva não lhes entregasse a Tétrade no mundo mortal. Lembrem-se de que dentro do Santuário apenas Eva tinha o poder de tocar a Tétrade.

“Foi quando Eva fez sua escolha. A ideia de perder seu bebê era demais para suportar. Ela tirou a Tétrade dos quatro cantos do Santuário e levou-a para as irmãs no mundo mortal. Cada uma delas pegou dois cristais, e assim que tocaram nas pedras, foram corrompidas pela magia. Aquilo as mudou para sempre.”

— Elas foram transformadas em deusas — exclamou Cleo, quase sem respirar. — As irmãs eram Valoria e Cleiona.

Eirene confirmou, séria.

— A Tétrade foi absorvida pela pele das irmãs. Elas se tornaram fogo e ar, terra e água. Mas depois que a Tétrade foi retirada do Santuário, as duas não conseguiram voltar: estavam presas no mundo mortal. Embora tivessem o poder de deusas, seu corpo tornou-se perecível.

“Eva sabia disso, mas não as alertou. A fúria das duas irmãs foi suficiente para destruí-la. A criança se perdeu. Alguns dizem que morreu, outros dizem que foi deixada na porta de um camponês como último ato de bondade das deusas pela irmã morta.

“O caçador encontrou o corpo de seu amor na floresta, mas sem sinal do paradeiro da filha. Ele pegou o anel do dedo de Eva para lembrar-se dela... e para esperar o momento certo.

“As deusas ficaram separadas até a batalha final, quando quiseram tirar o poder uma da outra — percebendo, depois de muitos anos, que a posse dos quatro elementos da Tétrade lhes daria o poder supremo e a imortalidade mesmo no mundo mortal. Uma destruiu a outra.

“O caçador as estava espionando esse tempo todo. Quando as deusas foram destruídas, a Tétrade reapareceu na forma de cristais. Ele estava com o anel de Eva, então podia tocar os cristais sem se corromper. Ele os escondeu em um lugar onde ninguém pudesse encontrá-los. E depois, tendo completado a última tarefa de sua vida, ele morreu.”

— Que bom. Uma história com final feliz — exclamou Nic, aturdido.

— Depende de como você a vê, na verdade. — Eirene sorriu. — Mais vinho?

Nic empurrou o copo para a frente.

— Por favor.

— Então a Tétrade nunca foi encontrada — Cleo concluiu.

— Até hoje, não. Embora muita gente acredite que não passa de um mito. Que os vigilantes não são nada mais que uma lenda — as histórias são repassadas ano a ano sem nenhum fato em que se basear.

— A senhora disse que acreditava em magia. Mas acredita nessas histórias? — ela perguntou.

Eirene serviu mais vinho para Nic e para si própria.

— De todo o coração.

A cabeça de Cleo estava cheia com tudo o que havia ouvido.

— Os vigilantes procuram pela Tétrade. Não dizem que eles veem pelos olhos dos pássaros?

— Falcões, para ser mais precisa — Eirene corrigiu. — Eles podem assumir a forma de falcões. Pretendem encontrar a Tétrade e devolvê-la ao Santuário. Se saírem de lá sem tomar a forma do pássaro, nessas jornadas do espírito, não podem retornar. O Santuário está fechado para o resto do mundo. Existe em um plano diferente do nosso. Sobrou apenas um vestígio de magia com eles — mas dizem que está se esvaindo. Quanto mais tempo passam sem a Tétrade, mais seu mundo desaparece. Assim como o nosso.

— A senhora acha que há alguma relação? — Nic perguntou.

A expressão de Eirene estava séria.

— Certamente.

— Eu só gosto da parte da história de amor — afirmou Sera. — É meio difícil de acreditar no resto. Vó, eu prometi a uns amigos que os encontraria na taverna. Se importa se eu sair?

— Não, pode ir.

Depois de se despedir deles, Sera pegou um manto e saiu da casa, deixando os três sozinhos.

— Devo admitir que estou surpresa por não se indignarem com a sugestão de que sua amada deusa Valoria era uma vigilante corrompida — Eirene disse.

Cleo e Nic trocaram olhares.

— Temos a mente aberta — respondeu Nic. — Mas para mim é uma surpresa que ela pudesse ser tão malvada como a senhora contou.

— Eu nunca disse que ela era má. Nem que era boa. Até mesmo na pessoa mais sombria e cruel ainda há uma ponta de bondade. E dentro do virtuoso mais perfeito também existem trevas. A questão é: a pessoa cederá às trevas ou à luz? É algo que decidimos com cada escolha que fazemos, todos os dias de nossa existência. O que pode não ser maldade para você, pode ser para outro. Saber disso nos torna poderosos mesmo sem magia.

— Outros vigilantes deixam o Santuário. — Cleo passou o dedo indicador na borda do copo vazio. — Eles nunca podem regressar. Mas já aconteceu.

— É o que dizem.

— Eles continuam com sua magia? Uma vigilante que possui sementes inoculadas com magia da terra poderia realmente existir?

— Você tem tanta esperança que eu odiaria dizer não. — Eirene sorriu e estendeu o braço sobre a mesa para apertar a mão de Cleo.

— Deve continuar a acreditar de todo o coração. Às vezes basta a crença para que algo se torne verdade.

— Eu acredito que gostaria de dormir logo — disse Nic.

Ela abriu um sorriso.

— Excelente sugestão, meu jovem.

Com o fim da história e da refeição, Eirene preparou camas no chão perto do fogo para Nic e Cleo. Ela apagou as velas, puxou a lona que cobria as janelas para ter mais privacidade e desejou boa-noite aos dois.

Cleo se acomodou sobre o fino colchão de palha e olhou para o céu escuro.

Seus pensamentos primeiro se voltaram espontaneamente para Theon e o que ele poderia estar fazendo, mas quando ela adormeceu, sonhou com feitiçaria, deusas e sementes mágicas.

PAELSIA



— Eu precisei escapar de lá — Sera disse mais tarde na taverna. Com pisos e janelas sujos, não era um lugar muito bom, nem grande o suficiente para acomodar mais do que vinte pessoas, mas servia a seu propósito. Era onde as pessoas cansadas podiam encontrar bebida barata e companhia depois de um dia de trabalho.

— Sêrio. O que foi?

Um sorriso surgiu nos lábios que metade dos rapazes em um raio de quinze quilômetros conhecia muito bem.

— Minha avó acolheu dois viajantes para passar a noite em casa. Eu tive que ouvir todas aquelas histórias de novo. Lembrei de você quando eles me foram apresentados. O nome da menina é Cleo, como o daquela princesa odiosa. Nunca conheci outra pessoa com esse nome.

Jonas olhava chocado para a garota sentada ao seu lado na pequena mesa de madeira em um canto escuro da taverna. Ele também nunca ouvira falar de outra pessoa com aquele nome.

— Como ela é?

— Parece uma princesa, em minha opinião. Olhos azuis. Cabelos claros. Mais ou menos da minha idade. Bonita, eu acho. — Sera torceu uma mecha de cabelos entre os dedos.

— Você disse que o nome dela é Cleo.

— Isso mesmo.

Loiras não eram tão comuns em Paelsia. Não eram comuns em lugar nenhum, na verdade, mas ainda existiam algumas no norte de Limeros. Jonas se lembrava dos cabelos de Cleo, brilhantes como o sol, longos e soltos sobre o corpo esguio.

Ele havia sonhado em arrancar os cabelos dela, um pouco de cada vez, enquanto ela implorava por misericórdia.

Jonas olhou para o outro lado da taverna e viu Brion sentado perto do fogo, com os olhos já fechados. Haviam passado dias patrulhando e pararam para uma última dose antes de dormir na casa de Felicia e do marido, perto da vila. Os homens do chefe Basilius estavam na frente deles. Todos os aldeãos qualificados — homens e garotos — da costa oeste haviam sido recrutados para se juntar ao exército paelsiano. Em suas viagens, não encontraram nenhum sinal de agitadores ou espiões. A menos que Sera, essa garota que Jonas conhecia apenas de suas visitas a Felicia e Paulo, estivesse falando da própria princesa de Auranos.

— Talvez eu conte mais depois. — Sera empurrou a cadeira para a frente, para passar a mão pelo corpo de Jonas. Ele agarrou o pulso dela, que se contraiu.

— Conte *agora*.

— Você está me machucando.

— Não, não estou. Não exagere.

Ela mordeu o lábio inferior e olhou para ele bancando a tímida, esquecendo-se da tensão fingida.

— Talvez possamos ir a algum lugar mais tranquilo para discutir qualquer coisa que você quiser.

— Hoje não. — Ele não estava nem um pouco interessado em ir a um lugar privado com ela, nem naquela noite nem em qualquer outra. Por ora só deveria ter momentos de privacidade com Laelia, de quem já havia se cansado. Mas até que tudo se resolvesse entre o chefe e Jonas, esperançoso por uma rebelião bem-sucedida contra Auranos, ele achava melhor não romper com a dançarina. Ele e Brion poderiam se dar mal se ofendessem a filha de Basilius. Ser expulso do círculo de confiança do chefe seria a menor de suas preocupações se isso acontecesse.

— Você disse que essa tal de Cleo está na casa de sua avó? — Jonas perguntou de maneira calma e firme.

— Foi o que eu disse — Sera respondeu, mal-humorada. — Ela e um amigo estão passando a noite lá.

— É impossível. — Ele soltou o braço dela. — Ela não seria tão burra a ponto de dar as caras por aqui.

— Você não acha que seja mesmo a princesa, não é? Ela não se comportou muito como princesa.

Se a loira fosse Cleo — e a intuição de Jonas dizia que era ela —, então havia uma razão específica para estar ali. Mas o que poderia ser? Seria uma espiã de seu pai? Ele havia visto inteligência e audácia nos olhos dela aquele dia no mercado, uma malícia desagradável que não combinava com sua beleza externa. Ele não a subestimaria.

— Com quem ela está?

— Com um garoto chamado Nicolo. Ele pareceu inofensivo.

Jonas relaxou por um instante. Se Sera dissesse que Cleo estava com lorde Aron, ele não conseguiria controlar a raiva nem mais um segundo.

Os dentes de Jonas estavam tão cerrados que ficava difícil falar. Ele se afastou da mesa e se levantou.

— Obrigado por me contar isso, Sera.

— Já vai? Tão cedo? Só porque essa garota pode mesmo ser a princesa Cleo?

Jonas se contraiu como se a morte de seu irmão tivesse acontecido minutos atrás, e não há mais de dois meses. Seu sofrimento doía e sangrava como no primeiro dia.

Vingança. Era o que ele queria. Mas com a associação recente com o chefe Basilius, não tinha mais certeza de qual seria o melhor procedimento. Ele precisava falar com o chefe e descobrir o próximo passo. A cavalo, o complexo do chefe ficava a apenas duas horas de distância.

Ele olhou para Brion. Sua caneca bem merecida de cerveja escura estava intocada enquanto ele dormia com o rosto iluminado pelo fogo.

Jonas o deixaria descansar. Falaria com o chefe sozinho. Só então decidiria o destino da princesa.

LIMEROS



Magnus estava na sacada de seus aposentos, olhando fixo para a escuridão. Ele havia passado a noite em seu quarto, e escolhera jantar ali em vez de tentar lidar com sua família no andar de baixo. Ainda achava que não poderia olhar nos olhos do pai depois da conversa particular que haviam tido no início da semana.

Alguém bateu na porta; com certeza seria Amia lhe fazendo uma visita. Ele não sabia se estava com cabeça para apreciar a companhia da criada, independente da empolgação dela.

Mas não era Amia.

— Magnus. — Sabina se inclinou na beirada da porta quando ele a abriu. — Boa noite.

— Boa noite — ele respondeu sem sentimento algum. Aquilo era uma surpresa. Sabina nunca havia batido em sua porta. Depois do que seu pai lhe contara sobre ela, ele a observava cautelosamente, mas com interesse.

Todos tinham segredos.

— Está tudo bem? — ela perguntou. — Fiquei preocupada por você não ter descido para jantar.

— Estou bem. Obrigado pela preocupação.

— Gostaria de saber se posso falar com você.

— Sobre o quê?

— Um assunto particular.

Ele ficou tenso. Sabina e o rei eram confidentes tão íntimos que ele estava preocupado com o que aquilo poderia acarretar. Contudo, ele não podia recusar. Tinha certeza de que ela não desistiria se ele tentasse ignorá-la.

— É claro. — Ele abriu mais a porta. — Por favor, entre.

Ela entrou, com o vestido de seda vermelho envolvendo o corpo. Era preciso ser cego para não notar sua beleza. Enquanto a rainha era uma mulher simples e mostrava a idade que tinha a cada ano que passava, Sabina tinha a mesma aparência de sempre. Alta, esguia, de cabelos longos e escuros e olhos cor de âmbar. Seus lábios estavam sempre para cima, formando um sorriso que nunca parecia de todo amigável.

— Feche a porta — ela ordenou.

Um pouco hesitante, ele fez o que ela disse.

Sabina caminhou na direção da janela, encostando a ponta dos dedos sobre cada peça de mobília pela qual passava, incluindo as colunas de madeira de sua cama, entalhadas na forma de uma serpente.

— Pela deusa, está frio aqui. Você deveria fechar a janela e pedir para alguém acender a lareira.

— Talvez mais tarde. Sobre o que quer falar? — Se Magnus pudesse apressar as coisas, ficaria satisfeito. Já que Amia não passaria por lá, ele preferia passar o resto da noite sozinho.

Sabina se virou lentamente e olhou para ele.

— O rei me contou sobre uma conversa que vocês dois tiveram.

Ele ficou sem ar até conseguir recolocar sua máscara de indiferença.

— É mesmo?

— Sim.

— Ele gosta muito de compartilhar.

— Sim, dependendo do humor dele. — Ela sorriu para o príncipe.

— Então você sabe.

Magnus pesou as palavras antes de falar.

— Pode ser mais específica? Eu sei muitas coisas.

— Nem tantas. Apenas o suficiente para causar problemas. Mas acho que podemos confiar em você, não podemos?

— A respeito do quê?

— Não seja evasivo, Magnus. Não combina com você. A respeito do segredo de Lucia, é claro. Da profecia que diz que ela é uma feiticeira. Da magia que, por certo, ela já mostrou para seu adorado irmão.

Ele olhou para Sabina com firmeza.

— Está errada. Ela não me mostrou nada desse tipo.

Ela riu.

— Ah, Magnus, você me diverte. Às vezes acho difícil acreditar que seja filho de Gaius. A semelhança é excepcional, é claro, mas você tem um coração muito mais sensível. Especialmente quando se trata da sua irmã.

Magnus sabia que ela não considerava isso uma qualidade, mas um defeito.

— Não é tão sensível quanto você pensa.

— Não é? Mas talvez um coração precise de experiência e tempo para endurecer. Então você não recuará ao saber de certas verdades. Espero estar aqui quando isso acontecer. Acho que você tem potencial para a grandeza, mesmo não acreditando em si mesmo.

Ele nunca havia notado o quanto detestava aquela mulher.

— Agradeço sua opinião, Sabina. Agora, o que você queria mesmo falar comigo? Ou veio aqui apenas para repetir parte da conversa que tive com meu pai e que, na verdade, não é da sua conta?

— Pensei em fazer uma visita. É tão raro passarmos algum tempo juntos.

— Ah — ele disse suavemente. — E eu gosto tanto de sua companhia.

Ela olhou para ele de um jeito predatório, como ele já havia notado quando outras pessoas não estavam prestando atenção nela. Era a mulher mais intimidadora que ele conhecia. Seu falecido marido, por outro lado, havia sido o homem mais gentil que já

passara pelo palácio. Mas sempre tinha a expressão de quem esperava ser atingido por alguém. Talvez sua esposa.

Magnus esperava não demonstrar a mesma expressão. Aqueles que pareciam ser vítimas eram sempre os mais fáceis de hostilizar.

— Sabe, sem essa cicatriz você seria um rapaz belo e impecável.

— Sabina lançou-lhe um olhar calculado. — Mesmo com ela, você é muito atraente.

Ele passou a ponta dos dedos sobre a cicatriz sem se dar conta.

— Agradeço o elogio — ele mentiu.

— Você não vai me elogiar também?

— Estou cansado de jogos, Sabina. Vá direto ao ponto ou saia. —

Ele a olhou de um jeito penetrante. — A menos que queira fazer uma demonstração de magia. Meu pai me disse que é uma bruxa, mas nunca conheci uma de verdade. Devo dizer que estou curioso.

— Uma bruxa de verdade nunca usaria seus poderes abertamente diante de ninguém. Seria uma exposição perigosa.

— Suponho que tenha razão.

— É melhor dizer isso a Lucia.

Seu peito ficou apertado.

— Meu pai acredita que ela é uma feiticeira, mas não vi evidências de nada fora do comum.

— Tem certeza? — Sabina o olhou como se estivesse se divertindo. — Acho que está mentindo.

— Não estou. Mas uma certeza eu tenho: gostaria que você saísse de meus aposentos. — Ele forçou um sorriso. — Por gentileza.

— Estou causando algum desconforto?

— Nenhum. Mas estou cansado e gostaria de dormir.

Aquele irritante olhar de divertimento permanecia em seu rosto. Era como se nada que dissessem a ela fizesse efeito.

— Eu gosto de você, Magnus.

— Fico muito honrado — ele disse, seco.

Ela se aproximou dele, percorrendo-o com o olhar da cabeça aos pés e depois voltando a subir lentamente.

— Seu pai ficou obcecado com essa ideia de conquistar Auranos. Não tem tido muito tempo para mim, exceto para pedir orientação

em certas decisões. Passou o dia todo organizando uma reunião em Auranos com o chefe Basilius e o rei Corvin para discutir os problemas antes que eles se agravem.

— Ele é um homem ocupado.

— Eu me sinto solitária. — De novo, ela andava devagar ao redor dele. Seu olhar parecia pesado e desconfortável. — E sei que também está solitário. Ainda não escolheu sua futura noiva, mesmo estando a poucas semanas de completar dezoito anos. E passa tanto tempo sozinho. O que faz com seus dias e noites, Magnus?

— Nada que possa ser de seu interesse.

— Sei que aprecia a companhia de uma bela criada da cozinha, não é? Mas ela é a única, até onde eu sei. Não acredito que esteja interessado em uma garota como ela, a não ser como uma distração rápida e sem importância.

Ele odiava o fato de Sabina saber tanto sobre sua vida.

— Pode não ter importância, mas nem sempre é rápida.

Magnus ficou tenso quando sentiu as mãos dela em suas costas, passando por seus ombros enquanto ela andava ao redor dele.

— Você é quase um homem. E um belo homem. Ainda é um pouco inexperiente, mas creio que uma orientação adequada possa ajudá-lo a se aperfeiçoar. Pode se tornar uma boa arma, em muitos sentidos.

Magnus ficou olhando para ela, sem saber ao certo do que ela estava falando. Mas começava a entender.

— O que está sugerindo?

— O mesmo que sugeri ao seu pai quando ele não era muito mais velho do que você. Estou me oferecendo como amante.

— É mesmo?

As palavras dele eram medidas, calmas.

— Sim.

— Você tem idade para ser minha mãe.

Aquilo conseguiu desmanchar o sorriso dela.

— Idade pode ser uma vantagem, Magnus. Com ela vem a experiência. Você é jovem e, tirando aquela criada e talvez um punhado de garotas sem importância, não tem experiência.

— Você não tem ideia de quanta experiência eu tenho.

— Nem chega perto de ser o bastante. Está claro em cada movimento que você faz. Quer se sentir querido. Necessário. Desejado. — Ela passou a ponta dos dedos sobre seu peito. — Eu posso fazer você sentir tudo isso.

Magnus não conseguia acreditar que aquilo estivesse acontecendo.

— E o que meu pai tem a dizer sobre essa sua oferta?

— Gaius não sabe, é claro. Nem precisa saber.

— Compartilhar uma amante com o meu pai não parece uma boa forma de ajudar a fortalecer nossos laços familiares.

— Como se você se importasse com qualquer laço de pai e filho.

Ele deu de ombros de maneira evasiva.

— Talvez agora eu me importe.

— Foi por isso que vim aqui hoje. Para lhe fazer essa oferta. Para me oferecer a você. Posso ficar esta noite, se quiser. Gaius não saberá onde estive. E prometo que posso fazer você esquecer qualquer problema. Ela ficou na ponta do pé e pressionou os lábios contra os dele.

Sabina beijou Magnus até se dar conta de que ele não estava correspondendo ao beijo. Deu um passo para trás e olhou para ele, confusa.

— Algum problema?

O gosto dos lábios dela era mais venenoso do que agradável. O pensamento de que aquela mesma boca havia beijado seu pai o enchia de repulsa.

— Acho que você devia ir embora.

Seus olhos cor de âmbar se arregalaram um pouco.

— Está me rejeitando?

— Diria que é um bom palpite. Sinto muito, Sabina, mas não quero isso. Estou certo de que não terá dificuldade em encontrar outra pessoa para aquecer sua cama enquanto meu pai estiver ocupado. Mas não serei eu.

Algo obscuro passou pelo belo rosto dela.

— Não tome uma decisão apressada antes de parar para pensar.

— Está certo. — Ele inclinou a cabeça. — Pronto. Parei para pensar. Ainda não estou interessado.

A expressão de Sabina endureceu.

— Para alguém que cobiça a própria irmã, sua reação não me causa tanta surpresa.

As palavras foram como um tapa na cara de Magnus, e ele se contraiu. A confidente mais íntima de seu pai sabia todos os seus segredos. Ou talvez tivesse adivinhado sozinha.

O sorriso frio voltou aos lábios dela.

— Fico me perguntando há quanto tempo sente esse desejo anormal por Lucia. Um ano? Mais do que isso? Desde que ela era apenas uma criança?

— Cale a boca. — Ele disse entredentes, com os punhos fechados na lateral do corpo.

— É uma dor tão deliciosa a que vejo em seu rosto. — Ela agarrou o queixo de Magnus antes que ele pudesse se afastar. — Isso o atormenta, Magnus? Costuma andar tão chateado, tão frio e distante; como uma parede de gelo. Descobri sua verdadeira fraqueza.

— Não descobriu nada.

Ela riu.

— Não descobri? Ah, Magnus, sei muito mais do que você. Devo contar outro segredo que seu pai esconde de você sobre sua adorada irmã?

Uma onda de emoções passou por Magnus. Ele queria botar a mulher para fora de seu quarto e bater a porta na cara dela. Mas não podia. Se havia mais alguma coisa que ele precisava saber sobre Lucia...

— Conte — ele esbravejou.

— Peça com educação.

Ele tremia com o esforço que tinha que fazer para não apertar a garganta daquela mulher.

— Por favor, conte.

— Que educado — ela sussurrou. — Tão diferente de seu pai nesse sentido. Ele só diz o necessário, quando é necessário. Estou curiosa para saber por que ele não contou para você. Por que manteria segredo sabendo como se tortura por isso.

— E agora você quer me contar. Será sua vingança contra ele por não estar lhe dando atenção nos últimos dias. Ele merece. Então prossiga.

Ela ficou em silêncio por tanto tempo que ele achou que ela tinha mudado de ideia.

— Minha irmã mais nova, Jana, tinha o dom das visões, uma coisa rara entre as bruxas comuns. Em seu íntimo, ela tinha a capacidade de ler as histórias que as estrelas contam. Ela acreditava na profecia, passada de geração em geração, de que um dia nasceria uma criança que carregaria os *elementia* dentro de si, mais poderosa do que qualquer outra desde a feiticeira original, Eva — é a ela que os meus semelhantes adoram, do mesmo modo como vocês adoram sua deusa. — Sua expressão ficou sombria ao se lembrar do passado. — Há dezesseis anos, Jana viu o nascimento anunciado nas estrelas. O nascimento de Lucia. Juntas, minha irmã e eu combinamos nossa magia para multiplicar seu poder por dez e localizá-la, sabendo que precisaria de nossa orientação um dia, quando finalmente sua magia despertasse. Minha irmã morreu no caminho, mas eu trouxe Lucia aqui para Limeros, para ser criada como princesa... e como sua irmã.

Magnus manteve o olhar em Sabina. Ele mal podia respirar.

— Está falando bobagem.

Os olhos dela brilharam. Estava se deliciando com a confusão mental do rapaz.

— É claro que você nunca soube de nada sobre isso. Ninguém soube, por insistência de Gaius. Como não conseguia ter mais filhos depois de você, Althea também concordou em manter segredo. Tudo pela chance de chamar de filha aquela bela criança, ainda que o bebê tivesse sido entregue a ela por alguém que sempre odiara.

— O que está dizendo é impossível.

— Não é impossível. — Sabina agarrou a nuca dele e aproximou o rosto dos dois para que pudesse sussurrar. — Lucia não é sua irmã de sangue, Magnus. Essa revelação estimula sua paixão ou a ideia de que o desejo não é mais proibido deixa tudo menos excitante?

— Você está mentindo. — Ele agarrou a parte da frente do vestido dela. — Está tentando brincar comigo.

— Não estou mentindo. Ela não é sua irmã. — Ela apertou os olhos. — No entanto, foi criada como sua irmã e só o conhece como irmão. Não sente o mesmo que você sente por ela. Tão trágico.

Magnus soltou-a e olhou para ela chocado e confuso. Suas ideias estavam tumultuadas, girando em sua mente.

— Talvez eu tenha uma conversinha com Lucia. — Sabina sustentava um sorriso desagradável enquanto alisava o vinco que ele havia deixado na frente de seu vestido vermelho. — Gostaria que ela soubesse de seu segredinho obscuro para ver como reagiria? Eu ficaria feliz em contar.

— Segredo? — A porta se abriu e revelou Lucia parada sob o batente. Magnus ficou paralisado. — Que segredo?

*

Como Magnus não se juntara à família novamente para jantar, Lucia começou a ficar preocupada. Depois de estudar a maior parte da noite, estava pronta para praticar um pouco mais. Magnus era um excelente tutor. Naquela noite ela queria se concentrar na magia do fogo.

Ela saiu de seu quarto e caminhou pelo corredor até chegar ao quarto de seu irmão. A porta estava quase fechada, mas ela ouvia vozes alteradas lá dentro.

E seu nome, e algo sobre um segredo.

Abriu a porta e ficou surpresa ao ver Sabina a menos de um metro de Magnus, ambos com o rosto corado. Os dois estavam irritados ao olhar para ela quando entrou.

Talvez devesse ter batido antes.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

— Que garota doce — Sabina sussurrou. — Não é, Magnus? Tão doce é a sua irmã. Como mel derretendo na boca.

— Deixe-a em paz — ele vociferou. Lucia ficou surpresa ao ouvir o tom de sua voz.

— Eu a deixei em paz por dezesseis anos — Sabina disse sem delongas. — Tanto meu tempo como minha paciência se esgotaram.

— Ela é inocente em tudo isso.

— Ou talvez sob a superfície haja algo mais duro e menos frágil, assim como senti a seu respeito. — Sabina virou-se para Lucia com um sorriso que fez um arrepio descer pela espinha da garota. — Se não quer saber de minhas aulas particulares, Magnus, talvez ela queira. Seriam menos divertidas do que as sessões que planejei para você, é claro, mas ainda muito úteis.

— Magnus? — Lucia perguntou, franzindo a testa. O rosto dele estava mais tenso do que ela jamais havia visto.

— É melhor você ir — ele disse.

— Por quê? — Sabina indagou. — Esta é uma excelente oportunidade para nós três nos conhecermos melhor. Lucia, querida, como está?

Lucia apertou os lábios. Ela não confiava naquela mulher.

— Bem, obrigada.

— Verdade? Não está se sentindo estranha ultimamente?

A princesa a observou com cuidado.

— Não sei do que está falando.

— Magnus me contou como sua magia é poderosa.

Foi como se ela tivesse tomado um soco no estômago. Foi difícil não cair para trás com o golpe.

— O quê?

— Eu não disse nada. — Magnus rangeu os dentes.

— Talvez não. — Sabina sorriu para os dois. — Mas agora sei tudo o que eu precisava saber. É verdade. Seus poderes despertaram.

Um medo frio tomou conta de Lucia ao pensar que aquela mulher sabia algo a seu respeito. Aquela era a continuação da última conversa confusa sobre segredos perigosos que tiveram no corredor. Ela sabia.

— Não se preocupe — Magnus disse, calmo. A raiva havia abandonado sua voz e sua expressão, mas ainda queimava em seus olhos. — Seu segredo está seguro com Sabina, pois eu sei um segredo sobre ela: Sabina é uma bruxa.

Lucia ficou boquiaberta com a revelação.

— Agora que todos abrimos o jogo — disse Sabina, olhando para Lucia com curiosidade —, talvez possa me dizer o que consegue fazer.

Lucia demorou uns instantes para encontrar a voz. Ergueu o queixo e olhou direto nos olhos de Sabina.

— Não muita coisa.

Um olhar de frustração cruzou o rosto da mulher.

— Pode ser mais específica?

— Não, ela não pode. — Magnus ficou ao lado de Lucia e passou o braço em volta de seu ombro. A proximidade do irmão a confortou imediatamente. — Está tarde. Não deveríamos estar conversando sobre isso agora.

— Foi por isso que veio ao quarto de Magnus? — Lucia perguntou. — Para questioná-lo sobre mim?

— Foi um dos motivos — Sabina respondeu com um sorriso retorcido. — Devo contar a ela sobre os outros?

Lucia lançou um olhar sombrio à mulher. Que segredos ele tinha a ponto de escolher Sabina como confidente, e não ela?

— Você sabe o tamanho de seu poder, Lucia? — Sabina perguntou.

— Eu não entendo nada disso.

— Seu pai não ficaria feliz se eu revelasse tudo sem a presença dele. Acredite, já falei demais para garantir que ele fique furioso. Mas saiba de uma coisa... Seu nascimento foi prenunciado. Sua capacidade de acessar *elementia* como nenhuma outra pessoa conseguiu em mil anos foi prenunciada. Você não é uma bruxa, Lucia, querida. Você é uma feiticeira.

A ansiedade dela ficou à flor da pele.

— Você está enganada. Posso ser capaz de alguma magia, mas não é nada assim tão forte.

— Talvez ainda seja um pouco superficial, mas se já começou a despertar, significa que é sua — uma fonte de magia esperando que você mergulhe nela totalmente. Todos os quatro elementos para controlar à vontade.

— Ainda pode estar errada — Magnus disse com firmeza.

— Não estou errada! — Sabina gritou como se tivesse ultrapassado o limite de sua paciência. — Estou certa, como estive desde o início. Eu nunca teria sacrificado tudo o que tenho se restasse alguma dúvida. Sei que se desenvolver suas habilidades o máximo que puder, vai despertar o resto.

Lucia sentiu uma vontade avassaladora de fugir daquele quarto e daquela mulher — daquela *bruxa* — que sempre a havia intimidado e assustado. Ela olhou para Magnus, mas ele não disse nada. Sua testa estava franzida.

— Magnus, está tudo bem? — ela perguntou. A expressão dele não era impassível, como sempre, mas atormentada.

— Eu não queria isso — ele lamentou. — Nada disso. Queria que você ficasse em segurança.

— Ah, Magnus — Sabina disse lentamente. — Pare de bancar o santo com sua irmãzinha. Você não me engana. É igualzinho ao seu pai, mas continua negando.

Magnus virou seu olhar furioso para ela.

— Não sou nada igual ao meu pai. Eu o odeio e odeio tudo o que ele representa.

— O ódio é uma emoção forte. Muito mais poderosa do que a indiferença. Mas aqueles que queimam de ódio são capazes de amar na mesma intensidade. Não são? — Ela sorriu para ele como se fossem cúmplices. — Quando você odeia — ou ama —, age com todo o coração, tanto que sente que poderia morrer com isso.

— Cale a boca — ele resmungou.

— Eu dei uma chance, mas você não a aproveitou. Poderia ter ajudado de tantas maneiras.

— Você não ajuda ninguém além de si mesma. Sempre foi assim. Não sei como nunca imaginei que você fosse uma bruxa má, que deveria queimar em uma estaca com as outras que meu pai condenou à morte.

Sabina bateu forte com as costas da mão na cicatriz de Magnus.

— Cuidado com o que fala, garoto.

— Ou o quê? — Ele tocou o canto da boca e voltou com sangue na ponta dos dedos. Ele lançou um olhar tenebroso para ela.

— Não ouse tocar nele! — Lucia disse entredentes. Ver Magnus atingido por aquela mulher asquerosa evocou uma onda de raiva dentro dela, uma raiva diferente de tudo o que já havia sentido.

Não, na verdade ela já havia sentido. Uma vez, três anos antes, quando estava escondida em um canto enquanto Magnus era repreendido pelo pai por responder para ele em público. Magnus havia tentado se levantar e revidar o golpe no pai, mas fora derrubado. O príncipe correu direto para seus aposentos. Lucia o seguiu e encontrou o irmão encolhido em um canto, com o rosto ensanguentado e uma expressão paralisada de dor que ia muito além da dor física. Ela se sentou perto dele e encostou a cabeça em seu ombro. Não disse uma palavra, apenas ficou com ele escutando seu choro baixo até cessar.

Ela havia desejado que Magnus matasse seu pai por feri-lo.

Não, nada disso. Ela havia desejado matar o pai com as próprias mãos.

— Eu ouse — Sabina respondeu. — Com total permissão de seu pai, o rei. Posso bater no seu irmão sempre que quiser. Posso fazer tudo o que eu quiser. Veja só, garotinha.

Ela avançou e atingiu Magnus outra vez. Ele rangeu os dentes para ela; seus punhos estavam tão cerrados que Lucia teve certeza de que ele revidaria. Se Sabina não fosse mulher, ela tinha certeza de que ele não teria hesitado.

Lucia não tinha esses problemas de valentia. Ela ergueu a mão no ar e fez um movimento rápido. A cabeça de Sabina se moveu como se tivesse sido estapeada, mesmo estando a seis passos de distância. A bruxa levou a palma da mão ao rosto, com os olhos arregalados, porém brilhando de empolgação.

— Minha querida menina — ela exclamou. — Muito bem! Sim, isso mesmo. Então é a raiva que ajuda você a direcionar sua magia, não é? Talvez a raiva possa despertá-la totalmente.

— Pare com isso — Magnus protestou. — Não quero isso.

— Ninguém pediu sua opinião. — Sabina deu um sorriso, mesmo com um filete de sangue escorrendo do canto da boca. Ela tirou uma adaga de debaixo das saias, de uma bainha de couro

amarrada na coxa. Depois fez um movimento tão rápido que Lucia mal conseguiu acompanhar.

De repente, Sabina estava atrás de Magnus, enterrando a ponta da adaga sob o queixo do príncipe com tanta força que escorria sangue de sua garganta.

— Magnus! — Lucia gritou.

— Eu... não consigo... me mexer — Magnus disse com esforço.

— Os *elementia* que uma bruxa comum como eu pode evocar exigem muito empenho ou sacrifício — Sabina disse com calma. Escorria sangue de seu nariz. — Mas eu posso me esforçar um pouco quando necessário. Ar pode apertar. Ar pode sufocar.

— Não o machuque! — O estômago de Lucia ficou apertado. Ela estava ao mesmo tempo furiosa e muito assustada.

— Quero testar sua magia da terra esta noite — afirmou Sabina. — Quando eu abrir a garganta de seu irmão, você terá tempo suficiente para evocar a magia e curá-lo. Aprofundar-se assim em seus poderes ajudará a despertar todos eles. Gaius entenderá que eu precisei fazer uso de medidas extremas. Estou lhe poupando um tempo precioso.

Curar? Magia da terra? Lucia nunca havia tentado fazer nada daquilo.

Sabina não estava blefando. A bruxa estava pronta para cortar a garganta de Magnus. O sangue já escorria por sua pele. Desesperada, Lucia viu a ponta da faca penetrar mais fundamente na pele do irmão. Seu rosto estava tomado pela dor.

A fúria explodiu dentro dela.

Lucia não pensou. Apenas agiu, cega pela raiva e pelo medo.

Ela gritou e apontou as duas mãos na direção de Sabina, forçando a magia que estava adormecida dentro dela a se manifestar.

Sabina voou para trás e bateu contra a parede de pedra dos aposentos de Magnus. Ouviu-se um estalo repugnante quando a parte de trás de seu crânio estilhaçou-se na superfície dura. Lucia manteve os braços posicionados. Era o suficiente para segurar a mulher no lugar. Os pés de Sabina agora estavam pendurados no ar.

O sangue jorrava da boca da bruxa e ela produzia um borbulhar nauseante.

— Que bom — ela conseguiu dizer. — Sua... magia do ar... é ainda mais forte do que eu pensava. Mas destreinada. Você pode me curar. Você... precisa de mim.

— Eu não preciso de você! Eu odeio você! — A fúria de Lucia ardia ainda mais. Como se correspondessem às suas emoções desenfreadas, chamadas crepitavam do peito de Sabina. A bruxa olhou para o próprio corpo. O pânico começou a se mostrar no olhar desesperado e aflito.

— Basta! Não... Lucia, já chega! Você já provou que...

Mas antes que ela pudesse proferir outra palavra, um imenso inferno iluminou o quarto todo, consumindo Sabina completamente. Os cabelos longos e soltos de Lucia esvoaçavam com a força da onda de calor. O grito de agonia de Sabina foi interrompido quando seu cadáver carbonizado caiu no chão e as chamas desapareceram.

Quando a bruxa caiu no chão, Lucia estremecia dos pés à cabeça, com os olhos arregalados de terror pelo que havia feito. Ela odiava Sabina o suficiente para querer que ela queimasse.

E ela queimou.

Magnus estava ao lado de Lucia no instante seguinte. Ele caiu de joelhos e puxou-a para perto do peito, abraçando-a com força para que parasse de tremer.

— Está tudo bem. — Magnus a acalmou.

— Ela ia matar você. — As palavras dela vinham em pequenos soluços.

— E você salvou minha vida. Obrigado. — Ele secou as lágrimas dela com os polegares.

— Não me odeia pelo que fiz?

— Eu nunca poderia odiá-la, Lucia. Nunca. Está me ouvindo?

Ela apertou o rosto junto ao peito dele, confortando-se com a força do irmão.

— O que nosso pai fará comigo quando souber?

Magnus ficou tenso quando ela se afastou dele para olhar em seu rosto. A atenção de seu irmão estava na porta, agora totalmente

aberta. Parado ali estava seu pai.

Ele olhava para os restos carbonizados de Sabina Mallius. Seu olhar foi chegando aos poucos até os filhos.

— Você fez isso, não fez, filha? — A voz dele estava calma, mas nunca havia soado tão perigosa.

— Não. Fui eu — assumiu Magnus, elevando o queixo. — Eu a matei.

— Mentiroso. Foi Lucia. — O rei pegou Lucia pelo braço, levantando-a e afastando-a de Magnus. — Você matou Sabina, não matou? Responda!

Ela abriu a boca, mas nada saiu por um instante. Sua garganta estava fechada demais para falar.

— Sinto muito.

Magnus caiu aos pés dele.

— Sabina ia me matar.

— E você o salvou com sua magia. — O rei chacoalhou Lucia. — Não foi?

Lucia confirmou, voltando os olhos para o chão, com lágrimas quentes escorrendo pelo rosto.

O rei agarrou o queixo dela e a obrigou a olhar em seus olhos. Sua expressão severa agora estava misturada a outra coisa.

Vitória.

Um falcão levantou voo da sacada enquanto o rei dizia:

— Eu nunca estive tão orgulhoso de você, filha.

O SANTUÁRIO

Ioannes retornou a seu corpo assim que voltou ao Santuário e abriu os olhos, mirando o constante céu azul que nunca virava noite.

— Eu estava certo — ele sussurrou.

Ele havia observado a princesa de cabelos escuros durante anos, esperando por um sinal. Nas últimas vezes havia se desesperado com a possibilidade de estar errado e ter seguido uma garota sem magia alguma dentro de si.

Mas não era isso.

Uma feiticeira finalmente havia nascido para devolver a glória que uma vez tiveram. A magia que ele havia testemunhado fluir daquela garota não tinha equivalentes no mundo mortal — nem no imortal.

— Estava certo sobre o quê? — alguém perguntou.

Ioannes ficou tenso e se sentou, percebendo que até os vigilantes eram vigiados. Era outro ancião, Danaus. Embora todos os vigilantes tivessem a mesma juventude eterna e o mesmo nível de beleza, Ioannes sempre sentira que havia algo um tanto obscuro e sinistro sobre Danaus.

Danaus nunca fizera nada que fosse contra as regras implícitas do Santuário. Mas havia alguma coisa. Alguma coisa em que Ioannes não confiava.

— Estava certo de que a primavera logo chegaria — ele respondeu. — Senti até mesmo na congelada Limeros.

— A primavera chega todo ano no mundo mortal.

— Sim, e é sempre um milagre.

Os lábios de Danaus se afinaram.

— Um verdadeiro milagre seria encontrar as respostas que procuramos há tantos séculos.

— Estamos impacientes, não é?

— Se eu ainda fosse capaz de voar ao mundo mortal, acho que já saberíamos onde está a Tétrade.

— Então é uma pena que não possa mais fazer isso. — Apenas os vigilantes mais jovens eram capazes de se transformar em falcões ou, muito raramente, visitar os sonhos dos mortais. Passada uma certa idade, eles perdiam essa capacidade para sempre. — Você ainda pode deixar este reino.

— E nunca mais voltar? — Danaus deu um sorriso fino. — Isso o deixaria contente, Ioannes?

— É claro que não. Mas estou dizendo que é uma opção caso se canse de esperar que os outros encontrem as respostas.

Danaus pegou uma folha que havia caído de um carvalho. A folha não estava verde e viva, mas marrom. Era um pequeno, porém perturbador, sinal de que o Santuário estava perecendo. Ali não havia outono, época em que as folhas morrem naturalmente. Apenas verão. Apenas luz do dia. Para sempre.

Pelo menos até a Tétrade ter sido perdida. O desvanecimento havia demorado muitos séculos para começar, mas iniciara, por fim.

— Você me diria se tivesse visto algo importante — Danaus afirmou. Não era uma pergunta. — Qualquer coisa que pudesse devolver a Tétrade a seu lugar de direito.

Era ridículo pensar algo sinistro sobre um ancião, mas Ioannes não era tão jovem e ingênuo. Ele se lembrava de quando duas de suas semelhantes viraram as costas para o Santuário, matando a última feiticeira e roubando o que era tão inestimável e essencial à existência deles. Elas cederam à ganância. Ao desejo de poder. No fim das contas, aquilo as havia destruído. E aquelas ações passadas poderiam destruir tudo.

E quem disse que elas eram as únicas em quem não se devia confiar?

— É claro, Danaus. — Ioannes assentiu. — Eu direi tudo o que descobrir, mesmo que pareça algo pequeno.

Não era da natureza de um vigilante mentir, mas ele sentiu que não tinha escolha.

O que havia descoberto devia ser protegido. A qualquer custo.

PAELSIA



A noite havia sido longa e Jonas sabia que não conseguiria pregar o olho.

Primeiro foi até a casa da avó de Sera e olhou pela janela, por uma pequena abertura na lona gasta que a cobria, para provar a si mesmo que a garota de quem Sera havia falado não podia ser a princesa Cleiona. Ele estava duvidando de seus próprios instintos.

A garota de cabelos dourados dormia tranquila sobre um colchão de palha perto do fogo.

Era ela.

A fúria tomou conta de Jonas. Ele precisou ser forte para não invadir a pequena casa e apertar a garganta real de Cleo até ver a vida dela se esvaír lentamente. Talvez então pudesse descansar. Talvez pudesse sentir que a morte de seu irmão fora vingada de alguma forma.

Um momento de pura vingança teria um sabor tão doce... mas logo acabaria. Em vez disso, Jonas cavalgou até o complexo do chefe e contou a ele sobre a presença inesperada da princesa Cleo em Paelsia.

O chefe pareceu não se importar.

— Que diferença faz se uma menina rica e mimada decide explorar minhas terras?

— Mas é a princesa de Auranos — Jonas argumentou. — Pode ter sido mandada pelo pai para espionar.

— Uma espiã de dezesseis anos? Que é uma princesa? Por favor. Ela é inofensiva.

— Eu discordo.

O chefe olhava para Jonas com curiosidade.

— Então o que você sugere?

Uma excelente pergunta. Uma pergunta na qual ele vinha pensando desde que havia confirmado a identidade de Cleo. Como era ousada e desrespeitosa aquela princesa que não se importava em voltar ao mesmo lugar onde causara tanta dor e tanto sofrimento.

Ele respirou fundo antes de falar, tentando ao máximo permanecer calmo.

— Sugiro que o senhor veja isso como uma oportunidade de capturá-la. Com certeza o rei de Auranos faria de tudo para garantir que ela voltasse em segurança. Podemos mandar uma mensagem a ele.

— Em quatro dias irei a Auranos com o rei Gaius para uma reunião com o rei Corvin. Esperamos negociar a rendição dele. Você e seu amigo Brion vão comigo. Se for para mandar uma mensagem como essa, nós mesmos a entregaremos.

Ver a cara do rei Corvin quando dissessem que estavam com Cleo...

Seria uma pequena vingança em nome de todos os paelianos contra um rei egoísta e egocêntrico que não enxergava nada além de seu próprio reino cintilante.

— O que seria melhor do que ter a própria filha do rei se as negociações derem errado? — perguntou Jonas.

Qualquer batalha, mesmo muito bem organizada, resultaria na perda de vidas paelianas — principalmente com os cidadãos destreinados que estavam sendo recrutados para lutar lado a lado com os soldados limerianos. Uma rendição do rei Corvin sem a necessidade de guerra seria o resultado ideal. O chefe apertou os lábios, mexendo na grande pilha de comida que havia diante dele, mesmo já passando da meia-noite. Jonas ignorava as garotas que

dançavam atrás dele, perto da fogueira, como uma diversão noturna para Basilius.

O jovem ainda ficava incomodado ao ver no complexo uma ponta do excesso e da opulência que criticava em Auranos. Muitas pessoas nas vilas contavam histórias sobre as mordomias que o chefe Basilius desfrutava como líder — pagas com o alto imposto sobre os vinhos. Mas ninguém se incomodava com aquilo. Eles o colocavam em um patamar diferente; ele representava a esperança. Muitos adoravam o chefe como a um deus, acreditando que ele possuía poderes mágicos. Talvez a magia só pudesse ser atraída com dançarinas e grossas fatias de carne assada.

O chefe concordou, por fim.

— É um excelente plano. Eu lhe passo oficialmente a tarefa de deter a garota. O rei Gaius inicia sua viagem de Limeros a meu complexo amanhã — daqui iremos a Auranos juntos. Darei a ele a notícia sobre a filha do rei Corvin quando ele chegar.

Jonas fez cara feia. Ele detestava a ideia de que o rei limeriano — líder de uma terra que não tratava Paelsia melhor do que Auranos havia tratado durante todos aqueles anos — tivesse se tornado um confidente tão próximo do chefe. Seu desejo era dizer que a interferência do rei Gaius não era necessária, mas sabia que seria ignorado — ou pior, expulso do complexo e do círculo de confiança do chefe — se fizesse isso.

Que seja.

— Vá — o chefe ordenou. — Encontre essa garota e prenda-a em um lugar bem seguro. — Ele deu um sorrisinho para Jonas. — E faça o possível para tratá-la com respeito. Ela é da realeza. — O chefe sabia das questões pessoais de Jonas com a princesa, assim como todos em um raio de trinta quilômetros de sua vila.

— É claro. — Jonas se curvou e se virou para sair.

— Assim que garantirmos a rendição do rei Corvin, contudo, você terá minha permissão para fazer o que quiser com ela. — Com Jonas dispensado, o chefe voltou para sua enorme refeição e suas dançarinas.

Jonas não podia garantir que trataria a princesa com respeito. Seu ódio obsessivo por ela crescia a cada dia. Seu sangue fervia. Parte

dele desejava não ter ido falar com o chefe. Ele poderia ter matado Cleo naquela casa desprotegida e ninguém, além dele próprio, ficaria sabendo. Esperar até eles falarem com o rei auraniano seria um desafio.

Mas até ele reconhecia que uma mudança permanente para seu povo era mais importante do que vingança. A princesa valia mais viva do que morta.

Por enquanto.

PAELSIA



O otimismo de Cleo já estava totalmente renovado quando ela e Nic se preparavam para sair da casa de Eirene, na madrugada do dia seguinte. Ela apertou com força a mão daquela senhora e olhou em seus sábios olhos.

— Agradeço muito por sua generosidade. A senhora foi muito amável conosco.

— Você tem um bom coração, Cleo. — Eirene sorriu. — E percebo que ama muito sua irmã. Espero que encontre as respostas que procura para salvá-la.

Cleo também esperava.

— Diga-me qual a melhor forma de entrar em contato com a senhora. Esta vila tem algum lugar para onde eu possa enviar uma mensagem, talvez a hospedaria? Quando eu voltar para casa, quero mandar algo para retribuir sua gentileza. — Ela faria questão de enviar dinheiro e presentes à mulher por tê-los ajudado na noite anterior. Eirene e Sera viveriam com conforto pelos próximos anos.

— Não precisa.

— Eu insisto!

Eirene juntou as sobrancelhas.

— Muito bem. Sou amiga do dono da taverna. Creio que ele possa receber uma mensagem para mim. Vou anotar o nome dele para

você.

Ela entrou na casinha e voltou pouco depois com um pequeno envelope amassado que entregou a Cleo.

— Obrigada. — Cleo sorriu e enfiou o papel no bolso da saia.

— A magia encontra aqueles que têm coração puro, mesmo quando tudo parece perdido. E o amor é a maior magia de todas. Sei que é verdade. — Ela beijou o rosto de Cleo e depois fez o mesmo com Nic. Depois de uma última despedida, Cleo e Nic começaram a se afastar da casa. O sol ainda não havia nascido.

A história de Eirene na noite anterior, sobre as deusas e os vigilantes, não havia dissuadido Cleo de sua busca. Apenas solidificara a crença cada vez maior de que a magia que ela buscava de fato existia. A vida de Emilia seria salva. Cleo não se concentrava em nada além disso. E quando focava muito em algo, a coisa acontecia. Não importavam os meios.

Infelizmente, ela parecia ser a única a acreditar nisso.

— Você vai para casa — Nic disse a ela com firmeza.

— O que está dizendo? — Ela parou de andar e o encarou. Estavam a apenas algumas casas de onde haviam saído.

— Você ouviu — respondeu Nic. — Para casa. Você irá para casa. Sem demora.

— Não posso ir! Ainda não.

— Achei que já tivéssemos combinado isso. — Ele suspirou e passou a mão pelos cabelos desgrehados. — Faz uma semana e não encontramos nada além de histórias. E não acho que seja seguro você ficar perambulando por aqui comigo. Talvez eu estivesse errado em permitir que viesse.

— Você *permitiu*? — Ela elevou a voz. — Eu faço o que eu quiser, quando eu quiser.

— O que pode ser parte do problema. Está tão acostumada a conseguir as coisas do seu jeito que não toma cuidado quando a situação pede.

Ela olhou feio para ele.

— Não tem argumentos? — ele perguntou. — Excelente. Então concorda que é hora de você voltar para Auranos?

— Ainda não terminei minha busca. Há outras vilas para visitar.

— Eu fico mais um pouco. Farei de tudo para descobrir mais informações sobre essa vigilante que você tem certeza que se esconde por essas terras. Mas primeiro vou mandá-la em um navio de volta a Auranos para garantir que esteja a salvo e que seu pai saiba que está em segurança. Já ficamos fora tempo o bastante.

Uma parte dela queria lutar com todas as fibras de seu ser. A outra não podia deixar de concordar com Nic. O coração de Cleo se encheu de gratidão.

— Você ficaria aqui por mim?

— É claro que sim.

Ela abraçou-o com força.

— Você é mesmo o meu melhor amigo no mundo todo, sabia?

— Fico feliz em saber. Além disso, não estou com pressa de voltar para o palácio e enfrentar a ira do rei por ter fugido com a princesa.

Ele tinha razão, mas ela esperava não pensar nisso por mais um tempo. Tanto seu pai quanto Theon estariam furiosos com ela e com Nic. Uma coisa era ela voltar vitoriosa, com a solução que buscava na palma da mão; outra era voltar derrotada, com o rabo entre as pernas.

Eles estariam furiosos. Certo. Não seria a primeira vez, nem a última. Ela lidaria com isso quando chegasse a hora.

— Quero ficar e ajudar você — ela disse com calma.

— Aceite, Cleo. Nem sempre pode ter o que quer.

Ela bufou contra a maciez da túnica dele.

— Muito bem. Faça como quiser. Desta vez você pode ser o herói.

— Sempre foi o meu sonho.

— De volta ao porto, então.

— Para o porto. — Ele assentiu e ofereceu a mão a ela. Ela aceitou.

Quando começaram a andar, Cleo teve a sensação estranha de que eles estavam sendo observados. Ela virou a cabeça para olhar, mas não havia ninguém. Pouco mais de um quilômetro a oeste da vila, viraram em uma estrada empoeirada e ela teve a mesma sensação. Como dedos frios descendo por sua coluna.

— Ai. Você está apertando forte, Cleo.

— Shh — ela sussurrou. — Alguém está nos observando.

Ele franziu a testa.

— O quê?

Eles se viraram e avistaram na claridade um rapaz alto, de cabelos escuros, andando na direção deles. Cleo congelou quando ele os alcançou. Seu fôlego sumiu quando ela percebeu que era o mesmo garoto que assombrava seus sonhos.

Jonas Agallon.

— O que você está... — ela começou a dizer.

Ele deu um sorriso hostil.

— Bom dia, princesa. Que honra reencontrá-la.

E depois deu um soco na cara de Nic, derrubando o garoto no chão. Nic conseguiu se levantar rápido, cambaleando, com o nariz ensanguentado.

Cleo gritou.

— O que você está fazendo?

— Livrando-a de sua proteção. — Jonas virou Nic de frente para Cleo e pressionou a adaga, a mesma adaga incrustada de joias que Aron usara para matar Tomas, contra a garganta de Nic.

— Não! — ela gritou. — Por favor, não! Não o machuque!

Tudo estava acontecendo rápido demais. Como ele sabia que ela estava ali?

— Não é para machucar? — Jonas olhou para ela. Nic lutava contra ele, mas Jonas era muito mais alto e mais forte. Poderia manter o garoto magrelo facilmente sob controle. — Está dizendo que se preocupa com ele? Que a morte dele poderia lhe causar dor?

— Solte-o agora mesmo!

— Por que deveria fazer isso? — Ele passou os olhos escuros sobre ela. Cleo estremeceu sob a frieza de seu olhar.

— Corra, Cleo! — Nic gritou.

Mas ela não correu. Ela nunca o abandonaria daquela forma.

— O que você quer de mim? — ela questionou.

— Essa é uma pergunta perigosa. Quero muitas coisas, mas creio que nenhuma delas agradaria a bela princesa. Por enquanto, quero matar seu amigo e ver você sofrer a perda dele.

— Não, por favor! — Ela cambaleou para a frente com um ímpeto de agarrar o braço de Jonas e afastar a adaga da garganta de Nic. Mas sabia que não tinha força o suficiente para isso. Aquele garoto era muito forte e a odiava pelo que havia acontecido com seu irmão. Ele a havia ameaçado de morte em público. Ela precisava pensar. Precisava manter a calma para negociar com aquele bárbaro.

— Posso lhe dar muito dinheiro se poupar a vida dele.

A expressão de Jonas virou gelo.

— Dinheiro? Que tal catorze cêntimos auranianos pela caixa de vinho? Parece justo, não parece?

Cleo engoliu em seco e tentou não falar de forma suplicante.

— Não o mate. Sei que você me odeia pelo que Aron fez...

Os olhos dele piscaram de raiva.

— Ódio é uma palavra muito pequena para exprimir o que sinto por você.

— Seu problema é comigo, então. Não com Nic. Solte-o!

— Desculpe. Não sou muito bom em seguir ordens.

— Você pretende me matar para vingar a morte de seu irmão? — A garganta dela ficou apertada de medo.

Ele enrugou o rosto.

— Não. Meu objetivo não inclui tamanho prazer. Seu amigo aqui, por outro lado, pode descobrir que hoje é seu último dia de vida.

— Cleo, você é surda? — Nic bufou. — Eu falei para você correr!

— Eu não vou deixar você aqui! — A voz dela falhou e as lágrimas queimaram em seus olhos.

Jonas franziu a testa.

— Não é lindo? Você devia fazer o que seu amigo está sugerindo e fugir. Não irá muito longe, mas pode tentar. Seria um momento de coragem para uma garota tão covarde.

Ela olhou feio para ele.

— Se acha que sou covarde, não sabe nada a meu respeito.

— Sei o bastante.

— Não, não sabe. O que aconteceu com o seu irmão foi uma tragédia. Eu não defendo o que Aron fez, porque ele estava errado. E eu estava errada em não impedir quando pude. Fiquei aterrorizada com o que aconteceu aquele dia. Então pode me odiar

o quanto quiser, mas eu juro pela deusa que, se ferir Nic, mato você com minhas próprias mãos.

Naquele momento, ela falava sério. Todas aquelas palavras fracas, insignificantes e risíveis. Ainda assim, Jonas a encarava como se não esperasse que ela dissesse aquilo.

— Impressionante — ele replicou. — Talvez você seja mais do que um rostinho bonito e uma personalidade superficial.

— Não ouse insultá-la — Nic revidou.

Jonas revirou os olhos.

— Parece que você tem um admirador. Esse aqui daria a vida por você, não daria? Não daria, Nic? Você morreria pela princesa?

Nic engoliu em seco, mas seus olhos continuaram fixos no rosto de Cleo.

— Morreria.

Pelo amor da deusa, aquilo era demais. Ela não podia ficar parada vendo Nic morrer nas mãos daquele garoto repugnante.

— E eu também morreria por ele — ela disse com firmeza. — Então pegue essa adaga ridícula e aponte-a para mim.

Jonas virou os olhos apertados para ela.

— Podemos fazer um acordo para poupar a vida do seu fiel amigo. Está disposta a negociar comigo?

Ela continuou olhando para aquele rapaz que ao mesmo tempo temia e odiava. Havia apenas uma resposta que podia dar a Nic a chance de escapar.

— Sim.

— O negócio é o seguinte: você vem comigo de livre e espontânea vontade. Não tente fugir. Não cause nenhum problema.

— Ele inclinou a cabeça. — E eu deixo o seu namoradinho aqui fugir com a cabeça ainda pregada ao corpo magrelo.

— Não, Cleo — Nic bufou. — Não faça isso.

Ela manteve o queixo levantado e não desviou os olhos do olhar marcante de Jonas.

— Quer que eu confie que não vai me matar? Que concorde em ir com você mesmo sem saber para onde vai me levar? Já ouvi o que acontece com garotas que são sequestradas por selvagens.

Ele riu.

— É isso mesmo o que acha que eu sou? Um selvagem? Que pensamento auraniano. Eu poderia simplesmente matá-lo, sabe? Se estou negociando com você é porque não sou nenhum selvagem. Diferente de você e de seu amigo que matou meu irmão.

Se ela fosse com Jonas, deixaria seu destino nas mãos de um rapaz que a odiava e a culpava pela morte do irmão. Mas se discordasse ou tentasse fugir, não tinha dúvida de que aquele bárbaro mataria Nic. Ela não se perdoaria se deixasse isso acontecer.

— Está bem. Eu vou com você — ela concordou, por fim. — Agora afaste essa lâmina da garganta dele ou ficará muito arrependido, seu filho da mãe desprezível.

Era uma ameaça insignificante. Contudo, se ela tivesse a chance de tirar a adaga dele, não hesitaria em enfiá-la em seu pescoço.

— Entendido, princesa. — Jonas afastou a lâmina do pescoço de Nic.

— Cleo, o que está fazendo? — As palavras de Nic transbordavam pânico. — Não pode concordar com isso.

O que a desesperava não era o fato de ter caído nas garras de um garoto selvagem disposto a matar sem pensar duas vezes. Era saber que a busca pela cura de Emilia não havia dado em nada.

— Continue procurando a vigilante — ela insistiu. — Não se preocupe comigo.

— Não me preocupar com você? Desse momento em diante, é tudo o que farei.

— Jonas disse que não me mataria.

— E você acredita nele? — O rosto de Nic se contorcia de agonia. Ele sempre tinha um sorriso no rosto e uma piada pronta, quase nunca ficava sério. Mas naquele momento ele não sorria.

Ela precisava acreditar em Jonas. Não tinha outra escolha.

— Vá. E não tente nos seguir.

Jonas pegou-a pelo braço e arrastou-a pela estrada de terra, na direção da vila de onde haviam vindo, ainda cheia de lama pela tempestade da noite anterior. Ele olhou para trás, na direção de Nic, com um olhar sinistro.

— Siga-nos e o acordo está acabado. Ficarei com a princesa e matarei você. Agora corra para a sua casa, onde estará seguro.

Nic ficou parado em um silêncio furioso, punhos cerrados ao lado do corpo, enquanto Jonas arrastava Cleo. Seu rosto estava tão vermelho quanto os cabelos. Ela olhou para trás o máximo que conseguiu, até ele não passar de um ponto ao longe.

— Para onde está me levando? — ela questionou.

— Cale a boca.

Ela bufou.

— Nic não está mais por perto para você ameaçar.

— Então agora vai começar a me dar trabalho? Não recomendo, princesa. Não vai gostar do resultado.

— Estou surpresa por se dar ao trabalho de usar meu título real. É óbvio que não o respeita.

— Como prefere que eu a chame? Cleo?

Ela olhou para ele com repulsa.

— Só os meus amigos me chamam assim.

Jonas fez cara feia.

— Então eu nunca a chamarei assim. Não, eu gosto de princesa. Ou, talvez, ‘vossa alteza’. Me faz lembrar de como você se considera superior e poderosa diante de um pobre selvagem como eu.

— Essa palavra pareceu incomodar você. Por quê? Está com medo de que seja verdade? Ou se considera mais refinado do que isso?

— Que tal calar a boca como pedi antes? Ou posso usar uma mordaça, se preferir.

Ela ficou em silêncio por um instante.

— Para onde está me levando?

Ele resmungou.

— E começou de novo. A princesa tem boca grande.

Seus pensamentos começaram a acelerar.

— Vai me usar para extorquir dinheiro do meu pai. Não vai?

— Não exatamente. Uma guerra está por vir, princesa. Sabia disso?

Ela ficou sem ar.

— Guerra?

— Entre Limeros, Paelsia e sua preciosa e brilhante Auranos. Dois contra um, uma vantagem que nos favorece. Acredito que sua delicada presença em minha terra ajude a acabarmos com tudo rápido e sem derramamento de sangue.

Cleo cambaleou com a possibilidade. Sabia que havia uma certa agitação — mas guerra?

— Como se você se importasse com isso. Acho que alguém como você adoraria uma chance de derramar sangue.

— Eu não me importo nem um pouco com o que você pensa.

— Você me usaria contra o meu pai? Me faria de refém? Você me dá nojo.

Ele apertou ainda mais o braço dela, provocando dor.

— Eu pagaria qualquer preço pelo seu silêncio agora. Então fique quieta ou precisarei cortar sua língua fora, vossa alteza.

Cleo parou de falar. Ficou quieta e calma, o mais obediente possível, e ele continuou a conduzi-la pela estrada. Passando a vila, o acesso se transformou em um caminho mais estreito e lamenento. Um coelho marrom passou correndo na frente deles, na direção de um prado com grama alta — surpreendentemente verde para uma paisagem tão desolada e triste. Ela não fez mais nenhuma pergunta. Sabia que ele não as responderia. E não queria correr o risco de perder a língua.

De repente, iludido pela repentina calma da princesa, Jonas soltou o braço dela para secar a testa com as costas da mão.

Sem hesitar, Cleo escapou, com os pés rápidos como os do coelho ao deixar a estradinha e se enfiar no prado amplo e gramado. Se conseguisse chegar à floresta do outro lado, poderia se esconder até o cair da noite. Daí encontraria o caminho de volta para o porto e fugiria.

Mas antes de chegar às árvores, Jonas a alcançou. Ele agarrou a parte de trás de seu vestido, puxando-a e obrigando-a a parar no meio da grama alta. Foi tão brusco que Cleo tropeçou, caiu e bateu a cabeça em uma pedra.

A escuridão a cercou.

Princesas, na opinião de Jonas, deveriam ser dóceis, educadas e fáceis de lidar. Até o momento, a princesa Cleiona Bellos não havia sido nada daquilo. Até a filha do chefe, Laelia, que passava a maior parte do tempo dançando eroticamente ou brincando com suas cobras, era muito mais doce e gentil.

Mas Cleo era, de fato, uma cobra. E ele não a subestimaria mais.

Jonas torceu o tornozelo no solo irregular quando correu atrás dela. A dor e a fúria tomaram conta dele. Se ela tivesse estourado a cabeça e os miolos escorressem sobre a pedra — uma escultura desgastada que, ele via agora, tinha a forma de uma roda —, ficaria feliz e comemoraria. Em vez disso, Jonas esperou e verificou seu tornozelo. Pelo menos não estava quebrado.

Ele ficou olhando para a princesa e a impaciência deixou seu corpo tenso e inquieto.

— Acorde.

Ela permaneceu imóvel.

Jonas analisou o rosto dela. Não podia negar que era adorável... talvez até a garota mais bonita que ele já havia visto. Mas mesmo a moça mais bonita podia ser traiçoeira e cruel.

— Acorde — ele exigiu. — Agora.

Ele a cutucou com a ponta da bota, mas não obteve resposta.

Jonas gritou um xingamento e se agachou ao lado dela, enfiando a adaga na terra para ficar com as duas mãos livres. Depois sentiu o pescoço dela, procurando o pulso.

Encontrou.

— Que pena — Jonas reclamou, embora parte dele estivesse aliviada. Ele analisou o rosto dela, tirando os cabelos sedosos da frente. Ela era pequena, uns trinta centímetros mais baixa do que ele e pelo menos trinta quilos mais leve. Seu vestido claro, cor de lavanda, era feito da mais fina seda — ele nunca havia visto nada parecido. Ela usava safiras pequeninas nas orelhas furadas e um anel de pedra verde no dedo, mas suas joias se resumiam a isso. Esperta, já que qualquer joia mais chamativa ao lado de roupas boas fariam dela um alvo para ladrões. O rosto estava livre da pintura que Laelia usava, mas as bochechas ainda eram viçosas e douradas pelo sol, e os lábios eram cor-de-rosa. Inconsciente, ela

não parecia a dondoca rica, fria e manipuladora que Jonas tinha em mente.

Finalmente seus cílios se levantaram.

— Já era hora, vossa alteza. Tirou uma boa soneca?

Foi quando Jonas sentiu um puxão para trás, surpreso, e a ponta afiada da adaga encostada em seu queixo.

— Afaste-se de mim — a princesa bufou.

Não foi preciso dizer duas vezes. Jonas se virou com cuidado, impressionado por ela ter conseguido puxar a arma do solo sem que ele notasse. Justo quando estava começando a achar que ela era inofensiva e vulnerável, a bela cobra conseguiu mostrar os dentes. Ela se levantou desajeitadamente, mantendo a adaga apontada para ele, e foi para o outro lado da roda de pedra sobre a qual havia caído.

Ele a olhou com cuidado.

— Então agora está com a minha adaga.

— Estou com a adaga de Aron.

— Achado não é roubado. Ele a deixou enfiada na garganta do meu irmão.

A dureza nos olhos dela suavizou e eles começaram a se encher de lágrimas.

Jonas zombou.

— Não vai querer que eu acredite que se sente mal com isso.

— É claro que me sinto mal! — A voz dela falhou.

— Seu lorde Aron o matou sem pensar duas vezes. Apesar disso, você ainda aceitou se casar com ele, não é?

Quando ela riu, não havia nada de divertido em sua risada.

— Eu *odeio* Aron. Nosso noivado não foi escolha minha.

— Interessante.

A dureza voltou aos olhos dela.

— Ah, é?

— Você terá que se casar com alguém que odeia. Isso me deixa feliz.

— Fico feliz por minha desgraça animar o seu dia. — Ela olhou feio para ele. — De qualquer forma, agora tenho uma faca. Se você chegar perto de mim, garantirei que ela encontre seu coração.

— Você está mesmo com a minha arma. Ficou muito perigosa agora, não é? Acho que eu devia estar com medo.

Ela olhou para ele agachado a quase dois metros de distância, com a adaga bem presa entre os dedos.

— Conte mais sobre essa guerra contra Auranos. Qual é o seu objetivo?

— Tomar sua preciosa terra e dividi-la por igual entre Paelsia e Limeros. Vocês têm muito e nós não temos nada, e tudo se deve a medidas que seu país ganancioso decretou há um século. Por isso vamos transformar em nosso o que é de vocês.

— Isso não vai acontecer. Meu pai não cederá.

— Por isso é excelente ter a joia que ele chama de filha como moeda de barganha. Eu mesmo vou com o chefe Basilius participar de uma reunião com seu pai. Veremos o que ele tem a dizer. Mas talvez o rei não se importe em perder uma filha quando já tem outra como sua herdeira oficial. A princesa Emilia seria uma escolha melhor, mas ela não está em Paelsia. Ainda estou curioso, vossa alteza. Por que está aqui?

— Não é da sua conta — a princesa resmungou.

As sobancelhas dele se uniram.

— Eu ouvi você pedir para o seu amigo continuar a busca por uma vigilante. Que bobagem foi aquela?

Algo obscuro e desagradável passou pelo belo rosto de Cleo.

— Não é da sua conta — ela repetiu, acrescentando —, seu selvagem.

Jonas ignorou a frustração e estendeu a mão para ela.

— Devolva a adaga para mim antes que você se corte.

Ela investiu com a arma na direção dele.

— Não pretendo me cortar. Mas posso cortar você se chegar mais perto.

A língua da garota era mil vezes mais perigosa do que qualquer outra arma que empunhasse. Jonas ficaria surpreso se descobrisse que ela já havia segurado alguma arma. Ainda assim, ele a observava com cuidado. Por mais que a desprezasse, a imagem era adorável.

— Basta — ele disse em voz alta.

Jonas foi para cima dela, agarrando seus pulsos e derrubando a adaga com facilidade. Ele empurrou-a, esticando seus braços sobre a cabeça e apertando seus pulsos. O rapaz pressionou o corpo com firmeza sobre o dela, fixando-a contra a roda. Cleo olhou para ele assustada e furiosa.

— Saia de cima de mim, seu animal! Está me machucando!

— Se está tentando apelar ao meu lado compassivo, descobrirá que não tenho piedade de você. — Ele se ajeitou de modo a segurar seus dois pulsos com uma só mão. A outra desceu e apertou a garganta dela. Ele olhou nos olhos dela e finalmente viu uma ponta satisfatória de medo. Cleo achou que ele a mataria apesar do que havia prometido.

Ele aumentou a pressão em sua garganta e ficou encarando a garota que permanecera ao lado do noivo enquanto seu irmão sangrava até morrer.

— Por que está em Paelsia? — ele perguntou. — Está aqui espionando para o seu pai?

Ela olhou para ele com os olhos arregalados.

— Espionando? Está louco?

— Isso não é resposta.

— Não, não estou aqui para espionar, seu idiota. Isso é ridículo.

— Então por quê? Do que estava falando quando disse para o seu amigo procurar uma vigilante? Fale — ele grunhiu, aproximando o rosto do dela. A respiração da princesa era rápida, quente e doce contra a pele dele. — Ou vai se arrepender amargamente.

— Estou aqui por causa da minha irmã — ela disse, sem interromper o contato visual. Ele não sabia ao certo se ela estava mentindo.

— Sua irmã — ele repetiu.

— Existe a lenda de uma vigilante exilada em Paelsia que possui sementes de uva inoculadas com magia da terra e que têm poderes de cura.

Ele revirou os olhos.

— Você quer que eu acredite que está procurando por uma vigilante? Também corre atrás de arco-íris?

Sua zombaria lhe rendeu um olhar contundente.

— Se for preciso... Minha irmã está muito doente. Ela está morrendo e ninguém pode ajudá-la. Então vim contra a vontade de meu pai procurar essa vigilante e implorar ajuda.

Jonas processou aquela história ridícula, mas uma coisa chamou sua atenção acima de todas as outras.

— A herdeira do trono auraniano está morrendo.

— Certamente está feliz em ouvir isso.

— Você acha?

— Minha dor é sua glória. Você me considera responsável pela morte de seu irmão, e agora sabe que minha irmã está morrendo no palácio e que eu não tenho como salvá-la. — Lágrimas escorriam do canto dos olhos dela.

Ele a observou, esperando por um sinal de fingimento.

— Você não acredita em mim — ela disse, com desespero. — Tudo o que vê quando olha para mim é maldade. Mas eu não sou má. — Ela começou a ofegar. — Eu não sou!

À primeira vista, ela parecia pequena e frágil, mas a princesa tinha uma essência feroz e ardente capaz de queimar qualquer um que chegasse perto demais. Até Jonas sentiu seu calor. Aquilo o surpreendeu. *Ela* o havia surpreendido.

— Vai dizer alguma coisa ou só vai continuar me encarando? — ela perguntou, desafiando Jonas com os grandes olhos verde-azulados.

Ele se levantou tão rápido que quase torceu o tornozelo outra vez. Depois a puxou sem se preocupar em ser gentil. Ela cambaleou, incapaz de se equilibrar por um instante. Teve sorte de ter ficado apenas um pouco tonta depois de bater a cabeça. Podia ter sido bem pior.

Sem dizer uma palavra, ele agarrou a adaga e a enfiou na bainha de couro em seu cinto. Começou a arrastar a princesa de volta para a estrada.

— Para onde está me levando? — ela perguntou, fazendo a conversa girar em círculos.

— Para algum lugar tranquilo onde eu tenha certeza de que não causará mais problemas. Sabe, você devia ter enfiado aquela faca

em mim quando teve a chance, vossa alteza. Não vai escapar de novo.

Cleo olhou feio para ele, com o fogo de volta aos olhos.

— Não hesitarei em matá-lo da próxima vez.

Ele deu um sorriso frio.

— Veremos.

Assim que enfiou Cleo em um barracão no canto da propriedade de Felicia, ele amarrou as mãos dela na frente do corpo e prendeu seu tornozelo com uma corrente para garantir que não escapasse. Cleo xingou Jonas, lutando o tempo todo. Aquilo não o atrasou muito.

— Sei que você me odeia. — Lágrimas brilhavam nos olhos dela. Ela estava movida pela raiva, e seu medo ia e vinha.

— Odiar você? — ele perguntou. — Não acha que tenho esse direito?

— Eu me odeio pelo que aconteceu com o seu irmão. Sinto muito pelo que Aron fez. Tomas não merecia morrer.

— Só está dizendo isso para tentar se salvar.

— Não é só por isso — ela admitiu.

Ele não conseguiu conter o riso diante da honestidade de Cleo.

— Acha que vou machucar você?

— Já machucou.

— Comparado a seu estilo de vida, tudo pode parecer uma dificuldade, vossa alteza. Mas estará segura aqui.

— Por quanto tempo?

— Alguns dias. No máximo uma semana.

Ela olhou aterrorizada para o interior do barracão.

— Aqui?

— Minha irmã e meu cunhado aceitaram tomar conta de você. Amigos vigiarão a porta, caso tente fugir. Alguém trará comida e água todos os dias. — Ele apontou para a esquerda com o queixo. — Ali tem um buraco recém-cavado para vossa majestade usar quando precisar. Não é uma latrina dourada e incrustada de joias, mas deve servir. Isso seria considerado um aposento de luxo para uma princesa paelsiana. Você não faz ideia.

— Você é um selvagem abominável por me manter aqui. Meu pai vai pedir sua cabeça por isso.

Jonas agarrou a garganta de Cleo novamente e a encostou contra a parede.

— Eu não sou selvagem — ele bufou. — E não sou um bárbaro.

— E eu não sou uma megera malvada que aprecia a morte alheia.

— Alguns dias de dificuldade não vão matar você. Podem até fazer bem.

Seus olhos verde-azulados piscaram.

— Espero que você seja destroçado por lobos em sua viagem a Auranos.

Jonas não esperaria outra reação dela. Menos do que isso seria uma decepção.

Enquanto andava na direção da porta, ele olhou para trás e disse:

— Nos veremos outra vez em breve, vossa alteza. Tente não sentir muito a minha falta.

LIMEROS



Magnus precisava de respostas. E precisava delas logo.

Esperava que seu pai esbravejasse pela morte da bruxa depois de arrastar Lucia para fora de seu quarto. Em vez disso, tudo parecia misteriosamente calmo. O corpo queimado de Sabina havia sido levado e descartado em silêncio. Nenhum funeral estava planejado. Ninguém, nem os criados, parecia comentar o caso.

Era como se a amante do rei nunca tivesse existido.

Mas Magnus não dava a mínima para Sabina Mallius, viva ou morta. Só para o que ela havia dito sobre as origens de Lucia. Ele precisava saber se era verdade.

Na manhã seguinte, procurou o pai para exigir respostas, mas ficou sabendo que o rei já havia partido em uma viagem a Auranos com o chefe Basilius. Sua volta era esperada em duas semanas.

As palavras de Sabina ecoavam na cabeça de Magnus, mas ele não sabia no que acreditar. A bruxa sempre fora fingida e manipuladora — o que ficou provado na noite de sua morte. Ao assistir à mulher queimando, ele não havia sentido um pinga de pena. Ela merecia o que recebeu.

Mas agora restavam tantas dúvidas.

O rei já havia arranjado uma tutora especial para ajudar Lucia com seus *elementia* assim que despertassem. Era uma mulher velha e

enrugada que conhecia muito sobre lendas e sobre a profecia. A irmã dele agora passava quase todo o tempo com essa mulher, por ordens diretas do rei.

A irmã dele.

O que mais o corroía era a dúvida sobre o que Sabina havia dito — o fato de Lucia ter nascido em outra família e sido levada ao castelo quando bebê, para ser criada como uma Damora. Como ele ainda não tinha completado dois anos de idade quando a rainha supostamente dera à luz Lucia, não se lembrava de nada.

No segundo dia depois da morte de Sabina, Magnus não conseguia mais esperar. Precisava de respostas. Na noite anterior, encarar a irmã durante o jantar havia se provado uma tarefa muito difícil. Com a ausência do pai, apenas uma pessoa no castelo poderia lhe dizer a verdade.

— Magnus. — A rainha Althea o cumprimentou do lado de fora do castelo, depois da aula de tiro com arco e flecha. Com a iminência da guerra, as aulas do príncipe haviam aumentado em número e intensidade a pedido do rei, e ele estava conseguindo acompanhar o ritmo. Estava pronto para uma luta — e para derramamento de sangue, se fosse necessário.

Sua mãe apreciava fazer caminhadas vespertinas em volta do palácio e pelos jardins gelados ao lado dos penhascos. Quando ele era menino, ela ficava olhando para o aparentemente infinito Mar Prateado e lhe contava histórias sobre o que havia do outro lado — reinos cheios de pessoas estranhas e criaturas fantásticas.

Fazia tempo que sua mãe havia parado de contar histórias divertidas. Assim como o clima de Limeros, a personalidade dela foi esfriando com o passar dos anos. Os momentos mais calorosos agora eram raros.

— Mãe — ele disse, olhando de relance para a água agitada, coberta de branco, batendo nas pedras ao longe.

— Eu já ia procurá-lo. Chegou uma mensagem do seu pai para você hoje cedo, trazida por um falcão. — Seus cabelos longos e grisalhos estavam soltos e voavam para trás com o vento gélido, revelando suas feições envelhecidas. Ela usava um manto comprido, e o rosto pálido estava agora corado pelo frio.

Ele foi direto ao ponto.

— Sabina Mallius roubou Lucia de seu berço em Paelsia e a trouxe até aqui para ser criada pela senhora como filha? — ele perguntou.

Ela se virou rapidamente para o filho.

— O quê?

— Isso mesmo que a senhora ouviu.

A rainha abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu durante alguns instantes.

— Por que pensaria uma coisa dessas?

— Porque a própria Sabina me contou antes de Lucia incendiá-la.

— Ele tentou emendar as próximas palavras para que não houvesse nenhum mal-entendido. — Lucia não é minha irmã de sangue. Isso é verdade?

— Magnus, meu querido...

— Não venha me chamar de querido. A verdade é tudo o que quero da senhora hoje, mãe. Se for possível. E a resposta é simples: sim ou não. Lucia é minha irmã?

A rainha foi tomada pela ansiedade.

— Ela é sua irmã de todas as maneiras, exceto pelo sangue. E ela é minha filha.

Ele teve sua resposta. E foi como se o mundo tremesse sob seus pés.

— Mas não veio do seu ventre.

Ela não respondeu.

O coração de Magnus começou a bater forte.

— Por que você nunca me contou?

— Porque não é importante. E seu pai queria que fosse assim. Talvez ele pretendesse dizer a verdade algum dia, mas não cabia a mim.

Ele soltou uma risada afiada como uma espada.

— Não, é claro que não. Se ele disse para a senhora criá-la como sua própria filha, era preciso obedecer. Às vezes eu me pergunto, mãe, se a senhora também teme a ira do rei. Ou se foi uma das poucas pessoas que conseguiram escapar dela.

— Como rei, seu pai só faz o que deve.

Magnus já havia amado a mãe, mas quando ela ficou de braços cruzados e permitiu que o rei o maltratasse — tanto física quanto verbalmente —, o amor começou a desaparecer.

— Você não pode contar a ela. Ainda não. — A voz da rainha tinha o peso da preocupação. — Lucia é uma garota sensível. Ela não entenderia.

— Pensar isso de Lucia é apenas mais uma prova de como a conhece pouco. Não, a menina criada como minha irmã pode não ter o meu sangue, mas é uma Damora. Com esse rótulo, qualquer sensibilidade deve ser eliminada o quanto antes se a pessoa deseja sobreviver. E agora Lucia tem capacidade para eliminar muitas coisas, se quiser.

— Eu só fiz o que era preciso fazer.

— É claro. — Magnus deu as costas para ela e saiu andando, deixando-a sozinha na beira do penhasco. Ela tinha a resposta que ele procurava. Não havia motivo para estender a conversa. — Como todos devemos fazer.

Ele entrou no castelo para ver a mensagem enviada pelo rei. Fora escrita à mão por seu próprio pai, o que significava que era sigilosa demais para confiar a um criado. Magnus leu a mensagem inteira duas vezes.

A princesa Cleiona de Auranos havia sido capturada enquanto viajava por Paelsia e estava presa lá. O rei instruiu Magnus a levar dois homens consigo para buscar a princesa e levá-la para Limeros. Ele enfatizou que se tratava de uma missão importante, uma missão que poderia virar as negociações com o rei Corvin a favor de Limeros.

Embora não estivesse escrito, estava claro para Magnus que seu pai pretendia ameaçar a vida da menina para atingir seus próprios objetivos. Não se poderia esperar menos do Rei Sanguinário. A possibilidade não lhe incomodava. Na verdade, ele estava surpreso que o rei Gaius não tivesse mandado homens diretamente a Auranos para sequestrar a menina, se isso tornasse mais fácil conquistar a terra do rei Corvin e ganhar mais poder para o seu reino.

Sua primeira reação foi deixar aquilo de lado e fazer cara feia, esperando a volta de seu pai para que pudessem conversar sobre algumas verdades não ditas.

Mas aquele era um teste que ele não podia ignorar.

Magnus, independente de qualquer coisa, não queria perder o direito ao trono, mesmo com a chance remota de que o rei reconhecesse outro bastardo como seu filho legítimo. A possibilidade de que o rei Gaius fizesse isso com Tobias nunca fora discutida entre eles, mas ficava no ar como o cheiro fétido de uma fossa.

A viagem de ida e volta a Paelsia, até o local anotado no final da mensagem, levaria quatro dias. Quatro dias para provar seu valor ao pai dissimulado e manipulador.

Diferente da pergunta que fizera à rainha, essa questão não tinha duas respostas possíveis. Apenas uma.

AURANOS



O rei Corvin não era nada parecido com o que Jonas havia imaginado.

Os paelsianos acreditavam que ele fosse um homem evasivo e manipulador que ignorava a pobreza deles enquanto o povo de Auranos vivia entre excessos e opulência, sem se importar com o quanto gastavam. Jonas odiava o rei Corvin mesmo sem nunca tê-lo visto.

O rei tinha uma aparência formidável. Era alto e musculoso como um cavaleiro pouco depois da flor da juventude. Os cabelos castanho-claros, salpicados de grisalho, iam até os ombros; a barba era curta e bem cuidada. Seus olhos verde-azulados eram vivos e penetrantes — e Jonas não pôde deixar de notar que tinham a mesma cor dos da princesa. À primeira vista, apesar de seu palácio brilhante revestido com ouro de verdade, o rei Corvin não parecia ser um homem que encorajasse o hedonismo e a extravagância entre seu povo.

As aparências podiam enganar, Jonas lembrou a si mesmo.

No complexo do chefe Basilius, eles haviam encontrado o rei Gaius e seus homens e viajado juntos até Auranos para mostrar que agora eram aliados.

O rei Gaius também era um homem de traços fortes. Cabelos pretos e curtos, olhos escuros, pele firme nas maçãs do rosto protuberantes. Boca fina. Ele parecia sério e severo. Mas havia algo em seus olhos, uma perversidade que traía o resto de sua aparência impecável. Jonas não tinha certeza se simpatizava com aquele olhar ou se era um motivo para desconfiar ainda mais daquele homem.

Ele havia ouvido muitas histórias sobre como o rei Gaius assegurava o bom comportamento de seus súditos — por meio de policiamento pesado feito por um exército treinado para sustentar as leis estabelecidas pelo rei. Seu reino era tingido de sangue. Jonas nunca subestimaria alguém assim, mesmo não tendo certeza da veracidade dos rumores.

O rei Corvin não se recusou a recebê-los. Convidou-os para entrar no palácio e encontrá-lo no grande salão. Era onde Jonas e Brion estavam agora, sentados um de cada lado do chefe. O rei Gaius e seus homens estavam do outro lado da grande mesa quadrada. Atrás do rei Corvin, posicionados sobre uma plataforma, havia dois guardas.

Os três grupos tinham o mesmo número de homens. Mas não haveria violência naquele dia; apenas conversas. E Jonas havia sido aconselhado a deixar o rei Gaius falar em nome de Paelsia. Ele ficou chocado e consternado ao saber que o chefe Basilius concordara com aquilo.

— Quem são esses garotos? — o rei Corvin perguntou, referindo-se a Jonas e Brion. Ele não perguntou o nome dos homens de Gaius. Como usavam o uniforme vermelho-escuro do palácio limeriano, era óbvio que se tratavam dos guardas pessoais do rei.

O chefe apontou com a cabeça para cada um deles.

— Esses são Jonas Agallon e Brion Radenos.

— São seus guardas?

— Mais do que isso. Jonas é meu futuro genro.

Jonas sentiu o olhar surpreso de Brion sobre ele.

Genro? Uma sensação de enjoo tomou conta de suas entranhas. Talvez fosse bom ele terminar tudo com Laelia antes do que pretendia. Ela obviamente tinha uma impressão equivocada sobre o futuro dos dois. Jonas ouviu um barulho. Pensou ser uma risada

abafada vindo da direção de Brion, mesmo que não houvesse nada de engraçado naquilo. Continuou olhando para a frente, sem tirar os olhos do rei Corvin.

— Devemos simular uma conversa civilizada? — perguntou o rei de Auranos com firmeza. — Digam o que vieram dizer e acabamos logo com isso.

— Eu o considero um bom amigo, Corvin — o rei Gaius lançou um sorriso caloroso a ele. — Sei que deveria ter me esforçado para fortalecer ainda mais nossos laços.

— Eles algum dia foram fortes?

— Temos tanto em comum. Duas terras prósperas que fazem divisa com Paelsia. Três terras que poderiam ser muito poderosas juntas. A amizade poderia fortalecê-las ainda mais.

— Então estão me oferecendo amizade hoje? — o rei Corvin disse com clareza e uma ponta de desconfiança. — É isso?

O rei Gaius confirmou de maneira severa.

— Amizade acima de tudo. Família acima de tudo. Sei o que é ter filhos jovens e esperar que tenham um futuro melhor. Paelsia, no entanto, tem passado por tempos muito mais difíceis do que nós.

— E você deseja ajudá-los.

— De todo o coração.

O rei Corvin olhou para o chefe Basilius.

— Sei que Paelsia se orgulha de ser um estado soberano. Vocês não pediram nossa assistência, nem nós a oferecemos. Mas eu não sabia que as coisas estavam tão difíceis para vocês.

Jonas achava impossível acreditar, mas engoliu todos os comentários venenosos que subiram à sua garganta.

— Somos um povo orgulhoso — explicou o chefe. — Tentamos resolver nossos problemas sozinhos.

O rei Gaius concordou.

— Admiro a coragem dos paelsianos durante esses anos de vacas magras. Meu coração sangra pelo sofrimento deles. Mas chegou a hora de mudarmos isso.

— O que você propõe? — perguntou o rei Corvin com uma ponta notável de repulsa ao falar com o rei limeriano. — Devemos fazer caridade? Recolher dinheiro? Roupas? Mutirão de arrecadação de

alimentos? Permitir mais viagens abertas entre as nossas terras? Nos últimos tempos os paelsianos têm caçado ilegalmente em nossas terras. Achem que devo fazer vista grossa?

— Se nossas fronteiras fossem abertas, não ocorreria a caça ilegal. Nesse caso, não seria roubo.

O rei Corvin levou os dedos às têmporas e olhou para Gaius com firmeza.

— Estou aberto a todo tipo de discussão.

— Sim, seria ótimo discutir — o rei Gaius replicou —, se fosse há vinte anos e meu pai ainda governasse. Mas os tempos mudaram.

O rei Corvin olhou para ele com uma repulsa indisfarçável.

— Então o que vocês querem?

— Mudança — o rei Gaius respondeu. — Em uma escala muito maior.

— Tal como?

O rei Gaius recostou na cadeira.

— O chefe Basilius e eu queremos tomar Auranos e dividir igualmente entre nós.

O rei Corvin ficou em silêncio por um instante, olhando nos olhos do outro rei. Então seus lábios se afastaram dos dentes retos e brancos e ele riu.

— Ah, Gaius. Tinha me esquecido de que você é um piadista.

Mas o rei limeriano não sorriu.

— Eu não estou brincando.

A expressão do rei Corvin ficou fria como gelo.

— Quer que eu acredite que você se aliou com esse chefe para tomar minha terra e dividir entre vocês? Deve achar que sou muito estúpido. Tem outro motivo. Qual é seu verdadeiro objetivo aqui? E por que agora, Gaius? Depois de todo esse tempo?

— E quando seria melhor? — foi tudo o que respondeu o rei Gaius.

O rei Corvin lançou um olhar compassivo ao chefe Basilius.

— Confia nele para algo tão importante?

— Totalmente. Ele me deu provas que muito poucos ousariam dar. Ele me honrou com um sacrifício de verdade. Isso vale seu peso em ouro para mim.

— Então você não passa de um tolo imperdoável. — O rei Corvin se afastou da mesa e se levantou. — Esta reunião está encerrada. Tenho mais com que me preocupar em vez de ouvir essas bobagens.

— Estamos lhe dando uma chance de concordar com nossos termos — advertiu o rei Gaius, sem recuar. — Você deveria ser sábio e aceitar. Sua família seria bem tratada, você receberia uma nova casa. Algum dinheiro. Não é necessário haver derramamento de sangue por causa disso.

— Tudo o que você toca fica manchado com sangue, Gaius. Por isso não é bem-vindo em meu reino há dez anos. Ele se virou para a porta e um guarda a abriu.

— Estamos com sua filha.

Os ombros do rei Corvin ficaram tensos e ele deu meia-volta lentamente. Sua expressão irritada agora era perigosa.

— Eu acho que não ouvi direito.

— Sua filha, Cleiona — Gaius enunciou as palavras devagar. Não havia lugar para equívocos. — Parece que ela foi encontrada perambulando por Paelsia sem proteção. Não foi uma atitude muito sábia para uma princesa, não é?

Jonas tentou ao máximo manter o rosto inexpressivo. Era por aquilo que havia esperado tanto tempo e o motivo de não ter matado Cleo com suas próprias mãos. Em vez disso, a promessa de mantê-la viva seria usada para assegurar um futuro melhor para sua terra e sua família.

— Você não devia deixar sua filha caçula viajar a outras terras sem proteção adequada — disse o rei Gaius. — Mas não se preocupe. Garantirei pessoalmente a segurança dela.

— Você ousa me ameaçar? — As palavras do rei Corvin transbordavam veneno.

O rei Gaius abriu as mãos.

— É muito simples. Entregue seu reino quando voltarmos com nossos exércitos. E ninguém terá que sofrer.

O rei Corvin agarrava com tanta força o batente da porta que Jonas teve certeza de que ele arrancaria uma lâmina de madeira.

— Machuque minha filha e eu o destruirei com minhas próprias mãos.

O rei Gaius ficou calmo.

— Como eu desejaria o mal de sua filha mais nova, Corvin? Sei o amor que um pai tem por seus filhos. O meu mais velho, Magnus, por exemplo, está provando seu valor de muitas maneiras. Até mesmo neste exato momento. Tenho muito orgulho dele, como tenho certeza de que se orgulha de suas filhas. São duas, não são?

— O rei limeriano franziu a testa. — A mais velha, ouvi dizer, está bastante doente. Ela vai se recuperar?

— Emilia está bem.

O rei Corvin estava mentindo. Jonas viu em seus olhos.

Cleo alegou ter ido a Paelsia atrás da lenda de uma vigilante exilada que poderia salvar a vida de sua irmã. Ela estava dizendo a verdade em um momento no qual ele esperava apenas mais mentiras.

— Pense no que discutimos aqui. Pense com cuidado. — O rei Gaius se levantou da cadeira. Os outros, incluindo Jonas, fizeram o mesmo. — Quando eu voltar, espero que esteja em frente aos portões do seu palácio, oferecendo sua rendição imediata e absoluta.

O rei Corvin ficou em silêncio por um instante, tenso.

— E se eu não fizer isso?

— Nós tomaremos Auranos à força. E eu testemunharei sua filha mais nova sendo torturada por bastante tempo até que eu finalmente a deixe morrer.

— E eu farei o mesmo com a sua — bufou o rei Corvin.

O rei Gaius riu.

— Eu o desafiaria a tentar.

Eles saíram. Jonas sentiu o olhar tenso do rei Corvin sobre ele ao caminharem na direção da saída.

— O seu irmão foi morto no mercado aquele dia — disse o rei a ele quando passou. — Reconheci seu nome.

Jonas confirmou, mas não olhou nos olhos do outro homem.

— Seu sofrimento e seu desejo de vingança fizeram com que se aliasse a escorpões, mesmo sem perceber — alertou o rei Corvin.

— Tenha muito cuidado para não ser picado.

O rapaz olhou para ele apenas de relance, lutando para manter a expressão neutra, antes de sair da sala com os outros.

PAELSIA



A princesa estava se provando mais ardilosa do que Theon esperava. Depois de chegar a Paelsia com dois guardas de confiança, ele havia procurado em todos os lugares, vasculhado todas as vilas em busca de pistas.

Uma coisa era certa: Cleo e Nic haviam estado ali por tempo o bastante para deixar nos moradores uma impressão duradoura e, na maioria das vezes, favorável. Theon ficou surpreso ao saber que eles disseram ser irmãos viajantes... de Limeros. Brilhante.

Mas depois empacaram. Nada novo. Nenhum indício. E a cada dia que passava crescia o medo de que algo horrível tivesse acontecido com Cleo. Ele então deu ordens para os guardas se separarem de modo que, individualmente, pudessem percorrer uma área maior.

Era seu dever como guarda pessoal de Cleo — seu *único* dever — mantê-la em segurança. A promessa do rei de matá-lo se fracassasse era sua menor preocupação. Ele estava mais preocupado com a segurança da princesa.

Dez dias depois de Cleo ter deixado Auranos, Theon encontrou uma pista.

Em uma estrada estreita e lamacenta depois de outra tempestade inesperada, Nicolo Cassian vinha em sua direção.

Por um momento, Theon pensou que estava tendo uma visão. Mas era verdade. Ele correu na direção de Nic e agarrou a parte da frente de sua túnica.

— Onde está a princesa? Responda!

Nic parecia tão preocupado quanto Theon.

— Você não sabe como estou feliz em ver você.

— Não ficará feliz quando eu levar você de volta para Auranos. Terá que pagar caro por tirar a princesa da segurança do palácio.

— Acha mesmo que eu a forcei a vir? Cleo tem vontade própria, você sabe.

— Onde ela está? — ele perguntou.

— Foi levada por um paeliano há três dias. Ele apontou uma faca para o meu pescoço, ameaçou separar minha cabeça do corpo. Cleo barganhou por minha vida concordando em ir com ele. — Nic parecia arrasado com aquilo. — Ela não devia ter feito isso. Devia ter fugido. Devia ter deixado ele me matar.

O estômago de Theon revirou.

— Sabe quem foi?

Nic fez que sim, sério.

— Jonas Agallon.

Theon soltou a túnica empoeirada de Nic e viu que suas mãos estavam tremendo. O nome lhe era tão familiar quanto o seu próprio. Jonas. O rapaz que havia ameaçado a vida dela. Aquele com quem ela tinha pesadelos. E Theon não estava lá para protegê-la.

— Ela vai morrer. Ou já deve estar morta. E é culpa minha.

— Eu sei onde ela está.

A atenção de Theon se voltou para Nic.

— Sabe?

— Tive um pouco de sorte ontem. Fui perguntando, tentando descobrir mais sobre Jonas e sua família. Fiquei sabendo onde mora a irmã dele. Eles têm um barracão; acho que é lá que Cleo está presa.

Theon recuperou o fôlego.

— Você acha? Ou você tem certeza?

— Não tenho certeza, porque não a vi, mas o barracão está sendo vigiado. Uma mulher entra uma vez por dia com uma bandeja de comida e água e sai com ela vazia. Só saí de lá porque sabia que precisava mandar uma mensagem para... bem, para você. E eis que está aqui.

Uma ponta de esperança voltou ao coração de Theon.

— Leve-me até lá imediatamente.

Uma das coisas que Cleo havia aprendido em três dias de cativeiro era que Felicia Agallon odiava cada parte de seu ser tanto quanto Jonas. Mas apesar do ódio, a moça obedecia as ordens do irmão de levar comida para a princesa uma vez por dia — que consistia de pão de centeio velho e água do poço, palatável apenas com a adição de mel. Da primeira vez, quando Felicia olhou com raiva para ela pelas sombras do barracão pequeno, frio e sem janelas, com apenas um buraco no teto para deixar passar alguma luz, Cleo observou a água com cautela.

— Está envenenada?

— Poderia me culpar se estivesse?

Cleo pensou em discutir, mas conteve a língua.

— Na verdade, não.

Felicia a analisou por alguns momentos de silêncio desconfortável.

— Não está envenenada. Jonas quer você viva, embora eu não saiba o porquê.

Ainda assim, Cleo esperou o máximo que pôde antes de beber ou comer qualquer coisa. Na maior parte do tempo, tentava dormir sobre um monte de palha, tomava pequenos goles de água e mordiscava pedacinhos de pão duro. Era o mais distante do luxo que já havia estado.

Tentou roer as cordas que amarravam seus pulsos, mas não funcionou. Mesmo se desse certo, a corrente em volta do tornozelo era outro problema sério. Além disso, o barracão estava trancado por fora e era vigiado. Ela não se permitia pensar na irmã, no pai ou

em Theon. Era um camundongo preso em uma armadilha sem escapatória, esperando o gato voltar.

Esperando.

E esperando.

Depois do que pareceu uma eternidade — mas depois Cleo descobriu ser pouco mais de três dias —, ela ouviu algo. Gritos. Gemidos. Golpes.

E então ouviu uma batida na porta.

O medo a deixou quieta e imóvel. Houve outra batida, mais alta dessa vez. E vozes abafadas. Ela prendeu a respiração e tentou ser corajosa o suficiente para encarar qualquer demônio obscuro que pudesse entrar.

Foi quando lhe ocorreu que a pessoa do lado de fora não estava tentando bater; estava tentando arrombar a porta, que balançou para dentro. Cleo protegeu os olhos quando a dolorida luz do sol entrou pela escuridão.

Quando Theon entrou, ela ficou boquiaberta, em choque, e ao mesmo tempo seu coração saltou no peito.

— Viu? — Nic disse triunfante. — Eu sabia que ela estava aqui.

— Tem mais alguém aqui? — Theon perguntou. Cleo levou um tempo para se dar conta de que ele estava falando com ela.

Ela tentou parar de olhar admirada para os dois.

— Eu... o quê? Aqui? Não, não tem ninguém aqui agora. Só eu. Mas há guardas do lado de fora.

— Eu já cuidei deles.

Nic correu para o lado dela e agarrou seus braços.

— Cleo, você está bem? Aquele selvagem tocou em você?

A preocupação que ela viu no rosto dele fez seus olhos se encherem de lágrimas.

— Estou bem. Ele não me machucou.

Nic soltou um suspiro de alívio e a abraçou com força.

— Fiquei tão preocupado.

Theon não disse nada, mas foi na direção dela quando Nic a soltou. Ele demonstrava tensão. Cleo quase se afastou, pois ele parecia furioso.

— Theon...

Ele ergueu a mão.

— Não quero ouvir nada além de que você está bem.

— Mas...

— Princesa, por favor.

— Você tem o direito de estar bravo comigo.

— Não importa como eu me sinto. Preciso levá-la para casa. Fique quieta para que eu possa soltá-la antes que os guardas que derrubei acordem.

Ela fechou a boca e ele começou a desatar os nós. Era mais eficiente do que cuidadoso com as cordas, e os pulsos dela ficaram mais esfolados quando ele terminou do que estavam antes, mas ela não reclamou. Depois, Theon desembainhou sua espada e cortou a corrente. Ele olhou para a manilha ainda no tornozelo da garota.

— O resto terá que esperar até encontrarmos um ferreiro.

Theon segurou os punhos dela e a puxou para fora do barracão, ao sol. Cleo nunca havia sentido algo tão bom quanto o calor do sol batendo em seu rosto. Nic vasculhou a bolsa dela, que havia sido derrubada quando Jonas a levou, e tirou seu manto, colocando-o sobre seus ombros para aquecê-la. Ela olhou para ele com gratidão.

Imediatamente, começaram a se afastar daquela prisão e a voltar para a estrada. Havia uma vila a apenas um quilômetro e meio de distância — a mesma em que Nic e Cleo haviam conhecido Eirene e passado a noite.

— Podemos pegar um navio para voltar — Nic sugeriu. — Tem um partindo amanhã ao pôr do sol, se chegarmos a tempo. Você estará de volta a Auranos antes que se dê conta, Cleo, e tudo ficará bem.

O estômago dela revirou.

— Não está tudo bem. Eu não encontrei a vigilante.

Theon fez um sinal para Nic.

— Preciso falar a sós com a princesa. Você poderia nos dar um minuto?

Nic olhou para ela.

— Depende. Cleo?

Ela concordou.

— Tudo bem. Devo deixar Theon falar agora. Daí, quando chegar em casa, só serei repreendida por meu pai.

Repreendida era uma palavra leve para se referir à sua futura punição. Ela queria pensar que seria diferente, mas estava pronta para aceitar seu destino.

— Então vou até a vila arrumar alguma coisa para comer — Nic avisou.

— Encontramos você lá — disse Theon com firmeza.

Dando uma última olhada para Cleo para confirmar se podia mesmo deixá-la sozinha com Theon, Nic se virou e partiu. Cleo observou a partida dele, com medo de voltar o olhar para seu guarda furioso.

— Apesar de tudo, não estou arrependida de ter vindo — ela afirmou quando o silêncio recaiu sobre eles. — Fiz isso para ajudar minha irmã e estou arrasada por ter fracassado. Sei que me despreza e tenho certeza de que meu pai ficou furioso quando soube que eu tinha partido. — Ela deu um suspiro cansado. — Mas eu precisava vir.

Quando ela se virou para Theon, a expressão dele tinha mudado. Onde antes havia raiva e severidade, agora havia algo muito mais dolorido.

— Contudo, no que diz respeito à dor e aos problemas que lhe causei — ela sussurrou —, estou muito arrependida.

Ele abaixou as mãos e pegou nas dela.

— Fiquei tão preocupado com você.

Cleo ficou surpresa por ele estar tão perto dela.

— Eu sei.

— Você podia ter morrido.

— Theon, eu não estava pensando direito.

— Nem eu. E ainda não estou.

Ela olhou para Theon justo quando ele capturou sua boca e a beijou profundamente.

Não foi um beijo de amizade. Foi um beijo de paixão verdadeira, que ela conhecia apenas nos sonhos. Seu coração pulava no peito e ela o envolveu com os braços para puxá-lo para mais perto. Quando terminaram, ele se afastou dela, com os olhos fixos no chão e a expressão bastante séria.

— Minhas humildes desculpas por isso, princesa.

Ela pousou os dedos sobre os lábios.

— Por favor, não se desculpe.

— Eu não devia ter feito isso. Não devia ter achado que você poderia sentir... — Ele engoliu em seco. — Pedirei para o seu pai designar outra pessoa como seu guarda pessoal quando voltarmos. Eu não apenas fracasei na tarefa de mantê-la em segurança como não tenho mais a objetividade necessária. Você é muito mais do que a filha do rei para mim. Em tão pouco tempo... você se tornou tudo para mim.

Cleo perdeu o fôlego.

— Tudo?

Theon levantou os olhos e encarou-a.

— Tudo.

Lágrimas arderam nos olhos de Cleo.

— Bem, na verdade isso torna as coisas muito mais fáceis.

Ele franziu a testa.

— Não entendo.

— É óbvio. Não posso me casar com Aron nem com mais ninguém. Eu me recuso, não importa o que meu pai diga. — O coração dela transbordava. — Meu... meu destino é ficar com você.

A respiração de Theon começou a acelerar, mas sua expressão ficava cada vez mais séria.

— Mas eu não passo de um guarda.

— Eu não me importo!

— Mas seu pai vai se importar. E muito, certamente.

— Meu pai terá que lidar com isso. Ou eu fujo de novo. — Um sorriso tocou os lábios dela. — Com você.

Theon riu, um estrondo profundo saiu de seu peito.

— Ótimo. Você dirá a seu pai que o guarda que ele designou para manter a filha em segurança a coagiu a romper o noivado e por isso vai ficar tudo bem. Com certeza ele vai aceitar e não vai me jogar em um calabouço.

— Talvez ele não aceite. Não de imediato. Mas eu vou fazer de tudo para que ele saiba que não há outra solução.

Ele ficou em silêncio por um instante, analisando a expressão dela.

— Então você sente algo por mim?

— Você me salvou. E mesmo antes disso... bem, eu apenas sabia, sem saber. — O coração dela ficava mais leve a cada palavra que dizia.

Theon sacudiu a cabeça.

— Eu não salvei você. Nic descobriu onde você estava. Eu só derrubei os guardas e arrombei a porta.

Cleo abriu um sorriso largo.

— Bem, mas eu não estou apaixonada por Nic, então teremos que achar outro jeito.

Ele a puxou para os seus braços outra vez, um pouco hesitante.

— Ainda estou furioso por você ter fugido e quase ter sido morta. Este não é um lugar seguro.

— A resposta que preciso está aqui.

— A busca terá que esperar.

— Mas não pode esperar. — Sua garganta voltou a ficar apertada.

Theon ficou olhando para o chão por um tempo e depois encarou Cleo.

— Não podemos ficar aqui. Você precisa entender isso. Não entende?

O coração de Cleo batia forte o bastante para quase sair do peito. Ela não conseguia esquecer o verdadeiro motivo de estar em Paelsia. Ao mesmo tempo, não podia negar que Theon estava certo. Se havia uma guerra contra Auranos em formação, aquele não era o lugar para a princesa. Sua garganta ficou áspera.

— Queria que houvesse outro jeito.

— Espere uma semana — Theon pediu. — E eu mesmo voltarei. Descobrirei se essa lenda em que acredita é verdadeira. Deixe-me fazer isso por você.

Ela olhou para ele com gratidão e concordou.

— Obrigada.

— Também encontrarei Jonas Agallon quando eu voltar. — A expressão dele obscureceu. — Ele precisa pagar com sangue pelo que fez.

Ela estremeceu com a ideia da violência.

— Ele me culpa pelo que Aron fez com seu irmão. Ainda carrega a adaga de Aron.

Theon olhou para ela, sério.

— Ele ameaçou você com aquela adaga?

Ela confirmou, depois virou o rosto para não ver a onda de fúria nos olhos dele.

— Se eu o encontrar — Theon vociferou —, ele não precisará se vingar pela morte do irmão. Vai se juntar a ele no além.

— Ele está de luto por Tomas. Isso não serve como desculpa para suas ações, mas as justifica.

— Eu não concordo.

Cleo não conseguiu conter um olhar brincalhão.

— O quê? — ele perguntou com cautela.

— Nós discordamos em muita coisa, não é?

Theon apertou a mão de Cleo.

— Não em tudo.

O sorriso dela cresceu.

— Não, não em tudo. — Ela passou os braços ao redor do pescoço dele e o beijou novamente, com suavidade no início, depois de forma intensa.

Naquele momento, o otimismo dela se renovou. Theon logo voltaria a Paelsia sozinho e teria mais facilidade na busca do que ela. Ela enfrentaria a ira do pai em Auranos. Depois que ele se acalmasse em relação à sua imprudente viagem, ela explicaria que havia se apaixonado por um guarda e que, se o rei quisesse vê-la feliz — e é claro que queria —, deveria aprovar Theon como seu pretendente. Não havia motivo para ele não dar um título de cavaleiro a Theon e um cargo mais importante no palácio para elevar seu status social e torná-lo digno de cortejar uma princesa. Ela não era mesmo a filha mais velha, nem a primeira na linha de sucessão...

Surgiu um som de cascos de cavalo e Theon ficou tenso, desfazendo o abraço com Cleo. Três indivíduos a cavalo se aproximaram e deram um giro para bloquear a estrada que levava à próxima vila.

— Ah, aí está você. — O do meio não parecia nem um pouco velho; dezoito ou dezenove anos no máximo. Ele tinha cabelos e olhos escuros e estava todo vestido de preto. Os homens ao lado dele usavam um uniforme vermelho que Cleo reconheceu como limeriano.

Um arrepio desceu por sua espinha e ela puxou o manto para mais perto do corpo.

— A quem se dirige? — Cleo perguntou sem delongas.

— Você é a princesa Cleiona Bellos — respondeu o rapaz de cabelos escuros, com uma expressão um tanto entediada. — Correto?

Theon apertou ainda mais o pulso dela. Ela entendeu aquilo como um alerta para não responder a pergunta.

— Quem quer saber? — Theon perguntou.

— Eu sou Magnus Lukas Damora, príncipe de Limeros. É uma honra conhecer a princesa em pessoa. Ela é tão adorável quanto me disseram.

Ela olhou para ele com surpresa. Príncipe Magnus. É claro que ela já tinha ouvido falar dele. Mas não era a primeira vez que se encontravam. Ele havia visitado o palácio com os pais quando tinha apenas cinco ou seis anos de idade. Ela voltou os olhos para a bochecha dele, onde havia uma cicatriz que ia do canto da boca até a orelha, e teve uma lembrança repentina, na qual não pensava desde criança.

Um menino chorando com sangue escorrendo pelo rosto. O sangue pingando sobre um tapete colorido do palácio. A mãe dele, a rainha de Limeros, segurando um pano contra o ferimento. Ela não havia se ajoelhado e abraçado o filho junto ao peito. O pai dele, o rei, gritava para o menino parar de fazer escândalo.

Mas o rapaz de agora não parecia alguém que choraria por um pouco de sangue. Na verdade, o jeito como ele a olhava lhe dava uma sensação gélida. Algumas pessoas podiam achá-lo muito bonito, mas ela não achava. Havia algo cruel e desagradável em sua aparência. Ele a deixou imediatamente desconfortável.

Mas lidar com pessoas desagradáveis fazia parte de seus deveres como princesa.

— É um grande prazer ser apresentada a você, príncipe Magnus — Cleo disse, mantendo um tom de voz educado e comedido. — Talvez nos reencontremos em breve. Estávamos indo encontrar nosso amigo na vila para voltarmos a Auranos.

— Quanta gentileza — ele replicou. — E quem é o amigo que está a seu lado?

— Este é Theon Ranus, um guarda do palácio que está me acompanhando em Paelsia.

— O que está fazendo em Paelsia, se me permite perguntar?

— Apreciando a vista — ela disse sem perder a pose. — Gosto de explorar.

— Certamente. — O cavalo dele estava imóvel e o olhar do príncipe permanecia fixo no rosto de Cleo. — Mas está mentindo. Fui informado de que estava presa em um barracão aqui perto, um que está com a porta quebrada e três guardas inconscientes com ferimentos na cabeça. Demorei um pouco mais do que pensava para encontrá-lo. Não conheço muito a paisagem de Paelsia. Eu, diferente de você, não estou apreciando a vista. — Ele olhou em volta com desgosto. — Na verdade, ficarei feliz em ir embora o mais rápido possível.

— Fique à vontade — Theon replicou baixinho.

Magnus olhou para ele com severidade. Em vez de dizer alguma coisa, um sorriso tomou conta de seu rosto. Depois seu olhar se voltou para Cleo e ela se sentiu presa por seus olhos sem emoção.

— Quer dizer que conseguiu escapar de seus sequestradores? Garota esperta.

Ela se esforçou para não desviar o olhar, para não demonstrar fraqueza.

— Posso agradecer à deusa por ter conseguido escapar. Com a ajuda de Theon.

— Agradecer à deusa — repetiu Magnus. — Que deusa é essa? A má, de quem herdou seu nome? A inimiga da deusa do meu povo?

A paciência dela estava se esgotando.

— Por mais que eu esteja gostando da conversa, príncipe Magnus, é hora de partir. Por favor, transmita meus cumprimentos à sua família quando voltar a Limeros.

Magnus fez um sinal para seus guardas, que desceram da montaria. O coração acelerado de Cleo começou a bater ainda mais rápido.

— O que quer com isso? — Theon não esperou nem mais um segundo antes de desembainhar sua espada e entrar na frente de Cleo.

— Teria sido muito mais fácil se a princesa tivesse ficado onde estava até eu chegar — afirmou Magnus. — Pediram-me para levá-la a Limeros.

Cleo respirou fundo.

— Você não fará nada disso.

— Meu pai, o rei Gaius, me pediu. E é isso o que farei. — Seu olhar escuro voltou-se para Theon. — Sugiro que não tente impedir meus homens. Não queremos derramar sangue hoje.

Theon ergueu a espada.

— E eu sugiro que você deixe a princesa bem aqui onde está. Ela não vai a lugar nenhum com você.

— Afaste-se, rapaz, e eu o deixo voltar para a sua terra ainda respirando.

Theon riu de verdade, e Magnus olhou feio para ele.

— Sinceramente — Theon disse —, não estou com muita vontade. Você é o príncipe limeriano, próximo na linha de sucessão ao trono. Sempre ouvi dizer que veio de uma linhagem de grandes homens.

— E vim.

— Se está dizendo... Talvez você seja a exceção à regra.

— Cômico. — Magnus sacudiu a mão. — Guardas, levem a princesa. E cuidem de seu protetor. Agora.

Os guardas se aproximaram de Theon.

— Theon... — a garganta de Cleo estava apertada demais para falar.

— Fique atrás de mim.

O pânico tomou conta dela. Ela achou que eles haviam escapado. Que ela tinha conseguido se livrar de Jonas. Só precisavam encontrar Nic e percorrer o resto do caminho até o porto para

encontrar um navio que os levasse para casa. E tudo estaria bem de novo.

— O que o seu pai quer comigo? — ela perguntou. — A mesma coisa que Jonas queria? Me usar contra o meu pai em sua guerra?

— Considere como uma tentativa de aprimorar as relações entre os povos. Peguem a princesa — Magnus ordenou aos guardas. — Agora.

Mas para pegar Cleo eles primeiro teriam que passar por Theon. Os dois homens — e eram homens, não garotos — desembainharam as armas. Cleo ficou com medo por Theon, mas ela nunca o havia visto empunhando uma espada antes.

Ele era incrível.

Cleo cambaleou para trás, afastando-se de Theon enquanto ele confrontava os dois. As espadas retiniam e faiscavam durante a briga. O guarda loiro cortou um talho no braço de Theon que jorrou sangue, escorrendo pela manga de seu uniforme azul. Cleo se sentiu aliviada quando viu que ele ainda conseguia lutar com aquele braço; devia ser apenas um ferimento superficial. Então ele enfiou a espada no peito do guarda loiro.

Foi um golpe mortal. O guarda limeriano caiu de joelhos com um grunhido e logo foi de cara na terra.

Magnus praguejou em voz alta. Cleo olhou para ele no cavalo. Parecia chocado pela morte do guarda, como se esperasse que Theon se rendesse facilmente e entregasse a custódia de Cleo a ele sem briga ou resistência.

Não era uma situação fácil, mas Cleo confiava que Theon venceria. Ele era seu herói. Já tinha salvado sua vida uma vez. Salvaria de novo.

A dificuldade era maior com o segundo guarda, que foi na direção de Cleo. Ele era mais velho e mais experiente, e manejava a espada com tanta facilidade que parecia uma extensão de seu corpo. Cleo já havia visto guardas praticar com espadas de madeira e disputar torneios no verão, com armas de verdade feitas de ferro e aço. Mas nunca havia presenciado uma luta como aquela.

Quando ela temia que Theon fosse derrotado, o outro guarda perdeu o equilíbrio no solo pedregoso. Theon não hesitou:

atravessou-o com sua espada.

A arma do guarda caiu no chão e ele desmoronou. Um instante depois, afogou-se em seu próprio sangue e ficou imóvel. Estava morto.

Cleo também havia perdido o fôlego, mas agora respirava de forma profunda e trêmula ao ser tomada pelo alívio. Theon os havia barrado. Havia matado os dois para defendê-la, mas sabia que não havia outra opção. Eles a levariam contra a vontade e a arrastariam a Limeros como prisioneira de guerra para usá-la contra seu pai.

Theon tinha salvo sua vida novamente.

Cleo olhava para ele cheia de gratidão, pronta para abrir um sorriso. O peito dele estava cheio pela respiração ofegante; a testa úmida pelo suor. Eles se olharam nos olhos.

Então uma espada passou pelo centro do peito de Theon, vinda das costas. A ponta afiada e ensanguentada atravessou a frente de seu uniforme. Ele olhou, chocado, e viu a espada sendo puxada para trás e o sangue escuro ensopando o tecido.

Ela ficou horrorizada.

— Theon! — Cleo gritou.

Theon tocou o peito e viu sua mão coberta de sangue. Seu olhar agonizante encontrou o dela por alguns segundos e ele logo caiu de costas, com os olhos abertos fixos no céu.

Magnus ficou atrás de Theon, segurando a espada ensanguentada.

Ele franziu a testa olhando para o corpo de Theon, com as sobrelanceiras unidas, sacudindo a cabeça.

— Ele matou meus homens. Teria me matado em seguida.

O corpo todo de Cleo tremia violentamente e seus pés se movimentavam sem que ela pensasse. Ela caiu ao lado de Theon, agarrando seus braços, seus ombros, seu rosto. Não conseguia enxergar nada através das lágrimas.

— Theon, você está bem. É apenas um ferimento. Por favor, olhe para mim! — Seu choro histérico tornava quase impossível entender o que falava.

Ele estava bem. Tinha que estar. Ela já tinha planejado tudo. Ele a levaria de volta a Auranos e seu pai ficaria furioso por um tempo.

Depois ela diria ao rei que amava Theon e que não se importava com o fato do rapaz ser um guarda. Ele era tudo o que ela sempre havia desejado. E Cleo sempre conseguia o que queria, se desejasse com muita vontade.

— Sinto muito por ter chegado a esse ponto — explicou o príncipe Magnus. — Se seu guarda tivesse se afastado quando eu mandei, isso não teria acontecido.

— Ele não é só um guarda — ela sussurrou. — Não para mim.

Quando ela sentiu o príncipe tocar em seu braço como se quisesse levantá-la, ela gritou e o arranhou.

— Saia de perto de mim! Não me toque!

A expressão dele estava impassível.

— Você precisa vir comigo agora.

— Nunca!

— Não deixe as coisas ainda mais difíceis.

Ela o encarou, chocada, não enxergando nada além de um borrão. Aquela criatura terrível diante dela era pior do que a mais cruel das feras. Ele havia feito aquilo com Theon. Theon tinha ido resgatá-la e agora estava...

Agora estava...

Não, não estava. Ele sobreviveria. Tinha que sobreviver.

Cleo se afastou de Magnus e abraçou o corpo de Theon, tentando segurá-lo, tentando protegê-lo do príncipe que poderia tentar feri-lo de novo. Seu sangue ensopou o vestido de seda dela, aquele que tentou não sujar mesmo sendo obrigada a usá-lo por vários dias trancada no barracão frio e escuro. Ela nem olhou para os outros corpos. Eles estavam mortos. Mas Theon não estava. Ele não estava.

— Já chega disso. — Magnus puxou o braço de Cleo e a levantou. — Tudo deu errado e agora preciso levá-la sozinho. Não teste minha paciência nem por mais um segundo. Comporte-se.

— Me solte! — Ela gritou e arranhou o rosto de Magnus com toda a força que tinha. Foi suficiente para tirar sangue do mesmo lado da cicatriz. Ele resmungou e a empurrou. Ela tropeçou e caiu no solo pedregoso. Ficou ali caída, aturdida e tentando recobrar o fôlego.

Magnus se aproximou dela. Ele tinha sangue nas mãos e na face. Seu rosto estava vermelho, mas agora parecia mais chateado do que furioso. Por um instante, ela se lembrou do garotinho que chorava com o rosto ensanguentado.

Ele estendeu o braço na direção dela.

Então algo bateu nele e acertou a lateral de sua cabeça. Ele caiu no chão com um gemido e soltou a espada. Cleo se levantou enquanto Nic corria até eles. Ele havia jogado a pedra do tamanho de um palmo que atingiu Magnus.

O príncipe não estava inconsciente, mas desorientado. Ele gemia.

Nic olhou horrorizado para aquela cena.

— Cleo! O que aconteceu aqui?

Ela pegou a pesada espada do príncipe e a levantou. Nunca havia tido permissão para empunhar uma antes. Mas ela reuniu forças — forças que nunca soube que tinha — para segurá-la sobre o peito de Magnus. Mal conseguia enxergar através das lágrimas. A cólera lhe daria forças para pressionar a ponta da espada ensanguentada sobre o coração do príncipe.

O espanto de Magnus transparecia em meio à desorientação.

— Princesa... não...

— Ele estava tentando me salvar. Você o fez sangrar. — Ela cuspiu as palavras. — Agora quero fazer você sangrar.

Nic agarrou o punho dela.

— Não, Cleo. Não faça isso.

Os braços dela doíam de segurar a pesada espada com firmeza.

— Preciso impedir que ele machuque mais alguém.

— Ele já foi impedido. Olhe para ele. Nós já o ferimos. Mas se matá-lo, as coisas ficarão muito piores do que já estão. Precisamos ir para casa. Agora.

— Ele queria me levar para Limeros como prisioneira. Theon impediu.

Nic tirou a espada das mãos dela.

— Ele não vai levar você. Prometo que não vai.

Magnus olhou para Nic, carrancudo, porém aliviado.

— Obrigado. Vou me lembrar de sua assistência.

Nic olhou feio para ele.

— Não fiz isso por você, seu cretino.

Ele virou a espada e golpeou Magnus na cabeça com o cabo. Foi o suficiente para derrubar o príncipe. Depois Nic jogou a espada de lado. Suas mãos agora estavam cobertas com o sangue de Theon.

Cleo cambaleou novamente até Theon e caiu de joelhos ao lado dele. Tirou os cabelos cor de bronze da testa dele.

Ele estava olhando para o céu. Não estava piscando. Seus olhos eram de um tom tão belo de marrom-escuro. Ela adorava aqueles olhos. Aquele nariz. Aqueles lábios. Tudo nele.

Ao tocar os lábios dele, seus dedos espalharam o sangue.

— Acorde, Theon — ela pediu com delicadeza. — Estou bem aqui. Estou esperando que me resgate.

Nic tocou no ombro dela com cuidado.

Ela sacudiu a cabeça.

— Ele vai ficar bem. Só precisa de um tempo.

— Ele se foi, Cleo. Não há nada que você possa fazer.

Ela pressionou a mão contra o peito ensanguentado de Theon. Não havia batimentos cardíacos. Os olhos dele estavam vidrados. Seu espírito havia partido. Aquilo não passava de uma casca. E ele nunca mais a encontraria.

Ela não conseguia controlar o choro que chacoalhava seu corpo todo. Não existiam palavras para tamanha dor. Ela havia perdido Theon justo quando havia se dado conta do que ele significava para ela.

Se ela não tivesse ido a Paelsia, Theon não teria precisado segui-la. Ele a amava. Queria que ela ficasse em segurança. Agora ele estava morto e a culpa era toda dela.

Cleo se inclinou e beijou os lábios de Theon — o terceiro beijo deles.

O último.

Depois deixou Nic afastá-la dos corpos de Theon, morto, e de Magnus, inconsciente, e conduzi-la na direção do porto.

PAELSIA



Quando Magnus acordou, os três cavalos haviam fugido. Ele estava sozinho no meio de Paelsia, cercado por três cadáveres. Um falcão voava em círculos. Por um instante, achou que pudesse ser um abutre.

Ele se levantou com esforço e olhou para os homens caídos. Praguejou em voz baixa, depois olhou na direção da vila ao longe. Não havia sinal da princesa Cleo e da pessoa que o derrubara.

Esforçou-se muito para não olhar para o guarda auraniano que havia matado, mas não conseguia desviar os olhos dele. O rapaz ainda tinha os olhos abertos, fixos no céu. O sangue havia ressecado sobre seus lábios e uma poça encharcara a terra ao lado de seu corpo.

Magnus percebeu que estava tremendo. Aquele guarda havia eliminado dois de seus homens. Assim que ele se virasse, Magnus poderia ter sido morto também. Ele precisou atacar primeiro. Então optou por golpear o guarda nas costas, como um covarde.

Ele se agachou e olhou fixamente para o auraniano, sabendo que nunca se esqueceria do rosto da primeira pessoa que havia matado. O rapaz não era muito mais velho do que ele. Magnus estendeu o braço e fechou seus olhos.

Então deixou os corpos ali, foi para a vila e comprou um cavalo de um paelsiano que parecia assustado e intimidado com sua presença. E cavalgou de volta a Limeros. Parou apenas quando estava cansado demais a ponto de quase cair da montaria, dormindo algumas horas antes de continuar, entorpecido, arruinado e abatido.

O sangue do arranhão da garota havia secado em seu rosto. Pelo menos tinha parado de arder. Pensou por um instante se ficaria com novas cicatrizes. Serviria como uma marca visível de sua derrota e humilhação.

Quando finalmente chegou ao palácio limeriano, ele deixou o cavalo do lado de fora sem chamar o cavaleiro para levá-lo e lhe dar água e comida. Mal podia pensar. Até mesmo andar em linha reta era um esforço monumental.

Magnus foi direto para o seu quarto, fechou a porta e caiu de joelhos sobre o chão duro.

Alguns diziam que Magnus era igual ao pai em aparência e temperamento. Ele discordara até então, mas de fato *era* filho de seu pai. Era cruel. Manipulador. Trapaceiro. Violento. Atingir o guarda pelas costas para salvar sua própria vida era algo que o rei Gaius teria feito. A única diferença é que o rei não daria importância depois. Ele nunca duvidaria de suas ações. Celebraria como celebrou a magia recém-descoberta de Lucia depois que ela transformara sua amante em uma pilha de carne tostada.

Magnus não sabia ao certo quanto tempo havia ficado ajoelhado na escuridão. Mas depois de um tempo, percebeu que não estava mais sozinho.

Lucia havia entrado em seus aposentos. Ele ainda não a estava vendo, mas sentia sua presença e o perfume floral que ela sempre usava.

— Meu irmão — ela sussurrou. — Você voltou.

Ele não respondeu. Sua boca estava seca, sedenta. Ele não sabia nem se conseguia se mexer.

Lucia tocou gentilmente em seu ombro.

— Magnus! — Ela se ajoelhou junto a ele e tirou os cabelos do irmão da lateral da face. — Seu rosto. Você está ferido!

Ele engoliu em seco.

— Não foi nada.

— Por onde andou?

— Fiz uma viagem até Paelsia.

— Você parece... ah, Magnus. — A preocupação recobria suas palavras. Ela não sabia o que ele havia feito. O que havia sido instruído a fazer.

Encontrar a princesa Cleo e levá-la a Limeros.

Uma tarefa tão simples. Magnus sabia que seu pai não a confiaria a ele se não tivesse certeza absoluta de que o filho a cumpriria.

Mas ele havia fracassado.

Lucia se levantou e voltou instantes depois com um copo de água e um pano úmido.

— Beba isso — ela disse com firmeza.

Ele bebeu. Mas a água só serviu para tornar a dor muito mais aguda.

Lucia limpou o ferimento com o pano.

— O que arranhou você?

Ele não respondeu. Lucia não entenderia o que ele havia feito.

— Diga-me — ela insistiu. O tom severo de sua voz lhe rendeu um olhar direto. — Isso mesmo. Você precisa me contar o que aconteceu. Agora mesmo.

— Você vai fazer tudo ficar bem?

— Pode ser.

Ele respirou fundo e a expressão dela ficou ainda mais severa. Ela tirou os cabelos dele da frente do rosto.

— Magnus, por favor. O que posso fazer?

Ele sacudiu a cabeça.

— Nada.

— Por que você foi a Paelsia?

— Nosso pai me mandou ir até lá para trazer uma coisa para ele. Eu fracassei. E... coisas ruins aconteceram. Ele vai ficar furioso comigo. — Ele olhou para o chão, olhou para suas mãos. Havia deixado a espada no andar de baixo. Não tinha se preocupado em limpar o sangue do guarda.

— Que coisas ruins aconteceram?

— Os guardas que me acompanhavam... eles foram mortos.

Ela arregalou os olhos.

— Eles foram mortos? Mas você escapou. Foi ferido, mas escapou. — Ela tocou o rosto dele com leveza. — Graças à deusa você sobreviveu.

Ele olhou para a bela irmã, tirando forças do modo como ela o olhava, como se ele nunca pudesse ser capaz de fazer algo realmente ruim.

— Eu matei uma pessoa.

Os lábios de Lucia se abriram de surpresa.

— Meu pobre irmão. Passou por tantas coisas horríveis. Eu sinto muito.

— Sou um assassino, Lucia.

— Não. — Ela segurou o rosto dele entre as mãos para forçá-lo a continuar olhando para ela. — Você é meu irmão. E é maravilhoso. Nunca faria nada de ruim. Está me ouvindo?

Lucia o abraçou com força. Tanta que ele quase conseguiu esquecer o que havia acontecido. Ele se agarrou a ela. Ela era a âncora que impedia que ele fosse arrastado pelo mar.

— Nosso pai não vai ficar bravo — ela sussurrou. — O que ele queria que você fizesse, seja o que for, não é tão importante quanto o seu retorno em segurança.

— Talvez ele discorde disso.

— Não, não discorda. Eu me senti muito mal pelo que aconteceu com Sabina. — A voz dela falhou. — Mas ele me garantiu que não sou uma pessoa ruim e que não devo temer minha magia. Que o que aconteceu estava fadado a acontecer. Foi o destino.

— E você acreditou nele?

Lucia fez silêncio por um instante.

— Demorei um pouco, mas agora acredito. O que sou capaz de fazer não me causa mais medo. Deixe-me mostrar o que aprendi.

Ela pressionou a mão contra o rosto ferido do irmão. A pele dela se aqueceu junto à dele e começou a brilhar com uma suave luz branca. Ele ficou olhando dentro dos olhos azuis dela, esforçando-se para não recuar quando o calor aumentou e afundou em sua pele. Doeu, mas ele se obrigou a não se esquivar. Quando ela se

afastou, ele tocou o rosto e descobriu que estava liso, exceto pela cicatriz anterior, e que os novos arranhões haviam desaparecido. Lucia o havia curado com magia da terra.

— Incrível. Você é incrível.

Um sorriso pequeno e confiante surgiu nos lábios dela.

— Fiquei surpresa com a gentileza de nosso pai comigo depois... bem, depois do que fiz. Eu o amo por não piorar as coisas para mim.

Magnus odiava a ideia de que Lucia tivesse se iludido com algumas palavras afáveis do pai.

— Você o ama mais do que a mim?

Ela se aproximou dele e soltou uma risada suave.

— Quer saber a verdade?

— Sempre.

— Então será nosso segredo — ela sussurrou no ouvido dele. — Amo você mais do que qualquer outro.

Ele se afastou e olhou nos olhos dela, segurando seu belo rosto nas mãos. Aquilo podia ser verdade?

— Isso faz com que se sinta melhor depois da sua terrível missão? — ela perguntou.

Ele concordou com a cabeça.

— Faz, sim.

Em seguida, com o coração explodindo, ele comprimiu sua boca junto à dela, beijando-a tão profunda e apaixonadamente como sempre sonhara. Os lábios dela eram tão macios e doces, e o preenchiam com esperança e amor.

Sentindo um arrepio, ele de repente se deu conta de que as mãos de Lucia estavam espalmadas contra o seu peito e que ela estava tentando afastá-lo. Quando ele interrompeu o beijo, ela deslizou para longe dele, caindo no chão. Levantou a mão para cobrir a boca, com os olhos arregalados e consternados. E pior: enojados.

Os lábios dele formigavam pelo contato com os dela, mas a realidade do que havia acontecido caiu sobre sua cabeça como um balde de água fria.

Ela não havia correspondido ao beijo.

— Por que você fez uma coisa dessas? — A voz dela foi abafada pela mão.

— Sinto muito. — O coração pulava no peito, mas logo depois Magnus balançou a cabeça em negação. — Não, espere. Não vou pedir desculpas. Eu queria beijá-la assim há tanto tempo, mas sempre tive medo.

As mãos dela tremiam quando as afastou da boca.

— Mas você é meu irmão.

— Você disse que me amava.

— Sim. Eu o amo muito... como meu irmão. Mas isso... — Ela sacudiu a cabeça. — Não. Não está certo. Nunca mais deve fazer isso.

— Você não é minha irmã de verdade. — Ele se permitira ficar envergonhado com o que havia feito. Havia cedido ao amor que tinha por ela de uma forma real, e se recusava a deixar que aquilo fosse transformado em algo vil. Era puro. A coisa mais pura em todo o mundo. — Não tem o meu sangue. Você não nasceu nesta família. Nasceu em Paelsia. Sabina roubou você do berço. Foi criada aqui como minha irmã, mas não temos parentesco de sangue. Se ficarmos juntos, não será proibido.

O rosto dela estava tão pálido que ela parecia um fantasma. A ferocidade havia deixado seus olhos, substituída pelo choque.

— Por que está me dizendo essas coisas horríveis?

— Porque é a verdade. A verdade que deveria ter sido contada pelo próprio rei. Ele quer usar o seu poder para benefício próprio. Foi por isso que pediu que fosse trazida para cá, por isso criou você como filha.

Lucia sacudiu a cabeça.

— E você sempre soube?

— Não, fiquei sabendo naquela noite pela própria Sabina. Mas nossa mãe confirmou tudo.

— Eu não entendo. — Ela se levantou cambaleando. Ele fez o mesmo, observando-a com cautela. Sua desgraça em Paelsia fora momentaneamente esquecida. Ele não queria ter contado a verdade a Lucia daquele jeito tão brusco.

— Acalme-se — ele a tranquilizou. — Por favor. O rei ainda a tem como sua filha amada, sei que sim. E nós fomos criados juntos, lado a lado. É tudo real. Mas considerar você apenas uma irmã, agora que sei da verdade... não posso. Você é muito mais do que isso para mim.

Lucia olhou nos olhos dele.

— Por favor, não me diga isso.

— Você é a única pessoa no mundo que significa algo para mim.

— A voz dele falhou. — Eu amo você, Lucia. Amo você até as profundezas da alma.

Ela o encarou.

— Você disse que me amava. — Ele tentou manter a voz firme. — Mais do que qualquer outra pessoa.

— Como irmão. Como meu querido irmão, meu amor é incondicional.

Foi como se o coração dele parasse e o mundo caísse à sua volta.

— Apenas como irmão.

— Nunca mais pode fazer isso. Não pode me tocar desse jeito. É errado, Magnus.

Ele cerrou os punhos na lateral do corpo.

— Não é errado.

— Eu não sinto a mesma coisa por você.

— Mas um dia você pode...

— Não. — Lágrimas surgiram em seus olhos. — Eu nunca vou sentir o mesmo por você. Por favor, não quero tocar nesse assunto nunca mais. — Ela passou a mão sobre os longos cabelos, como se tentasse alisá-los. Foi até a porta, mas ele pegou em seus pulsos para impedir.

Os olhos de Magnus queimavam.

— Por favor, não me deixe.

— Eu preciso ir. Não aguento ficar com você agora.

Ela se soltou e saiu do quarto.

Magnus ficou ali parado, olhando para a porta, sem se mexer, sem pensar em nada, aturdido pelo que tinha acabado de acontecer.

Ela viraria as costas para ele e o puniria por demonstrar seus sentimentos. Por abrir seu coração como nunca havia feito antes com ninguém.

Magnus sempre fora um tolo. Uma criança. Uma criança que sempre apanhava ou era maltratada por quem era maior, mais forte ou mais poderoso. Durante a vida toda, ele passara por intenso sofrimento e desenvolvera uma fina máscara para encobrir seus verdadeiros sentimentos. Mas máscaras podiam ser removidas facilmente e destruídas com poucas palavras.

A partir daquele dia, ele não era mais criança. Havia matado. Havia perdido a pessoa que mais amava, e ela nunca mais confiaria nele como antes. Nada seria o mesmo com Lucia daquele dia em diante. Ele havia destruído para sempre a relação que tinham. E por um instante, sozinho em seus aposentos, ele cerrou os punhos e se permitiu chorar a perda de sua irmã e melhor amiga.

Foi quando seu coração, partido em milhares de pedaços, lentamente começou a se transformar em gelo.

AURANOS



Cleo não esboçava reação alguma quando voltou ao palácio. Todos os sons estavam mudos e ela só conseguia ouvir o sangue correr por suas veias e as batidas de seu coração.

Theon estava morto.

— Tente não se preocupar. Fique perto de mim — Nic sussurrou quando foram levados ao rei. Os guardas não tinham dado a Cleo a chance de passar em seu quarto primeiro. Pareciam surpresos por ela ter voltado.

Ela não falou nada. Não tinha certeza se era capaz de falar.

As portas altas de madeira e ferro se abriram para dentro e lá estava ele: o rei. Um guarda se apressou na frente para informá-lo do regresso de Cleo. O rosto dele ficou pálido. Ele parecia ainda mais velho do que ela se lembrava.

— Cleo — ele exclamou. — É verdade? Você voltou mesmo ou não passa de uma ilusão?

Eles foram conduzidos até a sala e as portas foram fechadas. Cleo recebeu o olhar piedoso de um dos guardas. Ele conhecia o temperamento do rei.

— Sinto muito — ela conseguiu dizer, mas não pôde prosseguir porque começou a chorar.

O rei correu em sua direção e a acolheu nos braços.

— Minha pobre menina. Estou tão aliviado por você estar em casa.

Foi uma reação surpreendente. O rei estava sendo tão severo nos últimos tempos que ela quase se esquecera de seu lado terno. Finalmente, ele a soltou e pegou uma cadeira para ela se sentar. O olhar dele voltou-se para Nic.

— Explique.

Nic ficou agitado.

— Por onde devo começar?

— Estou furioso por vocês terem ido a Paelsia contra a minha vontade, mas não tinha ideia de que as dificuldades entre as terras resultariam em um conflito desses. Fui visitado pelo rei Gaius, que me disse que tinha capturado Cleo.

Cleo estremeceu ao se lembrar do rapaz de cabelos escuros e olhos cruéis.

— Ele tentou — disse Nic. — Mas conseguimos escapar.

— Graças à deusa. — O rei suspirou. — Como?

— Theon — Nic começou a falar, mas sua voz falhou. Apesar de parecer um pouco mais tranquilo, ele também lutava para conter as lágrimas. — Ele lutou com os homens do príncipe Magnus. Matou os dois para defender a princesa. Depois o príncipe matou Theon.

— O quê? — O rei arfou.

— Não tivemos outra escolha a não ser deixar seu corpo em solo paelsiano. Tínhamos que fugir imediatamente.

— Eu quis matar o príncipe — Cleo conseguiu dizer. — Tive a chance, mas...

— Eu não deixei — Nic admitiu. — Se ela matasse o príncipe Magnus, sei que as coisas ficariam ainda piores do que já estão.

O rei absorveu a informação.

— Fez certo em impedi-la. Mas entendo seu desejo de vingança.

Vingança. A palavra parecia tão decisiva. Tão derradeira. Era o que Jonas buscava ao capturá-la. Cleo havia visto o quanto ele estava furioso pela morte de Tomas. Se o que havia em seu coração era o mesmo que Jonas sentia em relação a ela, estava grata por continuar viva.

O objetivo de Jonas era mantê-la em um lugar onde o príncipe Magnus pudesse encontrá-la. Estavam trabalhando juntos para destruir seu pai. Foi um milagre ela ter escapado. Um milagre que custou um preço muito alto.

— Cleo, você está tão pálida — o rei disse, preocupado.

Nic tocou o braço dela.

— Ela ainda está em choque.

— Agora vê por que eu não queria que fosse, filha? Sei que queria tentar ajudar sua irmã, mas há muita coisa em risco no momento.

— Eu fracassei. — A voz dela falhou. — Não encontrei nada que ajudasse Emilia. E Theon está morto por minha causa.

O rei segurou o rosto da filha entre as mãos e beijou-a na testa com delicadeza.

— Vá para os seus aposentos e descanse. Amanhã será um dia melhor.

— Eu pensei que você ficaria tão bravo comigo.

— Eu *estou* bravo. Mas ver você viva, bem e de volta para mim é a resposta às minhas preces. Minha felicidade por vê-la a salvo é mais poderosa do que qualquer fúria. O amor é mais forte do que a fúria, mais forte do que o ódio — é mais forte do que tudo. Lembre-se disso.

Nic ajudou-a a ir para o quarto e deu um beijo em sua testa quando ela se deitou. Ela tentou dormir, mas foi atormentada por pesadelos. Um depois do outro, e cada um deles com um garoto de cabelos escuros diferente. Um, paelsiano e selvagem, arrastando-a por uma estrada empoeirada para trancá-la em um barracão apertado e sujo. O outro, cruel e esnobe, com uma cicatriz no rosto e uma espada ensanguentada, rindo sobre o corpo de Theon.

Ela acordou no meio da noite, aos soluços.

— Calma, calma — uma voz familiar a tranquilizou. Uma mão fria alisou sua testa.

— Emilia? — Cleo se sentou na cama, percebendo que a irmã estava com ela. As sombras do quarto não eram suficientes para disfarçar a magreza e a palidez da irmã, nem as manchas escuras sob os olhos. — O que está fazendo aqui? Você devia estar na cama.

— Como ficaria longe ao saber que minha irmãzinha finalmente voltou? — O rosto de Emilia estava sério. Ela se sentou na cama, ao lado de Cleo. — Nosso pai me contou o que aconteceu, Cleo. Sinto muito pelo que houve com Theon.

Cleo abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu por um bom tempo.

— É culpa minha.

— Não deve pensar assim.

— Se eu não tivesse fugido, ele não teria precisado ir atrás de mim. Ele ainda estaria vivo.

— A função dele era proteger você. E ele fez isso. Ele protegeu você, Cleo.

— Mas ele se foi. — Ela soltou um pequeno suspiro.

— Eu sei. — Emilia a abraçou enquanto ela chorava lágrimas que pareciam não ter fim. — E sei como você se sente. Quando perdi Simon, achei que seria o meu fim também.

— Você o amava de verdade.

— De todo o coração. — Ela alisou os cabelos de Cleo. — Então fique de luto por Theon. Guarde no coração sua memória. Agradeça pelo sacrifício que ele fez. Um dia, eu prometo, essa dor vai desaparecer.

— Não, não vai.

— No momento ainda está muito viva. Parece que o sofrimento nunca vai deixar seu coração. — Emilia cerrou os dentes. — Mas você precisa ser forte, Cleo. Tempos difíceis estão por vir.

O peito de Cleo ficou apertado.

— Guerra.

Emilia confirmou.

— O rei Gaius queria que nosso pai entregasse Auranos para ele sem luta. Disse que faria coisas terríveis com você se ele se opusesse.

Cleo tremeu só de pensar. Emilia se aproximou.

— E, cá entre nós, acredito que nosso pai teria feito exatamente o que o rei Gaius pediu antes que fosse tarde demais para salvá-la.

— Ele não poderia. Há tantas pessoas em Auranos, ele não poderia entregar tudo aos limerianos.

— E aos paelsianos. Paelsia e Limeros se juntaram no ódio contra nós.

— Por que nos odeiam tanto?

— Inveja. Eles veem que temos tanto aqui... E estão certos, nós temos.

Cleo soltou um suspiro trêmulo. Suas ações quase haviam resultado na ruína do reino de seu pai.

— Minha viagem foi errada em tantos sentidos. Mas ainda não consigo me arrepender. Eu queria ajudar você.

— Eu sei. — Um sorriso pequeno e triste tocou os lábios de Emilia. — Sei que fez isso por mim. E a amo demais por isso. Mas acho que nem mesmo uma vigilante poderia me ajudar a essa altura. Nem sei se acredito que sejam mais do que uma lenda.

— Os vigilantes são reais.

— Você encontrou algum?

Cleo balbuciou.

— Não. Mas uma mulher que conheci, Eirene, contou histórias que nunca havia ouvido. Sobre uma feiticeira e um caçador, sobre os vigilantes. Você sabia que as deusas eram vigilantes que roubaram a Tétrade e se exilaram? Agora os vigilantes esperam encontrar a próxima feiticeira, que poderá levá-los à Tétrade perdida e restaurar sua magia antes que ela desapareça completamente. É tudo tão incrível.

Emilia manteve o sorriso.

— Parece uma história e tanto.

— É real — Cleo insistiu. — As deusas roubaram a Tétrade e a dividiram entre elas, mas o poder as tornou inimigas. Antes disso, todo o Reino Ocidental era um só. Existiu uma época em que todos eram amigos.

— Não existe mais. O rei limeriano odeia nosso pai. Ele quer destruí-lo. Está ávido pelas terras auranianas desde antes de assumir o trono. O pai dele também era rei, um rei bom que desejava a paz. O rei Gaius ficará feliz em derramar oceanos de sangue para conseguir o que deseja.

O peito de Cleo voltou a ficar apertado.

— O filho dele é uma criatura cruel e maldosa. Se eu o vir outra vez, vou matá-lo.

Isso não fez com que Emilia ficasse preocupada, e sim admirada.

— Você tem uma paixão e uma determinação sem limites. E força. Cleo ficou olhando para ela.

— Força? Eu mal consegui levantar uma espada para salvar minha própria vida.

— Não estou falando de força física. É força aqui. — Emilia pôs a mão sobre o coração de Cleo. Depois tocou sua testa. — E aqui. Embora aqui em cima exista uma parte que ainda precisa melhorar, então nada de viagens a terras perigosas por enquanto.

— Eu não sou forte — Cleo insistiu. — Nem no coração e nem na mente.

— Às vezes você não nota o quanto é forte até ser testada. Como a filha mais nova dessa família, você não foi testada muitas vezes na vida, Cleo. Não como eu. — O rosto de Emilia obscureceu. — Mas acredito que será. Em breve. E deve se utilizar dessa força, deve aumentá-la. E deve se apegar a ela, porque às vezes essa pequena centelha de força interior é tudo o que temos para nos ajudar a vencer a escuridão.

Cleo apertou as mãos da irmã.

— E você também deve ser forte. Eu mandarei um guarda de volta a Paelsia para continuar minha busca. E ele terá sucesso.

Theon tinha prometido ir, mas agora ela teria que encontrar outra pessoa para tomar o seu lugar. Se Emilia teve ânimo o bastante para sair da cama e ver Cleo no meio da noite, ainda havia esperança de recuperação.

— Eu vou tentar — Emilia disse com a voz cansada. Ela virou a cabeça e olhou pela janela. — Farei um esforço para ser forte. Por você.

— Ótimo.

As irmãs ficaram quietas por um instante. Emilia continuou a olhar para as estrelas.

— Limeros e Paelsia estão reunindo um exército para invadir Auranos nas próximas semanas. Eles esperam que nosso pai se renda assim que eles chegarem.

Cleo foi tomada pelo pânico.

— Ele não pode ceder.

— Se não houver rendição imediata, eles lutarão para tomar o lugar.

A fúria queimou o peito de Cleo.

— O que faremos?

Emilia apertou ainda mais as mãos da irmã.

— Se você estivesse em poder dos limerianos, acho que ele daria qualquer coisa para salvar sua vida.

— E agora que voltei?

— Agora — Emilia disse com o olhar fixo na irmã —, se o rei Gaius está procurando uma guerra, é uma guerra que ele vai ter.

LIMEROS



Magnus esperava que o pai ficasse furioso com seu fracasso em Paelsia. Estava pronto para encarar seu destino depois de esperar por mais de uma semana. Ele estava ao lado do grosso corrimão de ferro quando o rei Gaius entrou no vestíbulo do andar de baixo, logo após regressar de Auranos. O rei foi direto ao ponto enquanto tirava as luvas de montaria e uma criada o ajudava a se livrar do manto coberto de lama.

— Onde está a princesa Cleiona?

Magnus olhou para ele sem hesitar.

— Imagino que esteja em Auranos.

— Você não cumpriu o que eu lhe pedi? — o rei urrou.

— Caímos em uma emboscada. Meus guardas foram mortos. Eu tive que matar o guarda que acompanhava a princesa para escapar com vida.

O rosto do rei ficou vermelho de fúria e ele foi para cima de Magnus, levantando a mão para acertá-lo. Magnus segurou seu pulso.

— Não faça isso — ele disse em um tom de voz baixo e ameaçador. — Se ousar bater em mim de novo, eu o mato também.

— Eu pedi que você fizesse uma coisa simples e você fracassou.

— E quase não voltei para casa vivo. Sim, falhei na tarefa de trazer a filha do rei Corvin para o senhor. Mas já foi. Terá que encontrar outra forma de conseguir o que quer. Talvez sua própria filha seja o auxílio de que precisa. — Ele ficou tenso. — Mesmo não sendo sua filha de sangue.

Os olhos do rei se abriram um pouco mais — único sinal de surpresa ao ouvir as palavras de Magnus.

— Como ficou sabendo disso?

— Sua amante me contou antes de Lucia transformá-la em cinzas. Depois confirmei com minha mãe. — Ele torceu os lábios. — O que tem a dizer sobre isso?

O rei Gaius ficou mais um instante com o pulso preso por Magnus e depois puxou o braço.

— Eu ia lhe contar quando voltasse.

— Desculpe, mas acho difícil acreditar.

— Acredite no que quiser, Magnus. O que Sabina e sua mãe disseram é verdade, mas isso não muda nada. E eu acredito em destino. Teremos que entrar nessa guerra sem nenhuma garantia.

Não houve pedido de desculpas por uma vida inteira de mentiras, mas Magnus não esperava que o pai se desculpasse. Portanto, não se desculparia pelo fracasso em Paelsia.

— Existiria alguma garantia se a princesa Cleiona estivesse em nosso poder?

— Não. Apenas uma especulação. — Ele analisou o rosto do filho.

— Você aprendeu com esse fracasso e com as verdades que ouviu dos lábios de mulheres falsas. Tudo isso lhe deixou mais forte. — Fez outro sinal positivo com a cabeça e abriu um sorriso. — Está tudo bem. O destino sorri para nós, Magnus. Espere e verá. Auranos é nossa.

Magnus manteve a expressão dura e impassível.

— Sinto a necessidade repentina de esmagar os outros com os meus pés.

Aquilo só fez o sorriso do rei aumentar.

— Pegou gosto pelo sangue, não foi? Pela sensação da espada perfurando a carne?

— Talvez sim.

— Excelente. Poderá experimentar muito mais disso em breve. Prometo.

No dia seguinte, quando foi interrompido por ordem de seu pai no meio da aula de esgrima, Magnus não demorou para ir até ele. Andreas e outros rapazes tentaram disfarçar o aborrecimento ao ver o príncipe sair.

— Se me derem licença — Magnus disse, jogando no chão a espada que havia usado para quebrar o braço de dois dos garotos na semana anterior. Eles tinham sorte de não praticar com aço afiado, ou ele teria arrancado o membro inteiro. — Tenho assuntos reais para tratar.

Tudo parecia muito mais simples de seu novo ponto de vista. Ele era filho do Rei Sanguinário e faria por merecer o título em todos os aspectos possíveis.

Seu pai esperava na entrada da torre leste, onde eram mantidos prisioneiros de interesse especial do rei.

— Venha comigo — Gaius ordenou antes de conduzir Magnus pela estreita escadaria em espiral. As paredes de pedra na parte alta estavam cobertas de gelo. Não havia lareiras nas torres para gerar nenhum tipo de calor.

Magnus não sabia ao certo o que esperar quando chegaram ao topo. Talvez um prisioneiro prestes a perder a cabeça nas mãos deles. Ele podia ter sido chamado para fazer o julgamento final de um assassino ou ladrão. Mas quando viu quem era o prisioneiro, seus passos vacilaram.

Amia estava acorrentada na pequena cela de pedra, com os braços sobre a cabeça. Dois guardas a vigiavam passivamente. O rosto da garota estava ensanguentado, e ela arregalou os olhos ao ver Magnus. Depois, mordeu o lábio inferior e ficou olhando para o chão.

— Esta — o rei disse — é uma de nossas criadas da cozinha. Ela foi pega ouvindo minhas conversas do lado de fora da sala de reunião. Você sabe o que eu penso a respeito de espiões.

— Não sou espiã — ela sussurrou.

O rei atravessou a cela. Agarrou o queixo dela e a forçou a olhar para ele.

— Qualquer pessoa que escute conversas escondido é um espião. A única dúvida é: para quem espiona, Amia?

A bile subiu pela garganta de Magnus. A garota espionava para ele. Amia tornara-se um trunfo ao longo do tempo. Já lhe havia passado muitas informações interessantes.

Como ela não respondeu, o rei lhe golpeou com as costas da mão. O sangue borbulhava de sua boca enquanto ela chorava.

O coração de Magnus disparava no peito.

— Parece que ela não quer dizer.

— Pode estar protegendo alguém. Ou pode apenas ser estúpida. A questão é — e foi por isso que eu trouxe você até aqui —: o que acha que devo fazer para resolver esse problema? Espiões são torturados até falar. Como ela ainda não foi muito prestativa, algumas horas de tortura podem soltar a língua da jovem Amia.

— Eu... eu só escuto porque sou curiosa. — A voz dela falhou. — Não pretendo causar nenhum mal.

— Mas eu pretendo — retrucou o rei. — Pretendo causar muito mal a garotas estúpidas que são curiosas demais. Agora, vejamos. Uma pessoa escuta conversas particulares com as orelhas. Então talvez eu deva cortar as suas e pendurá-las em seu pescoço, como um colar, para que sirva de exemplo para os outros. — Ele estendeu a mão para um guarda, que lhe entregou uma adaga. Amia gemeu quando ele arrastou a borda da lâmina na lateral de seu rosto. — Mas você vê com os olhos. Posso tirá-los também. Arrancá-los da sua cara agora mesmo. Sou muito bom nisso. Você quase não sentiria dor. Descobri que aqueles que ganham buracos no rosto tendem a aprender com seus erros.

— Diga a ele — Magnus exigiu, forçando as palavras. — Diga para quem espiona.

“Diga que é para mim”, pensou.

O fôlego da criada ficou curto e ela olhou para o príncipe. As lágrimas escorriam por seu rosto.

— Ninguém. Eu não espiono para ninguém. Sou apenas uma garota estúpida que ouve a conversa dos outros por pura diversão.

O peito de Magnus ficou apertado.

Ele não subestimava seu pai. O rei tinha muito prazer em brincar com prisioneiros, homens ou mulheres. Tinha um gosto insaciável por sangue, algo que havia nascido com ele. O avô de Magnus, que morreu quando o neto era apenas uma criança, ficara desapontado por seu filho e herdeiro ter tamanha tendência sádica. O rei anterior de Limeros era conhecido por ser bom e gentil. Mas até o mais bondoso e gentil rei tinha uma câmara de tortura no calabouço do palácio.

— Estou entediado. — Magnus obrigou-se a dizer. — Não entendi por que me fez sair da aula de esgrima para uma coisa tão sem importância. A garota é uma tola, claro. É ingênua, mas inofensiva. Se é sua primeira falta, isso deve ser suficiente para assustá-la. Se for pega novamente, eu mesmo arranco seus olhos fora.

O rei olhou para ele com um sorriso se formando no canto da boca.

— Você faria isso? E eu poderia assistir?

— Eu faria questão de que assistisse.

O rei pegou o rosto da garota entre os dedos, apertando o bastante para machucar.

— Tem muita sorte por eu concordar com meu filho. Trate de se comportar. Se sair da linha uma vez, apenas uma vez, seja ouvindo conversas ou até mesmo quebrando um prato, prometo que voltará para cá. E os olhos serão as últimas coisas que perderá. Entendeu?

A respiração dela era ofegante.

— Sim, vossa majestade.

Ele deu um tapinha no rosto dela.

— Boa menina. — Depois olhou para os guardas. — Antes de deixarem-na voltar ao trabalho, deem vinte chicotadas para garantir que ela não esqueça.

Magnus deixou a torre com seu pai e se forçou a não olhar para trás. Os soluços de Amia ecoavam pelas paredes de pedra até chegar ao térreo.

— Meu filho. — O rei passou o braço em volta dos ombros de Magnus. — Sempre um cavalheiro. Até mesmo com a mais baixa vadia da cozinha.

Quando ele riu, Magnus tratou de se juntar a ele.

No dia seguinte, quando seu pai saiu em uma caçada, Magnus encontrou Amia na cozinha amassando o detestável *kaana* para o jantar, enquanto a cozinheira destrinchava meia dúzia de frangos. O rosto da garota estava com hematomas pretos e roxos, e o olho direito estava fechado de tanto inchaço.

Ela ficou tensa quando notou Magnus ali parado.

— Eu não disse nada — ela sussurrou. — Não tem o direito de ficar bravo comigo.

— Foi estupidez sua ser pega.

Ela voltou ao trabalho. Seus ombros balançavam com os soluços de choro. Ele sinceramente não sabia como aquela garota havia sobrevivido tanto tempo no castelo limeriano. Não havia nada forte dentro dela. Nenhuma frieza. Nenhuma dureza. Ele ficou surpreso por uma surra tão violenta e vinte chicotadas não terem matado uma menina tão fraca e delicada. Era impressionante que ela ainda conseguisse ficar de pé.

— Não esperava que se manifestasse a meu favor — ela disse em voz baixa.

— Ótimo. Mesmo se ele tivesse enfiado aquela faca nos seus olhos, eu não teria tentado impedi-lo. Ninguém diz ao meu pai o que ele pode ou não pode fazer. Ele faz o que quer. E quem fica no caminho é pisoteado.

Amia não olhava para ele.

— Tenho muito o que fazer para o jantar. Por favor, me deixe voltar ao trabalho, vossa alteza.

— Não. Você já terminou tudo aqui. Para sempre.

Magnus agarrou o pulso dela e a puxou com rudeza para fora da cozinha e pelos corredores do castelo. Ele ouvia o choro dela. Provavelmente estava pensando que o príncipe a levaria para a torre para mais uma surra — dessa vez por suas mãos. Ainda assim, ela não resistiu.

Quando saíram no ar frio de fim de tarde, ele a soltou. Ela cambaleou para trás e olhou em volta, sem entender. Seu olhar

recaiu sobre uma carroça que esperava ao lado.

— Você vai embora — ele disse. — Instruí o cocheiro a levá-la para o leste. Há uma vila bem povoada a oitenta quilômetros daqui que será um bom lar para você.

Ela ficou boquiaberta.

— Não entendo.

Magnus pôs um saco de ouro nas mãos dela.

— Isso deve ser suficiente para sustentá-la por alguns anos.

— Está me mandando embora?

— Estou salvando sua vida, Amia. Meu pai vai matar você. Ele logo vai encontrar um motivo, seja grande ou pequeno, e eu terei que participar. Ver você morrer não me interessa. Então quero que vá e não volte nunca mais.

Ela ficou olhando para o pesado saco com uma expressão de dúvida. Por fim, entendeu e olhou nos olhos de Magnus.

— Venha comigo, meu príncipe.

Magnus tinha que admitir que aquela resposta quase o fizera sorrir.

— Impossível.

— Sei que odeia esse lugar. Sei que despreza seu pai. Ele é um homem mau, cruel e sem coração. — O queixo dela se elevou como se estivesse dizendo algo de que se orgulhava: — Você não é como ele. *Nunca* será como ele. Você tenta esconder, mas tem um coração bom e gentil. Venha comigo e poderemos começar uma nova vida juntos. Eu poderia fazê-lo feliz.

Ele segurou o braço dela e a levou até a carroça, pegou-a pela cintura e a deixou lá em cima.

— Seja feliz o bastante por nós dois — ele pediu a ela.

Depois virou as costas e voltou para o castelo.

A rainha de Limeros estava sorrindo. Muito estranho. Lucia a olhou com cautela quando se encontraram no corredor.

— Mãe — ela disse, embora soubesse que a palavra não era a mais apropriada. Sua ansiedade inicial havia sido substituída por

indignação por um fato tão importante ter sido escondido dela a vida toda.

— Lucia, querida. Como está?

Ela bufou, um som nada educado que fez a rainha erguer as sobrancelhas.

— Desculpe, mas eu não me lembro da última vez que perguntou como eu estava.

A rainha recuou.

— Eu tenho sido tão negligente assim com você?

Lucia deu de ombros.

— Agora sei por quê. A senhora não é minha mãe de verdade. Por que se importaria?

A rainha olhou para o corredor para se certificar de que estavam sozinhas. Ela arrastou Lucia alguns passos adiante, até uma alcova isolada. A filha esperava que a expressão da mãe fosse endurecer, mas aconteceu o contrário.

— Deveriam ter contado a você há muito tempo. Eu mesma queria contar.

— Queria? — Lucia lhe lançou um olhar de total descrença.

— Sim, é claro. Algo tão importante não deveria ser revelado de forma tão brusca. Eu peço desculpas.

— Pede?

— Sim. De verdade. Mesmo sendo rainha, ainda devo fazer o que o rei manda. Ele não queria que você soubesse. Tinha medo de que você ficasse chateada se soubesse a verdade antes da hora certa.

— Mas eu *estou* chateada! Onde está a minha mãe verdadeira? Como posso encontrá-la?

A rainha olhou outra vez para o corredor, como se temesse que alguém estivesse escutando. Aquilo era segredo, afinal. Pelo amor da deusa, ninguém podia saber que a princesa limeriana havia nascido em Paelsia.

— Ela está morta.

Lucia ficou sem ar.

— Como ela morreu?

A rainha apertou os lábios.

— Sabina a matou.

— Por que ela faria uma coisa tão terrível? — A náusea percorria seu corpo.

— Porque Sabina Mallius era uma megera vil e cruel que mereceu o destino que teve.

Lucia se esforçava para respirar normalmente, sem saber em que acreditar. Seu mundo nunca voltaria ao normal.

— Por que o meu pai manteve Sabina por perto durante tanto tempo depois que ela fez isso?

A expressão da rainha azedou.

— Além do charme evidente de Sabina, ele também a via como uma sábia conselheira. Alguém que poderia ajudá-lo a conseguir o que mais quer na vida. Poder.

— Por isso eu fui levada às custas da vida de minha mãe verdadeira? — A garganta dela se fechou. — Porque ele achou que eu poderia ajudá-lo a se tornar mais poderoso?

— Seu nascimento foi anunciado nas estrelas. De algum modo, Sabina descobriu onde você estava. Na época, eu estava tentando ter outro filho e não conseguia. Meu corpo havia sido arruinado por abortos espontâneos. Então, quando me apresentaram uma adorável garotinha que eu poderia criar como minha filha sem que ninguém soubesse a diferença... bem, nem quis saber detalhes. Apenas aceitei tudo.

Lucia sentiu tontura, mas se obrigou a parecer o mais forte possível.

— Se ficou tão feliz em ter a oportunidade de me criar, por que mal consegue olhar para mim? Por que nunca me disse uma palavra carinhosa?

— É claro que disse. — Mas logo suas sobrancelhas se juntaram como se ela duvidasse das próprias palavras. — Eu não sei. Nunca me dei conta de que estava magoando você. Minha mãe era uma mulher cruel e... fria. Talvez eu tenha ficado mais parecida com ela do que pude perceber. Mas não foi de propósito, Lucia. Eu amo você e seu irmão.

— Ele não é meu irmão — Lucia disse em voz baixa. Ela estava tentando não pensar no que acontecera nos aposentos de Magnus.

A sensação da boca dele sobre a dela, exigindo o que ela não podia dar em troca. O olhar abalado em seu rosto quando foi empurrado...

— Família é a coisa mais importante do mundo — a rainha afirmou. — É o que sobra quando todo o resto desmorona. E você tem uma família. Seu pai está muito orgulhoso de você.

— Não sei como ele pode estar orgulhoso de mim. Eu matei Sabina. — O olhar dela voltou-se para a rainha. — É por isso que está tão boazinha comigo hoje? Tem medo do que eu posso fazer?

Os olhos azuis acinzentados da rainha se arregalaram.

— Eu nunca poderia temer você, filha. Eu a admiro. Vejo a mulher forte e bela que está se tornando. E fico admirada com o que é capaz de fazer agora.

O estômago de Lucia se revirou.

— Eu a matei, mãe. Eu a esmaguei contra a parede e depois botei fogo nela.

Algo passou por trás do olhar da rainha. Algo frio e obscuro.

— Fico feliz por ela estar morta. E fico feliz por ter sofrido. Eu celebro a morte de Sabina.

As palavras da rainha provocaram arrepios em Lucia.

— A morte não é algo para se celebrar.

A rainha Althea desviou os olhos e mudou de assunto.

— Seu pai quer vê-la agora mesmo. Estava a caminho de seus aposentos para chamá-la. Ele tem algo muito importante para discutir com você. Vá falar com ele. Agora.

A rainha deixou a alcova e seguiu pelo corredor sem olhar para trás. Lucia a observou indo embora.

Depois ela foi para a sala de reunião do pai, onde ultimamente ele passava a maior parte do tempo.

— Entre, Lucia — seu pai a chamou quando ela abriu as grandes portas. Ela entrou e viu que seu pai não estava sozinho. Magnus estava com ele. O coração dela ficou apertado ao vê-lo.

Ele não estava olhando para ela. Ficou perto da parede, olhando fixo para o rei. Magnus estava passando muito tempo com o pai desde que o rei voltara de Auranos. Ela não tinha ideia de como o rei Gaius havia reagido ao fracasso de seu irmão durante a viagem,

que levara à morte de dois guardas. Gostaria de saber de toda a história. Magnus estava tão chateado quando voltou.

— Sei que tudo isso está sendo muito difícil para você. Especialmente o que Magnus contou a respeito de seu nascimento.

Ela tentou não olhar para o irmão. No entanto, agora sentia a frieza do olhar dele.

— Estou tentando aceitar tudo da melhor forma possível.

— Saiba de uma coisa: você é minha filha. Eu a amo mais do que qualquer outra filha que eu tivesse. Você faz parte de minha família hoje, amanhã e sempre. Em todos os sentidos. Acredita em mim?

As palavras dele pareciam sólidas e verdadeiras. Ela finalmente relaxou a tensão que sentia.

— Eu acredito no senhor.

O rei se sentou em uma cadeira de encosto alto. Lucia lançou um olhar para Magnus, mas ele desviou os olhos. Ele ignorava a presença dela. Estava agindo daquela forma desde a noite em que ela entrara no quarto dele e tentara confortar sua dor, mais de uma semana antes. Em todas as refeições desde então, ele a havia ignorado. Quando ela cruzava seu caminho, Magnus a evitava. Ela havia se tornado uma sombra para ele.

Ela o havia magoado demais, mas não teve escolha. Ela não poderia dar a Magnus o que ele queria.

— Sabe quais são meus planos referentes a Auranos? — o rei perguntou a Lucia.

Ela fez que sim.

— O senhor pretende conquistá-la junto com o chefe de Paelsia.

— Muito bem. E acha que é um plano sensato?

Lucia apertou as mãos sobre o colo.

— Parece muito perigoso.

— Sim, será perigoso. Mas é assim mesmo — ele explicou. — Magnus estará ao meu lado. Juntos, poderemos ter que dar nossa vida nesse cerco para assegurar a futura força e prosperidade de Limeros.

Ela olhou apavorada para o rei.

— Por favor, não diga isso.

— Você se preocupa conosco, não é, Lucia? Mesmo agora que conhece suas verdadeiras origens.

Ela era uma órfã que havia sido acolhida por aquela família, não importa o que tivesse acontecido. Sem sua família adotiva, ela não tinha nada. Sem o sobrenome Damora, ela era uma camponesa paelsiana.

— Sim.

O rei assentiu.

— Quero que venha conosco. Sua magia foi prevista como algo mais poderoso do que tudo o que o mundo já presenciou em um milênio. Sua magia é a chave para o nosso sucesso. Sem você, não posso garantir que sobreviveremos.

Ela engoliu em seco.

— Quer que eu use minha magia para ajudá-lo a conquistar Auranos?

— Só se for extremamente necessário. Mas vamos informá-los de que temos uma arma muito poderosa à disposição. Talvez então eles recuem sem luta.

— Não acho que seja muito sensato — Magnus disse. — A profecia ainda pode estar errada. Talvez Lucia não passe de uma bruxa comum.

A voz de Magnus era tão fria, distante, que Lucia sentiu um arrepio descer por sua espinha. Ele dissera aquilo como um insulto. Os olhos dele voltaram-se para os dela por um segundo e desviaram.

Agora ele a odiava.

— Você está errado. Mas, é claro, a escolha final cabe a Lucia — afirmou o rei. — Acredito de todo o coração que ela é a chave para nosso sucesso ou fracasso. Para nossa vida ou morte.

O amor de Lucia por Magnus nunca morreria, não importa o quanto ele tentasse parecer frio. Ela faria de tudo para mantê-lo em segurança, mesmo que ele agisse de forma cruel. Mesmo que ele a odiasse até o dia de sua morte.

— Eu vou com vocês — ela aceitou com firmeza depois de um longo silêncio. — E farei tudo o que estiver em meu poder para ajudá-los a derrotar Auranos.

AURANOS



As forças conjuntas dos soldados de Limeros e Paelsia atravessavam a fronteira de Auranos.

Pouco menos de três meses antes, Jonas estava naquela mesma fronteira planejando invadir o palácio auraniano para vingar a morte do irmão. A ameaça de execução imediata feita pelos guardas da fronteira auraniana era o mesmo perigo que havia enfrentado quando caçava ilegalmente com Tomas.

Mas agora nenhum guarda de fronteira tentou impedir a invasão de cinco mil homens. Eles haviam recuado para se juntar à força auraniana principal.

— Bela armadura têm os limerianos, não? — Brion comentou enquanto ele e Jonas marchavam lado a lado. Eles não haviam recebido cavalos, como muitos de seus conterrâneos. Em vez disso, o chefe os havia encarregado de ficar de olho nos dispersos e garantir que todos continuassem seguindo adiante. Brion comparava aquilo a cães treinados para arrebanhar ovelhas.

— Bem brilhantes — Jonas concordou.

Os limerianos estavam muito mais bem equipados do que os paelsianos. Ele podia identificar a maioria dos recrutas paelsianos a metros de distância: sem elmo nem armadura, e se algum deles empunhasse uma espada, estaria enferrujada ou cega. Ou então os

paelsianos carregavam armas rudimentares feitas de madeira e guarneçadas com cravos. Funcionavam bem para derrubar o inimigo, mas estavam longe do ideal.

— Já parou com sua obsessão pela princesa Cleo? — Brion perguntou.

Jonas lhe lançou um olhar contundente.

— Não estou obcecado.

— Se está dizendo...

— Não estou.

— Eu nunca a vi. Quem sabe? Talvez ela seja digna de uma obsessão. Uma loira linda, certo?

A menção à princesa estragou o humor de Jonas.

— Cale a boca.

— Só lembre de uma coisa: Laelia quer você de volta são e salvo, então tente não pensar muito na princesa. Precisa voltar para a sua prometida o mais rápido possível.

Jonas fez cara feia.

— Nunca concordei com casamento nenhum.

— Boa sorte ao contar isso para o chefe. Ele já está escolhendo seu presente de casamento.

Jonas não conseguiu conter um pequeno sorriso, apesar do assunto não ser nem um pouco engraçado. Ele não tinha intenção nenhuma de se casar com Laelia Basilius.

Mas Brion tinha acertado a respeito de uma coisa. Jonas estava obcecado pela princesa Cleo desde que ficara sabendo que ela havia escapado do barracão e que seus salvadores haviam deixado o marido de Felicia e dois amigos dela inconscientes. Tiveram sorte de não serem mortos. Felicia ficou furiosa com a situação e jurou que nunca perdoaria Jonas por tê-la envolvido naquilo. Levaria tempo para ela se acalmar.

No momento, a princesa devia estar de volta à segurança das muralhas do palácio auraniano, sã e salva. A víbora de cabelos dourados era cheia de surpresas.

Jonas olhou novamente para os homens que o cercavam. Alguns de Paelsia eram garotos de apenas doze anos de idade. Não eram

homens ainda. E os números estavam desiguais: havia muito mais limerianos ali. Talvez três deles para cada paelsiano.

Brion passou a mão pelos cabelos desgrehados.

— Tomas ficaria orgulhoso por sua morte ter gerado esse tipo de levante. Ele gostaria de estar aqui para nos ajudar a destruir esses auranianos gananciosos.

— Certo.

Mas Jonas não tinha tanta certeza. Ele havia pensado muito desde que conhecera o rei Corvin. Desde o momento em que ele havia olhado para o rei Gaius e questionado sua motivação — questionado por que ele dividiria Auranos com o chefe Basilius. Algo naquela aliança não parecia confiável.

O rei Gaius não era de confiança.

O ódio de Jonas em relação aos nobres auranianos levou ao desejo de acabar com todos os que viviam ali, tirar o que era deles para que sua terra pudesse prosperar — e foi isso que o rei limeriano ofereceu. Ele se concentrou em seguir ordens e marchar como todo mundo, com os olhos fixos no caminho.

Mas algo ainda o incomodava. Não era a primeira vez que se sentia confuso, mas em tempos como aqueles, quando arriscava a vida para derrotar outra terra, gostaria de acreditar totalmente nas razões da batalha. Queria a certeza que tinha antes.

A certeza de que seu povo estava morrendo, sua terra estava se esvaindo, e enquanto muitos — como seu pai — acreditavam que aquilo era apenas obra do destino, Jonas não concordava. A certeza de que Auranos tinha tudo e se recusava a prestar assistência ou a desfazer o acordo comercial que transformara Paelsia em uma terra escrava das uvas. A certeza de que, assim como caçava na terra deles para alimentar a família, ele poderia também roubar com satisfação as riquezas auranianas em nome de seu irmão.

Fácil. Com aquele exército, Jonas acreditava que seriam bem-sucedidos.

O rei Gaius havia interferido e oferecido auxílio, dando provas que satisfizeram o chefe e conquistaram a confiança dele. Mas nunca havia ajudado Paelsia antes daquilo. Foi apenas no cerco contra

Auranos que ele apareceu com ideias e planos, de repente. Com seu exército preparado, acostumado a oprimir seu próprio povo.

— O que foi? — Brion perguntou. — Parece que está pensando na morte da bezerra.

Jonas olhou para o amigo, abriu a boca para falar, mas logo a fechou novamente.

— Esqueça. Não é nada.

Ele não podia compartilhar com Brion pensamentos tão obscuros e revolucionários. Mas eles ainda assim chamaram sua atenção.

E se o rei Gaius houvesse mudado de ideia? E se ele quisesse Auranos toda para si? Se ele tivesse uma boa estratégia, conquistaria não apenas uma terra... mas duas.

Tudo seria dele.

E se esse sempre tivesse sido o seu plano?

Contudo, a questão era: com o exército que o rei Gaius comandava — Jonas voltou a olhar à sua volta, para os homens violentos com fortes armaduras —, por que ele não havia tomado Paelsia primeiro? Por que perderia tempo se aliando a uma terra mais fraca? Por que se esforçaria tanto para ganhar a confiança do chefe Basilius?

Ele olhou na direção do rei Gaius e do príncipe Magnus, montados em seus cavalos, com as costas eretas sobre a sela. Acompanhando os dois estava a princesa limeriana, Lucia. À primeira vista, parecia tão bela quanto esnobe aos olhos de Jonas. Ele não imaginava por que ela os estaria acompanhando em uma viagem tão perigosa.

Eles pareciam tão... nobres.

Jonas odiava nobres, todos eles. Isso não havia mudado. E ainda assim o chefe havia se aliado — e aliado Paelsia — irrevogavelmente àqueles nobres. Daquele dia em diante, seus destinos estavam unidos.

Apesar do calor auraniano, aquele pensamento despertou algo gelado no interior de Jonas.

AURANOS



Perdida em seu sofrimento pela morte de Theon, Cleo não tinha ideia da seriedade do conflito até ver Aron andando de um lado para o outro nos corredores, com o rosto tenso e preocupado. Aron nunca ficava preocupado, a menos que a inquietação fosse quanto a ficar sem vinho.

Ela e Mira estavam a caminho da aula de artes daquela tarde. O tutor era um homem velho que odiava atrasos, mas Cleo agarrou no braço de Mira para fazê-la parar.

— O que está fazendo aqui, Aron? — ela perguntou.

Aron riu, mas não havia humor em sua risada.

— É assim que cumprimenta seu futuro marido?

O rosto dela se enrugou.

— É tão... maravilhoso reencontrá-lo, Aron — ela se forçou a dizer.

Ele realmente se achava superior a ela. Mas ela estava confiante de que o futuro dos dois não se entrelaçaria.

— Eu estou feliz em vê-lo, Aron — Mira disse com doçura. Cleo olhou para ela sem entender, mas só por um instante. — Mas você está um pouco pálido. Tem algo errado?

— Errado? — Aron repetiu. — Ah, não, não há nada de errado. O palácio está cercado por inimigos selvagens, mas não há com que

se preocupar. Apenas nossa morte iminente!

Sua quase histeria não conseguiu romper as paredes da tristeza de Cleo, que a deixaram estranhamente serena.

— Eles não vão quebrar os muros.

Os inimigos haviam montado acampamento a alguns quilômetros das muralhas do palácio, mas, até onde ela sabia, ainda não haviam feito nenhum movimento ameaçador. Mensagens iam e voltavam entre o seu pai, o rei limeriano e o chefe paeliano. Os inimigos exigiam que o rei se rendesse, mas ele se recusava. E exigia que os paelianos e limerianos virassem as costas e voltassem para casa.

Três dias haviam se passado e ninguém havia saído um centímetro do lugar. Cleo agora estava proibida de sair do castelo. Ela olhou para Aron com frieza.

— É por isso que está aqui? Você e seus pais se refugiaram no castelo caso eles rompam as muralhas do palácio?

Aron levou o cantil dourado de sempre aos lábios. Tomou um longo gole e depois limpou a boca com as costas da mão.

— Nossa quinta não é tão protegida quanto o castelo.

— Acha que a situação é tão feia assim? — Mira perguntou, aflita.

Nic se aproximou, vindo do fim do corredor. Cleo olhou para ele com gratidão. Se não fosse por ele, ela não estaria ali.

— O que está acontecendo? — Nic quis saber, com o olhar fixo em Cleo.

— Aron se mudou para o castelo — Mira o informou.

— Ah, não fique tão decepcionada, Mira — Aron respondeu. — Sei que você gosta da minha presença. Sou a alegria da festa.

Mira corou.

— Por que alguém ficaria decepcionado com sua presença? — Nic perguntou. — Você é muito bem-vindo aqui, Aron. A qualquer hora. Meu castelo é seu castelo.

— Este castelo não é seu. Apesar da afeição do rei por você e sua irmã, vocês não passam de criados de luxo. — Aron tomou outro gole do cantil.

Nic lhe lançou um olhar contundente.

— Está bêbado demais para aceitar uma simples brincadeira, seu cretino inútil?

Aron enfiou o cantil no bolso e agarrou Nic pela camisa.

— Não mexa comigo.

— Ah, eu mexo, se quiser.

— Desde quando virou homem? Fugir com minha futura esposa fez você criar coragem?

— Sua futura esposa odeia você. — Nic empurrou Aron. — E, por sinal, seu hálito cheira a bunda de cavalo.

Aron ficou vermelho de raiva.

— Já chega — avisou Cleo, dando meia-volta. Ela precisava falar com seu pai. Ter Aron por ali era inaceitável, mas se fosse um sinal de que as negociações não estavam indo bem, ela precisava saber a verdade. Deixou os outros e foi direto para a sala de reunião do rei. Lá dentro, encontrou muitos homens andando de um lado para o outro e discutindo em voz alta. Ela finalmente encontrou o pai bem no meio do caos.

Ele olhou para Cleo, exausto, quando ela se aproximou.

— Você não devia estar aqui.

— O que está acontecendo?

— Nada com que tenha que se preocupar.

Ela ficou furiosa.

— Acho que, se está prestes a acontecer um ataque geral à minha casa, então tenho que me preocupar. Como posso ajudar?

O homem que estava ao lado do rei bufou.

— É claro que pode ajudar. Consegue segurar uma espada, princesa?

Ela endireitou a postura e lançou a ele um olhar agudo.

— Se for preciso.

— Elas são muito pesadas. — O homem revirou os olhos. — Você devia ter tido filhos homens, Corvin. Seriam mais úteis agora do que filhas.

— Segure sua língua — o rei vociferou. — Minhas filhas são mais importantes para mim do que qualquer outra coisa neste reino.

— Então devia tê-las mandado embora antes que as coisas chegassem a esse ponto. Para algum lugar seguro.

— O castelo não é seguro? — Cleo perguntou cada vez mais assustada.

— Cleo, vá agora — pediu o rei. — Vá para suas aulas. Não se preocupe com nada disso. É muita coisa para você.

Ela olhou para ele com firmeza.

— Não sou criança, pai.

O homem desagradável riu.

— Quantos anos você tem? Dezesseis? Faça o que seu pai sugeriu e vá aprender a pintar. Ou bordar. Ou qualquer uma dessas coisas que as garotinhas fazem. Deixe que nós, homens, cuidemos dessas coisas sujas.

Cleo não conseguia acreditar no tom que aquele homem ousava falar com ela.

— Quem é você? — ela resmungou.

Ele parecia entretido, como se um gatinho tivesse acabado de mostrar suas garras afiadas.

— Alguém que está tentando ajudar seu pai com uma situação difícil.

— Cleo, perdoe a grosseria do lorde Larides; ele, como todos nós, está sob muita pressão no momento. Mas não se preocupe, eles não conseguirão entrar no castelo. Mesmo se passarem pelas muralhas do palácio, você está em segurança aqui, Cleo. Prometo. Vá ficar com seus amigos. Com sua irmã. Deixe que eu lido com isso.

Ela reconheceu o nome — e agora reconhecia o próprio homem. Ele tinha deixado crescer a barba desde a última vez que ela o vira. Era o pai de lorde Darius, ex-noivo de sua irmã. Sua família fazia parte do círculo de confiança do rei.

Quando olhavam para ela, todos esses homens viam uma garotinha que havia fugido por um capricho: procurar sementes mágicas. E que havia causado problemas. Que era inútil em todos os sentidos, exceto ser bonita. E talvez fosse. E se fosse verdade, ficar ali só causaria mais problemas para o seu pai. Por fim, Cleo concordou e virou as costas. O rei pegou suas mãos e lhe deu um beijo rápido na testa.

— Vai ficar tudo bem — ele afirmou, afastando-a dos ouvidos dos membros do conselho. — Sei que está sendo difícil, mas vamos

sobreviver a isso. Aconteça o que acontecer. Seja forte por mim, Cleo. Você me promete isso?

Ele parecia tão preocupado que a única coisa que ela podia fazer era concordar. O gesto pareceu clarear parte da escuridão nos olhos dele.

— Prometo.

— Aconteça o que acontecer, lembre-se de que Auranos tem sido um lugar belo e próspero há mil anos. E continuará assim. Haja o que houver.

— O que vai acontecer? — ela perguntou em voz baixa.

A expressão dele permaneceu tensa.

— Quando tudo isso terminar, as coisas vão mudar. Agora vejo como estava fechando os olhos para os problemas que aconteciam ao redor das fronteiras de meu próprio reino. Se eu prestasse mais atenção, nada disso teria acontecido. Não repetirei os mesmos erros do passado. Auranos continuará sendo uma força poderosa e dominante, mas seremos mais bondosos e benevolentes com nossos vizinhos.

As palavras dele não funcionaram para garantir a ela que tudo ficaria bem.

— A batalha vai começar logo?

Ele apertou as mãos dela.

— Já começou.

AURANOS



Enquanto esperava a ordem para atacar, Jonas ficou lado a lado com os homens que estavam prestes a se tornar seus irmãos de batalha, tanto limerianos quanto paelsianos. O sol estava a pino sobre sua cabeça. O suor brotava da testa e caía nos olhos, fazendo-os arder.

Ele pensava que o rei auraniano se renderia sem brigar. Assim, havia esperado três longos dias desde a chegada deles até o presente momento, enquanto as rações rapidamente acabavam, exceto para os mais privilegiados. Os outros foram forçados a explorar a floresta em busca de comida e a aguentar o sol queimando sobre eles devido aos escassos abrigos para os soldados comuns além da floresta, a mais de três quilômetros das muralhas do palácio — e ele ainda esperava que tudo terminasse sem derramamento de sangue. Que o rei Corvin fosse pressionado pela legião de soldados limerianos e paelsianos esperando pela ordem de batalha.

Mas isso não aconteceria. Sangue seria derramado.

Os soldados entraram em formação por ordem do rei Gaius e começaram a marchar na direção das muralhas. Havia um rio para cruzar, cortando a terra verde e viçosa, cheia de colinas e vales.

Depois dele, era possível avistar o palácio murado, uma visão dourada e espetacular que fez Jonas perder o fôlego.

Assim como o enorme exército do rei Corvin que os aguardava, havia soldados trajados com armaduras reluzentes, elmos polidos sobre a cabeça. O ouro cintilava nos escudos da barreira auraniana.

Ficaram assim por uma hora inteira. Esperando. Observando. O coração de Jonas batia forte no peito. Ele segurava uma pesada espada com tanta força que algumas bolhas se formaram na pele já áspera.

— Eu os odeio. E mataria todos pela chance de ter uma vida como a deles — ele disse a Brion em voz baixa, incapaz de desviar os olhos do enorme e brilhante palácio, tão diferente de sua modesta casinha em Paelsia. E aquela terra, tão viçosa e verde enquanto a deles se esvaía e ficava cada vez mais seca e marrom. — Eles ficariam com tudo e nos deixariam sofrer e morrer sem pensar duas vezes.

Um músculo se retorceu no rosto de Brion.

— Eles merecem sofrer e morrer. Merecem viver somente de uvas, como nós sempre vivemos.

Jonas estava pronto para morrer a fim de ajudar seu povo a ter uma vida melhor. As coisas nunca haviam sido fáceis. E todos os seres vivos morriam em algum momento. Se tivesse que ser naquela batalha, que fosse.

O rei Gaius montava seu elegante garanhão preto ao longo da linha de soldados a postos, altivo sobre a sela, com um olhar de determinação. O príncipe Magnus cavalgava ao lado, passando os olhos frios pelos soldados que esperavam. A cavalaria lideraria o ataque. Bandeiras de guerra eram levadas no alto, com as cores de Limeros e as palavras *Força. Fé. Sabedoria*.

Parecia muito apropriado e calculado. As bandeiras vermelhas eram uma indicação da reputação do rei Gaius como o Rei Sanguinário.

Não dava para ver o chefe Basilius e seu flanco de guardas pessoais de elite. Antes, Jonas tinha andado pelas tendas armadas do outro lado da floresta. O chefe ocupara quatro delas para si, pois

precisava de espaço para privacidade, meditação e descanso para ajudar a invocar sua magia dormente em auxílio às tropas.

— O feiticeiro despertará — diziam os rumores entre os soldados.

— A magia dele transformará nosso inimigo em poeira.

O chefe Basilius seria o trunfo deles para a vitória.

Jonas optou por acreditar naquilo, apesar das dúvidas cada vez maiores.

O rei Gaius se dirigiu aos soldados.

— Hoje é um dia que vem sendo preparado há mil anos. O dia em que tomaremos aquilo que mantêm fora de nosso alcance. Fora do alcance de vocês. O que veem nesse reino pertence a vocês — a todos vocês. Ninguém poderá contê-los, contanto que trabalhem juntos. Juntem essa força que sei que vocês têm e me ajudem a esmagar aqueles que estão contra nós.

Um canto começou a ser entoado entre os soldados reunidos, baixo no início, mas tomando força e volume a cada repetição.

— Rei Sanguinário! Rei Sanguinário! rei sanguinário!

Em pouco tempo, Jonas descobriu que estava se juntando a eles — e ao fazer isso, foi contaminado pela energia e sede de sangue da multidão. Mas parte dele sabia que o rei Gaius não era seu rei. Ele não tinha rei.

Apesar disso, estava seguindo o Rei Sanguinário na direção da batalha e estava disposto a perder sua vida naquilo.

— Há três meses, um paelsiano inocente morreu nas mãos de um lorde auraniano egoísta — o rei esbravejou. — Hoje vingaremos sua morte. Tomaremos o reino auraniano e tiraremos o rei do poder para sempre. Auranos é nossa!

A multidão vibrou.

— Tragam-me a cabeça do rei Corvin e eu lhes darei tesouros maiores do que tudo o que já viram — ele prometeu. — Não poupem ninguém. Mostrem-me um rio de sangue! Tomem tudo. Matem todos. — Ele ergueu a espada sobre a cabeça. — Atacar!

Os soldados avançaram, correndo pelo campo. O chão tremia sob seus pés. No rio, a menos de um quilômetro das muralhas do palácio, a força auraniana os encontrou em um choque violento de corpos e espadas e escudos.

Homens de ambos os lados caíam em volta de Jonas, derrubados por flechas com ponta de aço, machados e espadas quando o combate mal havia começado. O odor metálico de sangue enchia o ar.

Jonas abria caminho pela densa massa de corpos, ficando junto a Brion. Os dois amigos de infância olhavam um pelo outro.

As carcaças de cavalos caíam no chão e no rio. Os cavaleiros, rastejando, encontravam o golpe da espada inimiga contra o peito. Gritos de dor e agonia ressoavam pelo ar enquanto a carne encontrava o metal e membros arrancados se espalhavam.

Eles brigavam para chegar mais perto das muralhas. Para tomar o palácio à força. Estavam tão perto, mas os soldados auranianos também eram cruéis e brutais.

Jonas se viu derrubado no chão pelo golpe de um escudo na lateral da cabeça, e ficou ali caído, aturdido, com o gosto metálico do sangue inundando sua boca. Um falcão voava em círculos sobre a batalha, como se observasse tudo desinteressadamente.

Um cavaleiro auraniano apareceu sobre Jonas, erguendo a espada para acertá-lo no coração.

Mas outra espada girou primeiro, derrubando o auraniano com tudo. Um indivíduo desceu do cavalo e rapidamente calcou uma lâmina menor no pescoço do cavaleiro, cortando sua garganta e provocando um jato de sangue.

— Vai ficar caído aí como uma pedra? — perguntou uma voz. — Levante-se. Está perdendo toda a diversão.

Uma mão enluvada apareceu diante de seu rosto. Jonas sacudiu a cabeça e se obrigou a sentar antes que o príncipe Magnus o ajudasse a ficar em pé.

— Deixe alguns para mim. — Uma ponta de sorriso apareceu nos lábios do príncipe. Ele voltou para o seu cavalo e cavalgou para o meio da batalha, com a espada ensanguentada nas mãos.

O combate estava mais perto do palácio, mas não perto o suficiente para que ele fosse invadido. O fogo queimava em algumas áreas do extenso campo de batalha. O cheiro de morte enchia as narinas de Jonas. Ele olhou em volta e descobriu que sua espada havia sumido.

Ele tinha ficado desacordado e não percebera. Por quanto tempo havia ficado ali caído na grama pisada, cercado por cadáveres? Praguejou em voz alta e abriu caminho por entre os corpos, procurando outra arma. Alguém havia recolhido as armas dos abatidos. Então encontrou um machado. Serviria.

Um inimigo o atacou — um homem com o braço já pendurado depois de um ferimento brutal. Mas havia mais fúria do que dor nos olhos dele.

— Escória paelsiana — ele bufou ao levantar a espada. — Morra, seu verme!

Os músculos de Jonas doíam e queimavam ao girar o machado no alto para acertar carne e ossos. O jato de sangue atingiu em cheio seu rosto.

Iluminado apenas pelas tochas fincadas no chão e pela lua que brilhava no céu negro, Jonas continuava lutando. Ele havia trocado o machado por um par de espadas curtas e curvas que parecia ter pertencido a um dos guardas pessoais do chefe. Elas se acomodaram em suas mãos e permitiram que ele retalhasse qualquer coisa que estivesse à sua frente.

Muitos já haviam caído por suas lâminas. Ele havia perdido a conta de quantas vidas havia tirado.

Jonas também mostrava os sinais de uma batalha que havia durado quase doze horas sem descanso. Sangrava de uma ferida no ombro. Outra lâmina havia cortado seu abdômen, bem acima das costelas. Ele sobreviveria, mas os ferimentos estavam começando a deixá-lo mais lento.

— Jonas — uma voz o chamou do meio da confusão de corpos no chão.

Ele enfiou uma espada nas entranhas de um auraniano e viu a luz deixar seus olhos antes de olhar para a esquerda.

Um garoto estava no chão a seu lado, com metade do corpo esmagada por um cavalo caído. Jonas se esforçou para chegar perto dele.

— Eu conheço você? — Ele passou os olhos pelos ferimentos do garoto. O cavalo que havia esmagado suas pernas não era o problema. Havia um ferimento profundo cheio de sangue em seu estômago; os intestinos apareciam por baixo. Um cavalo não causaria aquilo. Uma lâmina afiada, sim.

— Você mora na minha vila. Você é Jonas, Jonas Agallon. Irmão mais novo do Tomas.

Agora ele reconhecia o rosto do garoto pálido, embora no início não tivesse se lembrado de seu nome.

— É mesmo. Leo, não é?

Dois soldados se enfrentavam nas proximidades, cambaleando ao passar por eles. Um tropeçou em um corpo e o outro — felizmente aliado de Jonas — acabou com ele. À sua esquerda, flechas em chamas voavam pelo ar, lançadas pelos arqueiros posicionados no topo das muralhas do palácio.

— Jonas — o garoto disse, com a voz baixa —, estou com medo.

— Não fique. — Jonas se forçou a manter a atenção no garoto. — É apenas um ferimento superficial. Você vai se recuperar logo.

Ele estava mentindo. Leo não viveria para ver o próximo nascer do sol.

— Que bom. — O garoto deu um sorriso dolorido, mas os olhos estavam cheios de lágrimas. — Só me dê mais um minuto para descansar e eu logo voltarei para a batalha.

— Descanse o quanto quiser. — Apesar de saber que era arriscado, Jonas se agachou ao lado do menino e segurou sua mão. — Quantos anos você tem?

— Onze. Acabei de fazer.

Onze. Jonas sentiu os restos do coelho malcozido que havia comido mais cedo queimando em suas entranhas. O zunido de uma flecha cortou o ar e acertou um soldado no peito. Não era um ferimento fatal. Só fez o soldado — um limeriano, pelo símbolo que usava na manga do uniforme — arrancá-la e soltar um grito hostil de dor e fúria.

Jonas voltou sua atenção ao garoto moribundo. — Você foi muito corajoso em se voluntariar a isso.

— Meu irmão mais velho e eu não tivemos escolha. Tivemos que vir. Se eu conseguisse empunhar uma espada, teria que servir ao rei Gaius.

Servir ao rei Gaius.

Uma raiva quente subiu pela garganta de Jonas, espessa o bastante para sufocar.

— Sua família ficará orgulhosa de você.

— Auranos é tão linda. Tão verde, quente e... eu nunca estive aqui antes. Se minha mãe puder experimentar isso, ter uma vida assim, terá valido a pena.

O garoto tossiu sangue. Jonas limpou com a manga da camisa já ensanguentada enquanto dava uma olhada em volta. Havia homens lutando perto demais. Ele queria ficar com o garoto, mas não podia permanecer ali por muito tempo. Se ele conseguisse levar o menino para o acampamento, encontrar um médico...

O garoto apertou sua mão com mais força.

— Vo-você pode me fazer um favor, Jonas?

— Qualquer coisa.

— Diga a minha mãe que eu a amo. E que fiz isso por ela.

Jonas piscou demoradamente.

— Prometo.

O garoto sorriu, mas logo sua expressão se desfez e seus olhos ficaram vidrados.

Jonas ficou ali sentado um pouco mais. Ele soltou um urro de raiva pela injustiça de um garoto tão novo ter precisado morrer para ajudar o Rei Sanguinário a conquistar Auranos.

E os paelsianos — incluindo ele mesmo! — estavam ajudando o rei a cada passo do caminho, expondo a garganta à lâmina do inimigo, sacrificando seu próprio futuro.

A morte do garoto deixou tudo claro para Jonas. Não havia garantias de que o rei Gaius seria fiel às promessas que havia feito. Ele tinha os números. Seu exército era vasto e treinado. Paelsia estava lá apenas para servir de bucha de canhão.

Ele precisava voltar e falar o quanto antes com o chefe. Agarrando suas espadas, ele se virou para o outro lado — e encontrou um braço coberto por uma luva cheia de cravos indo em sua direção.

Errou seu rosto por pouco mais de um centímetro quando ele girou e saiu do caminho. Era um auraniano que havia perdido boa parte da armadura na região do peito. Sua cara feia estava retalhada; os cabelos, cobertos de sangue. Alguém havia tentado cortar sua garganta, mas ele tinha escapado antes da lâmina fazer mais do que um arranhão pavoroso.

— Está se despedindo de seu irmãozinho? — O cavaleiro deu um sorriso forçado. Um de seus dentes da frente estava quebrado. — É isso que ganham quando tentam mexer conosco. Um golpe de espada nas entranhas. E você é o próximo, selvagem.

A fúria queimava dentro de Jonas. O cavaleiro atacou, dando um golpe de espada no ar — acertando as lâminas de Jonas com força o bastante para fazer seus dentes rangerem. O som de uma flecha com ponta de aço cortou o ar a centímetros de sua orelha, acertando um soldado paelsiano na parte de trás da perna. Ele caiu no chão, gritando.

O cavaleiro auraniano havia sido treinado para aquilo, mas já estava ferido por horas de batalha. Sua fadiga era a única coisa a favor de Jonas.

— Você vai perder — o cavaleiro sussurrou entredentes. — E vai morrer. Devíamos ter acabado com seu sofrimento há vários anos, com toda a sua terra esquecida pela deusa. Deviam nos agradecer por eliminá-los como as baratas imundas que são.

Jonas não se importava de ser chamado de barata. Elas eram criaturas resistentes e astutas. Era melhor do que ser chamado de selvagem. Mas ele não gostava de ouvir que ia perder.

— Você está errado. Nosso sofrimento acabou. Mas o seu está apenas começando.

Jonas jogou todo o peso do corpo na direção do cavaleiro, derrubando-o com tudo no chão. Jogando as lâminas de lado, Jonas tirou a espada do cavaleiro e a pressionou contra a garganta dele.

— Renda-se — Jonas vociferou.

— Nunca. Eu luto por meu rei e por meu reino. Não vou descansar até o último dos selvagens imundos estar morto.

De repente, havia uma faca na mão do cavaleiro. Jonas sentiu a mordida da dor quando ela acertou a lateral de seu corpo. Antes de

conseguir ir muito fundo, ele rolou, agarrando a espada com as duas mãos.

Com toda a força que lhe restava, Jonas desceu a espada na garganta desprotegida do cavaleiro. A cabeça voou para longe do resto do corpo. Ele limpou o jato de sangue dos olhos com a manga da camisa.

Cambaleou para levantar, sentindo dor, e abriu caminho pelo campo, atravessando o rio que agora corria com sangue sob o céu noturno. O sangue quente e espesso escorria dos ferimentos de seu corpo, mas ele continuou seguindo em frente. Ou... para trás.

Através das grossas cortinas de floresta do outro lado, viam-se as tendas armadas. Centenas de pessoas movimentavam-se na área médica — feridos, moribundos. Lamentos de dor e angústia chegavam a seus ouvidos.

Jonas continuou se movimentando, com as pernas fracas. Chegou, por fim, ao seu destino: a tenda do chefe. Essas tendas — fornecidas pelos limerianos — eram maiores do que qualquer casa paelsiana. Era onde a elite descansava e fazia as refeições, abundantemente preparadas por cozinheiros e criados.

Enquanto meninos de onze anos de idade morriam em batalha a três quilômetros dali.

Os guardas de Basilius reconheceram Jonas, apesar de ele estar coberto de sangue fresco — seu próprio e daqueles que havia matado —, então não protestaram quando ele foi entrando na tenda enorme e mobiliada. A bile subiu pela garganta de Jonas ao ver tanto luxo depois do que ele havia acabado de vivenciar.

— Jonas! — o chefe exclamou com entusiasmo. — Por favor, entre! Junte-se a mim!

A exaustão e a dor deixavam seu andar trôpego. Ele temia que seus joelhos cedessem completamente. O olhar do chefe passou pelo lado ferido de seu corpo e por seu rosto, notando os ferimentos.

— Médico!

Com apenas uma palavra, um homem se aproximou e puxou a camisa de Jonas para inspecionar seus ferimentos. De repente, havia uma cadeira atrás dele e ele se sentou com cansaço. Estava

muito tonto e desorientado; sua pele estava fria e pegajosa. O mundo parecia embaçado. Ele se esforçava para respirar normalmente e retomar as forças.

O médico o atendeu, limpando as feridas e fazendo curativos nelas.

— Então me diga — pediu o chefe com um grande sorriso. — Como está a batalha?

— O senhor não estava meditando esse tempo todo? Achei que talvez pudesse nos ver pelos olhos dos pássaros. — Jonas não sabia por que havia dito aquilo. Era uma história infantil, da qual se lembrava vagamente. Uma história na qual sua mãe acreditava.

O chefe manteve o sorriso onde estava.

— É um dom que eu gostaria de ter. Talvez eu o desenvolva nos próximos anos.

— Eu queria falar com o senhor em pessoa — Jonas conseguiu dizer. Ele estava preocupado com Brion, sentindo-se culpado por deixar o campo de batalha antes do cerco estar completo. Havia perdido o amigo de vista no início da batalha. Brion podia estar morrendo, sem ninguém para protegê-lo no caso de um auraniano chegar para acabar com ele. Ou uma flecha errante poderia perfurar sua carne desprotegida.

Com a morte de Tomas, Brion era o mais próximo de um irmão que ele tinha.

Seus olhos queimavam, mas ele preferia acreditar que era por causa da fumaça do cachimbo do chefe. O cheiro de folhas de pêssego amassadas e algo mais doce enchia o ar. Jonas reconheceu o aroma como o de uma rara erva encontrada nas Montanhas Proibidas, que causava alucinações prazerosas.

— Por favor, sinta-se à vontade para falar. — Dispensando o médico com um aceno, o chefe se sentou atrás de uma mesa em que havia sido servido um banquete. Os ossos da cabra abatida estavam espalhados, assim como uma dúzia de garrafas de vinho vazias.

— Estou preocupado — ele começou a falar, com os dentes apertados.

— A guerra é algo que deve ser levado muito a sério. Sim. E você me parece um rapaz sério.

— Tendo crescido em Paelsia, nunca tive muita escolha a esse respeito, tive? — Ele tentou tirar a amargura de suas palavras, mas não conseguiu. — Trabalho em vinhedos desde os oito anos de idade.

— Você é um bom garoto. Seu trabalho é louvável. — O chefe afirmou com um aceno de cabeça. — Estou muito impressionado por minha Laelia ter encontrado você.

Na verdade havia sido o contrário. Jonas havia encontrado Laelia. Havia passado um bom tempo em sua cama, ouvindo seus mexericos sobre as amigas, suas histórias sobre as cobras odiosas, tudo na tentativa de ganhar a confiança do chefe e convencê-lo a se rebelar contra os auranianos e tomar o que devia ser deles.

Mesmo se Tomas não tivesse morrido, Jonas ainda desejaria aquilo para o seu país.

Mas *aquilo* estava errado. Ele sentia, no fundo do coração, que era verdade.

Não havia tempo para jogos. Havia meninos morrendo naquele campo, dando a vida para chegar alguns metros mais perto das muralhas do palácio. Ele precisava dizer o que viera dizer.

— Eu não confio no rei Gaius.

O chefe se recostou na cadeira acolchoada e ficou observando Jonas com curiosidade.

— Por que não?

— Há mais limerianos do que paelsianos aqui. A reputação do rei já é conhecida: brutalidade e ganância. O que garante que ele não vai nos matar depois de darmos a vida para ajudá-lo a conquistar Auranos? Que não vai nos escravizar para ficar com tudo para ele?

O chefe apertou os lábios e pitou o cachimbo.

— Você realmente acha isso?

A frustração tomou conta de Jonas. Seu coração batia forte.

— Precisamos recuar. Reavaliar antes que ocorram mais baixas. Um menino morreu na minha frente, mal tinha completado onze anos. Ao mesmo tempo em que quero destruir Auranos, não quero que nossa vitória seja pintada com sangue de crianças.

A expressão do chefe ficou séria.

— Não sou homem de começar uma coisa e depois desistir.

Não, ele era homem de começar uma coisa e esperar em sua tenda luxuosa até ela chegar ao fim.

— Mas...

— Entendo sua preocupação, mas precisa ter fé em mim, Jonas. Tenho buscado dentro de mim as respostas de que precisamos. E o resultado é, infelizmente, a guerra. Isso não vai terminar até chegar ao fim. Meu destino é me aliar ao rei Gaius. Eu confio nele. Ele provou com um sacrifício de sangue diferente de tudo o que já testemunhei. Foi incrível. — Ele parecia satisfeito. — O rei Gaius é um homem bom e honrado que cumprirá as promessas que me fez. Não tenho dúvidas quanto a isso.

Jonas cerrou os punhos ao lado do corpo.

— Se ele é tão bom e honrado, onde esteve quando nossa terra estava morrendo? Quando nosso povo estava morrendo? Onde estava sua assistência?

O chefe Basilius suspirou.

— Passado é passado. Só podemos olhar na direção do futuro e tentar ao máximo fazer o que for possível para que ele seja melhor.

— Por favor, considere o que eu disse para o senhor. — Quanto mais ele falava, mais Jonas se convencia de que eles estavam seguindo por um caminho obscuro e sangrento. O que ele havia visto no campo de batalha era apenas o início de todo o sofrimento que estava por vir.

— É claro. Vou considerar tudo. Valorizo sua opinião, Jonas.

— E sua magia? Acha que pode usá-la para nos ajudar?

O chefe espalmou as mãos.

— Não será necessário. O rei Gaius me disse que tem uma arma secreta à disposição assim que conseguirmos passar pelas muralhas do palácio. Esta não é uma batalha que durará dias ou semanas — nem meses. Ela acaba amanhã. Eu prometo.

A boca de Jonas estava tão seca que ele desejou que ainda houvesse um pouco de vinho naquelas garrafas.

— Que arma secreta?

A pergunta foi respondida com um sorriso enigmático.

— Se eu contar, não será mais secreta, não é? — O chefe se levantou e se aproximou da cadeira de Jonas para lhe dar um tapinha nas costas. O rapaz se contraiu pela dor dos ferimentos recém-cobertos. — Confie em mim, Jonas. Quando tudo isso terminar e estivermos colhendo as recompensas do que conquistamos aqui em Auranos, sua festa de casamento será a maior que já existiu em Paelsia.

Jonas saiu da tenda com o som da risada do chefe ecoando à sua volta. O resultado seria o mesmo se ele tivesse falado com as paredes.

Com tristeza, ele olhou para o céu escuro sarapintado de estrelas brilhantes e para a grande lua, e imaginou por que ele não mostrava nenhum sinal da tempestade que estava por vir.

AURANOS



Emilia estava tão doente que até mesmo levantar a cabeça lhe causava dor e terríveis sangramentos no nariz. Cleo havia ficado no lugar de Mira para ler para sua irmã e tirar da cabeça a batalha que corria fora das muralhas do palácio. O castelo parecia sombrio, cinzento e lúgubre. Cleo tentava encontrar um raio de esperança no qual se apegar, mas a cada hora que se passava desde o início do cerco, tudo parecia ficar mais triste.

— Por favor, não chore. — A voz de Emilia falhou. — Eu disse que você precisa ser forte.

Cleo secou as lágrimas do rosto e tentou se concentrar no pequeno e surrado livro de poesia, um dos preferidos de Emilia.

— Uma pessoa forte não pode chorar?

— Você não deve desperdiçar mais lágrimas comigo. Sei que já derramou muitas por Theon.

Cleo estava tentando ficar em paz com o que acontecera, mas sentia que a dor ainda estava sufocada. Tudo era muito recente e difícil de processar. Perder alguém que estava começando a amar era ruim o bastante, mas pensar em perder Emilia também...

Ela segurou com cuidado a frágil mão da irmã.

— O que posso fazer para ajudá-la?

Emilia recostou em seu monte de travesseiros coloridos. Na mesa de cabeceira havia um grande buquê de flores que Cleo havia colhido no pátio do palácio, o mais próximo que podia chegar do lado de fora. Ficava bem no centro do castelo, uma grande área verde murada, com macieiras e pessegueiros e um jardim de flores muito bem cuidado. As duas irmãs gostavam de assistir às aulas ali quando os tutores concordavam.

— Seja forte, só isso — Emilia disse. — E tente passar mais tempo com seus amigos nesse momento estranho e confuso, não apenas comigo. Eu não me importo em ficar sozinha hoje à noite.

Mesmo na situação em que se encontrava, a futura rainha de Auranos mantinha o autocontrole, exatamente como havia sido treinada. Era quase divertido ver como as irmãs eram distintas, apesar de terem menos de três anos de diferença: Emilia era tão madura, enquanto Cleo era o oposto.

Cleo enrolou uma mecha de cabelo no dedo.

— Estou tentando evitá-los. Aron agora está espreitando. Nunca sei quando ele vai surgir perto de mim.

Aquilo fez Emilia rir.

— Quer dizer que ele não está lá fora empunhando uma espada e tentando proteger sua futura esposa?

Cleo lançou a ela um olhar aborrecido.

— Nem brinque com uma coisa dessas.

— Desculpe. Sei que não acha graça nenhuma nessa situação.

— Não mesmo. — Cleo suspirou. — Mas chega de falar de Aron. Minha principal preocupação é o seu bem-estar, minha irmã. E assim que essa batalha terminar, e espero que seja logo, enviarei um guarda a Paelsia como prometi.

— Para procurar essa vigilante com sementes mágicas que podem salvar minha vida.

— Sim, e não diga isso com tanto ceticismo. Foi você mesma quem me deu essa ideia. Antes disso, eu nem acreditava em magia.

— E agora acredita?

— Acredito. Do fundo do coração.

Emilia sacudiu a cabeça.

— Nenhuma magia pode me salvar agora, Cleo. Seria melhor você tentar aceitar o que vai acontecer.

Cleo ficou tensa.

— Nunca.

Emilia riu de novo, embora fosse um som fraco vindo de seu peito.

— Então você acredita que pode brigar com o destino e vencer.

— Sem dúvida. — Enquanto Emilia respirasse, haveria a esperança de encontrar uma forma de curá-la.

Emilia apertou as mãos da irmã.

— Vá, encontre Mira e Nic.

— Quer que Mira venha ficar com você depois?

— Não. Deixe ela tirar uma noite de folga. Com certeza está preocupada com o cerco ao castelo.

— Pelo menos é um cerco silencioso. Acho que pode ser um bom sinal. — Se ela já não soubesse que uma coisa terrível estava acontecendo do lado de fora, nunca teria adivinhado. Os sons da batalha não penetravam as paredes grossas do castelo.

Emilia não sorriu. Ela só parecia cansada e triste.

— Espero que sim.

— Amanhã será um dia melhor. — Cleo se abaixou e beijou a testa fria da irmã. — Amo você, minha irmã.

— Também amo você.

Cleo deixou os aposentos de Emilia e caminhou pelo corredor. Havia um silêncio sombrio no castelo. Todas as janelas haviam sido bloqueadas com tábuas.

Ficar presa lhe dava muito tempo para pensar em Theon. Ela sentia falta dele por perto, seguindo-a pelo castelo, olhando feio quando ela fazia ou dizia algo malcriado. O alívio no rosto dele quando a encontrou ilesa em Paelsia. O calor em seu olhar quando ele admitiu que gostava dela.

E depois, a dor repentina quando o príncipe limeriano o golpeou com a espada e tirou sua vida.

Ela lutava contra as lágrimas enquanto percorria os mesmos corredores por onde caminhavam juntos. Aquela perda era um peso constante em seu coração, e só aumentava a cada dia.

Ela estava tão cansada que se recolheu a seus aposentos em vez de procurar Mira e Nic. Mas depois de um tempo percebeu que estava apenas olhando para o teto, sem conseguir dormir.

Se ela tivesse encontrado a vigilante exilada, tudo seria diferente. Ela muito possivelmente teria a chance de devolver a saúde e a vitalidade a Emilia.

Talvez fosse apenas uma lenda. Era doloroso até mesmo considerar essa possibilidade.

O que mantinha seu otimismo e sua crença vivos eram as histórias de Eirene. Elas eram tão vivas, tão reais. Eirene havia dado esperança a Cleo.

Ela havia esquecido a velha senhora nos últimos dias. O envelope com o nome do dono da taverna por meio de quem Cleo pretendia enviar um presente a Eirene ainda estava intocado.

“A magia encontra aqueles que têm coração puro, mesmo quando tudo parece perdido.”

Aquelas haviam sido as palavras de despedida de Eirene. E tudo parecia perdido naquele momento para Cleo. Presa em um castelo, sem saber quando poderia voltar a sair em segurança e com a irmã esmorecendo diante de seus olhos.

Cleo levantou da cama determinada a encontrar o envelope. Mesmo não podendo enviar nada naquele momento, ela poderia reunir o que precisava no tempo livre. Ultimamente, tinha tempo livre de sobra.

O pequeno envelope estava sobre sua penteadeira, debaixo de uma pilha de livros não lidos. Ela o pegou e rompeu o lacre.

Em vez de um endereço, ficou surpresa ao encontrar um bilhete e dois carocinhos dentro.

O bilhete dizia:

Princesa, por favor, aceite minhas desculpas por não poder lhe dizer a verdade sobre mim. É um segredo que guardo por muitos anos e ninguém sabe, além da lenda; nem mesmo minha neta. Um coração puro vale mais do que ouro para mim. O seu é um deles. Use essas preciosas sementes para curar sua irmã, de modo que ela possa ajudar a conduzir Auranos a um futuro próspero.

Eirene

Cleo leu o bilhete três vezes antes de tudo começar a fazer sentido para ela. Quando entendeu, o papel caiu de suas mãos.

Eirene havia visto além das mentiras que ela e Nic contaram sobre serem de Limeros. Ela sabia que Cleo era a princesa de Auranos.

E mais do que isso: Eirene era a própria vigilante exilada. Enquanto eles procuravam por ela, ela os havia encontrado.

Cleo não fazia ideia.

Ela olhou para os carocinhos e seus olhos se arregalaram. Aquelas eram as sementes de uva inoculadas com magia da terra. Estavam em seu poder o tempo todo.

Duas sementes que eram capazes de curar alguém à beira da morte.

Se ela soubesse, poderia ter salvo a vida de Theon com uma delas.

O pensamento desesperador quase arrancou seu coração do peito. Ela soltou um grito alto de dor, depois cedeu ao sofrimento e foi ao chão, apertando os joelhos junto ao corpo.

Mesmo tomada pelos soluços de choro, ela sabia que não tinha tempo para lágrimas ou arrependimentos.

Ela precisava ir até Emilia.

Cleo levantou-se e saiu correndo pelo corredor, quando trombou em alguém. Nic cambaleou um pouco para trás e esfregou o peito com cuidado.

— Ai. Desse jeito você me machuca, Cleo. — Ele observou os olhos vermelhos e inchados dela com preocupação. — Ouvei um grito vindo do seu quarto. Achei que estivesse com algum problema.

O coração dela palpitava tão rápido quanto as asas de um beija-flor.

— Eu estava. Eu estou. Eu... eu estou com as sementes. Eirene... ela era a vigilante.

Ele ficou olhando para ela sem expressão.

— Quanto vinho você tomou? Acho que deve estar até mais bêbada do que Aron.

— Não estou bêbada. É verdade. — O coração dela ficou mais leve. — Venha. Precisamos ir aos aposentos de Emilia

imediatamente.

— Você acredita mesmo em magia? — ele perguntou.

— Acredito!

Ele concordou e um sorriso surgiu em seu rosto.

— Então vamos salvar sua irmã.

Eles se apressaram pelos corredores na direção do quarto de Emilia, passando por um trecho em que Cleo ouviu uma conversa entre dois guardas.

— As forças deles são impiedosas — um deles afirmou. — E as muralhas do palácio não são impenetráveis.

— Eles romperam as muralhas? — Nic perguntou, sério, fazendo Cleo parar de repente.

Os guardas ficaram reticentes, como se não esperassem ser ouvidos.

— Receio que sim — disse um deles. — Mas eles não vão entrar no castelo.

— Como pode estar tão confiante? — Cleo quis saber, contorcendo-se de preocupação.

Eles trocaram um olhar. Ela podia ter apenas dezesseis anos, mas por ser princesa, eram obrigados a responder suas perguntas.

— As portas do castelo são reforçadas pelo feitiço de uma bruxa.

Ela olhou para ele sem acreditar.

— Meu pai nunca me contou isso.

— O feitiço é renovado a cada ano pela mesma bruxa para mantê-lo forte. Mas ela não poderá nos ajudar mais.

— Fique quieto — o amigo sussurrou.

— Por quê? — Nic perguntou. — Onde está essa bruxa agora?

O maxilar do primeiro guarda ficou tenso e seus olhos se alternavam entre o amigo, Nic e Cleo.

— O rei Gaius mandou a cabeça dela para o rei em uma caixa há três dias. Mas não importa. Não importa o que o rei cretino tente fazer agora, o feitiço ainda vai aguentar. Ele vai fracassar.

Cleo sabia que o rei de Limeros tinha um filho terrível e sedento por sangue, mas talvez pudesse ser ainda pior — como ameaçavam os rumores que ela tinha ouvido sobre ele.

— Por que meu pai não me contou nada disso?

— O rei quer protegê-la das coisas ruins que estão acontecendo.

— Então por que você está nos contando? — Nic perguntou.

— Porque vocês têm o direito de saber que estamos correndo perigo aqui. — A expressão dele endureceu. — O rei arriscou a vida de todos nós ao não se render.

Cleo respirou fundo.

— Você acha que ele deveria?

— Impediria muitas mortes no campo de batalha. Ele acha que podemos ficar dentro deste castelo para sempre, com ou sem feitiço mantendo as portas lacradas? Parecemos um coelho encurralado esperando o lobo destroçar sua garganta.

Cleo olhou com ar superior para aquele covarde chorão.

— Como ousa falar mal do meu pai? Ele está fazendo a melhor escolha para manter Auranos forte. Ainda assim, vocês preferiam se render ao Rei Sanguinário? Acha que o mundo seria melhor assim? Acha que aqueles que já perderam a vida seriam poupados?

— E o que você sabe? — o guarda perguntou de forma sinistra. — Não passa de uma garota.

— Não — Cleo disse com firmeza. — Eu sou uma princesa de Auranos. E apoio todas as decisões do meu pai. E a menos que vocês também queiram que suas cabeças parem em uma caixa, é melhor respeitarem o seu rei.

Agora havia um olhar intimidado na expressão do guarda e ele abaixou a cabeça em reverência a ela.

— Peço desculpas, vossa alteza.

Cleo apertou as sementes com tanta força na mão que elas beliscaram sua pele.

— Voltem ao trabalho — ela ordenou friamente antes de prosseguir pelo corredor.

— Foi brilhante, Cleo — afirmou Nic. — Você o derrotou com palavras.

Ela olhou de canto de olho para ele, quase satisfeita. Mas a preocupação tomava conta de seu rosto.

— As coisas não estão nada boas lá fora, não é?

Nic fez que não com a cabeça, perdendo o bom humor.

— Não. Não estão.

— Acha que vamos perder?

— O rei Gaius e o chefe Basilius têm muitos homens preparados e dispostos a morrer por sua causa. Independente de quanto demorar.

— Meu pai não se renderá nunca.

— Se ele sentir que não tem escolha, terá que se render.

Cleo se lembrou da frieza nos olhos do príncipe Magnus quando ele assassinou Theon. Ela não conseguiria suportar vê-lo de novo.

— Não, ele não fará isso.

— Ah, não?

Ela forçou um sorriso confiante, afastando as lembranças obscuras.

— Não percebe? Não podemos nem pensar em perder, porque não perderemos. Sairemos vitoriosos e mandaremos aqueles porcos gananciosos de volta para sua terra. Depois, quando tudo se acalmar, poderemos nos concentrar em ajudar os paelianos que mereçam nossa ajuda, e não aqueles que querem roubar toda a nossa terra.

— Falando assim, quase acredito que você esteja certa.

— Eu estou certa. — Cleo mostrou as sementes na palma da mão. — Isto vai fazer toda a diferença. Quando Emilia se curar, o mundo será um lugar melhor, cheio de possibilidades.

Ele concordou.

— Então mostre o caminho, princesa.

Quando eles chegaram à porta de Emilia, Cleo não se preocupou em bater; apenas entrou. Nic ficou do lado de fora, em respeito à irmã dela, que estava na cama. Cleo correu para o lado de Emilia, sem conseguir conter um sorriso. Emilia estava virada para a janela, fraca demais para girar a cabeça e ver a irmã entrar no quarto.

Cleo mal podia controlar a empolgação.

— Emilia! Você não vai acreditar no que eu tenho aqui. As sementes! Não me pergunte como é possível, mas é. Isso vai curar sua doença, sei que vai. — Emilia não respondeu, mas Cleo continuou. — Os vigilantes são reais; eu conheci uma, mesmo não tendo percebido na hora. Ela não parecia diferente de mim ou de você. E quis ajudar.

Cleo olhou para trás, na direção de Nic, que havia dado um passo hesitante para dentro do quarto. Ele parecia aflito, com as sobrancelhas unidas.

— Cleo... — ele começou a falar.

— Sei que está sendo duro — Cleo continuou, sentando-se sobre a cama. — Primeiro você perdeu o seu amor. Temos isso em comum agora, então sei como se sente. Mas devemos superar isso e encarar o que vem pela frente juntas. Não vai ser fácil, mas eu serei forte, como você me pediu que eu fosse.

Nic pôs a mão no ombro dela.

— Sinto muito.

Cleo se livrou da mão do amigo erguendo os ombros.

— Não, ela vai acordar. Ela vai ficar bem. Melhor do que nunca. — Ela acariciou os longos cabelos cor de mel da irmã, espalhados sobre o travesseiro de seda. — Emilia, acorde. Por favor.

— Ela se foi, Cleo — Nic disse suavemente.

— Não diga isso. — Cleo começou a tremer. — Por favor, não diga isso.

— Sinto muito. Sinto muito.

Emilia olhava pela janela sem ver o céu guarnecido de estrelas. Sua pele estava fria ao toque. Ela já podia ter falecido há horas — desde que Cleo a havia deixado, mais cedo.

Quando Cleo tentou levantar da cama, suas pernas adormeceram. Nic a pegou antes que tombasse no chão. As sementes caíram de sua mão. A poça de lágrimas escorreu — aquela que Cleo queria continuar segurando. Ela começou a chorar, batendo os punhos no peito de Nic. Era muita tristeza para suportar. Ela morreria com aquilo. Ela *queria* morrer.

A resposta para salvar a vida de Emilia estava nas mãos de Cleo. Mas era tarde demais. Ela havia fracassado.

Emilia estava morta.

— Sinto muito — Nic murmurou, levando os golpes sem reclamar. Ele tentou trazer a amiga para perto para confortá-la, mas ela continuava lutando.

— As sementes! — Cleo gritou e se jogou no chão, procurando as sementes que havia derrubado. Finalmente as encontrou e se

segurou na lateral da cama para se levantar.

O rosto de Emilia estava branco como o de um fantasma. Até seus olhos pareciam mais pálidos, de um cinza descolorido. Cleo tocou o rosto da irmã com os dedos trêmulos, abrindo seus lábios sem sangue e empurrando as duas sementes para dentro. Quando tocaram a língua de Emilia, brilharam com uma luz branca e depois desapareceram.

Como magia.

— Por favor. — As palavras saíram como um choro suave. — Por favor, funcione.

Ela esperou o que pareceu uma eternidade, mas nada aconteceu. Nada.

Era tarde demais.

Cleo virou-se e encarou Nic. Os olhos dele estavam cheios de lágrimas ao ver o sofrimento no rosto da amiga. Uma frieza tomou conta dela lentamente.

— Minha irmã está morta. — Ela mal reconhecia a própria voz. — Morreu sozinha, olhando para as estrelas.

Emilia e Simon tinham contado estrelas na noite romântica que passaram juntos. Ele disse a ela que se tornariam estrelas quando morressem e tomariam conta daqueles que amavam. Era por isso que o rosto de Emilia estava virado para a janela. Ela estava procurando por ele.

Nic ficou por perto, mas em silêncio. Cleo não esperava que ele dissesse nada. Não havia nada que ele pudesse dizer para melhorar as coisas.

— Eu cheguei tarde demais — ela lamentou. — Cheguei tarde demais. Poderia ter salvado a vida dela, mas cheguei tarde demais.

Ela pegou as mãos frias da irmã e se sentou na cama ao lado de Emilia por tanto tempo que o sol começou a nascer. Nic ficou com ela o tempo todo, sentado no chão perto da janela, com as pernas cruzadas.

— Devíamos fechar os olhos dela agora — ele disse.

Cleo não conseguia falar. Só conseguiu assentir.

Nic se aproximou de Emilia, fechando seus olhos de tal modo que Cleo quase poderia se enganar outra vez. Poderia pensar que a

irmã estava apenas dormindo.

— Precisamos contar a seu pai — ele lembrou. — Eu faço isso. Não se preocupe. Não se preocupe com nada. Tudo ficará bem.

— Nada ficará bem. Nunca mais.

— Eu sei que não será fácil para você ouvir isso agora, mas precisa ser forte. Pode fazer isso? — Ele segurou o rosto dela entre as mãos. — Pode ser forte?

Em sua última conversa com Emilia, ela havia pedido a Cleo que fosse forte. Era tudo o que ela queria. E Cleo disse que o faria.

— Posso tentar — ela sussurrou.

Nic acenou positivamente.

— Vamos.

Ele passou o braço em volta dela e seguiram para a porta. Cleo olhou mais uma vez para a irmã. Ela parecia tão em paz em sua cama, como se fosse acordar a qualquer momento de um sonho agradável, pronta para o desjejum.

Eles começaram a caminhar pelo corredor na direção dos aposentos de seu pai. A mão de Nic estava nas costas de Cleo para apoiá-la caso suas pernas falhassem de novo.

Um instante depois, uma explosão sacudiu o castelo todo.

AURANOS



O nascer do sol era a coisa mais bonita do mundo, mesmo em época de guerra. Lucia havia se levantado mais cedo e estava na frente de sua tenda esperando o céu se transformar em uma mistura de cor-de-rosa e laranja acima da cidade de tendas.

Ela odiava estar ali. Estivera afastada do pior da batalha, mas não era ignorante. Homens morriam dos dois lados do cerco. E ela queria que aquilo terminasse.

Lucia tinha decidido pedir ao pai permissão para voltar a Paelsia, mas a ideia foi descartada no momento em que seu irmão foi levado para a tenda dela com a ajuda de dois guardas de seu pai. O próprio rei entrou em seguida, com o rosto carrancudo. O rosto de Magnus estava ensanguentado, e os olhos, meio fechados.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

Um médico entrou correndo quando os guardas se afastaram, e cortou a jaqueta e a camisa de Magnus. Seu braço havia sido cortado até o osso. Um ferimento sangrento em seu abdômen mostrava que também havia sido esfaqueado.

— Eu nem sabia que ele ainda estava lá até ser trazido de volta ao acampamento em uma maca — explicou o rei. — Eu não queria que ele se envolvesse tanto no combate agora, mas ele gosta de ir contra as minhas ordens. Garoto tolo.

Lucia estendeu o braço na direção dele, mas puxou a mão trêmula de volta para colocá-la diante da boca.

— Magnus!

— Ele perdeu muito sangue. Quis que fosse trazido para cá por uma questão de privacidade.

A raiva se acendeu dentro dela.

— Magnus, por que você faria uma coisa dessas? Por que seria irresponsável a ponto de se expor a um perigo tão grande?

A expressão cheia de dor de Magnus e o olhar meio vidrado foram até onde ela estava, a poucos metros de distância. Ele não respondeu.

O médico de repente pareceu assustado e a atenção de Lucia se voltou para ele.

— O que está fazendo? Ajude-o! Salve-o!

O rosto do homem havia empalidecido enquanto examinava os ferimentos do príncipe.

— Receio ser tarde demais para isso, vossa alteza. Ele está à beira da morte.

O rei praguejou, tirando a espada e segurando sua ponta na garganta do médico.

— Você está falando do herdeiro do trono de Limeros.

— Eu... eu não posso ajudá-lo. Os ferimentos são muito graves.

— A voz dele tremia e ele fechou bem os olhos, como se esperasse que a punição pelo que anunciara fosse a morte.

— Eu posso ajudar meu irmão — Lucia afirmou. — Mas diga ao médico para sair primeiro.

— Saia — o rei bufou, arranhando a garganta do médico com sua espada. O ferimento jorrou sangue imediatamente. — Cuide de suas próprias feridas.

Levando a mão à garganta, o médico se afastou da espada do rei e saiu correndo da tenda.

Lucia se ajoelhou ao lado do irmão. O chão da tenda estava ensopado de sangue. A respiração dele estava cada vez mais lenta, mas seus olhos não desviavam dos dela. Mesmo através da dor, ele olhava para ela com raiva. E cautela.

— Fiquei sabendo o que você fez com os garotos da aula de esgrima — ela disse com calma. — Não gosto de quem você está tentando se tornar. Meu irmão é melhor do que isso.

Os olhos dele se estreitaram, as sobrancelhas se uniram.

— Você quer entrar no meio da batalha para tirar sangue dos outros. É para poder afundar o aço na carne, acreditando que isso o tornará mais homem? Quantos você matou hoje? — Ela não esperava uma resposta. Mesmo se ele estivesse em condições de falar, eles não conversavam desde a noite em que ele chegara de Paelsia. — Se você não fosse meu irmão, eu o deixaria morrer. Mas independente de quantos homens matou, independente do quão cretino insiste em ser, independente do quanto me despreze, eu ainda amo você. Está me ouvindo?

Havia dor no olhar dele, e Magnus voltou sua atenção para a parede da tenda, como se não suportasse mais ver o rosto dela.

O coração de Lucia doía, mas não importava mais. Nada mais importava exceto sua magia.

E ela estava extremamente furiosa no momento. Isso ajudaria.

Ela não sabia como sua magia funcionava, apenas que funcionava. Ela havia praticado, sozinha e com a tutora que seu pai havia providenciado — a velha que alegava também ser bruxa, apesar de não ser capaz de demonstrar magia verdadeira.

Ar, água, fogo, terra.

Ela olhou para o pai e pressionou as mãos contra o braço de Magnus. O osso estava visível debaixo do sangue e dos músculos. O estômago dela embrulhou.

— Eu pedi para ajudar com outros ferimentos, pai. Poderia ter praticado antes disso. Posso falhar. — O rei lhe havia negado a chance de ajudar outros feridos, deixando aos médicos a tarefa de lidar com eles.

— Você não vai falhar — seu pai disse com firmeza, guardando a espada. — Vamos, Lucia. Cure-o.

Lucia já sabia que podia curar alguns arranhões, pois havia praticado em si mesma. Mas um ferimento mais profundo provocado por uma faca ou espada... não tinha certeza.

A única certeza era de que não podia perder Magnus.

Lucia concentrou toda a sua energia para curar o ferimento. Quando o calor da magia da terra deixou suas mãos e entrou no braço do irmão com um brilho pálido de luz branca, ele arqueou as costas do chão, como se agonizasse.

Aquilo quase a fez parar, mas ela não ousou. Não tinha certeza de que conseguiria canalizar aquele nível de magia novamente. Usar qualquer magia ao extremo — como o que havia feito com Sabina — a enfraquecia. Sua tutora acreditava que era por seu poder ainda ser novo, e precisar de tempo e prática para se fortalecer.

Em vez de se afastar por medo de machucá-lo ainda mais, Lucia forçou a magia a sair de suas mãos e entrar no ferimento. Magnus se contorcia de dor sob seu toque, enquanto as mãos dela emitiam um brilho branco. O ferimento começou a se fechar: a carne foi se juntando, alisando, formando um todo.

Lucia não parou. Direcionou as mãos para o estômago destruído de Magnus e canalizou a magia para a ferida.

Dessa vez um grito áspero de dor escapou da garganta do príncipe.

Ela enfrentou os lamentos do irmão até ele ser curado. Depois do braço, ela moveu as mãos para o rosto ensanguentado, curando os machucados e cortes até finalmente desviar as mãos.

— Basta — ele rosnou.

Magnus não parecia grato por Lucia ter salvado sua vida.

— Doe?

Ele bufou, mas o som bem que poderia ter sido um riso dolorido.

— Queimou meus ossos como lava.

— Ótimo. Talvez pela dor você aprenda a lição e não seja tão imprudente.

O tom ríspido da voz de Lucia provocou um olhar pesado de Magnus.

— Farei o possível, minha irmã. Mas não posso dar nenhuma garantia.

Os olhos dela começaram a arder. Ela demorou um instante para perceber que estava chorando, o que apenas a deixava mais furiosa.

— Eu mesma esfaqueio você se for tão idiota a ponto de quase ser morto outra vez.

A expressão violenta no rosto de Magnus finalmente cedeu. As raras lágrimas de Lucia tendiam a afetá-lo, mesmo quando estavam brigando.

— Não chore, Lucia. Não por minha causa.

— Não estou chorando por sua causa. Estou chorando por causa dessa guerra estúpida. Quero que termine logo.

O rei inspecionou os braços nus de Magnus e sua barriga, usando um pano para limpar o sangue. Os ferimentos haviam desaparecido por completo. Um orgulho diferente de tudo o que Lucia já havia visto brilhou nos olhos do pai.

— Incrível. Simplesmente incrível. Seu irmão lhe deve a vida.

Ela olhou para Magnus.

— Como pagamento, gostaria apenas de sua gratidão.

Magnus engoliu em seco e algo vulnerável passou por seus olhos castanhos antes de desviar o olhar.

— Obrigado por salvar minha vida, irmã.

O rei ajudou Lucia a se levantar.

— Você disse que quer que a guerra termine.

— Mais do que tudo.

— Estamos paralisados. Rompemos as muralhas do palácio, mas não conseguimos avançar mais. O rei Corvin e todos os que poderiam permitir o fim rápido e fácil dessa guerra estão protegidos dentro do castelo e recusam-se a se render.

— Então derrube a porta — Magnus disse, levantando-se do chão ensanguentado. Seu rosto estava pálido e havia círculos escuros em volta dos olhos. Embora os ferimentos estivessem curados, ele ainda levaria um tempo para se recuperar totalmente.

— Derrubaríamos se fosse possível. Mas as portas receberam um feitiço de proteção. Não posso rompê-las... Não pelos meios normais.

— Um feitiço de proteção — Lucia estava surpresa. — De uma bruxa?

— Sim.

A raiva pelas constantes mentiras do rei acendeu dentro dela.

— Então foi por isso que me trouxe aqui. Porque já sabia disso. Por que não me disse antes?

— Porque eu não sabia se o que me haviam contado era verdade até chegarmos à porta. A bruxa que supostamente produziu o feitiço foi trazida a mim para responder algumas perguntas. Mas ela não foi de muita ajuda.

— Onde ela está agora? — Magnus perguntou.

— Ela se foi.

— O senhor a deixou ir? — Magnus questionou, com as palavras cobertas de descrença. — Ou a matou?

O rei deu um pequeno sorriso para ele.

— Ela era uma das pessoas que conspiravam com meu inimigo. Poderia estar ajudando-o agora. Ela não trocaria de lado. Sua morte foi mais rápida do que ela merecia.

Um arrepio desceu pelos braços de Lucia. O rei voltou sua atenção a ela, mudando a expressão de ira para outra de preocupação e carinho. Ele pegou nas mãos dela com cuidado.

— Preciso da sua magia para quebrar o feitiço.

Ela olhou para o irmão em busca de alguma orientação. Era um velho hábito.

Magnus notou seu olhar preocupado.

— Parece perigoso.

— Não para a minha filha — o rei afirmou. — Ela não é uma bruxa qualquer; é uma feiticeira com uma fonte infinita de magia poderosa na ponta dos dedos.

— Tem certeza absoluta disso? — Magnus perguntou sem rodeios. — Se estiver errado...

— Não estou errado — o rei disse com firmeza.

— É claro que ajudarei, pai — Lucia aceitou. — Por Limeros.

Ver Magnus quase morto na batalha fez com que ela desejasse o fim daquilo, independente do que fosse preciso. Ela só queria voltar para casa o mais rápido possível. O rei apertou as mãos de Lucia e sorriu para ela.

— Obrigado. Obrigado, minha bela filha.

Sem demora, e com a proteção de vinte guardas limerianos, eles a conduziram pelo campo de batalha cheio de corpos. Ela tentou

não olhar para o rosto dos mortos. Aquela dor e a destruição sem sentido poderiam ter sido evitadas se Auranos tivesse se rendido. Ela começava a odiá-los tanto quanto seu pai por deixarem as coisas chegar àquele ponto.

— Pare se for muito para você — Magnus aconselhou, baixinho, quando chegaram à entrada do castelo. — Prometa.

— Eu prometo. — Ela fez um gesto positivo com a cabeça, depois voltou sua atenção para as altas portas de madeira à sua frente. Era certo que havia um feitiço nas portas. Um feitiço muito poderoso. — Você consegue ver?

— O quê?

— O feitiço. Ele brilha sobre a porta. Eu... eu acho que foi criado a partir de uma combinação dos quatro elementos.

Magnus sacudiu a cabeça.

— Não vejo nada além de uma porta. Uma porta grande.

A porta não era o problema. O feitiço era. E havia sido lançado por uma bruxa muito poderosa, que havia se aprofundado muito na magia para criar algo daquele tipo.

“Uma magia de sangue ajudou nesse feitiço”, Lucia pensou de repente. Alguém — ou muitas pessoas — havia sido sacrificado para criar tamanha proteção.

O fato de os auranianos terem permitido aquilo apenas fortalecia sua resolução. Havia sangue nas mãos deles tanto quanto em qualquer outra.

Lucia precisaria se esforçar muito para romper a barreira de proteção. Ela não podia duvidar de si mesma. Seus poderes eram mais fortes quando vinham de uma motivação profunda e emotiva. Ela se lembrou de como se sentira ao ver Magnus à beira da morte e invocou sua recém-descoberta magia.

Ela subiu à superfície para saudar os elementos. A força do ar, a coragem da terra, a resistência da água e a devastação do fogo.

Magnus e os outros viram quando ela apontou as mãos para as portas, para o feitiço, e derrubou tudo.

Quando a magia de Lucia encontrou a magia de sangue da outra bruxa, elas entraram em combustão. O feitiço de proteção se elevou como um dragão feroz em uma tentativa de derrubá-la. Mas seu pai

estava certo. Sua magia era mais poderosa. Ela revidava. Ela mudava. Ela crescia diante dos olhos de Lucia.

As portas explodiram em uma bola de fogo, sacudindo o chão sob seus pés. A onda de choque atingiu todos em um raio de trinta metros, jogando-os para trás. Lucia foi jogada com força no chão e tomada pela dor.

Gritos de terror encheram seus ouvidos. Pessoas estavam morrendo, pegando fogo; alguns tiveram a garganta cortada por fragmentos afiados de madeira, enquanto outros foram reduzidos a pedaços, com os membros espalhados. Rios de sangue encharcavam a terra.

A última coisa que Lucia viu antes de desmaiar foi o exército de seu pai entrando pela passagem destruída e incendiada, na direção do castelo auraniano.

AURANOS



Depois da explosão que arrebentou as portas do castelo, o caos tomou conta. Cleo não podia ceder ao luto, não podia cair de joelhos e chorar a morte da irmã. Tinha que se mexer. Os inimigos haviam invadido o castelo.

Gritos de medo e o retinir de espadas chegavam a seus ouvidos enquanto ela e Nic corriam pelos corredores. Ela se agarrou no braço dele.

— O que podemos fazer?

Havia suor na testa do rapaz, que mantinha a atenção no caminho.

— Tenho que encontrar Mira. Precisamos... eu não sei. Quero ajudar. Quero lutar, mas sei que seu pai gostaria que eu mantivesse você e minha irmã em segurança.

— Como? Como podemos ficar em segurança agora?

Nic sacudiu a cabeça e ficou sério.

— Teremos que nos esconder. Depois tentar fugir quando pudermos.

— Preciso encontrar meu pai.

Ele concordou, depois praguejou em voz baixa. Correndo na direção deles pela passagem escura estava Aron. Ele agarrou a camisa de Nic.

— Eles estão por toda a parte — Aron gritou. — Que a deusa nos ajude. Eles conseguiram explodir a entrada!

— Você está bem? — Cleo perguntou apesar de seu estado. O garoto sangrava de um corte sob o olho esquerdo.

— Alguém me agarrou. Eu lutei e escapei. Usei isso para me proteger. — Ele tinha uma adaga ensanguentada na mão direita. Um vislumbre do assassinato de Tomas Agallon passou pela cabeça de Cleo e um nó se formou em sua garganta. Ela se esforçou para afastar aquela lembrança.

Quando Aron se aproximou, ela pôde sentir o cheiro de vinho em seu hálito.

— Você está bêbado!

Ele deu de ombros.

— Talvez um pouco.

Ela fez uma expressão de desgosto.

— O dia mal amanheceu e você já está bêbado.

Ele a ignorou.

— E o que devemos fazer agora?

— Nic quer encontrar Mira para depois nos escondermos.

— Acho que é uma ideia excelente. E sua irmã?

— Emilia? Ela... ela morreu. — Sua garganta ficou apertada e Nic a puxou para mais perto.

O rosto vago de Aron ficou pálido de choque.

— Cleo, não. Não posso acreditar.

Cleo respirou fundo.

— Não temos tempo. Não fale mais nada sobre isso. Ela se foi e não posso fazer nada para ajudá-la agora. Precisamos sobreviver. E eu preciso encontrar o meu pai. — Ela olhou para Nic. — Vá buscar Mira. Encontre-nos no corredor perto da escadaria do andar de cima em quinze minutos. Se não estivermos lá, continue andando e esconda-se onde puder. Há muitos quartos lá em cima. Encontre um e fique o mais quieto possível. Este castelo é muito grande e o cerco não pode durar para sempre.

— Você vai ficar bem? — Nic apontou para Aron. — Com ele como seu único protetor?

— Terei que ficar.

Nic concordou.

— Vejo vocês em breve. Cuide-se, Cleo. — Ele beijou o rosto dela rapidamente, virou as costas e saiu correndo.

— Talvez devêssemos ir com ele — Aron sugeriu. — É mais seguro ficarmos em maior número.

— Melhor não. Muita gente pode chamar mais atenção.

Cleo tentou afastar o medo e a dor para encontrar uma resposta. Ela só tinha uma. Encontrar o rei e depois todos se esconderem até tudo acabar. Se Auranos não havia conseguido combater o inimigo, eles teriam que encontrar um modo de fugir do palácio e se exilar até consertarem as coisas. Ela esperava que seu pai tivesse um plano melhor em mente. Por enquanto, sobreviver era o único objetivo.

Aron não discutiu mais e correu ao lado dela no maior silêncio possível pelos corredores labirínticos. Quando viraram, Cleo parou de repente.

Ela não conseguia falar. Apenas encarava aquela figura familiar que estava diante deles segurando uma espada.

— Ora, ora — disse o príncipe Magnus. — Justamente a princesa que eu estava procurando.

Uma muralha de medo se ergueu em frente a Cleo. Tudo o que ela via era Magnus atravessando a espada no peito de Theon.

— Quem é você? — Aron indagou.

— Eu? — Magnus inclinou a cabeça. — Eu sou Magnus Lukas Damora, príncipe coroado e herdeiro do trono de Limeros. E você, quem é?

Aron piscou, surpreso por estar diante de um membro tão alto da realeza, mesmo sendo o inimigo.

— Eu sou o lorde Aron Lagaris.

Aquilo tirou um sorriso fino do príncipe.

— Sim, já ouvi falar. É bastante famoso, lorde Aron. Matou o filho do vendedor de vinho e deu início a toda essa avalanche, não é?

— Foi legítima defesa — Aron argumentou com nervosismo.

— É claro que foi. Não tenho dúvida. — O sorriso desagradável de Magnus se abriu mais. — E você também, se não me engano, está comprometido com a princesa Cleiona. Certo?

Aron endireitou as costas.

— De fato.

— Que romântico. — Ele olhou para Cleo, que fez de tudo para não recuar. — Como podem ver, nós chegamos. E não vamos a lugar nenhum. Rendam-se.

— A você? — Cleo disparou, sem pensar. — Nunca.

Magnus ficou tenso.

— Ah, o que é isso? Sei que coisas desagradáveis aconteceram entre nós em um passado não muito distante, mas não é motivo para você não ser boazinha.

— Sou capaz de pensar em um milhão de motivos para nunca ser boazinha com você.

— Princesa, não deve ser rude com aqueles que neste momento são convidados em sua terra. Ofereço minha mão em amizade agora mesmo.

O rosto dela queimava.

— Você ousa invadir minha casa e agora me trata como uma criança ignorante?

— Minhas sinceras desculpas se entendeu assim. Meu pai ficará satisfeito em finalmente conhecê-la. Não torne isso mais difícil do que precisa ser. Eu já falhei em levá-la uma vez. Não pretendo falhar novamente.

Cleo agarrou o braço de Aron, esperando que ele fizesse alguma coisa, dissesse alguma coisa. Mostrasse que por baixo daquele exterior embriagado e egoísta ele era um herói que poderia ser perdoado por todas as coisas horríveis que fizera.

— O príncipe está certo — Aron respondeu com o rosto sério. — Se quisermos viver, precisamos fazer o que ele diz. Precisamos nos render.

A princesa olhou para ele com frieza e fúria.

— Você é tão patético que me dá vontade de vomitar.

— Oh, não me diga que existem problemas entre você e seu amado mesmo antes do casamento. — As palavras secas de Magnus tinham uma ponta de ironia. — Não me façam desistir de meus ideais românticos de amor verdadeiro.

Cleo se virou para aquele monstro.

— Não, na verdade você matou o rapaz que eu amava bem na minha frente.

Magnus olhou para ela confuso, depois a compreensão passou por seus olhos escuros. Então suas sobrancelhas se uniram.

— Eu falei para ele se afastar.

— Ele estava me protegendo. — O lábio inferior dela tremia. — E você o matou.

O pequeno franzido na testa que contradizia sua expressão geralmente fria aumentou um pouco.

— Esperem — Aron disse. — De quem estamos falando?

Ela o ignorou e se esforçou para manter a expressão neutra.

— Príncipe Magnus...

— Pois não, princesa Cleiona?

— Quero que mande a seu pai um recado meu.

— Você poderá entregar pessoalmente, mas tudo bem. O que é?

— Diga a ele que seu filho fracassou mais uma vez.

Cleo se virou e começou a correr o mais rápido possível. Ela conhecia os corredores do castelo melhor do que ninguém. O rugido de raiva do príncipe ecoou pelas paredes de pedra quando ele a perdeu de vista.

Fosse outra época e outro lugar, ela poderia ter sorrido com aquela pequena vitória. E ao mesmo tempo que sentia uma ponta de arrependimento por deixar Aron para trás, não passava de uma ponta. Se ele queria se render aos limerianos, ainda teria a chance de fazê-lo, mas sem ela ao seu lado.

Ouviam-se gritos de raiva e o retinir das espadas à frente. Ela ficou paralisada, encostada na parede.

“Não posso ir naquela direção”, pensou. Ela teria que encontrar outro caminho. Não poderia desistir de encontrar seu pai.

Ao virar no outro corredor, alguém a agarrou pelos cabelos, puxando com tanta força que ela pensou que os fios seriam arrancados pela raiz. Ela gritou e tentou chutar e arranhar quem quer que fosse. Um soldado limeriano olhava para ela com curiosidade.

— O que temos aqui? — ele perguntou. Ela olhou para a espada dele, pingando sangue no piso de mármore. — Que coisinha bonita

você é.

— Me solte — ela bufou. — Ou está morto.

Ele riu.

— Você tem coragem. Eu gosto disso. Não vai durar muito, mas eu gosto.

Depois, de forma espantosa, ele a soltou e cambaleou para a frente. De canto de olho, Cleo viu o companheiro dele cair no chão ao mesmo tempo que seu agressor. Ambos ficaram sangrando no chão.

O rei Corvin estava lá, com uma máscara de fúria no rosto, a espada coberta de sangue até o cabo.

— Pai! — ela disse quase sem fôlego.

— Não é seguro ficar aqui. — Ele agarrou-a pelo braço e arrastou-a pelo corredor.

— Eu estava procurando você. Aqueles homens...

— Eu sei. Isso não devia ter acontecido. — Ele praguejou em voz baixa. — Não sei como eles passaram pelas portas.

— Disseram que elas eram protegidas pelo feitiço de uma bruxa. É verdade?

Ele olhou para ela. O coração de Cleo vacilou ao ver que ele estava ferido. Havia um corte feio em sua têmpora e o sangue escorria sem parar pelo rosto.

— Sim, é verdade.

Durante a vida toda, Cleo nunca havia percebido que seu pai acreditava em bruxas ou em magia. Ele havia virado as costas para a deusa depois da morte de sua mãe, então ela nunca perguntara nada. Mas queria ter sabido a verdade. Ele a puxou para um pequeno cômodo no fim do corredor, fechou a porta e pressionou as costas contra ela. Uma pequena janela deixava entrar um pouco de luz, suficiente apenas para enxergar.

— Graças à deusa encontrei você — ela afirmou, finalmente se permitindo sentir algum alívio. — Precisamos encontrar Nic e Mira. Precisamos ficar escondidos até termos a chance de fugir.

— Não posso ir, Cleo. — Ele sacudiu a cabeça. — E não podemos deixar Emilia aqui sozinha.

De uma hora para outra, as lágrimas que não haviam sido derramadas desde que ela deixara o quarto da irmã começaram a escorrer como um rio infinito.

— Ela se foi. Emilia se foi. Eu a vi mais cedo em seus aposentos.
— Cleo lutava para respirar enquanto soluçava. Seu peito estava apertado. — Ela... ela está morta.

O sofrimento tomou conta do rosto do rei, assim como algo mais obscuro e lúgubre.

— Eu estava errado, Cleo. Sinto muito. Devia ter mandando meus homens para encontrar a vigilante de Paelsia sobre a qual me contou. Devia ter acreditado no que você disse que era possível. Eu podia ter ajudado a salvar a vida dela.

Ela não tinha resposta para aquilo. Ela também gostaria que tivesse sido assim. Tanto.

— É tarde demais agora.

O rei estendeu a mão e apertou o braço da filha com tanta força que ela soltou um gemido de dor. Foi tão eficiente quanto um tapa para ela acordar e parar de chorar.

— Você precisa ser forte, Cleo. — A voz dele falhou. — Agora é a herdeira do meu trono.

O estômago dela revirou. Ainda não havia parado para pensar naquilo.

— Estou tentando, pai!

— Não há outra escolha, minha querida menina. Você precisa ser forte. Por mim, por Auranos, por tudo o que estima.

O pânico comprimiu o peito dela.

— Precisamos ir agora mesmo.

Havia uma dor profunda no rosto do rei. Seus olhos brilhavam com as lágrimas.

— Isso não está certo. Eu fui um tolo. Um tolo cego. Podia ter evitado isso, mas agora é tarde demais.

— Não, não é tarde demais. Não diga isso!

Ele sacudiu a cabeça.

— Eles vão ganhar, Cleo. Eles vão tomar tudo. Mas você precisa encontrar um jeito de recuperar isso.

Cleo olhou para ele, confusa.

— Do que está falando?

O suor escorria da testa do rei. Ele passou a mão no pescoço, puxando uma corrente de ouro que estava sob a camisa. Puxou-a para quebrar. Na ponta havia um anel de ouro com uma pedra roxa que ele depositou na mão dela.

— Pegue isto.

— O que é?

— Pertenceu à sua mãe. Ela sempre acreditou que tinha o poder de ajudar a encontrar a Tétrade.

— A Tétrade. — Cleo respirou fundo. Ela se lembrou das palavras de Eirene. Quatro cristais que continham a essência dos *elementia*. Era o que havia sido roubado pelas duas deusas e dividido entre elas. Fogo e ar, terra e água. — Mas por que minha mãe teria algo assim?

— Foi passado de geração em geração na família dela, de um homem que supostamente se envolveu com uma feiticeira. Faz tantos anos que virou lenda. Sua mãe ainda acreditava que era verdade. Eu ia dar para Emilia no dia do casamento dela. — Sua voz falhou. — Mas como ele nunca se realizou, fiquei com o anel. Você deve ficar com ele. Se puder encontrar a Tétrade, será poderosa o bastante para retomar esse reino daqueles que querem nos destruir.

Ela olhou para o pai, apertando o anel com força.

— Nunca soube que você acreditava em magia.

— Eu acredito, Cleo. E mesmo quando não acreditava, acreditei na fé que sua mãe tinha nela. — Ele deu um sorriso doloroso. — Mas por favor, tenha cuidado. Seja qual for a arma que o rei Gaius usou para quebrar o feitiço de proteção, deve ser algo poderoso e perigoso.

— Vamos, precisamos ir — Cleo insistiu. — Encontraremos a Tétrade juntos. Retomaremos o reino juntos.

Ele pôs a mão no rosto dela, com uma expressão de tristeza e dor.

— Gostaria que fosse possível.

— Do que está... — As palavras de Cleo foram interrompidas. Havia algo no modo como ele estava parado, encostado na parede.

Sua outra mão estava apertada contra a lateral do corpo. Ela olhou para o chão, onde viu a poça de sangue que havia se formado.

Cleo voltou a olhar para o rosto do pai.

— Não!

— Eu matei o homem que fez isso comigo. — Ele sacudiu a cabeça. — Pelo menos é um consolo.

— Você precisa de ajuda. Precisa de um médico. Um curandeiro!

— É tarde demais para isso.

Cleo pôs a mão trêmula na lateral do corpo do pai e ela ficou cheia de sangue. A dor recaiu sobre ela.

— Não, pai, por favor. Não pode me deixar assim. Não desse jeito.

Ele escorregou mais alguns centímetros e ela o segurou para ajudá-lo a ficar de pé.

— Sei que você será uma rainha maravilhosa.

As lágrimas que corriam pelo rosto de Cleo eram tantas que ela mal podia ver.

— Não, por favor. Por favor, não me deixe.

— Eu amo você. — A voz do rei começou a ficar tremida, como se fosse necessário muito esforço para falar. — Sempre amarei. Seja mais esperta do que eu. Seja uma líder melhor do que eu. Ajude a recuperar a glória de Auranos. E acredite em magia... sempre. Sei que ela está por aí esperando você encontrá-la.

— Não, por favor, não — ela sussurrou. — Não vá. Eu preciso de você.

Ele deslizou até o chão. Apertou a mão da filha dolorosamente, depois largou-a.

Seu pai estava morto.

Cleo teve que fechar bem a boca com a mão para não gritar. Ela desabou no chão e agarrou os joelhos junto ao corpo, balançando para frente e para trás. Um grito de angústia ficou preso em sua garganta, ameaçando sufocá-la. Então ela abraçou o pai, não querendo que ele se fosse mesmo sabendo que já se fora.

— Eu amo você. Amo tanto.

Ele não tinha se rendido aos limerianos. Se tivesse, tudo poderia ter sido evitado.

Mas mesmo ao pensar isso, sabia que não era verdade. O rei de Limeros, o rei Gaius, era um tirano. Um ditador. Um homem cruel que mataria qualquer um que entrasse em seu caminho. Se seu pai tivesse cedido para evitar a violência e o derramamento de sangue, ela tinha certeza de que ele seria morto de qualquer forma, para não representar ameaça no futuro.

Cleo ficou com a cabeça encostada no ombro do pai, como fazia quando era criança e precisava de consolo por alguma bobagem — alguma tristeza ou um joelho esfolado. Ele sempre a puxava para perto e dizia que tudo ficaria bem. A dor passaria. Seria curada.

Mas nunca se curaria daquilo. Havia sofrido tantas perdas que parecia que uma parte de seu coração tinha sido arrancada do peito, deixando uma ferida no lugar. Ela ficaria ali e deixaria o príncipe Magnus encontrá-la. Deixaria que a espada dele a atravessasse também; assim ela encontraria paz e sossego depois de tanto caos e dor.

O pensamento desesperado durou apenas alguns minutos, até ela se lembrar da voz da irmã, insistindo para que ela fosse forte. Mas como poderia ser forte quando tudo havia sido tirado dela?

Ela olhou para o anel. Estava derrubado no chão. A grande ametista brilhava na luz escassa do quarto.

Ela era uma descendente do caçador — o homem de Paelsia que havia amado a feiticeira Eva. Que havia escondido a Tétrade depois que as deusas se destruíram por ganância e vingança. Se o que seu pai lhe contou fosse verdade, aquele havia sido o anel de Eva, o anel que permitiria a ela tocar a Tétrade sem que sua magia infinita a corrompesse.

Cleo pegou o anel e o pôs no dedo do meio da mão esquerda.

Serviu perfeitamente.

Se o anel tinha o poder de ajudá-la a encontrar a Tétrade, também lhe dava o poder de deter a magia sem ser corrompida por ela. Ela poderia usar esse poder para retomar o reino daqueles que o haviam roubado. A ideia serviu para secar suas lágrimas e lhe dar objetividade. Ela não iria se render. Nem naquele dia, nem nunca.

Cleo olhou para o rosto do pai uma última vez. Depois se abaixou e o beijou.

— Eu serei forte — ela sussurrou. — Serei forte por você. Por Emilia. Por Theon. Por Auranos. Eu juro, farei com que paguem pelo que fizeram.

PAELSIA



Ioannes observava a velha mulher enquanto ela pendurava a roupa para secar em uma corda esticada entre duas árvores mortas, perto de uma humilde casinha de pedra. Seu rosto era carrancudo e ela olhava para o alto, em sua direção, a cada minuto.

— Xô — ela disse rudemente.

Ele não se moveu do poleiro.

— Sei quem você é. Sei que já estive aqui muitas vezes. — Ela pôs as mãos na cintura. — É você, não é, meu irmão? Nenhum dos outros se preocuparia comigo agora.

Sua irmã, Eirene, havia deixado o Santuário há mais de cinquenta anos mortais. Na época ela era bela, jovem e cheia de vida e poderia ter ficado assim para sempre. Mas agora, para além do véu, tinha ficado enrugada, corcunda e grisalha pela idade e pelo trabalho duro.

Ela havia feito sua escolha. Deixando o Santuário, nunca mais se pode voltar.

— Está ciente da guerra que está sendo travada neste exato momento? — ela perguntou. Ioannes não sabia se ela realmente acreditava que ele fosse seu irmão ou se estava meio maluca; uma mulher que falava com pássaros. — Vai terminar em sangue e

morte, como todas as guerras. O Rei Sanguinário procura a mesma coisa que você, eu sei. Acha que vai encontrar antes dele?

Ele não podia responder a ela, então nem se preocupou em tentar.

— A menina nasceu. Ela está viva, meu irmão. Vi nas estrelas anos atrás — mas você já deve saber. Ela pode encontrar a Tétrade. Os anciãos ficarão felizes quando tudo voltar ao normal.

A expressão de Eirene azedou.

— Sem os cristais, o Santuário vai desaparecer. Vejo por esta terra. Está tudo conectado. Tudo é conectado, meu irmão, até mais do que eu imaginava. — Ela riu, mas sem alegria. — Talvez seja melhor assim. Se eu vou morrer como mortal, por que todos não devem ter o mesmo destino, independente do quanto viveram ou da importância que pensam que têm? Todas as coisas devem chegar ao fim mais cedo ou mais tarde.

Eirene havia deixado o Santuário porque se apaixonara por um mortal. Virou as costas para a imortalidade pela chance de amar. Acreditava que alguns anos de paixão e vida eram melhores do que uma existência eterna e monótona. Ioannes ficara enojado com a fraqueza da irmã na época. Para um vigilante, cinquenta anos eram apenas um sopro de tempo.

— Tome cuidado com uma coisa, meu irmão. — Ela se virou e olhou para ele quando estava prestes a entrar em casa. — Não superestime sua capacidade de lidar com mortais, mesmo os mais belos. Depois de dois mil anos, isso pode significar sua morte.

Ele ainda não tinha contado a Danaus, a Timotheus e nem a Phaedra sobre a magia da bela princesa de cabelos escuros. Ela era importante demais, e Ioannes estava começando a confiar cada vez menos em seus pares. Ele tinha que continuar vigiando a garota. Tinha que encontrar a hora certa de se comunicar com ela.

E, muito em breve, teria que encontrar uma forma de matá-la.

AURANOS



A vitória era deles. O rei de Auranos estava morto. A princesa mais velha e herdeira do trono foi encontrada morta em seus aposentos. Mas ainda havia um detalhe. A princesa Cleiona havia fugido do palácio.

Para uma garota tão jovem e aparentemente inocente, ela era muito astuta.

Se Magnus ficasse cara a cara com ela de novo, ela não escaparia por entre seus dedos pela terceira vez. Ele não gostava de se sentir frustrado. Também não gostava da ponta de culpa que surgira em relação à tragédia que se havia abatido sobre a menina — a morte do pai e da irmã, assim como do guarda que a protegia em Paelsia. Aquele que ela havia dito que amava e que Magnus matara com sua própria espada.

Irrelevante. Estava feito. E não havia nada que ele pudesse fazer para mudar aquilo, mesmo se quisesse.

Magnus nem havia contado ao pai que tinha chegado perto de capturá-la outra vez. Não achava que um segundo fracasso envolvendo a princesa lhe garantiria alguma vantagem com o rei. Além disso, não queria interromper sua comemoração. Magnus foi a única pessoa convidada para o jantar privado com o rei Gaius e o

chefe Basilius na tenda muito bem protegida de seu pai. Eles brindaram à vitória mútua com o melhor dos vinhos paelsianos.

Magnus se absteve. Estava muito preocupado com a saúde de Lucia para ter cabeça para comemorar. Ela ainda estava inconsciente, depois que sua magia estourara as portas do castelo, garantindo-lhes a vitória. A força da explosão também o havia derrubado, mas quando voltou a si, minutos depois, estava apenas abalado, não ferido.

Lucia, no entanto, estava coberta de sangue. Desesperado de pânico, Magnus a carregou até os médicos. Quando chegou, seus cortes e arranhões haviam milagrosamente — ou magicamente — desaparecido. Mas ela permaneceu inconsciente.

Os médicos, desnorteados, disseram a ele que ela precisava descansar e em algum momento acordaria. Enquanto esperava, ele rezou à deusa Valoria para trazer Lucia de volta. Sua irmã acreditava na deusa do fundo do coração. Ele não, mas estava disposto a tentar.

Duzentas pessoas — dos três reinos — haviam morrido na explosão. Mas Lucia sobreviveu. E Magnus estava grato por isso.

Já haviam se passado mais de doze horas e ele não tinha novidades sobre ela. Era hora do jantar e o rei e o chefe brindavam, rindo da vitória e bebendo a um futuro melhor. Magnus estava sentado com eles à mesa, sem tocar na comida.

— Ah, meu filho — o rei comentou, sorrindo. — Sempre tão sério, até em um momento como este.

— Estou preocupado com Lucia.

— Minha querida arma secreta. — O rei ficou radiante. — Tão poderosa quanto esperava que fosse. Impressionante, não é?

— Muito — o chefe concordou, secando a quarta taça de vinho. — E uma linda garota. Se eu tivesse filhos, acho que poderíamos fazer uma boa combinação entre nossas terras.

— De fato.

— Falando nisso... — O chefe olhou para Magnus. — Eu tenho uma filha que ainda não está comprometida. Ela só tem doze anos, mas daria uma ótima esposa.

Magnus tentou disfarçar o olhar de desgosto. A ideia de uma noiva tão nova o deixava nauseado.

— Nunca se sabe o que o futuro trará — seu pai disse, passando o dedo na borda da taça de vinho. — Acho que devíamos conversar sobre como faremos com as benesses da guerra. Os próximos dias e semanas serão muito interessantes.

— Devemos indicar representantes para garantir que tudo seja dividido em partes iguais, como foi discutido. É claro, acredito que Limeros será honesto ao tratar conosco.

— Com certeza.

— Há tanto aqui, tantas riquezas. Ouro, tesouros, recursos. Água fresca. Florestas. Campos e mais campos de plantações. Uma terra com animais de caça em abundância. É um paraíso.

— Sim — concordou o rei. — E há também a questão da Tétrade.

O chefe ergueu uma sobrancelha escura e grossa.

— Você acredita na Tétrade?

— Você não?

O chefe virou a taça seguinte.

— É claro que sim. Tenho procurado por sinais de sua localização durante anos de meditação, enviando minha própria magia por quilômetros para tentar sentir onde ela pode estar.

— Teve algum sucesso? — o rei perguntou.

O chefe acenou com a mão.

— Sinto que estou perto de alguma coisa.

— Eu acredito que esteja aqui em Auranos — o rei Gaius disse calmamente.

— É? O que lhe dá essa impressão?

— Auranos floresce, é verde e viçosa, como o próprio Santuário da lenda, enquanto Paelsia está secando e Limeros se transformando em gelo. É uma dedução simples.

Enquanto o chefe refletia sobre isso, ele girava o resto do vinho cor de âmbar na taça.

— Outras pessoas já disseram a mesma coisa, mas não sei bem se acredito nisso. Acredito que as rodas de pedra encontradas em Limeros e Paelsia apontam para indícios de sua localização.

— Talvez — o rei Gaius reconheceu. — Mas ter tirado esta terra do rei Corvin significa possuir tudo o que está aqui, com acesso irrestrito em minha busca. Encontrar um só cristal significaria magia infinita, mas ter todos eles...

O chefe concordou, com os olhos acesos de ganância.

— Nós nos tornaríamos deuses. Sim, isso é bom. Vamos encontrá-los juntos e dividi-los em dois: meio a meio.

— Gosta desse plano?

— Gosto muito.

— Sabe, seu povo já o considera um rei. O suficiente para fazer sacrifícios de sangue e pagar impostos sobre o vinho para manter seu estilo de vida confortável. — O rei Gaius recostou na cadeira. — Eles acreditam que você seja um grande feiticeiro descendente dos próprios vigilantes, que logo se elevará e os tirará do abandono.

O chefe espalmou as mãos.

— Sem meu povo, não sou ninguém.

— Eu já o conheço há algum tempo e até agora não vi nem uma centelha dessa magia.

Um vislumbre de inimizade passou pelo rosto do chefe.

— Você não me conhece há tanto tempo assim. Talvez um dia eu lhe mostre meu verdadeiro poder.

Magnus observava o pai com atenção. Algo estranho acontecia e ele não estava entendendo muito bem, mas sabia que devia ficar calado. Quando o rei lhe pediu que participasse do jantar de comemoração, foi bem específico ao dizer que Magnus estaria ali apenas para observar e aprender.

— Quando começamos nossa busca pela Tétrade? — perguntou o chefe. Tanto seu prato quanto o copo de vinho estavam vazios.

— Eu pretendo começar imediatamente — o rei respondeu.

— E quais dois elementos deseja ter?

— Dois? Eu desejo ter os quatro.

O chefe franziu a testa.

— Todos os quatro? E como isso seria uma divisão meio a meio?

— Não seria.

— Não entendo.

— Eu sei. E isso é um tanto... triste, na verdade. — Um sorriso se abriu no rosto do rei.

O chefe o encarou por um instante com um olhar ébrio nos olhos, graças às duas garrafas de vinho que bebera. Depois começou a rir.

— Você quase me enganou. Não, Gaius. Eu confio que cumprirá sua palavra. Somos como irmãos depois do sacrifício de sangue de seu bastardo. Eu não esqueço.

— Nem eu. — O rei continuou sorrindo quando levantou e andou até o outro lado da mesa. — Hora de descansar. Amanhã é um novo dia. Eu já me cansei das tendas. Devíamos nos mudar para o castelo. Os alojamentos são bem melhores lá.

Ele ofereceu a mão ao chefe Basilius, que ainda ria daquela conversa divertida. Ele pegou a mão do rei e se levantou, cambaleante.

— Ótima refeição. Seus cozinheiros merecem uma comenda.

O rei Gaius ficou olhando para ele.

— Mostre-me um pouco de magia. Só um pouco. Sinto que mereço.

O chefe bateu na barriga.

— Hoje não. Estou muito cheio para essas demonstrações.

— Muito bem. — O rei estendeu a mão de novo. — Boa noite, meu amigo.

— Boa noite. — Ele apertou a mão do rei.

O rei Gaius o puxou para mais perto.

— Eu acreditava nas histórias. Nas histórias que diziam que você era um feiticeiro. Vi magia o suficiente para não duvidar desses rumores até ter provas suficientes para descartá-los. Devo admitir, tive algum medo. Embora eu seja um homem de ação, não tenho o dom da magia. Ainda não.

O chefe uniu as sobrancelhas.

— Está me chamando de mentiroso?

— Sim — afirmou o rei Gaius. — É exatamente disso que o estou chamando.

Pegando a adaga que havia escondido na outra mão, o rei Gaius cortou a garganta do chefe em um único movimento rápido e leve.

Os olhos do chefe se esbugalharam de surpresa e dor e ele se afastou do rei com passos instáveis.

— Se é realmente um feiticeiro — o rei disse com frieza —, cure-se.

Magnus segurou a beira da mesa mas não fez nenhum movimento. Todos os músculos de seu corpo estavam tensos com aquela cena.

O sangue esguichava por entre os dedos do chefe. Seu olhar de pânico apontava para a entrada da tenda, vigiada apenas pelos homens de Gaius. Ele havia sido confiante o suficiente para ir ao jantar sem nenhum guarda pessoal.

— Ah, e sobre aquele seu acordo de dividir tudo meio a meio — o rei disse com um sorriso — era apenas por tempo limitado. Auranos é minha. E, agora, Paelsia também.

O chefe parecia estar chocado com aquela reviravolta, e caiu no chão com uma pancada pesada. O rei cutucou o ombro do chefe, de modo que ele ficasse virado de barriga para cima. Seus olhos estavam arregalados e vidrados, e havia sangue escorrendo pelo corte aberto na garganta.

Magnus lutou contra o ímpeto de saltar para trás. De certa forma, não podia dizer que estava totalmente surpreso. Ele já esperava há um tempo que seu pai virasse a mesa sobre o chefe.

Quando o rei olhou para o filho como se quisesse avaliar sua reação, viu uma expressão um tanto entediada no rosto do príncipe.

— Ah, o que é isso? Não está nem um pouco impressionado? — Ele soltou uma risada áspera. — Ah, Magnus, você precisa me dar um pouco de crédito.

— Não sei bem se deveria ficar impressionado ou preocupado — Magnus respondeu sem se abalar. — Pelo que sei, você pode fazer a mesma coisa comigo.

— Não seja ridículo. Estou fazendo tudo isso por você, Magnus. Juntos encontraremos a Tétrade. Tem sido meu objetivo de vida desde que era menino e ouvi falar das lendas pela primeira vez. Encontrar os quatro cristais me daria um poder supremo. Poderíamos governar todo o universo.

Um arrepio desceu pela espinha de Magnus ao ver o olhar maníaco de seu pai.

— Não posso dizer que meu pai não tem ambição.

— Clara e precisa. Agora — o rei caminhou até a entrada da grande e luxuosa tenda —, vamos informar o povo de Auranos e Paelsia que seus líderes estão mortos e eles agora devem se curvar diante de mim. Ou morrer.

AURANOS



— Só uma vez — Brion disse baixinho — eu queria que você estivesse errado.

Jonas olhou para ele.

— Eu já me enganei muitas vezes.

— Mas não dessa vez.

— Não. Não dessa vez.

Eles estavam na beira da floresta e observavam o corpo coberto de sangue do chefe ser pendurado para todos verem. O rei limeriano exibiu o assassinato como símbolo da fraqueza do chefe. Ele não era feiticeiro ou deus, como seu povo sempre acreditara. Era apenas um homem.

Um homem morto.

Depois de sua morte, na noite anterior, o exército limeriano havia virado suas lâminas contra os mesmos paelianos que antes lutavam a seu lado. Aqueles que se recusaram a se curvar diante do rei Gaius tiveram a garganta cortada imediatamente ou foram decapitados e tiveram a cabeça espetada em uma estaca. Muitos se curvaram e juraram lealdade a Limeros. A maioria teve medo de morrer.

Quanto mais era forçado a testemunhar aquela atrocidade, mais o coração de Jonas ficava obscuro. Não apenas Auranos, mas

Paelsia havia sido derrubada por aqueles monstros limerianos gananciosos e mentirosos, liderados por seu rei sanguinário e mortífero. Era tudo o que ele temia.

Ele havia resgatado Brion bem a tempo. Seu amigo estava diante de uma espada limeriana, e pelo olhar furioso e insolente em seu rosto, ele não ia se curvar diante do rei Gaius. Quando o cavaleiro ergueu a espada, pronto para decapitar Brion, Jonas o matou, pegou o companheiro e fugiu.

Ele havia matado muitos desde o início da guerra. Antes disso, considerava-se um caçador, mas de animais, não de humanos. Agora sua lâmina havia encontrado o coração de muitos homens. O pouco que havia do garoto de dezessete anos dentro dele endurecera. Cada vez que ele matava, ficava mais fácil. E o rosto dos homens cuja vida tirara ficavam menos distintos uns dos outros. Mas aquele não era o caminho que ele teria escolhido se soubesse onde acabaria.

Juntos, Brion e Jonas haviam encontrado outros garotos que reconheceram ser de seu país, os que se recusaram a se render àquela loucura. Agora eles eram um grupo de seis, todos reunidos sob a proteção da floresta.

— E agora? — Brion perguntou, com o rosto sério e assustado. — O que podemos fazer além de observar e esperar? Se sairmos daqui, seremos massacrados.

Jonas pensou no irmão. Desde seu assassinato, tudo havia mudado. Uma vida de adversidades e pobreza em Paelsia não era nada se comparada aos horrores que estavam por vir.

— Precisamos esperar e ver o que acontece em seguida — Jonas respondeu.

— Então devemos recuar como covardes? — Brion murmurou. — E deixar o rei Gaius destruir nossa terra? Massacrar nosso povo?

A ideia já deixava o estômago de Jonas apertado. Ele odiava se sentir impotente. Queria agir agora, mas sabia que todos acabariam mortos.

— O chefe cometeu muitos erros. Agora ele se foi. E, em minha opinião, ele era um péssimo líder. Precisávamos de uma pessoa forte e capaz, não de alguém tão facilmente enganado por um

homem como o rei Gaius. — Jonas estava com os dentes cerrados. — A derrota de Basilius me dá nojo. Por causa de sua ganância e sua estupidez, todos nós estamos sofrendo agora.

Os outros quatro garotos se reuniram e resmungaram sobre a injustiça de tudo aquilo.

— Mas nós sempre sobrevivemos, apesar de todas as desvantagens. — Jonas elevou a voz para ser escutado pelos outros. — Paelsia está morrendo há gerações. Mas nós ainda vivemos.

— É do rei Gaius agora — um garoto chamado Tarus disse. Ele não tinha muito mais de catorze anos e era o irmão mais velho do menino que Jonas vira morrer no campo de batalha. — Ele nos destruiu e agora pertencemos a ele.

— Não pertencemos a ninguém. Está me ouvindo? Ninguém. — Jonas se lembrou das palavras que seu irmão dissera uma vez. — Se quiser algo, precisa ir atrás. Porque não vai cair do céu em suas mãos. Então vamos pegar de volta o que foi tirado de nós. E assim criaremos um futuro melhor para Paelsia. Um futuro melhor para todos nós.

— Como?

— Ele não tem ideia — disse Brion, sorrindo de verdade pela primeira vez em dias. — Mas ele fará mesmo assim.

Jonas não conseguiu deixar de sorrir também. Seu amigo estava certo. Ele descobriria como dar um jeito naquilo. Não havia dúvida.

O rapaz olhou para o palácio auraniano. Ao mesmo tempo que o dourado cintilava sob o sol, parte dele ainda queimava pela explosão do dia anterior. Uma nuvem preta de fumaça se elevava sobre o castelo.

Ele havia escutado os relatos. O rei estava morto. A princesa mais velha, Emilia, também estava morta. Contudo, a princesa Cleo ainda não havia sido encontrada.

Quando ficou sabendo disso, surpreendeu-se com a leveza em seu coração pesado.

A garota que ele culpava pela morte de seu irmão, aquela que ele sonhava matar para se vingar, que conseguira escapar com

perspicácia de seu próprio destino, das algemas e de um barracão trancado e vigiado.

Ela era rainha agora. Uma rainha exilada.

E ele precisava encontrá-la.

O futuro, tanto de Paelsia quanto de Auranos, agora dependia completamente da sobrevivência dela.

AURANOS



Os aposentos da princesa Cleo agora pertenciam a Lucia. Magnus ficou por perto enquanto os médicos e curandeiros a cercavam, mas eles saíram quando perceberam que não podiam fazer mais nada para ajudar. Ela estava deitada na grande cama com dossel, com o belo rosto pálido, os cabelos bem pretos espalhados sobre os travesseiros de seda.

Magnus ficou paralisado ao lado da cama, amaldiçoando a deusa que não havia respondido às suas preces. Uma curandeira limpava a testa de Lucia com um pano frio e úmido.

— Saia daqui — ele esbravejou.

A mulher olhou para ele com medo e saiu correndo do quarto. Ele estava reagindo assim ultimamente. Suas ações no campo de batalha, a facilidade com que tirara a vida daqueles que estavam em seu caminho e a frieza com que assistira ao chefe Basilius ser assassinado fariam sua reputação de sanguinário quase se equiparar à de seu pai.

Apenas Lucia era capaz de enxergar seu verdadeiro eu — mesmo antes de sua espada ter sentido gosto de sangue. Mas talvez aquele Magnus tivesse morrido na noite em que mostrara a ela seus verdadeiros sentimentos. A máscara que ele sempre usava havia se rompido, mas uma nova havia crescido, mais forte e espessa do que

nunca. Ele poderia ficar feliz com aquilo, mas não sentia nada além de luto pelo que havia se perdido.

— O amor de um irmão por sua irmã — o rei disse atrás dele. Os ombros de Magnus ficaram tensos, mas ele não tirou os olhos do rosto de Lucia. — É mesmo uma coisa linda.

— Ela não está melhorando.

— Mas vai melhorar.

— Como pode afirmar? — As palavras de Magnus eram tão afiadas quanto sua espada.

— Eu tenho fé, meu filho. Ela é exatamente como a profecia disse que seria: uma feiticeira diferente de qualquer outra que o mundo já viu em mil anos.

— Ou ela não passa de uma bruxa que agora está destruída por ajudar o senhor a conquistar a vitória sobre Auranos.

Seu pai zombou.

— Magnus, você é tão pessimista. Apenas espere. Amanhã falarei com meus novos súditos e acalmarei a mente deles em relação ao futuro. Todos agora são cidadãos honorários de Limeros. Eles vão comemorar minha vitória.

— E se não comemorarem, o senhor vai garantir que sejam punidos.

— Não posso ter nenhum opositor. Não ficaria muito bem, ficaria?

— Acha que ninguém se oporá?

— Talvez alguns. E eu serei obrigado a usá-los como exemplo.

O comportamento calmo de seu pai a respeito de tudo aquilo era irritante.

— Só alguns? Nós invadimos o reino e matamos o rei deles, a princesa mais velha, e tomamos a terra; além disso, assassinamos o líder de Paelsia. Acha que todos vão aceitar sem questionar?

— Não fomos responsáveis pela morte da princesa Emilia. Foi uma tragédia ela estar doente. Eu nunca mataria uma garota inocente. Afinal, sua presença no palácio teria facilitado meu caminho para o coração dos cidadãos auranianos.

— E a princesa Cleiona? E ela? É rainha agora.

O rei ficou tenso. Era o primeiro sinal de nervosismo que Magnus havia visto.

— Ela seria esperta se viesse até mim e implorasse por minha proteção.

— E o senhor a protegeria? Ou cortaria a garganta dela também?

O rei sorriu — um sorriso frio — e passou o braço sobre os ombros rígidos do filho.

— Sinceramente, Magnus. Cortar a garganta de uma menina de dezesseis anos? Que tipo de monstro acha que eu sou?

Algo chamou a atenção de Magnus. As pálpebras de Lucia se mexeram. Ele perdeu o fôlego. Mas depois de esperar mais alguns instantes, nada mais aconteceu. O rei apertou ainda mais os ombros de Magnus, como se soubesse que ele estava sofrendo.

— Está tudo bem, filho. Ela vai se recuperar com o tempo. Isso é apenas temporário.

— Como sabe disso? — A voz dele estava sufocada.

— Porque a magia ainda está dentro dela, e eu ainda não acabei. Preciso usá-la para encontrar a Tétrade. — O rei fez um gesto positivo com a cabeça, confiante e muito sério. — Deixe-nos, Magnus. Eu fico com ela.

— Mas pai...

— Eu disse para ir agora. — Era impossível confundir seu tom de voz firme. Tratava-se de um pedido inegociável.

Magnus saiu do lado da cama e lançou um olhar obscuro ao pai.

— Eu vou voltar.

— Não tenho dúvidas disso.

Ele saiu do quarto e encostou na parede do corredor. Parecia que ele havia recebido uma facada no coração. Se Lucia nunca acordasse, ele a perderia para sempre. O luto pela única pessoa no mundo que ele havia amado e que havia retribuído esse amor enfraqueceu seus joelhos.

Ele passou a mão no rosto, imaginando o que seria aquela umidade quente. Por um instante, achou que estivesse sangrando.

Praguejando em voz baixa, afastou as lágrimas, jurando que seriam as últimas que derramaria. Força, e não fraqueza, era o que ele precisava daquele dia em diante.

AURANOS



O rei Gaius estava no terraço do castelo, olhando para baixo, para aqueles reunidos a fim de ouvi-lo falar de sua vitória em Auranos. Uma multidão de mais de mil pessoas.

Elas estavam aterrorizadas tanto com ele quanto com o exército que os cercava, procurando qualquer sinal de confusão. Cleo puxou o capuz largo de seu manto para mais perto do rosto, enquanto escutava aquele homem odioso dizer suas mentiras e falsas promessas com um sorriso no rosto.

Ela estava exausta. Passara o dia e a noite toda escondida nas sombras da cidade murada do palácio, agora inundada de guardas limerianos. Mas ninguém prestou muita atenção em uma mera garota.

Sempre que começava a perder a fé, tocava o anel que seu pai havia lhe dado para ganhar força — o anel de sua mãe. O anel da feiticeira Eva.

O reino de Cleo havia sido tirado dela. Sua família estava morta. Ela estava sozinha. Mas não estava pronta para fugir ainda. Nic e Mira não haviam conseguido sair do castelo a tempo. O rei Gaius obviamente havia estendido sua — generosa — hospitalidade a eles. Também estavam no terraço com ele como representantes

auranianos, pálidos e atormentados, mas com a maior coragem possível.

Ter uma prova de que estavam vivos deu a Cleo alguma esperança de que poderia libertá-los. Ela precisava ter os amigos a seu lado se fosse bolar um plano para endireitar o que havia dado tão terrivelmente errado. Foi o último pedido de seu pai.

Cleo se recusava a pensar que fracassaria.

De repente, ela sentiu o olhar quente de alguém na lateral do rosto. Quando olhou para a esquerda, ficou sem ar. Jonas Agallon, também de manto, estava a poucos passos dela. Ela temia que ele estivesse prestes a fazer alarde, quando o viu pousar o dedo indicador diante dos lábios.

O rapaz que a havia sequestrado, aprisionado e contado ao príncipe Magnus onde ela estava para que ele a levasse como prisioneira de guerra estava dizendo para ela ficar quieta. Para ficar calma.

Cleo ficou paralisada e deslizou em meio à multidão, aproximando-se até ele ficar bem atrás dela.

— Eu não quero lhe fazer mal — ele sussurrou.

Ela se virou lentamente para ele.

— Eu gostaria de poder dizer o mesmo. — Ela pressionou a ponta afiada de sua adaga contra o abdômen dele.

Em vez de ficar assustado, ele teve a pachorra de dar um sorrisinho.

— Muito bem!

— Você não dirá isso quando estiver sangrando até a morte.

— Não. Acho que não. Você não deveria estar aqui, vossa alteza. Precisa partir o quanto antes.

Ela olhou feio para ele e pressionou a adaga com mais força para provar que não estava brincando.

— Quem disse? Um paelsiano selvagem que jurou fidelidade ao homem que roubou meu reino e destruiu minha família?

Ele rangeu os dentes.

— Não. Um rebelde que quer dar fim ao Rei Sanguinário. — Ignorando o perigo que a adaga representava, ele se aproximou

mais dela e levou os lábios ao seu ouvido. — Um dia, muito em breve, esteja preparada.

Cleo olhou para Jonas, confusa, enquanto ele se afastava. Ela escondeu a adaga imediatamente sob o manto para ninguém ver. Quando voltou a olhar, ele estava perdido na multidão.

— Então vejam — o rei Gaius falou em alto e bom som de seu posto real —, o futuro pertence a Limeros. E se vocês se juntarem a mim, pertencerá a vocês também.

A multidão murmurava com desagrado, mas o sorriso do rei apenas aumentava.

— Sei que estão preocupados com a segurança da princesa Cleiona. Há rumores de que ela foi morta. Garanto que não é o caso. Ela está segura e bem, e logo será minha convidada no palácio. Considerem isso como um ato de generosidade para mostrar que sou benevolente em relação a todos os auranianos durante essa transição.

Cleo franziu a testa. Como ele podia dizer aquelas coisas? Ela não era convidada dele.

— Precisamos parar de nos encontrar desse jeito — disse uma voz familiar e odiosa. Ela olhou assustada para a direita e viu que o príncipe Magnus estava ao seu lado.

Antes de conseguir pegar a adaga de volta, dois guardas agarraram seus braços e a seguraram com firmeza. O príncipe Magnus se aproximou e passou a mão sob o manto para localizar a arma. Ele a olhou com desinteresse.

— Tirem as mãos de mim — ela exigiu.

— Não ouviu meu pai? — Magnus perguntou olhando para o terraço e depois para Cleo. — Você foi cordialmente convidada para ser nossa hóspede. Meu pai não lida bem com decepções, então eu a aconselho a aceitar da forma mais elegante possível. — As sobrancelhas escuras dele se uniram, e ele a analisou. — Sei que deve estar sendo um momento muito difícil para você.

Ela cuspiu nele.

— Eu o verei morto.

Ele limpou o cuspe e agarrou o queixo dela. Seu olhar se transformou em gelo.

— E eu, princesa, verei você na hora do jantar. — Magnus fez sinal para os guardas. — Levem-na.

Segurando seus braços com força, os guardas levaram Cleo para o palácio. Por mais que quisesse lutar e gritar, Cleo manteve a cabeça erguida, com orgulho. Ela seria forte. Aquela sentença até lhe poderia ser útil. Dentro do palácio, estaria reunida com Nic e Mira. Juntos, eles encontrariam um jeito de fugir. Eles descobririam como usar o anel de sua mãe para localizar a Tétrade. Com ela, teria poder mais do que suficiente para recuperar Auranos e vencer seus inimigos para sempre.

Jonas havia dito para ela se preparar, mas para quê? Ela não confiava nele. Algumas palavras sussurradas em tom conspiratório não mudavam nada. Até onde ela sabia, ele devia ter avisado Magnus sobre sua presença no meio da multidão.

De qualquer forma, sua luta ainda não havia terminado — nem estava perto de terminar. Havia apenas começado. E sim, Cleo seria forte. Exatamente como seu pai e Emilia haviam pedido.

Ela seria forte.

Ela reclamaria seu trono de direito.

Ela seria rainha.



SHANON FUJIOKA

MORGAN RHODES vive em Ontário, no Canadá. Quando criança, queria ser princesa. Mas não qualquer princesa; queria ser uma daquelas que sabem usar espadas e que salvam seus reinos de dragões furiosos e bruxos maus. No final, ela se tornou escritora — o que é tão bom quanto ser princesa, e bem menos perigoso. Além de escrever, Morgan gosta de fotografar, viajar, assistir a reality shows, e é leitora voraz de todos os tipos de livro.

Copyright © by 2012 Penguin Group usa (Inc.)
A Editora Seguinte é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

título original *Falling Kingdoms*

capa Emily Osborne

arte de capa Shane Rebenshied — © Penguin Group (usa) Inc.

preparação Mariana Zanini

revisão Juliane Kaori e Larissa Lino Barbosa

isbn 978-85-8086-698-8

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz s.a.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa	
Créditos	
Personagens	
Prólogo	
1 Paelsia	
2 Paelsia	
3 Limeros	
4 O santuário	
5 Auranos	
6 Paelsia	
7 Auranos	
8 Limeros	
9 Auranos	
10 Limeros	
11 Limeros	
12 Auranos	
13 Paelsia	
14 Limeros	
15 Auranos	
16 Limeros	
17 Paelsia	
18 Paelsia	
19 Limeros	
20 O santuário	
21 Paelsia	
22 Paelsia	
23 Limeros	
24 Auranos	
25 Paelsia	
26 Paelsia	

27 Auranos
28 Limeros
29 Auranos
30 Auranos
31 Auranos
32 Auranos
33 Auranos
34 Auranos
35 Paelsia
36 Auranos
37 Auranos
38 Auranos
39 Auranos